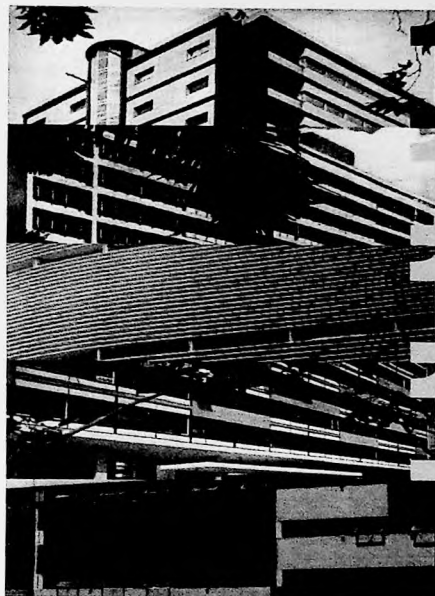


FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO | UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TESE DE DOUTORADO



1928  
1942  
1952  
1957  
1972

DEDALUS - Acervo - FAU-PGR



20300009813

**HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO 1928>1972**

**MARIO ARTURO FIGUEROA ROSALES**

**BIBLIOTECA - FAUUSP**  
Pós-Graduação

[São Paulo | Maio de 2002]

Orientador: **Prof. Dr. PAULO J. V. BRUNA**

03/02/02

*"Habitar é um trabalho difícil. Como o ofício de viver, o de habitar exige contínua aprendizagem e atenção, demanda um esforço metuculoso e sistemático, e reclama uma inversão desmensurada de tempo e energia. Surpreende a naturalidade com que a maioria de nós chegamos a executar os complicados rituais do espaço habitável. Da mesma maneira como acontece no caso da linguagem, a perícia no uso se adquire com o hábito, que pauta e domestica os gestos e as vozes através da reiteração cotidiana de movimentos e palavras. Pois bem, este ofício extenuante e habitual tem no arquiteto um obstáculo ou um cúmplice."*

Luis Fernández-Galiano

"El oficio de habitar" in AV Monografias 56 [p.2] 1995

*Para Luciana  
[sem o seu carinho e infinito apoio  
jamais teria concluído este trabalho]  
e para os meus pais,  
Mario e Nury.*

## RESUMO

O ideário moderno e a reflexão sobre habitação coletiva estão profundamente relacionados aos problemas decorrentes da densidade populacional urbana e do crescimento das grandes cidades durante o século XX. Este ensaio trata sistematicamente da produção da habitação coletiva na cidade de São Paulo, e através de uma visão crítica compõe-se de uma coleção significativa de raciocínios arquitetônicos que demonstrarão a evolução e a transformação da arquitetura moderna paulistana e da cidade no período de 1928 a 1972.

O esforço concentra-se em constituir um raciocínio crítico do processo projetual moderno estabelecendo um instrumental tipológico sobre habitação coletiva e também a sua relação com a trajetória do desenvolvimento urbano. A organização das noventa e sete obras selecionadas propõe uma nova possibilidade de abordagem sobre a história recente da cidade de São Paulo. O grande número de projetos estudados enfatiza a visão de conjunto de um elemento urbano por essência coletivo.

Através da seleção, sistematização e análise do objeto de estudo dentro deste momento histórico específico, determina-se a existência de quatro períodos distintos na produção da habitação coletiva na cidade de São Paulo. A distribuição temporal proposta parte do princípio hipotético das interferências qualitativa e tipológica, refletidas através das mais distintas legislações urbanas que intervieram na produção da habitação coletiva na cidade de São Paulo no período de 1928 a 1972.

## ABSTRACT

The modern thought and reflection about housing are deeply related to the resulting problems of urban population density and the big cities growth during the twentieth century. This essay treats systematically about the production of housing in the city of São Paulo and through the appreciation view it is composed of a meaningful collection of architectural thoughts that will demonstrate the development and transformation of São Paulo's modern architecture in the period between 1928 and 1972.

The effort is concentrated on the critical reasoning about the modern process on the act of projecting, establishing a typological tool set about housing and also its relation to the urban development process. The organization of the ninety seven selected buildings proposes a new broaching possibility of the recent history of São Paulo city. The large number of studied projects emphasizes the collection view of a urban element that is collective in its essence.

Through this selection, system organization and analysis of the studied object in this specific historical moment, proposes the presence of four distinct periods in the housing production in São Paulo city. The time division here proposed comes from the hypothetical principle of qualitative and typological interferences of the most distinct urban legislations ever established in the housing production of São Paulo city between 1928 and 1972.

## AGRADECIMENTOS

Com o passar dos anos torna-se difícil estabelecer os agradecimentos correspondentes a todos aqueles que direta ou indiretamente de maneira abnegada colaboraram com dados, referências e idéias, na lenta, longa e fragmentada realização desta tese. Mas especialmente gostaria de agradecer:

Ao meu orientador, Prof. Dr.

Aos professores

Aos colegas arquitetos

Aos amigos

Paulo Júlio Valentino Bruna  
Abraão Sanovicz (in memoriam)  
Bruno Padovanno  
Carlos Lemos  
Celso Lamparelli  
Geraldo Vespasiano Puntoni  
Haroldo Gallo  
Jonas Malaco  
Josep Maria Montaner  
Kléber Ferraz  
Mônica Junqueira de Camargo  
Nádia Somekh  
Philip Gunn  
Roberto Righi  
Sophia Telles  
Alberto Botti  
Benno Perelmutter  
David Libeskind  
Pedro Paulo de Melo Saraiva  
Victor Reif (in memoriam)  
Alberto Xavier  
Aldo Urbinati  
Álvaro Puntoni  
Angélica Alvim  
Carlos Amaral Jr.  
Elisabeth Cristina do Amaral Ecker  
Carlos Egidio Alonso  
Claudio Libeskind

Aos amigos (ex-orientandos na FAUMACK)

Aos amigos da colaboração final

E finalmente aos funcionários da FAUUSP (Secretaria, Laboratório de Informática e Biblioteca) pela atenção, carinho e permante apoio representados aqui por duas pessoas queridas:

Ênio Moro  
Friederick Blanke  
Ioram Fingerman  
Jaime da Silva Telles  
Milton Braga  
Paulo Giacinto  
Roberto Fialho  
Silvana Zioni  
Telésforo Cristofani  
Valéria Santos Fialho  
Wilson Flório  
Ana Claudia Soares da Silva  
Cristiane Corrêa  
Flávia Mecelis  
Juliana Serra  
Luciana Meili  
Márcio Coelho  
Marcos Paulo Bueno Ribeiro  
Patrícia Prado  
Riccardo Buso  
Silvio Sguizzardi  
Victor Eskinasi  
Viviana Munhoz  
Camila Simas  
Edson Lucchini Jr.  
Marcelo Vessoni  
Mika Tanaka  
Soledad Figueroa  
Cidinha  
Sílvia

## SUMÁRIO

1	Prefácio	15
1.1	Sobre o Objeto de Estudo	16
1.2	Sobre a Delimitação Temporal	18
2	Introdução à problemática da Habitação Coletiva em São Paulo	21
2.1	A economia cafeeira e o processo de "metropolização"	21
2.2	Os primeiros edifícios de apartamentos	25
2.3	Primeiras Legislações Urbanas e o Código de Obras "Arthur Saboya"	27
	1928>1942 [FICHAS]	35
3	1928>1942 [1º Período] Transição e Vertiginosidade	59
3.1	Olhar Estrangeiro: Le Corbusier e a proposta para São Paulo de 1929	61
3.2	O purismo sereno de Júlio de Abreu	64
3.3	O protomodernismo paulista e o "continuum edificado"	66
3.4	O Modernismo Privado do Edifício Esther	71
3.5	As formas da habitação coletiva e a construção da cidade no 1º Período [1928>1942]	74
	1942>1952 [FICHAS]	81
4	1942>1952 [2º Período] Iniciação e Consolidação	105
4.1	A Lei do Inquilinato	105
4.2	Os Institutos de Previdência	106
4.3	Corporativismo e Incorporação	111
4.4	As formas da habitação coletiva e a construção da cidade no 2º Período [1942>1952]	113

	1942>1957 [FICHAS]	115
5	1952>1957 [3º Período] Diversidade e Gigantismo	161
5.1	Arquitetura e Urbanismo em um único elemento	161
5.2	Arquiteturas importadas	164
5.3	Os apartamentos-conjugados	166
5.4	As Bienais de Arte e de Arquitetura	167
5.5	A Lei 5.261/57 e o fim da habitação coletiva no centro de São Paulo	169
	1957>1972 [FICHAS]	169
6	1957>1972 [4º Período] Síntese e Congestão	209
6.1	Brutalismo Paulista	209
6.2	Industrialização da Construção	215
6.3	A criação do Banco Nacional de Habitação	216
6.4	As formas da habitação coletiva e a construção da cidade no 4º Período [1957>1972]	218
7	Aspectos tipológicos das Unidades de Habitação em São Paulo	223
7.1	Anatomia da Unidade	223
7.2	A idéia de Planta	248
7.3	Possibilidades de Aberturas	254
7.4	Agregação das Unidades de Habitação	261
8	Habitação Coletiva em números	271
9	Quadro de Referências Iconográficas do Século XX	287
10	Índices Remissivos	291
11	Bibliografia	301

## 1 PREFÁCIO

Pode-se considerar a história da arquitetura como a explicitação, e conseqüentemente a espacialização dos múltiplos interesses humanos representados através das idéias e das construções. Arquitetura no seu mais pleno sentido deveria assumir sempre a responsabilidade de poder representar a sua época. Paul Virilio, em *"O Espaço Crítico"*, lembra enfaticamente dessa responsabilidade social afirmando:

*"Arquitetura é um instrumento de medida, um saber que, ao nos colocar no mesmo plano que o ambiente natural, é capaz de organizar o espaço e o tempo das sociedades".<sup>1</sup>*

Este trabalho nasce do interesse em duas temáticas centrais do século XX, que estão intimamente relacionadas. Uma delas diz respeito às Metrôpoles e a outra à Arquitetura Moderna. A primeira pode ser desenvolvida através da análise da configuração urbana da cidade de São Paulo e do seu processo de "metropolização", e a segunda, através da produção da habitação coletiva.

A análise da **Habitação Coletiva em São Paulo 1928> 1972** parte da delimitação de três pressupostos - socioeconômicos, culturais e técnicos - com os quais torna-se possível estruturar o processo histórico-crítico proposto para o objeto de estudo escolhido.

O estabelecimento dos pressupostos socioeconômicos considera o entendimento de que todo edifício é o resultado de um programa construtivo constituído das mais diversas necessidades humanas. Este programa é formulado por indivíduos e instituições com interesses em um determinado território e fundamenta-se, quanto ao dimensionamento e à qualidade, na compreensão da situação socioeconômica do território em questão. Os atores urbanos, ao promoverem significativa quantidade de novas construções transformam o sistema de vida local, assim como as relações humanas e os hábitos que delas derivam.

Os pressupostos culturais referem-se às características próprias da sociedade que se manifestam naturalmente — de forma coletiva ou individual — estimulando a produção intelectual. Oferecendo, portanto, através da arquitetura uma imagem representativa para os edifícios e para os espaços públicos.

Finalmente os pressupostos técnicos dizem respeito à experimentação e aplicação dos progressos técnicos adquiridos ou desenvolvidos por uma sociedade através do setor da construção civil e da relação, organização e desenvolvimento da sua mão-de-obra.

O ideário moderno e a produção da habitação coletiva estão profundamente relacionados aos problemas decorrentes da densidade populacional urbana e das transformações e do crescimento das cidades durante o século XX.

Este trabalho apresenta sistematicamente a produção da habitação coletiva na cidade de São Paulo através de uma visão ampla e ainda inedita, compondo uma coleção significativa de reflexões arquitetônicas que demonstrará a evolução e transformação da arquitetura moderna paulistana no período de 1928 a 1972.

Ao longo da história, a classificação sistematizada de diversos tipos de edifícios tem sido uma estratégia pragmática utilizada tanto por sua eficaz instrumentação para o registro e divulgação de determinada produção, como pela sua capacidade de demonstrar conhecimentos concretos e específicos que facilitaram a extração de conclusões.

As diversas catalogações estrangeiras sobre o tema da habitação constituem-se numa vertente numerosa que desde as visões mais enciclopédicas e universais até às pontualmente restritivas, tem analisado um ou outro aspecto da problemática da habitação. O vasto universo de pesquisa e o número considerável de variáveis de abordagem explicam o reiterado interesse neste campo. Os catálogos concentram seus esforços na compilação ordenada de projetos e têm servido para refletir, comparar e extrair critérios projetuais.

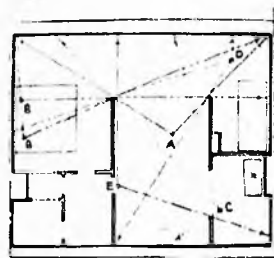
A abordagem funcionalista da primeira metade do século, como por exemplo a exaustiva pesquisa desenvolvida por Alexander Klein<sup>2</sup>, teve através de seu caráter - muito mais analítico - o comprometimento com a proposição de novos protótipos que permitiu avançar significativamente no sentido da reflexão e da produção da habitação coletiva. Trabalhos como este sistematizaram informações como dimensões de cômodos e circulações; acessibilidade, sistemas construtivos e mudanças programáticas familiares, criando parâmetros de otimização dos aspectos funcionais da habitação.

A aparente abordagem catalográfica deste trabalho não esconde a vontade de distanciar-se do imediatismo pragmático da pura e simples exposição dos projetos, mesmo que isso já justificasse o esforço e lhe atribuisse uma certa originalidade, não só pela amplitude e especificidade da abordagem do objeto de estudo, mas também pela sua relação com o processo de desenvolvimento urbano.

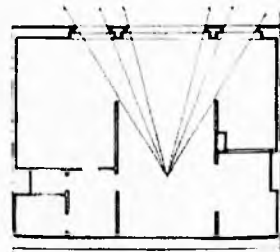
A organização cronológica das noventa e sete obras selecionadas e realizadas em São Paulo entre 1928 e 1972 propõe uma nova possibilidade de abordagem da história recente da cidade de São Paulo através do seu último e mais significativo elemento urbano - a habitação coletiva.

*"Repito que tomar a residência em si não significa adotar um critério funcional de repartição do uso das áreas citadinas, mas simplesmente tratar de modo particular um fato urbano que é, por si, preeminente na composição da cidade".<sup>3</sup>*

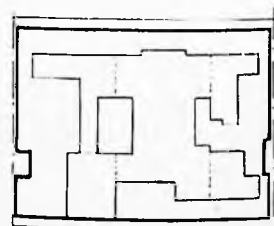
A residência sempre foi o elemento predominante na cidade. O modo como as edificações residenciais são idealizadas e os aspectos tipológicos que as caracterizam estão intimamente ligados à forma urbana.



1.1



1.2



1.3

## 1.1 Sobre o Objeto de Estudo

*"Todavia, pode ser que me engane e talvez não passe de um pouco de cobre e de vidro o que tomo por ouro e diamantes. Sei o quanto estamos sujeitos a nos enganar naquilo que nos diz respeito..."<sup>4</sup>*

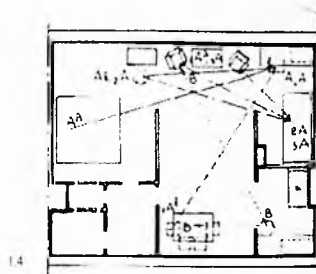
Hoje a cidade de São Paulo possui cerca de 30.000 edifícios residenciais<sup>5</sup>, e os projetos selecionados fazem parte de um universo vasto de pesquisa. A partir de uma coleção inicial de projetos, e do entendimento da meta do trabalho, foram estabelecidos critérios para o recorte do objeto de estudo. Todas as noventa e sete reflexões sobre habitação coletiva que fazem parte deste trabalho atendem a pelo menos 6 dos 10 pontos abaixo relacionados:

- Ter sido projetado dentro do período histórico preestabelecido;
- Ter sido publicado em livros ou revistas especializadas;
- Ter sido citado, comentado ou analisado em dissertações ou teses;
- Apresentar inovações técnicas;
- Apresentar inovações programáticas;
- Oferecer uma reflexão cultural ou estética significativa;
- Ter sido premiado em Exposições, Congressos ou Bienais;
- Estabelecer uma reflexão urbana significativa com o território;
- Representar vetores ou setores de desenvolvimento e consolidação urbana;
- Apresentar diversidade de abordagem sobre determinada tipologia.

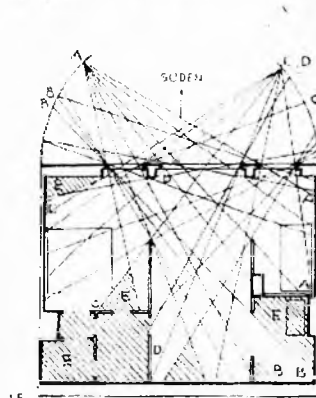
Os critérios de escolha partem obrigatoriamente do pré-requisito da arquitetura construída, mesmo que seja evidente que parte significativa da arquitetura não construída pudesse também enriquecer a discussão sobre o tema da habitação coletiva na cidade de São Paulo. Entretanto, todos os projetos escolhidos tiveram que passar pelo rigor da viabilização econômica e da construção, aspectos estes necessários para estabelecer uma relação clara entre eles, já que o processo de realização apresenta variáveis que podem transformar um projeto radicalmente.

O grande número de projetos estudados enfatiza a visão urbana de um elemento por essência coletivo. Levou-se em conta a possibilidade de explicitação das diversidades arquitetônicas e urbanísticas encontradas. Existem protagonistas e figurantes, mas todos foram essenciais na ilustração da estrutura proposta, através da presença física no território e da participação na consolidação dos vetores e setores da estrutura urbana da cidade de São Paulo.

As obras foram organizadas cronologicamente a partir do ano do seu projeto, acompanhadas sempre que possível do



1.4



1.5

Alexander Klein, *Análise Gráfico Para Avaliação de Unidades de Habitação*, 1931.

1.1 Campo visual desde os pontos A, B, C, D e E.

1.2 Campo visual desde o ponto central da sala.

1.3 Superfície livre para circulação.

1.4 Controle visual desde as principais mobílias da unidade.

1.5 Insolação da unidade de habitação.

ano de conclusão da obra. Um dado que foi utilizado para aferir datas e ordenar a relação dos projetos foi o registro dos elevadores dos edifícios na Prefeitura Municipal. Consta em todo elevador o número da fiscalização industrial, que é um dado único e datado. Como o elevador é um elemento presente na absoluta maioria dos projetos, serviu como parâmetro para a identificação precisa do ano de conclusão da obra.

Os edifícios são apresentados individualmente através de um conjunto de informações (imagens, informações técnicas, planta do pavimento tipo e implantação) contidas em uma ficha padronizada que oferece dados quantitativos e característicos do objeto de estudo. Segundo Goethe:

*"Figuras, descrições, medidas, número e desenho não expõem ainda um fenômeno"*<sup>16</sup>

Mais do que uma análise tipológica, este trabalho oferece uma nova possibilidade de abordagem da história recente da cidade de São Paulo e da evolução geral da arquitetura moderna através da habitação coletiva ao longo desse período.

*"Resolvendo em grande parte os problemas da representação de três dimensões, e por isso os problemas da pintura e da escultura, a fotografia cumpre a importante missão de reproduzir fielmente tudo que existe de bidimensional e tridimensional na arquitetura, ou seja, todo o edifício menos a sua essência espacial... Cada fotografia engloba o edifício de um único ponto de vista, estaticamente, de uma maneira que exclui esse processo, que podemos chamar musical, de contínuas sucessões de pontos de vista que o observador vive no seu movimento dentro e ao redor do edifício. Cada fotografia é uma frase separada de um poema sinfônico ou de um discurso poético, cujo valor essencial é o valor sintético do conjunto. A fotografia... (sobretudo se compreende uma figura humana) dá o sentido da escala do edifício"*<sup>17</sup>

## 1.2 Sobre a Delimitação Temporal

*"Ninguém que se tenha ocupado seriamente da ciência urbana deixou de perceber como os resultados mais importantes provêm dos estudiosos em que a pesquisa está associada singularmente a uma cidade: Paris, Londres, Berlim... É significativo que nessas obras, tão diferentes sob muitos aspectos, delineie-se de forma exemplar a relação entre as leis gerais e o elemento concreto da cidade"*<sup>18</sup>

A produção arquitetônica selecionada dentro de um universo de pesquisa amplo, tanto física como temporalmente, oferece vasto panorama do processo de verticalização da cidade. A delimitação temporal apresentada a seguir parte do princípio hipotético da interferência da legislação urbana na produção da habitação coletiva na cidade de São Paulo no período de 1928 a 1972. Através da seleção, sistematização e análise do objeto de estudo dentro deste momento histórico específico pode-se considerar a possibilidade da existência de quatro períodos distintos na produção da habitação coletiva na cidade de São Paulo



Fragmento do Bairro de Higienópolis, 2000.

aceitando-se necessariamente certas simplificações que este tipo de exercício exige.

**[1º período: 1928>1942] 1928 Promulgação da Lei Federal nº 5841/28.**

O início do primeiro período de estudo caracteriza-se pela promulgação desta Lei de âmbito nacional, que pela primeira vez regulamenta os condomínios verticais. Esta fase está historicamente ligada ao período de “metropolização” da cidade. Todos os edifícios na área urbana passam a ser regulamentados a partir da implantação do Código de Obras Arthur Saboya [1929>1934]. Os edifícios de apartamentos se concentraram no centro e representaram na sua absoluta maioria um bom investimento para as famílias vinculadas à monocultura do café.

**[2º período: 1942>1952] 1942 Lei do Inquilinato.**

A regulamentação da Lei do Inquilinato inibiu a produção de edifícios para aluguel. Surge o conceito do condomínio pelo preço de custo. Acontecem mudanças de usos e costumes; aumenta significativamente a produção de cimento no país. Os Institutos de Aposentadoria e Pensões (criados em 1936) ganham força como alternativa de suprir a alta demanda de habitação. O maior número de edifícios já não se concentra mais no centro; surgem novos pólos de crescimento e a predominância de uso é estritamente residencial.

**[3º período: 1952>1957] 1952 Revisão do Código de Obras “Arthur Saboya”.**

Em 1952 o Código Arthur Saboya foi revisto e promulgou-se um novo Código de Obras. No que diz respeito ao coeficiente máximo de aproveitamento do terreno e zoneamento da capital as questões permanecem bastante genéricas permitindo o surgimento de grandes edifícios e estimulando a verticalização e o adensamento.

**[4º período: 1957>1972] 1957 Promulgação da Lei Municipal nº 5261/57.**

Esta lei regulamenta o coeficiente máximo de aproveitamento em 4 vezes a área do lote para edifícios residenciais, isto inviabiliza a construção no centro da cidade. A última fase se caracteriza pela necessidade de adequação às mudanças do código de obras. Novas posturas são assumidas e passa a ser outra a relação do edifício com o lote e com a cidade. A partir da criação do BNH (1964) a produção de edifícios de apartamentos no país cresceu vertiginosamente.

**1972 Promulgação da Lei Municipal 7805/72 (Lei de Zoneamento)**

A delimitação temporal termina com a regulamentação da Lei de Zoneamento e com a setorização imposta à cidade que determinou mudanças na relação dos novos edifícios com a cidade.

## Notas do Capítulo 1 [PREFÁCIO]

- 1 Virilio, Paul (1993) p.16
- 2 Klein, Alexander (1980) *Vivienda Mínima: 1906-1957*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona.
- 3 Rossi, Aldo (1966) p.77
- 4 Descartes (1637) *Discurso do método*. (p.7)
- 5 Fonte: Aabic (Ass. das Administradoras de Bens Imóveis e Condomínios de São Paulo) *Revista VEJA SP* (20.03.2002) Editora Abril, SP (p.10)
- 6 Goethe (1831) *Maximas e Reflexões*. Guimarães Editores. Lisboa. (p.52)
- 7 Zevi, Bruno (1951) pp. 49-50
- 8 Rossi, Aldo (1975) p.241

## 2 INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA DA HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO

### 2.1 A economia cafeeira e o processo de “metropolização”

O surgimento das primeiras habitações coletivas em São Paulo, no início deste século, já dentro do início do processo de “metropolização” da cidade está intimamente vinculado às profundas transformações sofridas pela estrutura sócio-econômica do país, mas principalmente no Estado de São Paulo, desde o final do século XIX.

Inicialmente, no âmbito econômico, o inegável domínio da agricultura cafeeira de exportação que dominou absolutamente a economia brasileira até a crise de 1929 provocada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Este tipo de economia (monocultura) determinou o ritmo do crescimento da cidade e do Estado. Luís Saia inicia as suas “Notas para Teorização de São Paulo” com as seguintes palavras:

*“Do meio milheiro de cidades que cobrem atualmente a área do Estado de São Paulo, apenas 29 foram originadas fora da órbita da economia do café. A cidade de São Paulo é uma delas, em que pese a atual compleição metropolitana constituir uma resultante direta do quadro econômico-social instituído sob o domínio exclusivista da monocultura da rubiácea ...”<sup>1</sup>*

Para o objeto de estudo em questão basta abordar os aspectos que surgiram das novas possibilidades oferecidas pelo grande volume de capital gerado pelo café. A posição cambial extremamente favorável conseguida através da exportação maciça possibilitou a generalização de produtos importados<sup>2</sup>. A atração do capital estrangeiro pela atividade cafeeira possibilitou a implantação da rede ferroviária e a ligação de São Paulo tanto com Santos, como com todas as principais regiões produtoras no interior do Estado [Figura 2.1]. A linha férrea foi uma conseqüência natural da necessidade de transportar rapidamente a grande quantidade de produtos vindos da Europa. Equipamentos pesados, serrarias, estruturas metálicas, cimento, etc., tiveram a possibilidade de chegar com facilidade ao planalto paulista diversificando as opções dos construtores.

Devido ao ciclo de cultura muito longo, as famílias tradicionais cafeeiras vislumbraram na construção civil e particularmente na construção de edifícios de apartamentos para aluguel, a possibilidade de investimento de seus capitais para enfrentarem os períodos incertos das entressafras. Como comenta Lemos: *“O aluguel foi, naquele tempo, um rendimento ótimo, talvez o melhor deles, muito melhor que as ações, como as da Paulista, a estrada de ferro querida de todos”<sup>3</sup>*

Este ciclo econômico concentrou na capital do Estado a passagem obrigatória do dinheiro, do café e das pessoas. A sociedade se tornou cosmopolita antes da sua própria cidade. A grande quantidade de estrangeiros que aqui chegaram<sup>4</sup>

Construção da Estação da Luz, 1900.



somado ao passado escravista - um fato na época ainda recente (Lei Áurea, 1888) - determinaram transformações profundas nas relações, costumes e atividades sociais da cidade.

*"Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros, nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha mais passado".*<sup>5</sup>

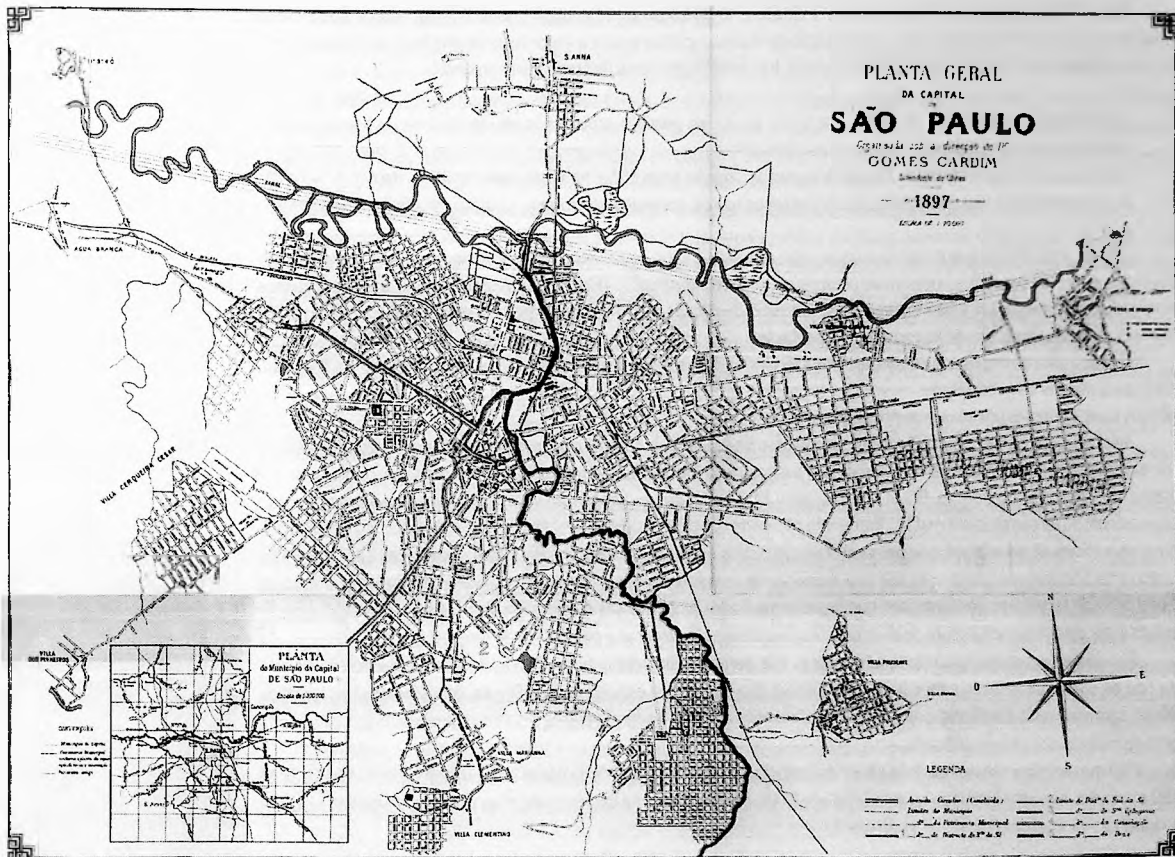
Entre 1890 e 1900 a taxa de crescimento populacional da cidade foi de espantosos 269%, em comparação com os 55% do Rio de Janeiro (ainda que significativos), o que provocou a duplicação da sua área urbana para 4 km<sup>2</sup> [Figura 2.2] em apenas 20 anos. Estes números indicam que os negócios imobiliários na pequena capital estadual giravam a índices bem superiores aos da capital federal.<sup>6</sup>

#### População nos municípios de São Paulo e Rio de Janeiro, 1872>1991

Ano	Rio de Janeiro	São Paulo	% população urbana
1872	274.972	31.385	*
1890	522.651	64.934	*
1900	811.443	239.821	*
1920	1.157.873	579.033	*
1940	1.764.141	1.326.261	31.28
1950	2.377.451	2.198.096	36.16
1960	3.307.163	3.825.351	44.67
1970	4.251.918	5.924.615	55.92
1980	5.090.700	8.493.226	67.59
1991	5.473.346	9.626.880	75.46

Fonte: Censos Demográficos - FIBGE

Na virada do século a cidade presenciou o início de um acelerado aumento populacional e de um incremento notável do número de edificações. Entre 1911 e 1919 a cidade passou de 36.128 edificações para 58.698, um aumento de 162%. Já o número de edificações de mais de um pavimento passou de 159 (0.6% do total) para 340 (0.8% do total), tendo um aumento de 213%. Outro dado que se observa é o aumento dos edifícios de mais de um andar com relação ao total de edificações. Passou de 0.6% para 0.8%, que apesar de ser um pequeno aumento demonstra claramente o início do processo de verticalização na cidade de São Paulo.<sup>7</sup>



Dentro desse contexto sócio-econômico a cidade era *"palco do crescimento concomitante das atividades terciárias voltadas para o capital financeiro, para a exportação de matérias-primas e para a importação de produtos industrializados"*.<sup>8</sup> Neste momento (1900-1920) São Paulo apresentava três tendências claras de crescimento urbano:<sup>9</sup>

- 1 O surgimento incontrolável de glebas em torno do núcleo primitivo provocando um descontrole no traçado urbano devido aos reticulados independentes e descontínuos;
- 2 A procura incosequente pelas *"linhas de cumeada"*, que levaram à abertura, por exemplo, da Av. Paulista;
- 3 E uma preferência pela industrialização em terrenos baixos, contíguos à ferrovia.

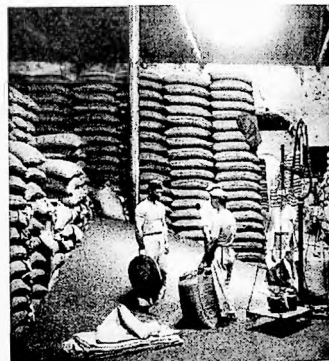
Não se pode afirmar que o café foi o único responsável pelo início da industrialização em São Paulo, mas é evidente que *"financiou e criou as condições necessárias ao desenvolvimento industrial"*<sup>10</sup> [Figura 2.3]. A grande quantidade de empresas estrangeiras que chegaram a São Paulo a partir do início da década de 10 se concentrou no setor terciário, sendo na sua maioria bancos ou comércios de importação e exportação.

Devido à falta de recursos e de infra-estrutura técnica e administrativa dos Estados e da União (Proclamação da República, 1889) para atender as necessidades crescentes dos núcleos urbanos, tem-se neste momento a concessão de diversos serviços públicos para empresas privadas e/ou estrangeiras.

Além de todos esses fatores vinculados ao processo de expansão urbana da cidade, existe também o aspecto tecnológico e os avanços alcançados neste período. Um destes avanços foi a introdução e rápida difusão do uso do concreto armado. *"A história do concreto armado no Brasil constitui uma rara instância de aprimoramento tecnológico original em um país subdesenvolvido de passado colonial"*<sup>11</sup>. Entretanto não podemos desconsiderar a evidência do uso de estrutura metálica nos primeiros edifícios altos no Brasil, que em geral eram calculados e executados na Europa<sup>12</sup>. Mas o que garantiu, a longo prazo, a autonomia brasileira na construção civil foi a formação de profissionais nas primeiras Escolas de Engenharia e a criação de laboratórios de tecnologia dos materiais, que foram organizados junto a essas mesmas escolas<sup>13</sup>. Estes laboratórios foram responsáveis pelo desenvolvimento de diversas soluções técnicas inovadoras e pela formação de especialistas.

Rapidamente surgiram na cidade as primeiras estruturas de concreto armado. Provavelmente o primeiro edifício com este tipo de sistema construtivo foi um prédio situado à Rua São Bento, esquina da Rua Direita, concluído em 1908. Outros edifícios seguiram esta tendência popularizando o *"cimento armado"*, inibindo outros sistemas principalmente pela grande oferta de mão-de-obra não qualificada.

O último desafio a ser vencido foi a altura das edificações. Apesar de já ter sido usado maciçamente a partir da década de 1890 o primeiro elevador instalado na cidade foi em 1918, no Hospital Santa Catarina pela empresa Pirie, Villares & Cia. Ltda.



Café nos Armazéns do Porto de Santos, 1911.

## 2.2 Os primeiros edifícios de apartamentos em São Paulo

Os edifícios de apartamentos, segundo Lemos, se constituem no último elemento urbano na configuração das cidades brasileiras. Nas Zonas Centrais temos historicamente uma seqüência peculiar de tipologias construtivas: comércio, escritórios, repartições públicas, velhos casarões transformados em cortiços, pensões ou hotéis e por último os edifícios de apartamentos. Portanto, no Brasil, constituem um programa arquitetônico-urbanístico relativamente novo.<sup>14</sup>

Como já visto, os primeiros edifícios de apartamentos foram destinados a aluguel e eram propriedades particulares advindas da economia cafeeira. Era habitual para essas tradicionais famílias paulistas darem os seus nomes aos edifícios de apartamentos, e eram as próprias famílias proprietárias do terreno que “incorporavam”, ou seja, gerenciavam todo o processo de produção do edifício.

Foram inicialmente criados para atender a demanda habitacional da classe média - *“classe de hábitos modestos e de passado frugal, mas quase sempre ostentando, da porta da rua para fora, costumes na verdade não bem condizentes com as posses de sua camada social. Classe de gente vinda das antigas propriedades, que ainda se agarra no nome da família com certa vaidade ou então, modernamente, oriunda das fábricas ou do comércio”*.<sup>15</sup>

Esses primeiros edifícios tiveram uma aceitação restrita. Não era visto com bons olhos morar em uma situação tão promiscua como a de sobrepor várias famílias sobre o mesmo lote, ou pior, várias famílias morando no mesmo edifício. Isso dava uma sensação de encortiçamento que não entusiasmou a muitos no início.

No princípio, surgiram alguns poucos edifícios de apartamentos no Centro Histórico como, por exemplo, o edifício projetado e construído pelo engenheiro Samuel das Neves, por volta de 1916 [Figura 2.4]. Após um acordo com os padres do Mosteiro de São Bento visando construir um edifício em terreno daquela ordem situado na Rua Libero Badaró. Esse prédio, restaurado no início da década de 90, já era provido de elevador e dividido em *“apartamentos de sala, quarto e banheiro para homens solteiros ou viúvos, que tomavam as refeições nos restaurantes das proximidades”*. Segundo o contrato firmado, Samuel das Neves construiria por conta própria o edifício e o exploraria por 30 anos — depois, a posse e o usufruto passariam àquela Abadia. É importante ressaltar que o empreendimento, *“muito criticado na época”*, visava resolver o problema exclusivamente dos homens solteiros e não o alojamento de famílias. Por razões desconhecidas, o contrato depois de algum tempo, foi desfeito e os padres, aos poucos, foram transformando o destino do prédio, que passou a abrigar escritórios e pequenas oficinas.<sup>16</sup>

Mas somente por volta de 1922 é que surgiu o primeiro edifício de apartamentos para famílias, projetado e construído pelo engenheiro Raul Simões para o industrial Martins Ferreira, segundo os *“modelos parisienses”*. Essa habitação coletiva pioneira, demolida na década de 70, ficava na Rua Dom José de Barros esquina com a Rua 24 de Maio. A partir deste momento surgem diversos edifícios para este fim, ou mesmo edifícios mistos, como o **Martinelli** de 1925 [Figura 2.5], ou o Edifício Casmar, de propriedade de Casper Libero, na Rua Sete de Abril.<sup>17</sup>



2.4 Edifício à Rua Libero Badaró [1916].

Mas devido à escassez de terrenos rapidamente se proliferaram pelo Centro Novo e pela Av. São João, que era bem servida de transporte coletivo. O aumento da população e a saturação das zonas centrais provocaram um dilema na classe média paulistana. Ou morava em casas tipo *chalet* ou *bungalow*<sup>18</sup> que sempre foi o seu ideal de moradia, ou até mesmo em sobrados geminados, mas em bairros afastados, longe do trabalho. Ou ainda, assumia o tipo de vida pouco conhecido e mal visto nos edifícios de apartamentos bem localizados próximos ao trabalho.

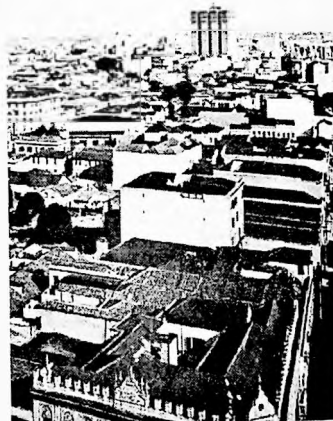
No intuito de cativar a clientela, estes primeiros edifícios tentavam possuir, ou melhor, aparentar o mesmo conforto e o mesmo programa que os palacetes de Campos Eliseos e Higienópolis. A grande maioria desses edifícios foi adepta do neocolonial ou do art-decò. Era a reconstrução da tradicional planta burguesa de casas térreas adaptadas aos novos edifícios de apartamentos. Dessa adaptação surgem peculiaridades programáticas nas novas edificações que diferenciam já desde o início o caminho percorrido pela habitação coletiva no país dos caminhos europeus.

A questão é anterior à abordagem tipológica que virá adiante. A questão é de fato a origem do caminho, o seu marco zero. Na Europa, a habitação coletiva nasceu da necessidade de atender à habitação social, por isso, carregada de política e de ideologia<sup>19</sup>, e com vínculos ao urbanismo higienista. Evoluiu de maneira ascendente até atingir as camadas mais abastadas da sociedade. Já aqui, é o último elemento tipológico da cidade e surge para atender a demanda da classe média. Evoluiu de maneira distinta, somente depois de muito tempo foi atender favelados e ricos.<sup>20</sup>

Através de uma rápida análise tipológica poderão ser exemplificadas melhor as diferenças. Na Europa, o edifício apresentava uma única circulação que era constituída por uma escada. Depois da popularização do elevador a escada era acompanhada por um único elevador. Já no apartamento que possui uma única entrada, a sala é o centro dos interesses e as cozinhas são apêndices da sala de estar do apartamento. Os dormitórios abrem suas portas diretamente para a sala e não existem praticamente corredores, o que torna a sala sempre uma passagem obrigatória. Sem falar que para os franceses, as necessidades fisiológicas não tinham relação com o ato de se lavar, o que fazia com que estas rotinas acontecessem em cômodos distintos.

Na Europa, o edifício de apartamentos - com exceção dos de alto padrão - nunca foi pensado pela ótica do "problema" da circulação de serviço. Afinal, somente as famílias com grande poder aquisitivo podiam contar com o serviço de uma empregada doméstica. Por aqui, toda família de classe média tinha a sua criada, geralmente uma "negra alforriada"<sup>21</sup>. Temos aqui outra tipologia de edificação, que se caracteriza desde o início pela separação e compartimentação das circulações e das atividades - entradas de serviço separadas da entrada principal - e quando isso não era possível, existia uma clara distinção entre o elevador "social" e o elevador de "serviço". Nos apartamentos a setorização das áreas de atividade não permitiam a sobreposição de funções. No mínimo duas salas, uma de visitas e outra para as refeições. Mas a grande diferença é a área de serviço, cozinha com grandes dimensões, terraço de serviços com banheiro e quarto de empregada, tudo isso servido por uma entrada de serviço independente.

As diferenças extremas se agravam se lembrarmos que inicialmente todas essas edificações foram planejadas e construídas sem nenhum critério normativo devido ao seu caráter de inovação. De fato, representavam uma novidade nacional, tanto que



Edifício Martinelli [1923>1929], vista da torre da Estação da Luz, 1929. 25

não existiam nem regras construtivas para regulamentar esse promissor "boom" imobiliário, como também não existia uma legislação sobre a possibilidade de várias famílias serem proprietárias ou inquilinas de um mesmo lote e conseqüentemente do mesmo edifício. Para tentar contornar uma prática já consolidada, foi promulgada em 1928 a Lei Federal nº 5841/28 que passou a regulamentar os condomínios verticais em todo território nacional.

### 2.3 Primeiras Legislações Urbanas e o Código "Saboya"

Para entender o Código de Obras "Arthur Saboya" é necessário rapidamente repassar as primeiras legislações urbanas de São Paulo. O Código Saboya se estruturou na sistematização de várias leis que o precederam. As "posturas municipais" do final do século XIX até o final da década de 1920 não apresentavam quase nenhuma preocupação com o desenvolvimento urbano já existente na cidade. O "Código de Posturas" de 1886 é considerado a primeira regulamentação urbana da cidade:

*"Preocupava-se, isto sim, com questões ecológicas, como a proibição do corte de lenha nas matas que contornavam os mananciais ao redor da cidade. A preocupação com a salubridade e com a não desvalorização de imóveis se expressa pela proibição da localização de fábricas poluidoras (curtumes) no perímetro da cidade".<sup>22</sup>*

Mas, apesar destas críticas podemos ainda considerar especificamente a existência de uma preocupação urbana deste "Código de Posturas" bastante significativa, que é a regulamentação da largura das novas ruas. Esta questão, por incrível que possa parecer, somente seria retomada trinta e sete anos depois. Com isto podemos perceber o descuido durante um dos mais significativos períodos de crescimento da cidade.

Posterior ao "Código de Posturas" de 1886 foram promulgados respectivamente: o "Acto" nº 849 de 1916, que regulamentava as novas construções; a Lei Estadual nº 1.596 de 1917, para a construção e reconstrução de prédios urbanos; a Lei nº 2.332 de 1920, que regulamentava o uso de elevadores e a altura dos edifícios e a Lei nº 2.611 de 1923, que disciplinava novos arruamentos e loteamentos na cidade.

Entretanto, a primeira tentativa efetiva de regulamentar a crescente produção civil na cidade de São Paulo ocorreu somente na gestão do Prefeito José Pires do Rio (1926-30), com a promulgação do Código de Obras "Arthur Saboya" através da Lei Municipal nº 3.427, de 19 de Novembro de 1929. O Código de Obras leva esse nome em homenagem ao Eng. Arthur Saboya, Diretor de Obras e Viação e coordenador dos trabalhos.

É importante lembrar que neste mesmo período e dentro desta mesma secretaria foi elaborado o Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo de Francisco Prestes Maia. Mais adiante retoma-se o Plano de Avenidas e a sua interferência na produção

de edifícios de apartamentos na cidade.

O Código de Obras basicamente se constituía na sistematização de várias leis que o antecederam, além de estabelecer um "padrão municipal" de construção no que diz respeito às edificações. Desde as condições gerais do edifício e especificações do projeto até o licenciamento e fiscalização da obra.<sup>23</sup>

Posteriormente foi objeto de consolidação através do Ato nº 663 de 10 de Agosto de 1934, incorporando a legislação estadual sobre construções e as normas estaduais de saneamento e salubridade. Nesta ocasião o trabalho foi organizado novamente pelo Eng. Arthur Saboya que contou com a colaboração do Eng. Sílvio Cabral de Noronha.

O uso da legislação e de estudos para uma intervenção direta na forma urbana era uma tentativa da Prefeitura de reproduzir a estética das mais importantes cidades do mundo naquela época. A influência de modelos urbanos estrangeiros era evidente, como pode-se ver nas belíssimas aquarelas de Pretes Maia do seu Plano de Avenidas. Mas no caso específico do Código de Obras a influência veio diretamente de Chicago (Plano de Chicago, 1909) e de Nova York.<sup>24</sup>

*"A revisão do Building Code de Nova York manifesta-se, analogamente, no Código de Obras Arthur Saboya, aqui considerado a primeira tentativa de zoneamento da cidade de São Paulo."*<sup>25</sup>

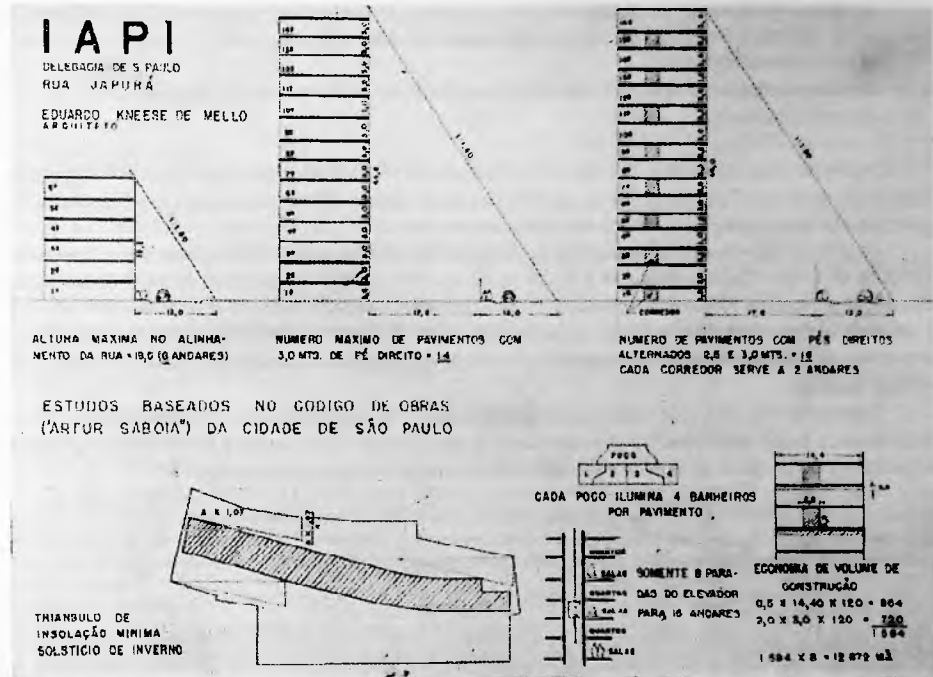
De fato, o Código de Obras<sup>26</sup> no seu Artigo 4 divide a cidade de São Paulo em quatro zonas:

1. Primeira Zona ou Central;
2. Segunda Zona ou Urbana;
3. Terceira Zona ou Suburbana;
4. Quarta Zona ou Rural.

Na Zona Central que era delimitada ao Norte pelos trilhos da São Paulo Railway, ao Sul pelo Largo da Memória, a Leste pelo Parque D. Pedro e a Oeste pelo Largo do Arouche, incentivou-se o adensamento e a verticalização, o que não ocorreu inicialmente nas outras zonas.

A altura das edificações estava relacionada com a zona e com a largura da via. Por exemplo, nas vias da zona central a altura deveria ser de no mínimo 5,00 m e no máximo duas vezes a largura da rua (ou seis pavimentos). Quando a via tivesse menos que 9,00 m a altura deveria ser de até três vezes a largura da via (ou doze pavimentos). Fora da Zona Central a maior altura permitida no alinhamento<sup>27</sup> das vias públicas era de no máximo uma vez e meia a largura da rua<sup>28</sup> (seis pavimentos para uma rua de 12,00 m) [Figura 2.6].

Como ainda a escala da cidade permitia, este código definia bairro a bairro e via a via quais eram os locais estritamente residenciais. Durante todo o tempo de vigência desta lei podemos perceber que o maior número de alterações ou complementações foi para a regulamentação de determinado uso. Isso foi aplicado a muitos bairros e algumas vezes posteriormente revogado, o que deu ao Código Saboya um caráter bastante dinâmico.



IAPI Japurá [P2.F08 1947>1957] Eduardo Kneese de Mello, estudos baseados no Código de Obras "Arthur Saboia", 1948.

26

O controle do desenho da forma da cidade não se resumia a determinar gabaritos e alinhamentos. O código se propunha a controlar e até mesmo a censurar esteticamente as edificações construídas na cidade, principalmente durante este 1º período. Vejamos, por exemplo, o que regulamentava o código com relação às fachadas dos edifícios:

#### "4.13 - FACHADAS E SALIÊNCIAS

4.13.1 É livre a composição das fachadas, *salvo*<sup>29</sup> para os locais em que devido à sua situação especial, a lei estabelecer

restrições, visando solução de conjunto.

1) E reconhecido à Prefeitura a faculdade de exigir acabamento adequado para os edifícios visíveis de logradouro, tal seja a sua localização.

4.13.2 **A censura estética das fachadas será procedida por ocasião da aprovação dos projetos e abrangerá também as dependências externas**<sup>30</sup>

O gosto por um padrão eclético, típico das cidades européias do século XIX não dava espaço para a estética moderna despojada de ornamentos. *"Existia de fato, um serviço de censura de fachadas que, em nome do bom gosto, aprovava elucubrações pseudo-históricas as mais inadmissíveis, mas não tolerava a nudez integral..."*<sup>31</sup>

Os quase 50 anos de vigência deste código na cidade de São Paulo chamam a atenção. É importante lembrar que o Código de Obras Arthur Saboya chegou até a década de 70, vigorando ainda que parcialmente até 1975 e influenciando diretamente seu sucessor. Foi substituído pelo atual código através da Lei Municipal nº 8.266/75 de 20 de junho de 1975. Esta longevidade se deve sobretudo à flexibilidade e à dinâmica de se alterar e/ou atualizar o código atendendo a demanda dos setores mais influentes da sociedade e a fragilidade da fiscalização que se limitava a controlar áreas que fossem exigidas pelo mercado imobiliário.

Podemos ainda considerar que o zoneamento implantado em 1972 foi uma evolução natural das delimitações de diversas áreas da cidade. Estas futuras "zonas" surgiram das sucessivas alterações que o código sofreu visando atender principalmente aos interesses das classes de renda média e alta assim como as necessidades do mercado imobiliário.<sup>32</sup>

## Notas do Capítulo 2 [INTRODUÇÃO à PROBLEMÁTICA da HABITAÇÃO COLETIVA em SÃO PAULO]

- <sup>1</sup> Saia, Luís (1978) p.223
- <sup>2</sup> Goulart, Nestor (1970) p.44
- <sup>3</sup> Lemos, Carlos (1990) in Revista Projeto nº133, p.57
- <sup>4</sup> "A imigração, sobretudo a italiana, cresceu de tal maneira que no período de 1881 a 1891, atingiu a 330.392 pessoas, que se radicaram no Estado, e a terça parte deste total em centros populosos, aumentando desmedidamente a população das cidades, em detrimento das suas condições de salubridade". Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo, vol.2. (1983) p.17
- <sup>5</sup> Sevcenko, Nicolau (1992) *Orfeu Extático na Metrópole*, p.31
- <sup>6</sup> Ficher, Sylvia (1994) *Edifícios altos no Brasil*. In Espaço & Debate nº37, p.68
- <sup>7</sup> Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo. (1979) p.199
- <sup>8</sup> Ficher, Sylvia (1994) p.61
- <sup>9</sup> Saia, Luís (1978) p.241
- <sup>10</sup> Somekh, Nádja (1994) p.117
- <sup>11</sup> Ficher, Sylvia (1994) p.62
- <sup>12</sup> Ficher, Sylvia (1994) p.62
- <sup>13</sup> "O primeiro laboratório, provavelmente foi o Gabinete dos Materiais da Escola Politécnica de São Paulo, instalado em 1898, segundo modelo suíço. Em 1905 o Gabinete publica o Manual de Resistência dos Materiais. Em 1907, após a importação de equipamentos o Gabinete já contava com tecnologia similar aos de Viena (resistência dos materiais) e Sorbonne (metalografia). Após uma reestruturação em 1927, passa a se chamar LEM, Laboratório de Ensaios de Materiais, e entre outras coisas, foi responsável pela adaptação das normas europeias de dosagem de cimento e pelas normas brasileiras".
- Ficher, Sylvia (1994) p.62
- <sup>14</sup> Lemos, Carlos (1976) p.156
- <sup>15</sup> Lemos, Carlos (1976) p.157
- <sup>16</sup> Lemos, Carlos (1976) p.157
- <sup>17</sup> Lemos, Carlos (1976) p.157
- <sup>18</sup> Lemos, Carlos (1976) p.154
- <sup>19</sup> Isasi, Justo (1986) "La vivienda social. Un proyecto europeo". in A&V nº7, p. 14
- <sup>20</sup> Lemos, Carlos (1978) p.162
- <sup>21</sup> Lemos, Carlos (1978) p.153
- <sup>22</sup> Souza, Maria Adélia de (1994) p.221
- <sup>23</sup> Leme, Maria Cristina (1982) p. 27

<sup>24</sup> Someck, Nadia (1994) p.127

<sup>25</sup> Someck, Nadia (1994) p.128

<sup>26</sup> Ayres Netto e Silva Ramos (1962) p. 64

<sup>27</sup> O melhor desempenho do lote, quanto ao potencial construtivo, era obtido através do alinhamento do edifício na via pública.

<sup>28</sup> Ayres Netto e Silva Ramos (1962) p. 94, art. 4 do Decreto Lei nº 92, de 2/5/1941.

<sup>29</sup> Destaques por conta do autor.

<sup>30</sup> Ayres Netto e Silva Ramos (1962) p.21

<sup>31</sup> Bruand, Yves (1991) p.65

<sup>32</sup> Gaquinto, Paulo (1995) p.37



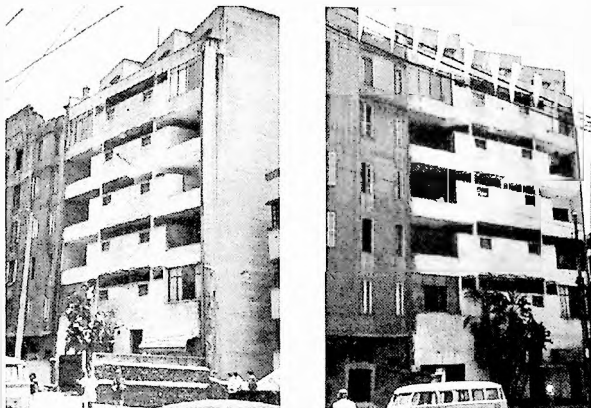
**1928**  
**1942**

1952  
1957  
1972



## HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO [1º PERÍODO: 1928>1942]

ficha	ano	edifício	projeto	endereço	bairro
✦ P1.F01	1927 > 1935	à av. angélica	júlio de abreu jr.	av. angélica, 192	santa cecília ✕
P1.F02	1930 > 1934	columbus	rino levi	av. brigadeiro luís antonio, 167	república
P1.F03	1933 > 1934	nicolau shiesser	rino levi	r. augusta, 201	consolação
→ P1.F04	1934 > 1938	esther	álvaro vital brazil e adhemar marinho	av. ipiranga, 80	república
P1.F05	1935 > 1936	higienópolis	rino levi	r. conselheiro brotero, 1092	higienópolis
P1.F06	1935	santo andré	jacques pion, francisco matarazzo neto	r. piaul, 750	higienópolis
P1.F07	1936 > 1942	guarany	rino levi	av. rangel pestana, 422	pq. d. pedro II
P1.F08	1936	augusto barreto	barreto e xande	av. angélica, 1408	higienópolis
P1.F09	1938 > 1940	barão de limeira	gregori warchavchik	al. barão de limeira, 1003	santa cecília ✕
P1.F10	1938 > 1940	buenos alres	lindenberg e assumpção	r. alagoas, 664	higienópolis
P1.F11	1940 > 1942	porchat	rino levi	av. são joão, 2079-2091-2103	santa cecília ✕
P1.F12	1940 > 1943	maria tereza	s. vitali	al. Barros, 650	santa cecília ✕
P1.F13	1940	dona veridiana	francisco beck	r. martinico prado, 25	santa cecília ✕
P1.F14	1941 > 1943	trussardi	rino levi	av. são joão, 1050	santa efigênia ✕
✧ P1.F15	1941 > 1943	iapc anchieta	marcelo roberto e milton roberto	av. paulista, 2564	consolação
P1.F16	1942 > 1943	santa amália	lucjan korngold	r. piaul, 760	higienópolis
✕ P1.F17	1942 > 1950	iapi várzea do carmo	atílio corrêa lima e equipe	r. leopoldo leonel, 364 > 576	várzea do carmo



implantação | escala 1:2000

# P1.F01 à Avenida Angélica

edifício

projeto

ano

publicações

Arquitetura Moderna Paulista (p.1)

terreno

644 m<sup>2</sup> | trapezoidal [14x48 m]

taxa de ocupação

34% [220 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento

1.7 [1.100 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

bloco junto a três alinhamentos

T+6 | orientação L/O

elevadores

[1] central e interno

escadas

[1] transversal, em dois sentidos c/ patamar

estacionamento

não possui

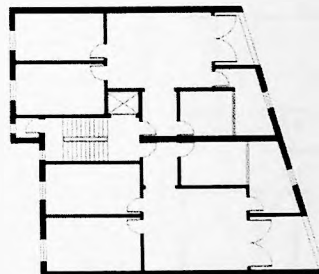
unidades de habitação

10 UH

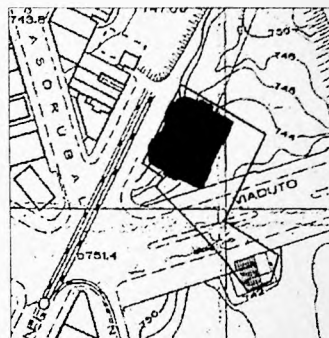
tamanho das unidades

A [5] 2 dormitórios: 82 m<sup>2</sup>

B [5] 2 dormitórios: 98 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300



# P1.F02

edifício  
**Columbus**  
[DEMOLIDO]

projeto  
**Rino Levi**

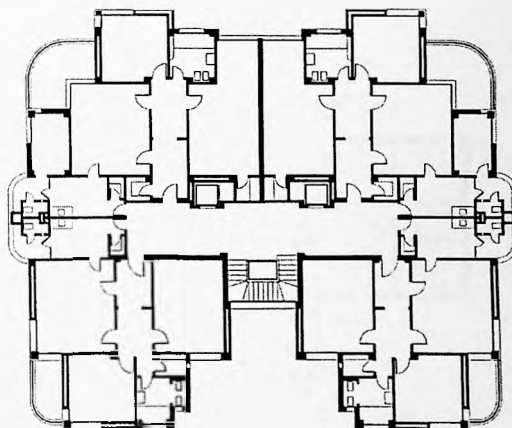
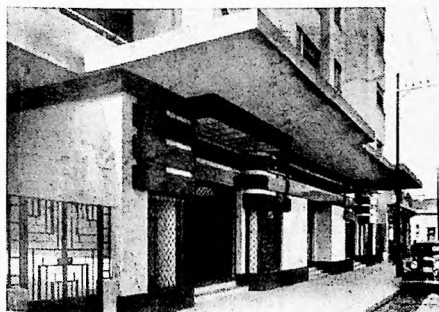
ano  
**1930 > 1934**

endereço  
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 167  
República

contratante  
Lamberto Ramenzoni

publicações  
Revista Polytechnica 120 (135-49) 1935:07-10  
Architettura 5 (278-81) 1938:05  
L'Architecture D'Aujourd'hui 2 (53) 1939:02  
Rino Levi, Obras de arquitetura (13-17) 1940  
Arquitetura 42 (11) 1965  
Rino Levi (26-31) 1974  
Rino Levi, Arquitetura e Cidade (60-3) 2001

Implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

terreno  
2.158 m<sup>2</sup> | irregular em declive

taxa de ocupação  
32% (685 m<sup>2</sup>)

coeficiente de aproveitamento  
3.4 [7.500 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre isolada  
T+B [25] | orientação N / S / L / O

elevadores  
[3] centrais e internos

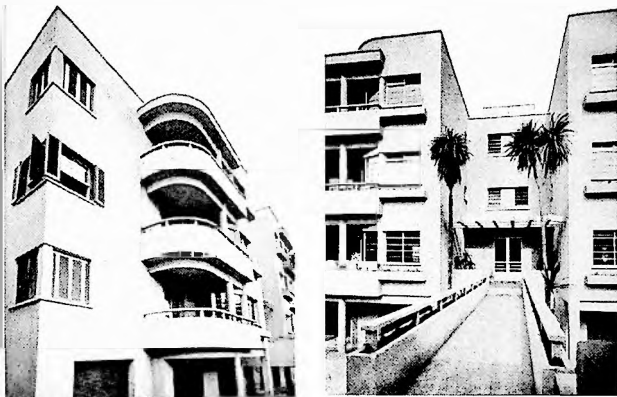
escadas  
[1] transversal, em C s/ patamares

estacionamento  
[16 vagas] no subsolo  
área para lavagem de automóveis

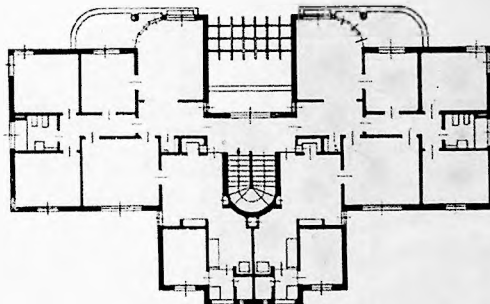
unidades de habitação  
34 UH

tamanho das unidades  
A [32] 2 dormitórios: 139 m<sup>2</sup>

fotos: Rosenfeld  
redesenho: Maria do Carmo Vilarino



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P1.F03

edifício  
**Nicolau Shiesser**

projeto  
**Rino Levi**

ano  
**1933>1934**

endereço  
R. Augusta, 153  
Consolação

publicações  
Revista Polytechnica 119 [63-68] 1935:03-06  
Rino Levi [11] 1940  
Rino Levi, Arquitetura e Cidade [66-7] 2001

terreno  
1.530 m<sup>2</sup> | retangular [34x45 m]

taxa de ocupação  
22% [320 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
1.0 [1.600 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco isolado, c/ afastamento de todos os lados  
T+2 [2S] | orientação NE/SO

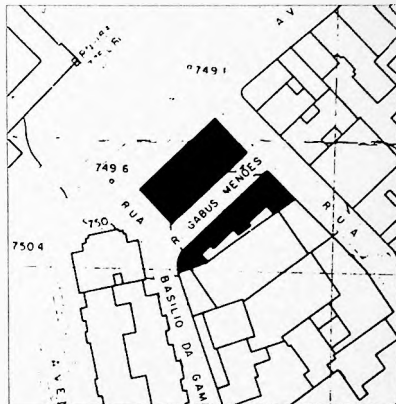
elevadores  
s/ elevadores

escadas  
[1] transversal, em dois sentidos c/ patamar

estacionamento  
[6] no recuo posterior

unidades de habitação  
6 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 121 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000

P1.F04

edifícios  
**Esther**  
Arthur Nogueira

projeto  
**Álvaro Vital Brazil**  
**Adhemar Marinho**

ano  
**1934 > 38**

endereço  
Av. Ipiranga, 80  
República

contratante  
Paulo de Almeida Nogueira  
(Usina Esther)

construção  
ARN Sociedade Construtora Ltda.

publicações  
Acrópole 1 [54-66] 1938:05  
Goodwin [119-21] 1942  
Mindlin [106-7] 1956  
Xavier, Lemos e Toledo [4] 1981  
Álvaro Vital Brazil [24-6] 1986  
Projeto 31 [55-63] 1981

terreno  
1.750 m<sup>2</sup> | lote irregular com 3 frentes

taxa de ocupação  
72% [1.250m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
8,0 [14.400 m<sup>2</sup> de área construída]  
Edifício Esther: 9.400m<sup>2</sup>

tipo de edifício  
Esther  
bloco isolado junto a três alinhamentos  
T+11 | orientação NO/SE

Arthur Nogueira  
bloco laminar junto a três alinhamentos  
T+10 | orientação NO

elevadores  
[5] alinhados junto ao eixo longitudinal

escadas  
[2] perimetrais no eixo longitudinal  
em dois sentidos s/ patamar

estacionamento  
[22 vagas] no subsolo



edifícios

**Esther**  
Arthur Nogueira

projeto  
**Álvaro Vital Brazil**  
**Adhemar Marinho**

ano

**1934 > 38**

número de unidades

Edifício Esther: 50 UH

tamanho das unidades

A[12] sala/ dormitório: 30 m<sup>2</sup>

B[8] 1 dormitório: 35 m<sup>2</sup>

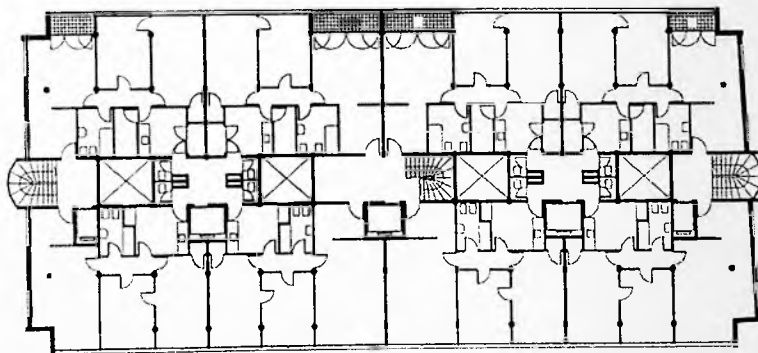
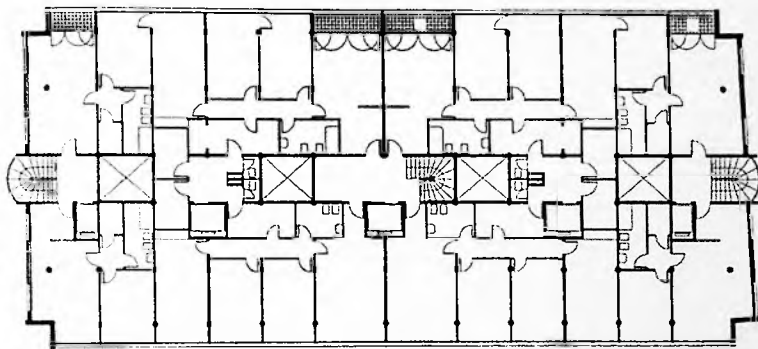
C[16] 2 dormitórios: 73 m<sup>2</sup>

D[8] 1 dormitório: 50 m<sup>2</sup>

E[8] 3 dormitórios: 102 m<sup>2</sup>

F[8] 3 dormitórios: 153 m<sup>2</sup>

G[2] 3 dormitórios: 177 m<sup>2</sup>



5º e 6º pavimentos  
7º e 8º pavimentos  
escala 1:300

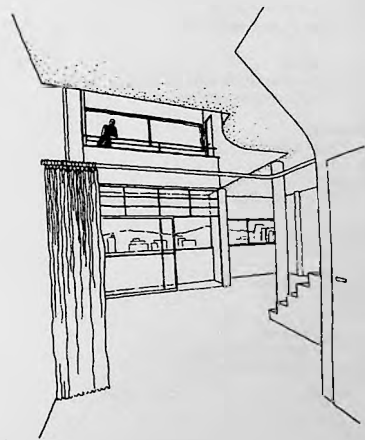
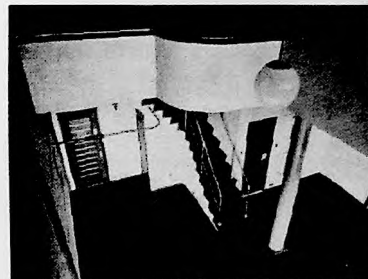
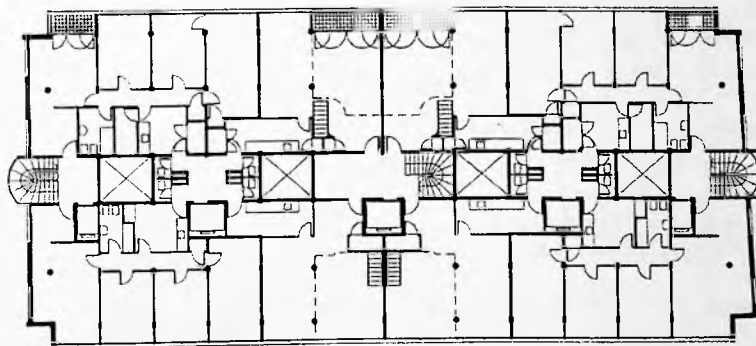
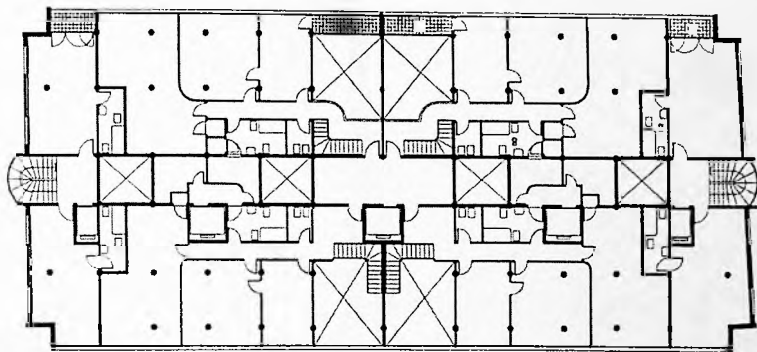
fotos: Leon Liberman  
redesenhos: Maria do Carmo Vilarinho

notas

edifícios  
**Esther**  
**Arthur Nogueira**

projeto  
**Álvaro Vital Brazil**  
**Adhemar Marinho**

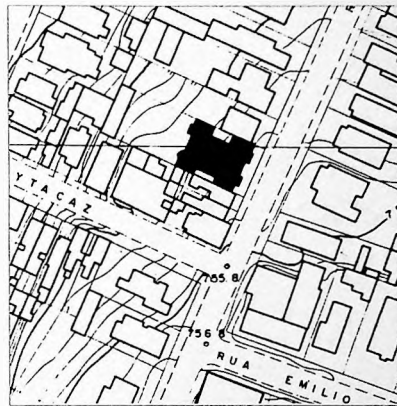
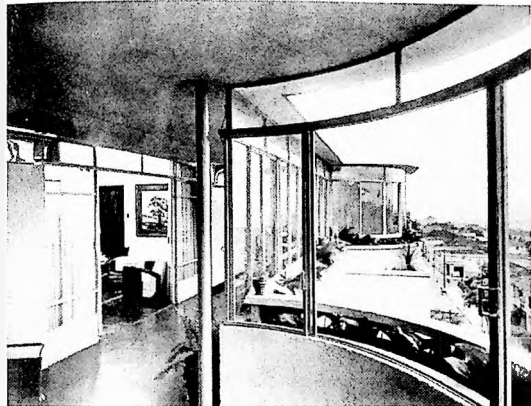
ano  
**1934 >38**



10º pavimento,  
9º pavimento  
escala 1:300

fotos: Leon Liberman  
redesenhos: Maria do Carmo Vilarinho





Implantação | escala 1:2000

# P1.F05

edifício  
**Higienópolis**

projeto  
**Rino Levi**

ano  
**1935>1936**

endereço  
R. Conselheiro Brotero, 1092  
Higienópolis

contratante  
Miguel Langone

projeto estrutural  
João Birman

publicações  
Acrópole 27 (107-12) 1940:06  
Rino Levi (18-20) 1940  
Rino Levi, Arquitetura e Cidade (74-5) 2001

terreno  
1.200 m<sup>2</sup> | retangular em declive [20x60 m]

taxa de ocupação  
36.2 % [435 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2.7 [ 3.246 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre, junto a dois alinhamentos laterais  
T+5 [25] | orientação NO/SE

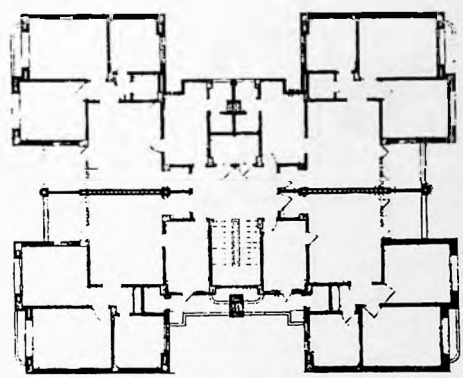
elevadores  
[2] centrais e internos

escadas  
[1] transversal, em dois sentidos c/ patamar

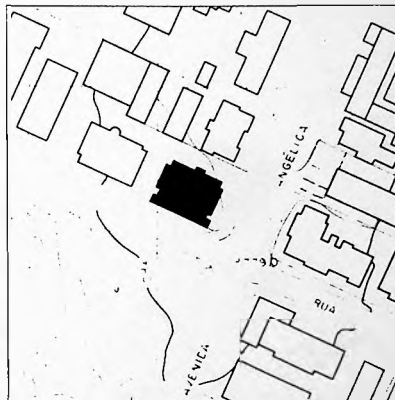
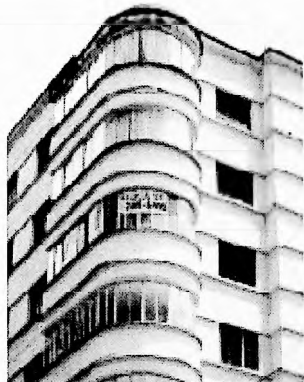
estacionamento  
[14 vagas] no subsolo semi-enterrado

unidades de habitação  
24 UH

tamanho das unidades  
A [16] 2 dormitórios: 93 m<sup>2</sup>  
B [2] 3 dormitórios: 105 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300



P1.F06

edifício  
**Santo André**

projeto e construção  
**Jacques Pilon**  
**Francisco Matarazzo Neto**

ano

**1935**

endereço

Rua Piauí, 750  
Higienópolis

contratante

**André Matarazzo**

obra de arte

Gomide (painel)

terreno

884 m<sup>2</sup> | retangular de esquina [26x34 m]

taxa de ocupação

41% [365 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento

3.3 [ 2920 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

bloco junto a um alinhamento  
T+7 | orientação NE/SO

elevadores

[2]

fiscalização industrial: 695

escadas

[1]

estacionamento

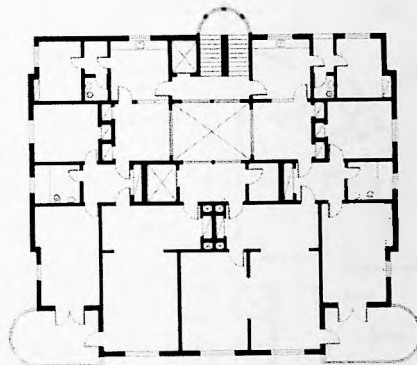
no recuo posterior

unidades de habitação

16 UH

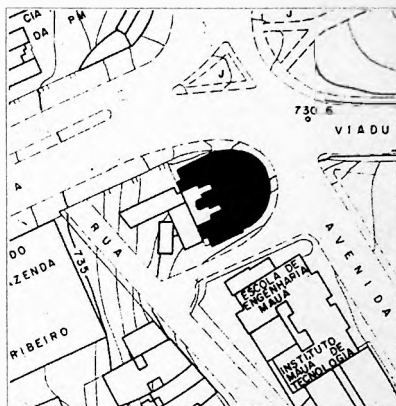
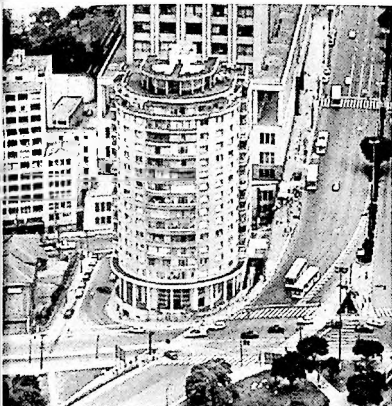
tamanho das unidades

2 dormitórios: 167 m<sup>2</sup>

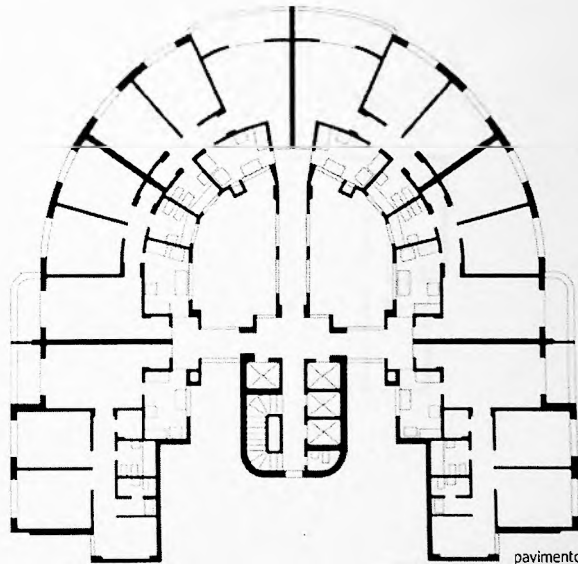


pavimento tipo | escala 1:300

fotos: MF  
redesenho: Luciana Brasil



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P1.F07

edifício  
**Guarany**

projeto  
**Rino Levi**

ano  
**1936>1942**

endereço  
Av. Rangel Pestana, 422  
Parque D. Pedro II

contratante  
Hato Bellandi, Ampelio Zocchi e Zulimo Bellandi

publicações  
Rino Levi, Obras e arquitetura [22-23] 1940  
Anelli, Guerra e Kon [36-44] 2001

terreno  
1.006 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
75% [642 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
10.2 [ 10.500 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre isolada  
T+15 | orientação NE/SE

elevadores  
[4] transversais e externos

escadas  
[1] longitudinal e externa, em C s/ patamares

número de unidades  
88 UH

tamanho das unidades  
A [28] 3 dormitórios: 84 m<sup>2</sup>  
B [28] 2 dormitórios: 71 m<sup>2</sup>  
C [28] 2 dormitórios: 79 m<sup>2</sup>

fotos: Arquivo Rino Levi  
redesenho: Anelli, Guerra e Kon [2001]



implantação | escala 1:2000

P1.F08

edifício  
**Augusto Barreto**

projeto  
**Barreto, Xande**

ano  
**1936**

endereço  
Av. Angélica, 1408  
Higienópolis

publicações  
Acrópole [37-9] 1938:09

terreno  
1.100 m<sup>2</sup> | irregular de esquina (22x50 m)

taxa de ocupação  
24% [256 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2.6 [2.820 m<sup>2</sup> de área construída]

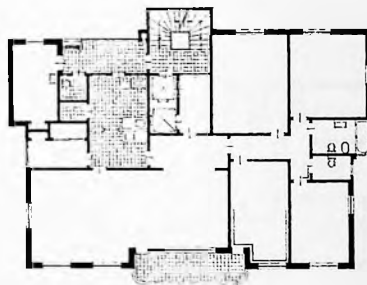
tipo de edifício  
torre isolada  
T comercial + 10 | orientação NO/SE

elevadores  
[2] longitudinais internos

escadas  
[1] transversal e perimetral, em C s/ patamar

número de unidades  
10 UH

tamanho das unidades  
4 dormitórios: 226 m<sup>2</sup>

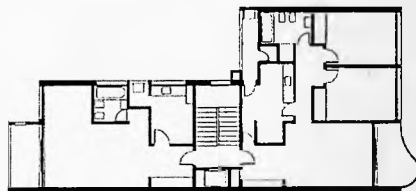


pavimento tipo | escala 1:300

fotos: Leon Liberman



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300



P1.F09

edifício  
**Barão de Limeira**

projeto e construção  
**Gregori Warchavchiki**

ano  
**1938 > 1940**

endereço  
Alameda Barão de Limeira, 1003  
Santa Cecília

contratante  
Gregori Warchavchik e Mirta Klabin

publicações  
Acrópole 35 [387-9] 1941:03  
Brazil Builds [118] 1942  
Arquitetura Moderna no Brasil [108] 1956  
Warchavchik 1925-40 [209-11] 1965

terreno  
506 m<sup>2</sup>] retangular [11x46 m]

taxa de ocupação  
35.5% [180 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2.3 [1.180 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco em L junto a 2 alinhamentos  
T+5] orientação NE/NO

elevadores  
[1] longitudinal e central

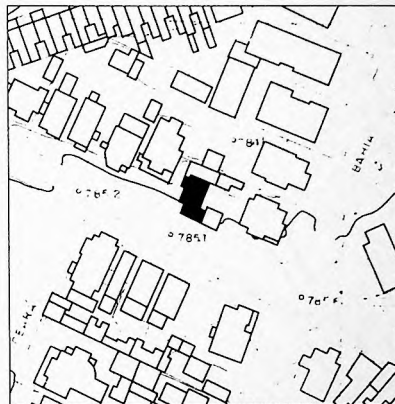
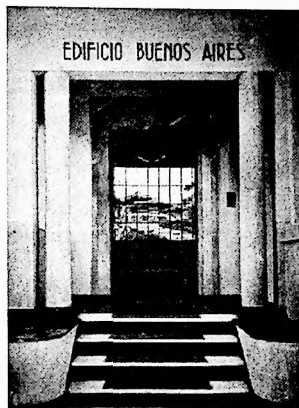
escadas  
[1] transversal e perimetral  
em 2 sentidos c/ patamar

estacionamento  
não possui

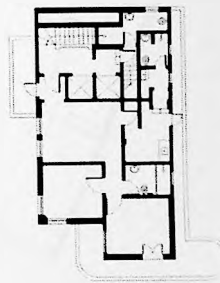
número de unidades  
12 UH

tamanho das unidades  
A [6] 2 dormitórios: 85.5 m<sup>2</sup>  
B [6] 1 dormitório: 42 m<sup>2</sup>

fotos: Hugo Zanetta  
redesenho: Maria do Carmo Vilanova



implantação | escala 1:2000



7º e 8º pavimentos | escala 1:300

# P1.F10

edifício  
**Buenos Aires**

projeto e construção  
**Lindenberg & Assumpção**  
Engenheiros Cívicos e Construtores

ano  
**1938**

endereço  
Rua Alagoas, 664  
Higienópolis

contratante  
Joaquim Pires Fleury

publicações  
Acrópole 53 (191-2) 1942:09

terreno  
352 m<sup>2</sup> | retangular [16x22 m]

taxa de ocupação  
41.2% [146 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2.4% [ 876 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre escalonada junto a dois alinhamentos  
T+8 | orientação N/S

elevadores  
[2] centrais e internos  
fiscalização industrial: 1437

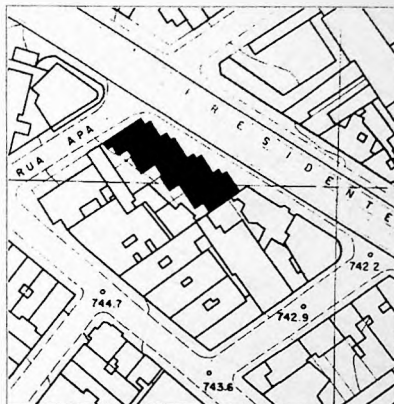
escadas  
[1] transversal, retilínea c/ quarto de volta

estacionamento  
[4 vagas] cobertas no recuo posterior

unidades de habitação  
8 UH

tamanho das unidades  
[7º andar] 3 dormitórios: 121 m<sup>2</sup>  
[8º andar] 2 dormitórios: 105 m<sup>2</sup>

fotos: Leon Liberman  
redesenho: Milton Braga



implantação | escala 1:2000

# P1.F11

edifício  
**Porchat**

projeto  
**Rino Levi**

ano  
**1940 > 1942**

endereço  
Av. São João, 2079-2091-2103  
R. Apa, 271  
Santa Cecília

contratante  
Família Porchat

publicações  
Politécnica 142 1943:05  
Engenharia Mackenzie 84 1943:10  
Anelli, Guerra e Kon [116-7] 2001

terreno  
1126 m<sup>2</sup> | irregular de esquina ( x m)

taxa de ocupação  
60% [656 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5.2% [ 5904 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edificação  
blocos geminados junto a dois alinhamentos  
T comercial + 8 | orientação NE/SO

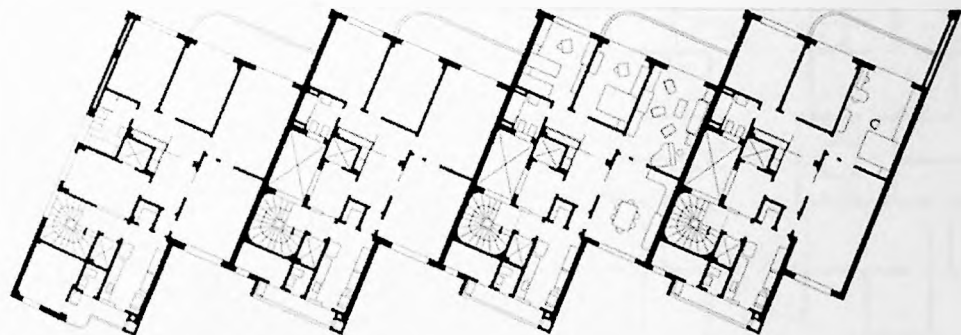
elevadores  
[4] longitudinais internos  
fiscalização industrial: 1592

escadas  
[4] perimetrais em ¾ de volta

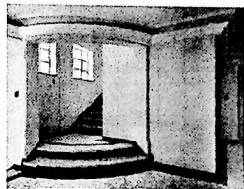
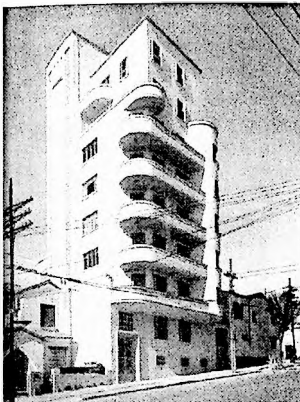
estacionamento  
não possui

número de unidades  
32 UH

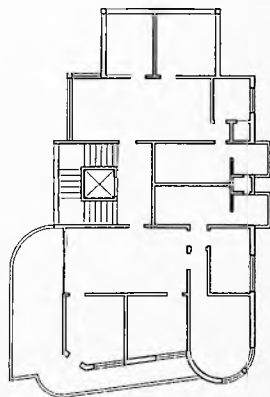
tamanho das unidades  
2 dormitórios: 100 m<sup>2</sup>



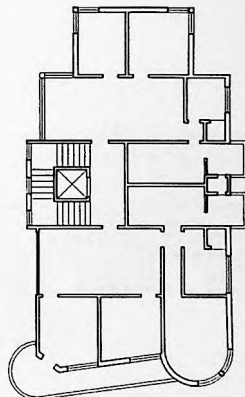
pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



1º pavimento



2º, 3º, 4º e 5º pavimentos | escala 1:300



P1.F12

edifício  
**Maria Tereza**

projeto e construção  
**S. Vitali**  
Escritório Técnico de Construções Cívicas

ano  
**1940>1943**

endereço  
Alameda Barros, 650  
Santa Cecília

engenheiro civil responsável  
Halley Bandeira da Silveira

publicações  
Acrópole 67 [199-200] 1943:11  
Revista Óculum 03 [72-7] 1993

terreno  
407 m<sup>2</sup> | lote regular

taxa de ocupação  
74% [249 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4.9% [ 1992 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
Torre, na base junto a dois alinhamentos  
T+7 | orientação

elevadores  
[1] transversal e interno

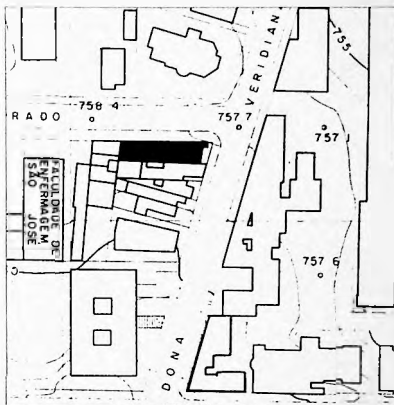
escadas  
[1] transversal e perimetral em C c/ dois patamares

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
16 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios : 87 m<sup>2</sup>

fotos: Acrópole  
redesenho: Óculum



implantação | escala 1:2000

# P1.F13

edifício  
**Dona Veridiana**

projeto e construção  
**Francisco Beck**

ano  
**1940**

endereço  
Rua Martinico Prado, 25  
Santa Cecília

publicações  
Acrópole 43 1941:11

terreno  
280 m<sup>2</sup> | retangular de esquina

taxa de ocupação  
86.4 % [242 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5.2% [1452 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar junto a 3 alinhamentos  
T+5 | orientação N/L/O

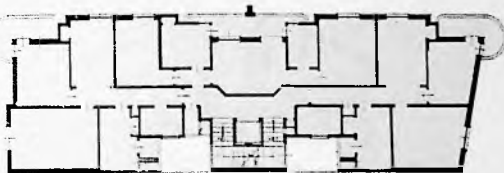
elevadores  
[1] central e interno

escadas  
[1] longitudinal e periférico  
em C c/ 2 patamares

estacionamento  
não possui

número de unidades  
12 UH

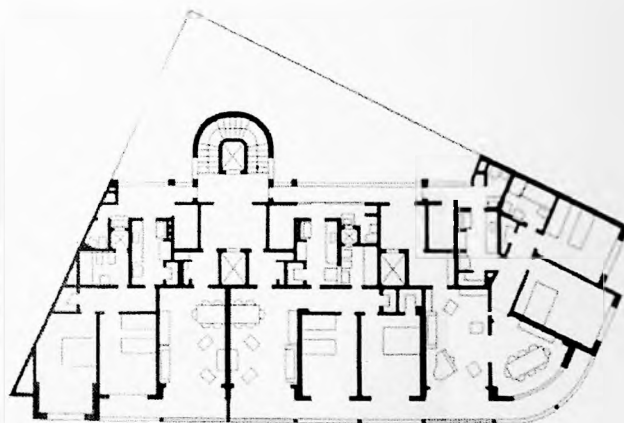
tamanho das unidades  
A [8] 2 dormitórios: 53 m<sup>2</sup>



1º ao 4º pavimento | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P1.F14

edifício  
**Trussardi**

projeto  
**Rino Levi**

ano  
**1941 > 1943**

endereço  
Avenida São João, 1050  
República

publicações  
AA 16 (p. 29) 1948:01  
Anelli, Guerra e Kon [50-1] 2001

terreno  
553 m<sup>2</sup> | lote irregular de esquina

taxa de ocupação  
78% [430 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
9.3 [5.160 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar delimitador de quadra  
T+11 | orientação SO/SE

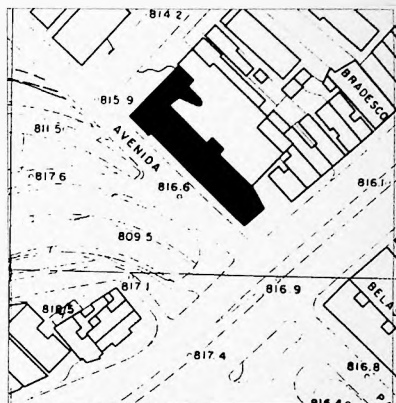
elevadores  
[3] centrais e internos  
fiscalização industrial: 1669

escadas  
[1] transversal, em C c/ patamares

estacionamento  
não possui

número de unidades  
33 UH

tamanho das unidades  
A [11] 2 dormitórios: 120 m<sup>2</sup>  
B [11] 2 dormitórios: 108 m<sup>2</sup>  
C [11] 2 dormitórios: 130 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000



P1.F15

conjunto residencial  
**IAPC Anchieta**

projeto  
**Marcelo Roberto  
Milton Roberto**

ano  
**1941 > 1943**

endereço  
Avenida Paulista, 2567  
Consolação

contratante  
Inst. de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes

terreno  
2.970 m<sup>2</sup> | lote irregular com 3 frentes

taxa de ocupação  
44% [1.011 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4,3 [12.331 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar em L, junto a 1 alinhamento  
T+Sobreloja+10 | orientação SO/NO

elevadores  
[5] 2 externos e 3 perimetrais

escadas  
[2] externas e longitudinais  
vinculadas às circulações de serviço

estacionamento  
[26 vagas] cobertas no interior do lote

número de unidades  
72 UH

tamanho das unidades  
A [12 duplex] 3 dormitórios: 105,5 m<sup>2</sup>  
B [10] 3 dormitórios: 102,5 m<sup>2</sup>  
C [50] 3 dormitórios: 97,5 m<sup>2</sup>

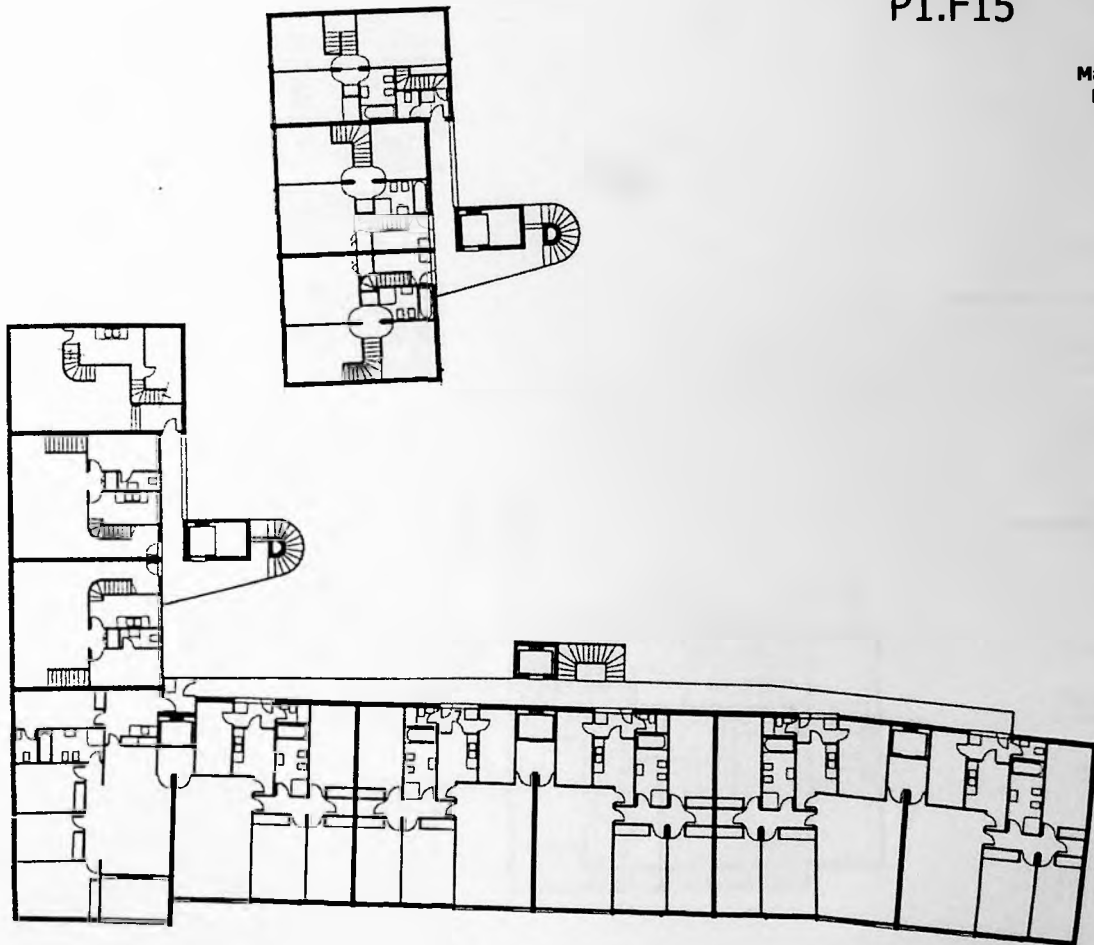
fotos: José Moscardi  
MF  
redesenhos: Maria do Carmo Vilarino

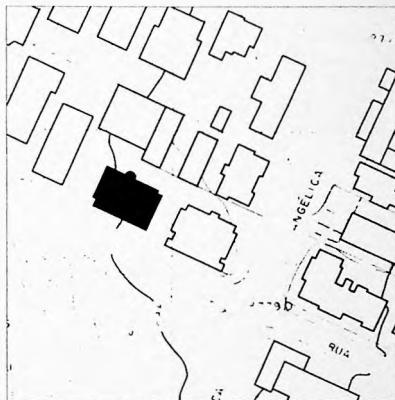
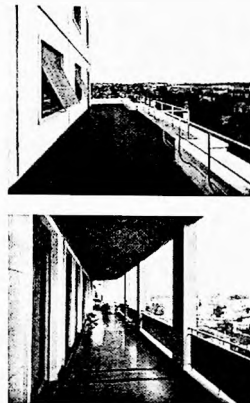
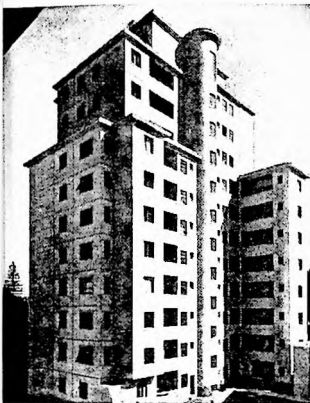
P1.F15

conjunto residencial  
**IAPC Anchieta**

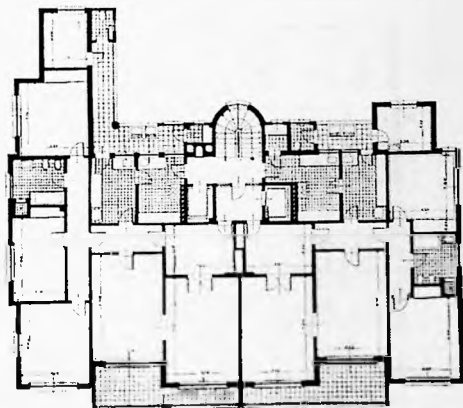
projeto  
**Marcelo Roberto**  
**Milton Roberto**

ano  
**1941 > 1943**





implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P1.F16

edifício  
**Santa Amália**

projeto  
**Lucjan Korngold**

ano  
**1942 > 1943**

endereço  
Rua Piauí, 760  
Higienópolis

contratante  
Conde André Matarazzo

construção  
Escritório Técnica Francisco Matarazzo Netto

publicações  
Acrópole 64 [93-9] 1943:08  
Architectural Forum [101] 1947:11

terreno  
1.525 m<sup>2</sup> | lote irregular

taxa de ocupação  
31% [470m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
3.2 [4.880 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre isolada  
T+10 | orientação N/S

elevadores  
[2] longitudinais e centrais

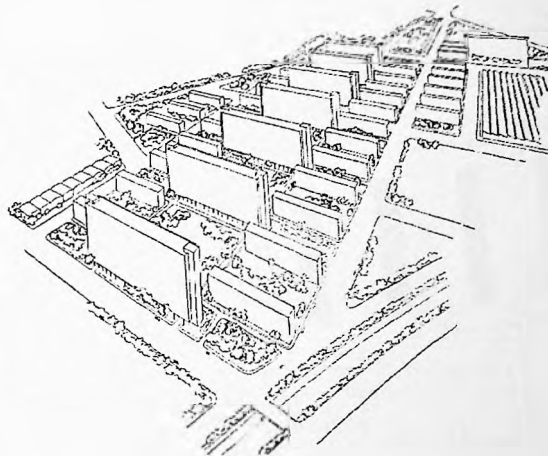
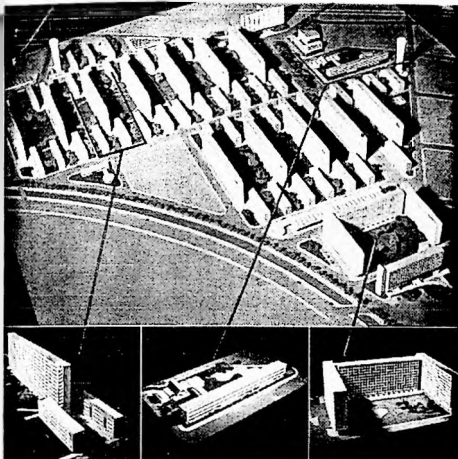
escadas  
[1] transversal e periférica  
em dois sentidos s/ patamar

estacionamento  
coberto no fundo do lote

número de unidades  
19 UH

tamanho das unidades  
A [8] 2 dormitórios: 152 m<sup>2</sup>  
B [8] 3 dormitórios: 178 m<sup>2</sup>

fotos: Leon Liberman  
desenho: revista Acrópole



# P1.F17 IAPI Várzea do Carmo

conjunto residencial

projeto

**Atílio Correa Lima**  
**engº Alberto de Mello Flores**  
**Hélio Uchôa Cavalcanti**  
**José Theodulo da Silva**

ano

**1942>1950**

endereço

Rua Leopoldo Miguez, 364-576  
 Várzea do Carmo

contratante

Inst. de Aposentadoria e Pensões dos Industriários

publicações

Revista Municipal de Engenharia [321-30] 1942:11  
 Revista Municipal de Engenharia [238-49] 1943:10  
 The Architectural Forum [102] 1947:11

terreno

70.000 m<sup>2</sup> | lote irregular

taxa de ocupação

14.5% [10.100 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento

0.6% (40.500 m<sup>2</sup> de área construída)

tipo de edifício

22 blocos laminares isolados  
 T+3 | orientação L/O

elevadores

não possui

escadas

[3] bloco B transversais em 2 sentidos c/ patamar  
 [4] bloco C transversais em 2 sentidos c/ patamar

estacionamento

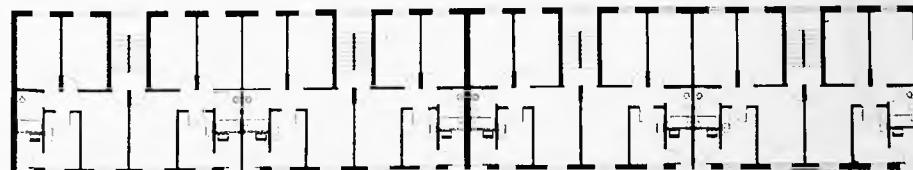
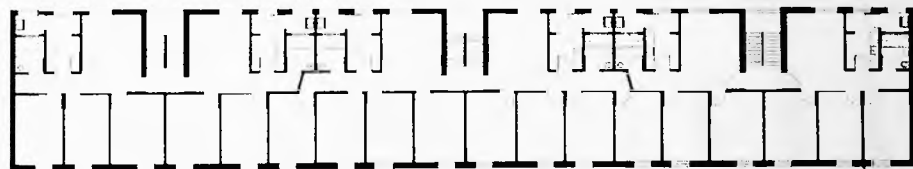
não previsto no projeto original  
 atualmente entre os blocos

número de unidades

600 UH (4.038 UH no projeto original)

tamanho das unidades

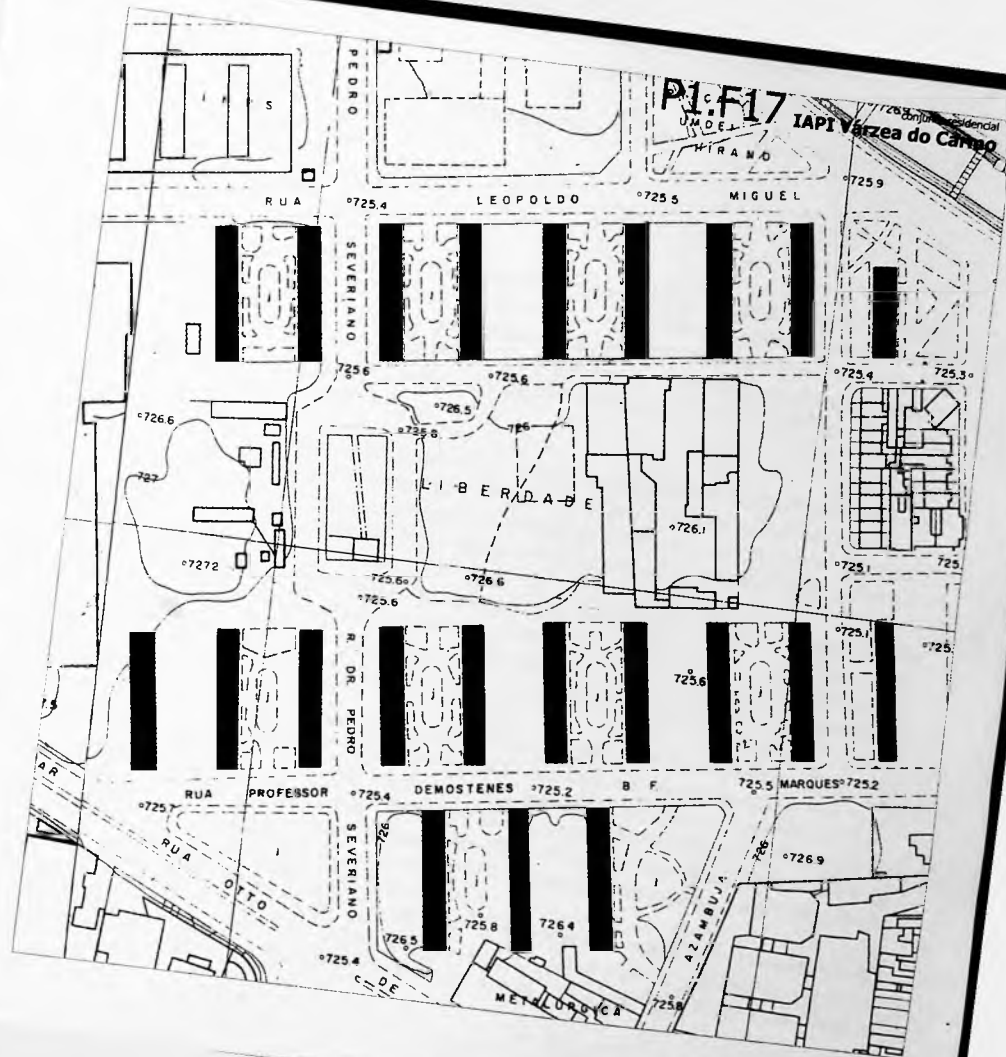
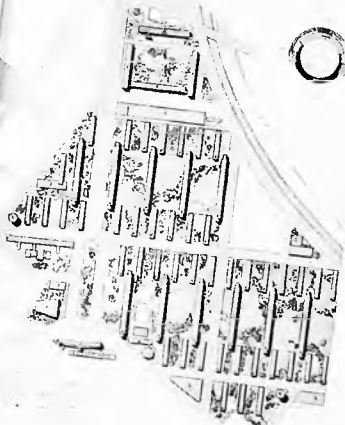
B [280] 3 dormitórios: 65 m<sup>2</sup>  
 C [320] 2 dormitórios: 48 m<sup>2</sup>



pavimento tipo blocos B e C | escala 1:300

fotos: Revista Municipal de Engenharia  
 MF  
 redesenho: Luciana Brasil

N.C



## 3 1928&gt;1942 [1º PERÍODO] TRANSIÇÃO E VERTIGINOSIDADE

*"Destá forma podemos considerar os anos trinta como importante etapa na definição dos rumos do capitalismo industrial no país, observando-se, no plano econômico, o deslocamento do eixo da economia do pólo agro-exportador para o pólo urbano-industrial e, no plano político, o esvaziamento da influência e do poder dos interesses ligados à preservação da preponderância do setor externo no conjunto da economia. O Estado Novo é um momento neste processo, representando a reafirmação da tendências autoritárias presentes desde o início, não só no ideário político, como também na atuação concreta de expressivos setores da liderança revolucionária".<sup>1</sup>*

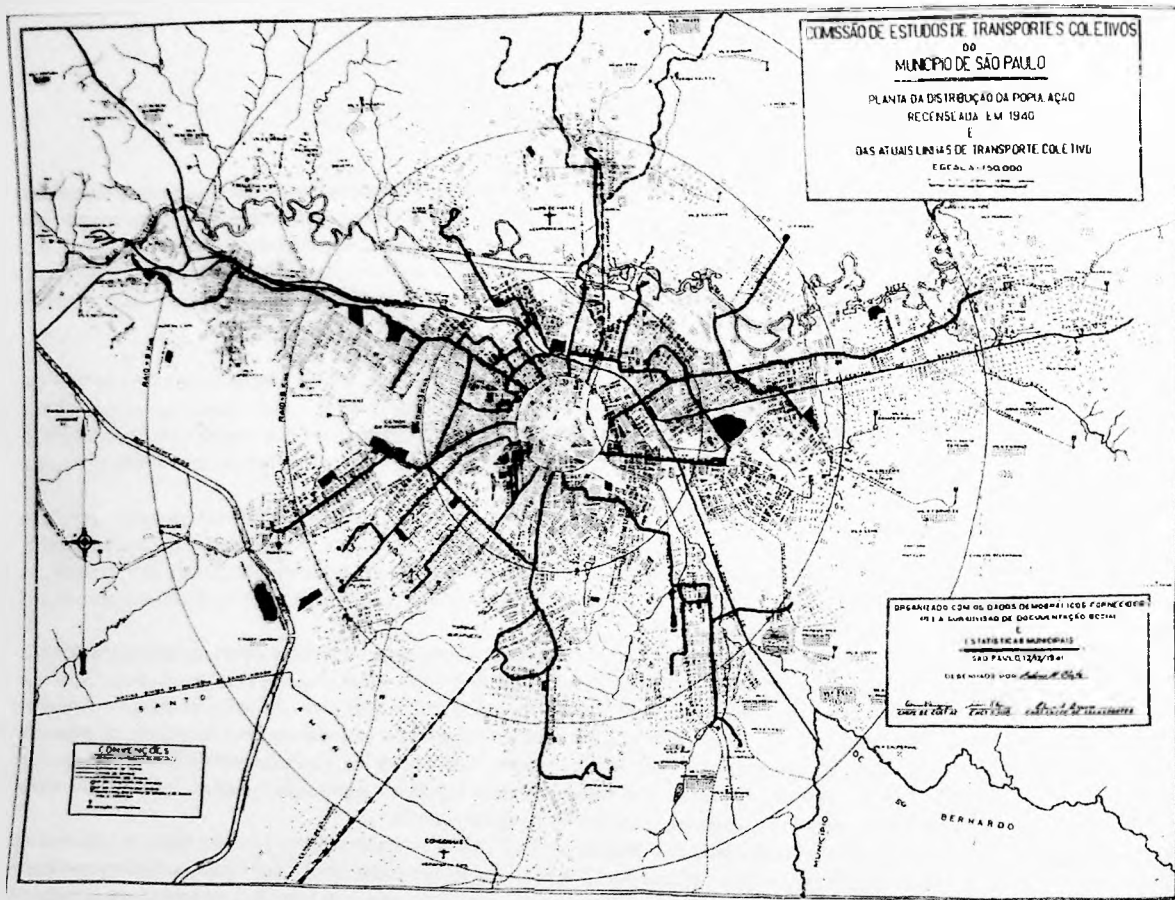
O Brasil ingressa no século XX após o fim da longa transição da Monarquia para a República que começa em 1889 e só termina em 1930. Assim, o que se chama de modernidade é fruto de um longo e difícil processo que envolveu diversas gerações. O final desse período de transição que corresponde às décadas de 20 e 30, no Brasil e no mundo, representa o período de maior efervescência intelectual do século XX. Foram reestruturados os conceitos referentes à Política, Economia, Filosofia, Cultura e Arte.

*"Do mesmo modo, a passagem do rural para o urbano, do agrário para o industrial, do aristocrático para o popular, do importado para o nacional, enfim, do "arcaico" para o "moderno", consumiu anos e, em alguns aspectos, se arrasta até hoje".<sup>2</sup>*

A modernidade paulistana foi catalisada através da pintura, já na segunda década do século XX, e de certa maneira às ferozes críticas provocadas pela 2ª exposição de Anita Malfatti em São Paulo (dezembro de 1917) indicaram um ponto inicial do movimento moderno no Brasil.

Na ocasião, a jovem artista de 21 anos, recém chegada de uma viagem de formação intelectual e artística pela Alemanha e Estados Unidos estabeleceu um confronto. Não tinha provavelmente a dimensão do ato e muito menos a pretensão de uma atitude deflagradora, mas é através de suas obras que se dá o cotejo entre jovens intelectuais da sociedade paulistana<sup>3</sup> solidários à pintora e ao academismo local. Este debate entorno do caráter provinciano do meio cultural paulistano propiciou a configuração de um grupo modernista composto de artistas plásticos e literatos. A primeira manifestação coletiva desse grupo foi a Semana de Arte Moderna de 1922. Tratava-se, antes de tudo, de uma manifestação de protesto, de um desafio à opinião pública, revestido em sua essência crítica de um certo caráter anárquico.

No final da década de 20 a cidade de São Paulo caminhava rapidamente para o primeiro milhão de habitantes e já apresentava uma superfície próxima dos 130 km<sup>2</sup>. As grandes intervenções urbanas deste momento histórico modificavam radicalmente o meio-ambiente, e o Rio Tietê com sua extensa várzea, além de ter fornecido a areia para construir metade da



cidade que hoje existe<sup>4</sup>, sofreu transformações irreversíveis através das obras de canalização e retificação. [Figura 3.1]

O rápido crescimento demográfico suscitou uma grande demanda habitacional na cidade. Aliada à elevação do valor da terra no centro histórico, gera em São Paulo as primeiras soluções de verticalização das habitações, embora isso representasse um hábito totalmente estranho ao repertório cultural do usuário potencialmente pretendido por esses comedimentos pioneiros. Com o estímulo da verticalização, os empreendedores iniciaram neste primeiro momento a construção para venda e não para aluguel, como era a prática predominante. Foi somente em 1928, com a promulgação da Lei Federal nº 5841/28, que o presidente Washington Luis estabeleceu bases jurídicas para a divisão horizontal da propriedade e a conseqüente regulamentação dos condomínios verticais. Os edifícios de apartamentos se concentraram no centro e representaram na sua absoluta maioria um bom investimento para as famílias vinculadas à monocultura do café.

### 3.1 Olhar Estrangeiro: Le Corbusier e a proposta para São Paulo de 1929

Entre setembro e dezembro de 1929, Le Corbusier visita a Argentina, o Uruguai e o Brasil, sobrevoando parte do território sul-americano, proferindo palestras e estabelecendo contatos em Buenos Aires, Montevideú, São Paulo e Rio de Janeiro. Na volta à Europa, organiza um sumário das palestras e de algumas propostas urbanas, editadas no livro *Précision sur un état présent de l'Architecture et de l'Urbanisme*. Ao contrário dos livros anteriores, Le Corbusier não é didático nem tampouco doutrinador, apresenta uma espécie de tributo ao Novo Mundo, inspirado pela escala e esplendor da paisagem. Os projetos apresentados são partidários desse sentimento, mostrando um urbanismo épico, em resposta aos desafios da natureza.

Os esquemas anteriores parecem-lhe demasiado rígidos e estritamente teóricos, sem a vitalidade e a flexibilidade necessárias para responder às condições naturais, culturais e sócio-econômicas tão distintas. As novas respostas consistem em partidos urbanísticos diagramáticos e sintéticos, de grande força, clareza e simplicidade conceitual, quase gestos épicos sobre a paisagem.

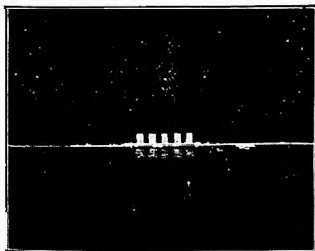
*"O curso dos rios nessas planuras sem fim ilustra serenamente a implacável conseqüência da física: a lei da linha de maior inclinação; se tudo for plano, é a vez do comovente teorema do meandro".<sup>5</sup>* [Figura 3.2]

O teorema ou "lei do meandro" elaborado por Le Corbusier, surgiu da experiência de sobrevoar a exuberante natureza sul-americana. Ele compara o fenômeno natural dos meandros dos rios ao desenvolvimento cíclico do pensamento criador e este teorema foi desenvolvido durante as conferências em São Paulo e no Rio de Janeiro como ilustração teórica das propostas de transformações urbanas imaginadas por ele.

Em Buenos Aires, primeira parada, aproveitando as avenidas e diagonais convergindo para o porto, propõe a utilização da margem do rio como centro cultural, administrativo e comercial; redesenha o porto e faz a projeção monumental de cinco



3.2



3.3

torres gêmeas sobre o Rio da Prata [Figura 3.3], numa antevisão poética e majestosa da borda fluvial urbana de uma metrópole-porto. Em Montevidéu, segunda parada, propõe uma superestrutura linear [Figura 3.4] sobre o divisor de águas da península, cruzando ortogonalmente em outra versão do projeto, culminando com um gigantesco “edifício-pier” projetado sobre o porto.

Chega a São Paulo em novembro e faz duas conferências: uma sobre arquitetura e outra sobre urbanismo. Sobre elas registra em anotações de viagem: “Segunda conferência URB. “esplêndida; magistral; incomparavelmente melhor que a primeira sobre arquitetura”. etc. Na primeira acreditei poder contar com o espírito criativo do público. Era portanto pedir muito. Fui deliberadamente preciso, exato, sem frases, técnico, ascensional”<sup>6</sup>. Entre outros, estavam presentes certamente Warchavchick e Anhaia Mello. Mas as atenções de Le Corbusier recaíram sobre os jovens intelectuais paulistas:

“Os jovens de São Paulo expuseram-me sua tese: somos “antropófagos”; a antropofagia não era um hábito glutão; era um rito esotérico, uma comunhão com as melhores forças. A refeição era frugal; havia de cem a quinhentos comendo a carne do guerreiro capturado. Esse guerreiro era valoroso. Comera a carne dos próprios guerreiros de sua tribo. Logo, comendo sua carne, assimilava-se a carne mesma de seus ancestrais”<sup>7</sup>.

Sobre a cidade de São Paulo posteriormente revisando suas anotações de viagem escreve: “...situada num planalto de 800 metros de altitude, cidade inconcebível, tanto parece envelhecida prematuramente, apesar de seu arranha-céu e seus grandes bairros recém-construídos – São Paulo agita-se”<sup>8</sup>.

Graças à influência de seu amigo Paulo Prado, articulador da sua passagem pelo Brasil, foi recebido oficialmente pela Câmara Municipal, pelo Prefeito José Pires do Rio e pelo Presidente eleito Júlio Prestes. Sobre este encontro escreveria posteriormente: “No escritório do prefeito de São Paulo, examino com curiosidade o mapa da cidade, meandros significativos. Eis o que é pertinente: estas ruas sinuosas passam sob outras, construídas em forma de viadutos. “Vocês estão, disse eu ao prefeito, numa instância de crise de circulação?”

Com um aguçado olhar estrangeiro, Le Corbusier identifica com assombro o crescimento vertiginoso do núcleo urbano, “quase de uma só vez”<sup>9</sup>, e destaca que o diâmetro da cidade naquele momento já se estendia por 45 quilômetros. Apesar da verticalidade ser naquele momento um fato cotidiano, São Paulo jamais superou a sua vocação pela horizontalidade; o problema da cidade sempre se concentrou em superar as distâncias e a geografia.

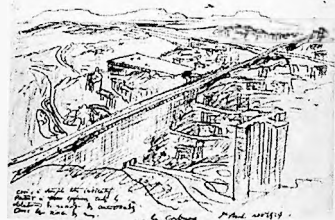
“No centro geográfico – como sempre – eis que não se circula mais. Por que? Porque como de hábito, os escritórios invadiram as casas, porque demoliram as casas para construir prédios, até mesmo um arranha-céu.<sup>10</sup>

Ora, São Paulo, a perder de vista, é um somatório de montes...

Mas desembarcando em São Paulo, e vendo pendurada na parede do gabinete do prefeito esta imagem de ruas embaralhadas, passando, às vezes, umas sobre as outras; medindo, por outro lado, o enorme diâmetro da cidade, pude exclamar: “vocês tem uma crise de circulação; não podem ligar rapidamente uma cidade com quarenta e cinco quilômetros de diâmetro construindo ruelas neste dédalo”...

Propus o seguinte aos meus amigos de São Paulo:

A origem dessas estradas que se encontram no centro da cidade vem de muito longe: Santos, Rio de Janeiro, etc. O



diâmetro urbano da cidade é extremamente alargado: 45 quilômetros. Vocês constroem auto-estradas; por enquanto, estando coladas ao solo, elas sofrem sua influência.

*Se fizéssemos isto: construir, de colina a colina, de pico a pico, uma régua horizontal de 45 quilômetros, depois uma segunda, em ângulo quase reto, para servir os outros pontos cardeais. Estas régua retilíneas são auto-estradas de grande penetração na cidade, na realidade de grande travessias... Estas auto-estradas que lhes proponho são viadutos, construídos sobre estruturas de concreto armado que constituirão escritórios no centro e habitação na periferia. O volume desses escritórios e dessas habitações será imenso, de acordo com o espírito do tempo; trata-se portanto de uma magnífica valorização. Um projeto preciso, um edital. Operação já descrita.*

*Como traços, os automóveis atravessarão a aglomeração super-extensa. Do nível superior das auto-estradas, descirão até as ruas. Os fundos dos vales não serão construídos, mas deixados livres para o esporte e para o estacionamento dos veículos de pequena circulação. Ai serão plantadas palmeiras ao abrigo dos ventos. Aliás, vocês já criaram um começo de parque arborizado, e para automóveis, no centro da cidade".<sup>11</sup>*

*Para vencer as sinuosidades do planalto acidentado de São Paulo, pode-se construir as auto-estradas em nível, sustentadas por "arranha-terras".*

*Que aspecto magnífico tomaria todo o local!... Existe algo de mais elegante do que a linha pura de um viaduto no meio de um sítio movimentado, e de mais variado que suas sub-estruturas enterrando-se nos vales ao encontro do solo?"<sup>12</sup>* [Figura 3.5]

Para São Paulo, sugere o cruzamento de dois eixos monumentais, organizando através de mega-estruturas lineares e ortogonais o crescimento da cidade rádio-concêntrica, como se fosse uma gigantesca bússola edificada. Por não ter a referência geográfica do confronto entre a água e a terra como em Buenos Aires, Montevideú e Rio de Janeiro, Le Corbusier constrói essa referência, reconstituindo a geografia. Nitidamente influenciado [Figura 3.6] pelo Edifício FIAT Lingotto<sup>13</sup> [1926>28], de Giacomo Matté Trucco em Turim [Figura 3.7], Le Corbusier idealiza, a partir da resolução das novas infra-estruturas urbanas, um novo sistema viário elevado a uma posição de destaque na hierarquia urbana.

Para o Rio de Janeiro, quarta e última parada, parece reservar o plano mais ambicioso e de maior impacto da série [Figura 3.8]. Na chegada, esmagado pela beleza, imposição e força da paisagem, dúvida da possibilidade de solução urbanística nessa escala. Do ar, a bordo de um avião, a vista panorâmica influencia a clareza do plano. O Rio de Janeiro é visto como uma cidade linear natural, prensada entre o mar e as montanhas. O partido resulta no traçado de uma mega-estrutura linear sinuosa, com a cornija alinhada pela cota 100, com cerca de 6 km de extensão, serpenteando pelos vales, enseadas e morros, unificando soluções de tráfego, residência e infra-estrutura num sítio difícilíssimo, liberando a cidade existente e a paisagem.

A mega-estrutura abriga 15 pisos, ou *solos artificiais*, para uso residencial – podendo alojar 90 mil pessoas – sob a autopista e sobre pilotis contínuos, favorecendo a adaptação às contingências topográficas. Um tramo desvia-se em ponte na direção de Niterói, prenunciando a futura ligação. São previstos um aeroporto internacional, uma cidade universitária e um centro de negócios junto à cidade antiga e ao porto, e uma série de *arranha-céus cartesianos* em forma de pés de galinha



3.6

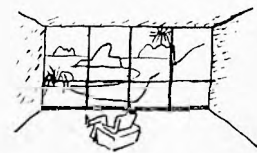
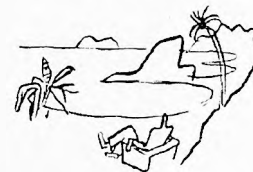
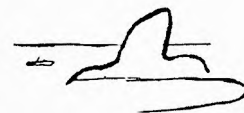
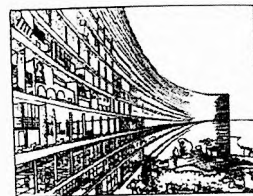
3.7

3.8

espalhados pelos interstícios.

Esta proposta conduziu diretamente aos projetos para Argel, desenvolvidos entre 30 e 42. O primeiro deles previa igualmente uma mega-estrutura linear abrigo de residências e autopista, em toda a extensão da "corniche" de Argel, e levou o nome de *Plan Obus* [Figura 3.9], em função, ao que parece, de seu traçado côncavo ao redor da enseada assemelhar-se à trajetória de um projétil. A autopista não estava no topo, como no plano para o Rio, e sim no meio, com seis pisos abaixo e 12 acima. Cada piso possuía 5 metros de altura, permitindo ao usuário a edificação de unidades de dois pisos como julgasse mais apropriado. Um desenho famoso ilustra essa possibilidade, indicando um cardápio bastante aberto de estilos que variavam do árabe ao moderno. De forma surpreendente para o caráter dogmático do arquiteto, ele antecipa propostas das décadas de 60 e 70, de participação e apropriação individual do usuário sobre uma estrutura flexível de suporte. Seu preenchimento deveria ser progressivo, abrigo de até 180 mil habitantes quando completamente ocupada.

O contato com o trópico humaniza e descontrai o mestre. Depois desse encontro, como diz Fernando Perez Oyarzun: "nenhum dos dois voltará a ser o mesmo"<sup>14</sup> [Figura 3.10]



### 3.2 O purismo sereno de Júlio de Abreu [P1.F01: 1927>1935]

Esta é sem dúvida uma das obras mais enigmáticas de toda a arquitetura brasileira [Figura 3.11]. A partir da publicação no livro *Arquitetura Moderna Paulista* de Xavier, Lemos e Toledo este edifício projetado por Júlio de Abreu Jr. [P1.F01:1927>35] e localizado na Av. Angélica, assume a condição de primeira construção moderna na cidade de São Paulo. Segundo depoimento escrito de próprio punho pelo arquiteto, aos 83 anos, à Alberto Xavier ele afirmava:

*"Construí para o Conde Sylvio Álvares Penteado (1923) e para sua Exma. Mãe assim como para o Conde Francisco Matarazzo e seu filho e para mais de 90 outros, edifícios entre (1921-1929) que me parecem mais valiosos que a modesta casa da Av. Angélica projetada em 1927".*<sup>15</sup>

Hugo Segawa também escreveria: *"No ano em que Gregori Warchavchik iniciava as obras de sua primeira residência modernista, Júlio de Abreu Júnior (n. em 1895) concluía um edifício de seis pavimentos na avenida Angélica em São Paulo".*<sup>16</sup>

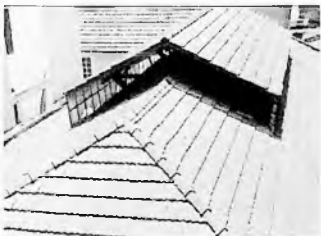
Chama a atenção Abreu Jr. considerar mais valiosa toda a sua produção paulista da década de 20 do que o Edifício da Av. Angélica. Chama também a atenção o termo *"modesta casa"* utilizado pelo arquiteto na carta. Não se trata de uma "casa" e o adjetivo *"modesta"* tampouco se aplica, principalmente naquela época para uma construção de sete pavimentos. Mas, considerando que não há engano, e que se trate de fato do edifício em questão, é importante ressaltar que ele usa o termo *"projetada"*. Ressalta-se isso, por que se realmente o projeto é de 1927, a sua obra não se inicia antes de 1930. Pode-se afirmar isso verificando a base cartográfica Sara Brasil de 1930, [Figura 3.12] onde o lote correspondente se encontra



3.11



3.12



3.13

desocupado. Além disso, outro dado que deve ser considerado é o número do registro do elevador na Prefeitura Municipal. Consta no único e original elevador o nº 766 da fiscalização industrial.

Já, no Edifício Santo André [Pl. F05:1935], por exemplo, de Pilon e Matarazzo Neto o elevador de serviço possui o registro nº 695 da fiscalização industrial. Portanto, o Edifício de Júlio de Abreu Jr. foi finalizado posteriormente ao Edifício Santo André, o que na melhor das hipóteses poderia ter acontecido no mesmo ano de 1935 e nunca antes.

Por tanto, parece impróprio considerá-lo anterior à Residência da Rua Santa Cruz que Warchvchik projetou e construiu no Bairro de Vila Mariana entre 1927 (ano de seu casamento com Mina Klabin, em 1928). No livro de Geraldo Ferraz<sup>17</sup> constam numerosos extratos da imprensa da época, acompanhados de abundante material fotográfico da famosa casa moderna.

Isso não diminui o interesse e a importância deste edifício. Ao contrário, ele representa sob o ponto de vista estético-funcional, uma completa inovação dos padrões referenciais de pensar a habitação coletiva. Mesmo posterior à data inicialmente creditada, é sensibilizante o raciocínio purista neste edifício, inserido em um contexto novo e em transformação. Representa uma resposta decididamente moderna sobre habitação coletiva em relação à regulamentação urbana vigente na época, claramente conservadora e inconsciente das exigências específicas do habitar coletivo. Longe de especular sobre o edifício isolado como resposta tipológica, constrói a cidade tradicional com serenidade. O gabarito da quadra é mantido, o edifício concebido no alinhamento da testada do lote e colado às divisas laterais do terreno.

A base também apresenta questões peculiares, além do acesso central para as unidades de habitação, há outros dois acessos: à direita, para um pequeno salão comercial, e à esquerda, para a parte posterior do terreno, que surpreendentemente se encontra totalmente coberta. Este grande salão apresenta uma solução estrutural habitual para a época, como as utilizadas para galpões industriais [Figura 3.13]. Um espaço não concebido para estacionamento, mas para provavelmente ser arrendado por pequenas oficinas.

Júlio de Abreu optou por não construir – como tradicionalmente se fez durante muito tempo – unidades habitacionais no térreo. Utilizou a base do edifício para, através de um pé direito generoso, locar ali comércio e serviços.

A formação europeia do arquiteto<sup>18</sup> se faz presente também na decisão de adotar a sala como articuladora do apartamento. Não há corredores, todos os percursos são feitos pela sala central. Outras peculiaridades tornam este edifício singular, como a opção pela orientação dos cômodos. As áreas de serviço foram voltadas para a rua (face nordeste) e os dormitórios para o generoso recuo posterior (sudoeste), demonstrando para a época uma rara preocupação higienista.

As dependências de empregada foram localizadas na cobertura do edifício de maneira independente. Júlio de Abreu Jr. optou pelo escalonamento e ligeiro recuo dos cômodos, dividindo-os em três partes iguais [Figura 3.14]. Desta maneira, o coroamento do edifício se relaciona dinamicamente com a fachada principal, que também é estruturada verticalmente em três partes.

Também os vazios contínuos dos terraços e das ventilações da cozinha [Figura 3.15] contrastam claramente com as superfícies predominantemente cegas dos banheiros. Tudo isso assegura ao edifício uma clara composição tridimensional. Paulo Mendes da Rocha, ao escrever sobre o projeto do Edifício Aspen [1986] relata: *“Perfurando a parede-cortina há vários*

recessos, onde se vêem os vãos mas não as esquadrias...Varandas e vãos reentrantes e todas as aberturas dão a sensação de buracos, de volumes esculpidos. Como no edifício de Julio de Abreu na avenida Angélica, uma das obras modernas brasileiras mais interessantes".<sup>20</sup> [Figura 3.16]

O edifício apresenta-se hoje em um estado bastante deteriorado, e com a pintura encobrindo o acabamento original, executado em massa raspada cinza, com inclusão de mica, não sendo mais utilizado para uso residencial.<sup>20</sup>

### 3.3 O protomodernismo paulista e o "continuum edificado"

*"É digno de nota o movimento que se manifesta hoje nas artes e principalmente na arquitetura. Tudo faz crer que uma nova era está para surgir, se já não está encaminhada"*<sup>21</sup>

Trata-se de uma fase de transição, claramente delimitada temporalmente e com características muito precisas. Situada na sobreposição histórica do final do dogmatismo da Academia e do início do pragmatismo Moderno, o protomodernismo sofreu a influência de ambos e produziu seus melhores exemplares nas décadas de 30 e 40 apresentando associação de elementos neoclássicos, modernos e até mesmo neocolônias. Incorporou também influências do Art Decó e do expressionismo alemão. *"O Art Decó foi o suporte formal para inúmeras tipologias arquitetônicas que se afirmavam a partir dos anos de 1930"*.<sup>22</sup>

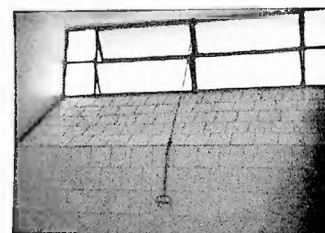
Longe de parecer um mosaico, o protomodernismo é o espírito do seu tempo. *"Frequentemente qualificados como aprazíveis e agradáveis, tranqüilos sem serem monótonos e movimentados sem parecerem caóticos..."*<sup>23</sup>

O protomodernismo leva em consideração a sua condição complementar do espaço já constituído. Prioriza a unidade compositiva urbana, com uma correta apreensão da noção de "continuum" edificado<sup>24</sup> que caracteriza o ambiente urbano, o respeito e o entendimento da cidade histórica e da tradição da "rua-corredor" como elemento definidor do espaço urbano. O edifício nunca é pensado isoladamente; o contexto é determinante e definidor onde alinhamentos e gabaritos originam a unidade das quadras. As edificações são projetadas evitando os recuos, no alinhamento da calçada, colada às divisas laterais do lote. A arquitetura resultante é limitada, muitas vezes bidimensional, controlada pelas normas urbanísticas que garantem a unidade de uma desejada cidade "oitocentista" européia.

Pode-se exemplificar o protomodernismo paulista através dos Edifícios Columbus [P1.F02: 1930>1934] [Figura 3.17], Nicolau Schiesser [P1.F03: 1933>1934] [3.18], Hygienópolis [P1.F05: 1935>1936] [3.19], Guarany [P1.F07: 1936>1942] [3.20] e Porchat [P1.F11: 1940>1942] [3.21] de Rino Levi, Santo André [P1.F06: 1935] [3.22] de Jacques Pilon e Francisco Matarazzo Neto, Augusto Barreto [P1.F08: 1936] [3.23] de Barreto e Xande, Barão de Limeira [P1.F09: 1938>1940] [3.24] de Gregori Warchavchik, Buenos Aires [P1.F10: 1938] [3.25] de Lindenber e Assumpção, Maria Tereza [P1.F12: 1940>1943] [3.26] de S. Vitali, Dona Veridiana [P1.F13: 1940] [3.27] de Francisco Beck e Santa Anália [P1.F16: 1942>1943] [3.28] de Lucjan Korngold.



3.16



3.17



3.18



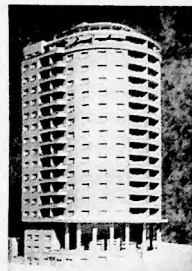
3.17



3.18



3.19



3.20



3.21



3.22



3.23



3.24



3.25



3.26



3.27



3.28

recessos, onde se vêem os vãos mas não as esquadrias...Varandas e vãos reentrantes e todas as aberturas dão a sensação de buracos, de volumes esculpidos. Como no edifício de Júlio de Abreu na avenida Angélica, uma das obras modernas brasileiras mais interessantes".<sup>19</sup> [Figura 3.16]

O edifício apresenta-se hoje em um estado bastante deteriorado, e com a pintura encobrindo o acabamento original, executado em massa raspada cinza, com inclusão de mica, não sendo mais utilizado para uso residencial.<sup>20</sup>

### 3.3 O protomodernismo paulista e o "continuum edificado"

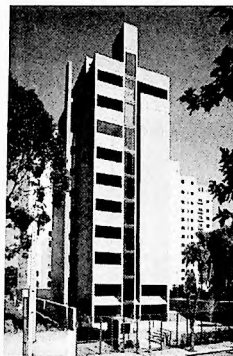
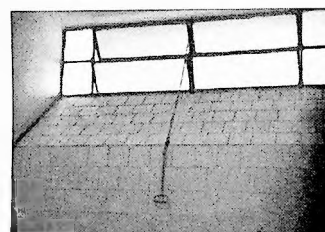
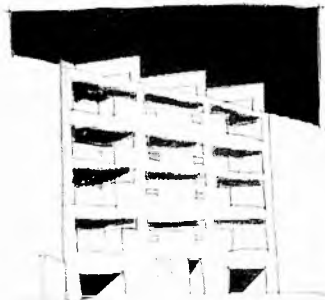
*"É digno de nota o movimento que se manifesta hoje nas artes e principalmente na arquitetura. Tudo faz crer que uma nova era esta para surgir, se já não está encaminhada".<sup>21</sup>*

Trata-se de uma fase de transição, claramente delimitada temporalmente e com características muito precisas. Situada na sobreposição histórica do final do dogmatismo da Academia e do início do pragmatismo Moderno, o protomodernismo sofreu a influência de ambos e produziu seus melhores exemplares nas décadas de 30 e 40 apresentando associação de elementos neoclássicos, modernos e até mesmo neocoloniais. Incorporou também influências do Art Decó e do expressionismo alemão. *"O Art Decó foi o suporte formal para inúmeras tipologias arquitetônicas que se afirmavam a partir dos anos de 1930".<sup>22</sup>*

Longe de parecer um mosaico, o protomodernismo é o espírito do seu tempo. *"Frequentemente qualificados como aprazíveis e agradáveis, tranquilos sem serem monótonos e movimentados sem parecerem caóticos...".<sup>23</sup>*

O protomodernismo leva em consideração a sua condição complementar do espaço já constituído. Prioriza a unidade compositiva urbana, com uma correta apreensão da noção de "continuum" edificado<sup>24</sup> que caracteriza o ambiente urbano, o respeito e o entendimento da cidade histórica e da tradição da "rua-corredor" como elemento definidor do espaço urbano. O edifício nunca é pensado isoladamente; o contexto é determinante e definidor onde alinhamentos e gabaritos originam a unidade das quadras. As edificações são projetadas evitando os recuos, no alinhamento da calçada, colada às divisas laterais do lote. A arquitetura resultante é limitada, muitas vezes bidimensional, controlada pelas normas urbanísticas que garantem a unidade de uma desejada cidade "oitocentista" europeia.

Pode-se exemplificar o protomodernismo paulista através dos Edifícios Columbus (P1.F02: 1930>1934) [Figura 3.17], Nicolau Schiesser (P1.F03: 1933>1934) [3.18], Hygienopolis (P1.F05: 1935>1936) [3.19], Guarany (P1.F07: 1936>1942) [3.20] e Porchat (P1.F11: 1940>1942) [3.21] de Rino Levi, Santo André (P1.F06: 1935) [3.22] de Jacques Pilon e Francisco Matarazzo Neto, Augusto Barreto (P1.F08: 1936) [3.23] de Barreto e Xande, Barão de Limeira (P1.F09: 1938>1940) [3.24] de Gregori Warchavchik, Buenos Aires (P1.F10: 1938) [3.25] de Lindenberg e Assumpção, Maria Tereza (P1.F12: 1940>1943) [3.26] de S. Vitali, Dona Veridiana (P1.F13: 1940) [3.27] de Francisco Beck e Santa Amália (P1.F16: 1942>1943) [3.28] de Lucjan Korngold,





3.17



3.18



3.19



3.20



3.21



3.22



3.23



3.24



3.25



3.26



3.27



3.28

## Rino Levi, o Edifício Columbus e outras experimentações

*“Seu exterior não foi propriamente uma aplicação do moderno perretiano, mas tributário do racionalismo italiano fortemente despojado: paredes lisas revestidas com argamassa de cimento branco, cal, areia, grãos de mármore, granito, quartzo e mica (acabamento largamente empregado na época), balcões curvos, os indispensáveis pormenores pela manutenção dos muros (peitoris, pingadeiras) e algumas aplicações de gosto Deco no terreiro qualificam as formas simples da obra; simplesmente, entretanto, sem perda de dignidade – destoando do rebuscamento decorativo típico da ocasião. O Columbus está muito mais para conteúdos racionalistas que preocupações de fachadas Deco.”<sup>23</sup>*

Rino Levi está presente nos quatro períodos de estudo deste trabalho e é o único arquiteto que participa de todas as fases até a consolidação do movimento moderno em São Paulo. De toda sua extensa produção, é no 3º Período [1928>1942] que concentra-se o maior número de projetos de habitação coletiva. [Figura 3.29]

Sua participação no processo de “metropolização” da cidade de São Paulo é extremamente representativa deste período de transição [Figura 3.30]. Dentro do entendimento das vertiginosas transformações urbanas, condicionadas pela introdução de iniciativas legais para redesenhar e verticalizar a cidade, Rino Levi ainda de maneira individual oferece um conjunto de edificações altamente significativo pela quantidade e qualidade. Foram escolhidos dentro deste 3º Período os Edifícios Columbus [P1.F02: 1930>1934], Nicolau Schiesser [P1.F03: 1933>1934], Hygienopolis [P1.F05: 1935>1936], Guarany [P1.F07: 1936>1942], Porchat [P1.F11: 1940>1942] e Trussardi [P1.F14: 1941>43].

*“Os projetos de edifícios de apartamentos e de escritórios realizados por Rino Levi não podem ser entendidos isoladamente, pois dialogam com a concepção de verticalização da cidade implementada pelo poder público. Constroem uma nova volumetria urbana, aproximando-se dos prédios vizinhos, quando exigido, ou, quando possível, isolando-se em torres e edifícios laminares mais adequados aos preceitos modernos.”*

*Não configuravam apenas objetos maciços para serem vistos à distância. Exploravam a posição dos espaços internos em cotas mais elevadas, capazes de conferir a seus habitantes a observação privilegiada de como a cidade se expandia pelo território. Obedeceu a essa intenção o desenvolvimento da organização da estrutura espacial interna e o aumento progressivo da transparência das fachadas.”<sup>24</sup>*

O Edifício Columbus [P1.F02: 1930>1934] representa a primeira grande obra de Rino Levi [Figura 3.31]. Como defende Renato Anelli<sup>27</sup>, a datação mais adequada deve ser considerada 1930 e não entre 1928 e 1929 como chegou a argumentar Geraldo Ferraz<sup>25</sup>. No acervo do Escritório Rino Levi, disponível para consulta na Biblioteca da FUAUSP, encontram-se quatro estudos datados entre 1930 e 1933.

A obra iniciada neste último ano e concluída em 1934 evidencia um longo processo de evolução projetual – certamente estendendo pelas Revoluções de 1930 e Constitucionalista de 1932 – em detrimento a um curto período de execução. Se houveram dúvidas em relação ao gabarito, à definição e à quantificação do programa, não existiram dúvidas sobre a linguagem



32



33



331



3.32



3.33



3.34

arquitetônica das propostas. São todas variações sobre o mesmo tema: Rino Levi, com 32 anos no início da obra, surpreendeu pelo domínio técnico da concepção construtiva do edifício. A grande contribuição deste projeto não está na reflexão da planta da unidade de habitação – ainda desproporcional e ingênua – mas sim na reflexão da inserção deste edifício no contexto urbano em transformação. Neste sentido a composição multifuncional do Edifício Columbus constitui, senão uma originalidade programática, um agenciamento adequado às condições de declividade do terreno. A base alinhada na calçada, oferecia dois salões comerciais que ladeavam o acesso central [Figura 3.32] para a torre. O 1º subsolo, com acesso externo por rampa, comportava os serviços e algumas vagas de estacionamento, e o 2º subsolo, também com acesso independente, um grande salão para escritórios.

Sobre a base, uma torre isenta enfatiza o desejo da conquista de aberturas em todas as fachadas. Não há mais uma nítida distinção entre frente e fundo, todas as elevações ganham dignidade e responsabilidade, pois além de ver a cidade de forma privilegiada, o edifício transforma-se em uma referência urbana. [Figura 3.33]

Nesta fase de Rino Levi também pode ser destacado o Edifício Guarany [P1.F07: 1936>1942] [Figura 3.20], que representa significativo avanço no entendimento da construção de habitações coletivas. Utiliza-se da estratégia de organizar o pavimento tipo através de uma barra servidora interna. Este agenciamento parte de uma raciocínio construtivo mais amplo, que extrapola a resolução específica da unidade de habitação ou a mera sobreposição das infraestruturas. Estabelece claramente uma estratégia espacial entre “espaços servidos” (dormitórios e sala) e “espaços servidores” (cozinha e banheiro). Isso libera as fachadas “externas” deste semi-cilindro para a cidade.

Implantado como um marco urbano referencial do limite leste do centro, domina como um sentinela a ampla paisagem. “constituída pelo então arborizado Parque Dom Pedro, e, mais ao longe, pela “São Paulo-dinamo”, o setor fabril e operário da cidade que se estende até o horizonte”.<sup>29</sup>

Da consolidação desta linha de raciocínio resulta o Edifício Trussardi [P1.F14: 1941>43] [Figura 3.34], que se utiliza das conquistas do pavimento tipo do Edifício Guarany, mas desprende definitivamente a obra de Rino Levi do protomodernismo. A linguagem arquitetônica nitidamente influenciada pelo racionalismo italiano extrapola a resolução interna das unidades para expor-se na fachadas em grelha do edifício.

#### Warchavchik, entre a tradição e o formalismo do Edifício Barão de Limeira [P1.F09: 1938>1940]

Após algumas experiências obtidas na sua breve passagem pelo Rio de Janeiro, Gregori Warchavchik enfrentou pela primeira vez o programa da habitação coletiva vertical. Naquele momento, com 42 anos e já um arquiteto experiente, abandonou o partido contundente dos prismas puristas de suas primeiras obras que eram “baseadas na estabilidade e no jogo de volumes puros e assimétricos”<sup>30</sup>. Tinham-se passado 13 anos desde a publicação do seu primeiro manifesto no “Il Piccolo”, jornal da colônia italiana e neste momento histórico ele opta por uma retomada da tradição urbana e pelo início da experimentação formal que caracterizou a sua produção até o final da década de 50. .

O Edifício Barão de Limeira [3.24] de sua propriedade e de sua esposa, Mina Klabin, foi concluído em 1939 e construído para "renda". O habite-se é de 1940, e o prédio recuado da rua, obedecendo ao alargamento previsto de 6,00 m da Rua Barão de Limeira, aprovado pela Lei Municipal nº 1.776/14 de 17 de Abril de 1914, que previa a desapropriação das casas ali existentes.

Neste edifício de frente estreita, foi explorado o contraste de uma base neutra em cerâmicas escura contra uma curva leve, sensual e dinâmica que se repete no resto do edifício.

Impressiona pelo contraste do terreno exíguo e pela liberdade de suas formas, em época na qual a maioria dos arquitetos lidava, ainda, apenas com volumes ortogonais. As fitas de concreto da fachada formam uma elegante curva em suas varandas, quebrando a monotonia e trazendo interesse plástico à composição.

Em 1941, Warchavchik inscreveu-se no Concurso de Fachadas, instituído pela Prefeitura na 1ª gestão de Francisco Prestes Maia (1938-45), apresentando quatro fotos do edifício, tomadas por Hugo Zanella.<sup>11</sup>

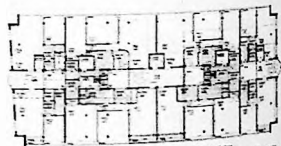
*"Construção de concreto armado, sobre colunas reforçadas e divisões em lâminas de concreto. Os apartamentos sobre a Alameda Barão de Limeira são destinados a pequenas famílias, dispoem de um living e de dois dormitórios. Os apartamentos dos fundos destinam-se a solteiros ou casais sem filhos, pois dispõem de um único, mas grande ambiente com cozinha e banho dotados de todo conforto, armários embudados, trinos para cortinas, cozinhas completas, inclusive geladeira. A residência do zelador e nos fundos do terreno, ajardinado para os brinquedos dos filhos dos inquilinos. As janelas de metal, são do liceu de Artes e Ofícios".<sup>12</sup>*

O concurso aberto para premiar "os mais belos edifícios da cidade" construídos no biênio 1939/1940 era dividido em três categorias: residências individuais, edifícios de apartamentos e edifícios de escritórios. A comissão julgadora composta pelos engenheiros João Florence de União Citra, Dácio de Moraes, José Maria da Silva Neves, Francisco J. Kosuta e Henrique Neves Lefevre<sup>13</sup>, escolheu como vencedor este edifício de Warchavchik para a categoria Edifícios de Apartamentos.

O lado irônico da história é o fato de que o Eng. Dácio de Moraes, membro da comissão julgadora, fora o primeiro a atacar publicamente, em 1928, a primeira casa moderna em São Paulo, a Rua Santa Cruz, na Vila Mariana, do próprio Warchavchik.

Segundo a ata da comissão julgadora, o Edifício Barão de Limeira apresentava as seguintes inovações:

- 1º - A estrutura diferente no sentido que, em lugar de colunas de concreto usuais, foram feitas placas, colocadas na profundidade do edifício.
- 2º - Janelas totais.<sup>14</sup>



### 3.4 O Modernismo Privado do Edifício Esther [P1.F04: 1934>38]

*"Guiando-nos sempre a sinceridade de nosso trabalho, queremos primeiramente aqui frizar que não foi nosso desejo inovar por vontade de fazer novidade, e sim por intenso querer acertar dentro de um espirito simples e puro de ordem construtiva.*

*Em primeiro lugar, procuramos "ordenar", tornando um terreno irregularissimo, em quasi perfeito rectangulo. Em seguida, demos-lhe o maximo de luz e sol, cercando de ruas. Depois, resolvemos o problema dos planos "livres" e independentes, para atingirmos as mais diversas finalidades. [Figura 3.35]*

*Do estudo detalhado de cada plano e da estrutura resultante, afluou naturalmente a elevação ou fachada. Portanto, não partimos de fora para dentro, como muitas vezes são concebidos os projectos, por motivos muito conhecidos, taes como classicismos, ou peor, os neo-classicismos, mas sim de dentro para fora, pois é lei do bom senso que, de uma maneira geral, todo e qualquer objeto deve cumprir determinadas funções intrinsecas.*

*Não tivemos tão pouco a preocupação de decorar ou enfeitar, e si decoramos, foi o resultado do "construir".*

*Citamos nesta construção a collocação do "vidro preto" da fachada, que foi collocado em todas as saliências de protecção á acção do tempo. Cada faixa forma uma pingadeira impedindo a penetração de humidade nas paredes do Edifício. Sem ter querido comparar, nem imitar, vamos mostrar que aqui não fizemos novidade, pois bastará observar mesmo sem sair de nosso paiz, as alvenarias revestidas de argamassa eram protegidas por saliências apropriadas, feitas em pedra natural e portanto mais duraveis. (Em particular algumas igrejas de Minas, com pedra "Sabão"). [Figura 3.36]*

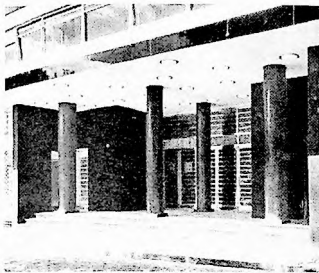
*Em nosso caso o material escolhido obedeceu ao criterio de economia", tendo-se em vista a "durabilidade".*

*Construindo tambem a estrutura com intercolumnio de 3 x 4 metros [Figura 3.37], a que nos obrigou o proprio programa estabelecido e a "economia" em sua verdadeira significação, não vimos com isso nenhum impedimento de formar bons salões de habitação, muito ao contrario, pensamos que as columnas sómente vieram a ser elementos altamente decorativos. [Figura 3.38]*

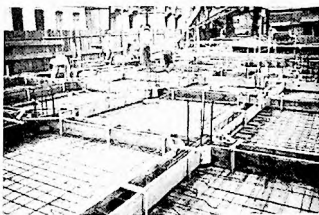
*Lembramos também que, em muito, fomos cerceados por um factor : o codigo da Municipalidade, que já está fora de época. Fomos assim obrigados a perder bastante espaço nas cozinhas de certos appartamentos economicos, em poços de ventilação cujas dimensões estão fóra de proposito, na altura do prédio, no numero maximo de pavimentos, etc.*

*Assim, pelo que dissemos atrás, podemos resumir como se segue, o programa :*

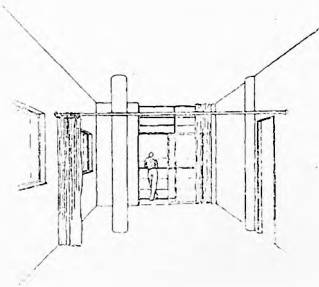
- Edifício de renda.*
- 11 andares, sendo 3 de escriptorios especialmente destinados a medicos e dentistas; os outros appartamentos dos mais variado typos; pavimento terreo, para lojas commerciaes, e finalmente, sub-solo, para garage e restaurante.*
- Terreno de 18,50 x 40,00.*
- Orçamento global : cinco mil e quinhentos contos de réis.*



3.36



3.37



3.38

e) *O maximo de elasticidade interna para serem possíveis modificações de tipos de apartamentos, assim como sucessiva transformação em escritórios*”.<sup>16</sup> [Figura 3.39]

Assim como o Ministério de Educação e Cultura [1936>1943] só poderia ter sido concebido no Rio de Janeiro o Edifício Esther surge indissoluvelmente vinculado a São Paulo e ao início do processo de “metropolização” desta cidade. [Figura 3.40 e 41]

*“É um marco econômico do capital proveniente do setor rural que se reproduz e diversifica, como demonstrou Yara Vicentini: um bom negócio, além de moderno, que participou do processo de transformação em curso na cidade, marcando o deslocamento de sua centralidade”*.<sup>18</sup>



3.39



3.40



3.41

Capital Federal naquele momento, o Rio de Janeiro constrói o ideário moderno brasileiro através de ministérios e monumentos, subsidiado pelo poder público. Em São Paulo, a arquitetura moderna encontra apoio na iniciativa privada e na própria necessidade de construir uma metrópole vertiginosa que oferecesse vasta oportunidade de projetos com programas inéditos.

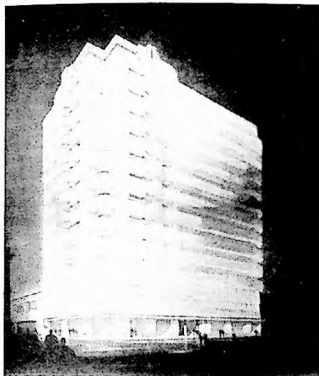
Ambos foram objetos de concurso. No caso do MEC, um concurso público, convocado pelo ministro Capanema que desejava simbolizar o esforço renovador da formação do novo homem brasileiro. Já no caso do Edifício Esther, Paulo de Almeida Nogueira, superintendente da Usina Esther Ltda., organizou em 1934 um concurso privado para escolher uma proposta arquitetônica que oferecesse a melhor relação entre aproveitamento construtivo e diversidade programática.

Isto pareceu ser a tônica dominante para a escolha do projeto da jovem dupla Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho. Pouco se sabe deste concurso, apenas que um dos outros concorrentes foi Oswaldo Bratke [Figura 3.42]. A sua elegante proposta protomodernista de treze pavimentos ocupa totalmente o lote e compõe-se claramente por uma base comercial, dois pavimentos de escritórios e o restante de unidades de habitação. Segue o raciocínio do "continuum" edificado, que caracteriza o ambiente urbano paulista daquele momento histórico, e da tradição da rua-corredor.

O projeto vencedor [Figura 3.43] apresentava-se isolado, quase monolítico. O conjunto das janelas contínuas resultante não evidenciavam a distinção das funções do edifício. Estas fachadas praticamente homogêneas sugeriam um edifício exclusivamente de escritórios apesar da intenção ter sido provavelmente a multiplicação das "fenêtres en longueur" da Villa Stein [1927] de Le Corbusier [Figura 3.44]. Desenvolvido e construído exclusivamente por Vital Brazil<sup>37</sup> o Edifício Esther sofre transformações sutis e substanciais desde a versão do concurso até a definitiva.

*"...ainda convivem as referências tradicionais e modernas presentes nos trabalhos anteriores, mas com uma nítida indicação de superação dessa ambigüidade, pois os resquícios da tradição acadêmica estão controlados pelos preceitos da doutrina racionalista. Há uma certa estaticidade antropomórfica devida à composição axial simétrica e à divisão volumétrica tripartite – base, corpo e topo – que no entanto não se sobrepõe ao sentido dinâmico que advém do tratamento do edifício como produto de montagem com elementos construtivos e arquitetônicas, de articulação com partes interdependentes. Se a versão do concurso é um tanto anódina em sua aplicação dos princípios de Le Corbusier e das formas racionalistas, a versão final é mais criativa na transposição desses princípios em formas e na conjugação de diversas referências do movimento moderno".<sup>38</sup>*

A inserção urbana deste edifício plurifuncional é contundente. A decisão de dividir o lote irregular com uma rua, configurando um edifício principal, absolutamente isento, e um segundo edifício, neutro e coadjuvante, integrado à quadra, maximizou as possibilidades urbanas do conjunto. O espaço público não é residual, ao contrário, determina a forma e favorece a organização programática. O artifício multiplicou as superfícies de fachada, favorecendo o uso comercial assim como o agenciamento das unidades de habitação. Paralela à rua criada, uma galeria [Figura 3.45] ordena o acesso à circulação vertical do edifício oferecendo também a possibilidade da sua transposição longitudinal. O Edifício Esther transcende o seu destino de objeto arquitetônico para tornar-se um edifício de responsabilidade urbana.



3.42



3.43



3.44

A estratégia organizacional passou seguramente pela reflexão do Imueble Clarté, em Genebra [1930>32] de Le Corbusier [Figura 3.46]. Implantado em um terreno em aclive, foi construído<sup>41</sup> inteiramente em série dentro de uma modulação rigorosa da estrutura metálica. Consiste em um bloco de 45 apartamentos dispostos ao redor de 2 conjuntos de escadas e elevadores, situados sobre uma plataforma que contém várias lojas, apartamento do zelador e garagem. A forma da base e decorrente da configuração do terreno. A entrada para os apartamentos se faz por dois grandes pórticos. Existem vários tipos de apartamentos, de um e de dois pavimentos, além de estúdios e unidades de dois e três dormitórios. As unidades tipo duplex com salas de pé-direito duplo foram consequência dos Imuebles anteriores, assim como os jardins suspensos que assumiram a forma de um terraço contínuo. O extenso uso do vidro (recebeu o apelido de Maison de Verre)<sup>42</sup>, assim como os toldos, a cobertura de uso coletivo, o corpo da base diferenciado foram artifícios incorporados a partir deste projeto ao repertório construtivo de Le Corbusier.

Sobre a influência corbusiana e a exercitação dos cinco pontos da arquitetura Hugo Segawa escreveu:

*"Embora sendo um edifício de alto padrão, Vital Brazil conduziu o projeto no sentido de encontrar as soluções mais econômicas sem abrir mão dos "cinco pontos da arquitetura nova" preconizados em 1926 por Le Corbusier: volume construído elevado em pilotis, planta livre com estrutura independente, fachada livre, janelas dispostas na horizontal (frenêtre en longueur) e o terraço-jardim. Atender aos cinco pontos significou equacionar uma série de condicionantes inéditos e não necessariamente econômicos para a tecnologia ou para a rotina da construção da época. A adoção de plantas livres possibilitou acomodar diferentes arranjos em cada pavimento, abrigando lojas, andares para escritórios e unidades residenciais (algumas em duplex), demonstrando a versatilidade possível com o conceito da estrutura independente. O térreo, embora com estrutura em pilotis, é aproveitado de maneira convencional, não se beneficiando integralmente da solução. Foi uma obra de impacto ao ser inaugurada em 1938"*<sup>41</sup>

Apesar de quase desconhecido internacionalmente pode-se considerar o Edifício Esther como o marco inaugural do modernismo brasileiro. *"É o primeiro edifício de grande porte no qual um programa com funções variadas e resolvido e expressa-se com a independência entre os elementos estruturais e os delimitadores espaciais, possibilitada pelo uso do concreto armado"*<sup>42</sup>.

### 3.5 As formas da habitação coletiva e a construção da cidade no 1º Período [1928>1942]

Neste 1º Período [1928>1942] a individualidade era uma exceção, os edifícios desenharam com respeito, induzidos pelo "Código Saboya", uma cidade que apesar de vertiginosa desejava ser uniforme e contínua. O entendimento do centro histórico paulista e da tradição da "rua-corredor" [Figura 3.47] como elemento definidor do espaço urbano determinou a condição complementar das primeiras habitações coletivas que foram inseridas nos setores de consolidação e vetores de





3.47

3.48 Revista Acrópole 3 [1938:06]



expansão da cidade.

Priorizava-se a unidade compositiva urbana fortalecendo a noção de *continuum* edificado que caracterizou o ambiente urbano neste primeiro momento histórico. O edifício nunca era pensado isoladamente, o contexto mesmo que em transformação era configurado e definido por alinhamentos e gabaritos, recursos determinantes da unidade das quadras.

As edificações eram projetadas evitando os recuos no alinhamento da calçada e habitualmente estavam coladas às divisas laterais do lote para o aproveitamento de paredes equivalentes, resultando numa arquitetura sólida, delimitada e muitas vezes restrita à fachada frontal e, portanto bidimensional.

Este período caracteriza-se pela predominância do coletivo em detrimento ao individual. O melhor exemplo são os automóveis de passeio. Constavam registrados na cidade de São Paulo em 1929 (início do 1º Período) apenas 13.655 veículos, o que dá uma relação aproximada de 70 habitantes/automóvel.<sup>43</sup>

O automóvel, [Figura 3.48] apesar de ser o grande ícone de modernidade urbana, era naquele momento apenas um personagem incipiente no cotidiano metropolitano e não representava um item significativo na composição programática dos edifícios que habitualmente não eram concebidos com garagens, e quando isto acontecia eram oferecidas vagas em número muito inferior à quantidade de unidades de habitação.

### Setores e vetores [Figura 3.49]

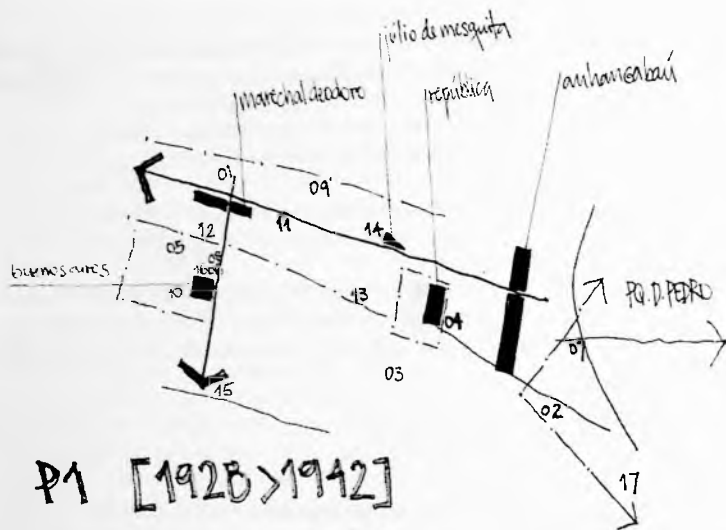
Alguns fatores determinaram a expansão da cidade através de vetores específicos e o seu adensamento em setores em consolidação. A expansão esteve vinculada neste primeiro período de maneira preponderante à oferta oferecida de infraestrutura urbana. Basicamente o elemento determinante foi a oferta de transporte coletivo – ônibus e bondes.

Mas será principalmente o bonde, que atendia satisfatoriamente à demanda *intra-city* com sua ampla rede [rever Figura 3.1, pág. 60], que ao expandir os seus tentáculos em quase todas as direções determinou os vetores a serem adensados e verticalizados [Figura 3.50]. Junta-se a isto, necessariamente, a oferta de outras infraestruturas, como as redes de gás, eletricidade, água e esgoto.

Estas condicionantes confirmaram a Avenida São João [Figura 3.51] como principal vetor de expansão deste 1º Período [1928>1942]. Favorecida pela legislação, que determinava o adensamento conforme a largura das vias, atraiu empreendedores devido a suas generosas dimensões e sua condição de conector entre o núcleo histórico e o novo centro em processo de consolidação.

Deste 1º Período [1928>1942] encontra-se na Avenida São João os Edifícios Porchat [P1.F11: 1940>1942] [Figura 3.21] e Trussardi [P1.F14: 1941>43] [Figura 3.34] de Rino Levi. Mas também há outros exemplos como o Edifício Lívia Maria [1937>1939] de Francisco Caiuby, N. Dale Caiuby e Walter Saraiva Knesse [Figura 3.52].

De forma paralela, a Alameda Barão de Limeira e a Alameda Barros delimitaram a banda do Vetor São João. Na primeira

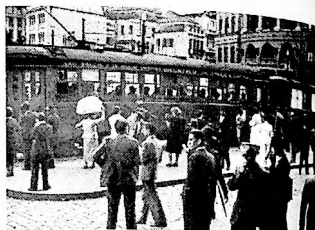


## P1 [1928 > 1942]

← setores → I são joão  
II anelica

setores

I república  
II st. cecília  
III higienópolis  
IV pr. d. pedro (borda sudoeste)



Praça do Correio [Fotos: H. Rosenthal]



Avenida São João



3.52



3.53

encontra-se o Edifício **Barão de Limeira** [P1.F09: 1938>1940] de Gregori Warchavchik [Figura 3.24] e na segunda o Edifício **Maria Tereza** [P1.F12: 1940>1943] de S. Vitali [Figura 3.26]. Ainda dentro da banda do Vetur São João encontram-se os Edifícios **Hygienopolis** [P1.F05: 1935>1936] de Rino Levi e **Dona Veridiana** [P1.F13: 1940] de Francisco Beck.

A todo vetor de expansão está associado ao menos um setor urbano, e a cada setor um espaço público. Tangenciada pelo Vetur São João a Praça da República assumiu papel aglutinador do Centro Novo. Além dos Edifícios **Esther** e **Arthur Nogueira** [P1.F04: 1934>38] de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho encontra-se também do outro lado da praça, esquina com a Avenida Vieira de Carvalho, o Edifício **Sarti** [1935] de Rino Levi [Figura 3.53].

Outro vetor derivado do Vetur São João, mas de forma transversal, foi o configurado pela Avenida Angélica. Neste primeiro momento encontra-se inicialmente o Edifício à **Av. Angélica** [P1.F01: 1927>1935] de Júlio de Abreu Jr. praticamente na esquina da Avenida São João. Na altura da Praça Buenos Aires delimita-se a configuração de um segundo setor onde se encontram os Edifícios **Santo André** [P1.F06: 1935] de Jacques Pilon e Francisco Matarazzo Neto [Figura 3.22], **Augusto Barreto** [P1.F08: 1936] de Barreto e Xande [Figura 3.23], **Buenos Aires** [P1.F10: 1938] de Lindenberg e Assumpção [Figura 3.25] e **Santa Amália** [P1.F16: 1942>1943] de Lucjan Korngold [Figura 3.28]. O Edifício **IAPC Anchieta** [P1.F15: 1941>1943] de Marcelo Roberto e Milton Roberto complementa o Vetur Angélica na esquina com a Avenida Paulista.

Próximo à Praça da Sé, o Edifício **Columbus** [P1.F02: 1930>1934] de Rino Levi serve como pedra fundamental do Vetur Brigadeiro Luis Antônio, que também sobe em direção à Avenida Paulista, mas somente será configurado no 3º Período [1952>1957].

O último setor significativo deste período configurou-se na borda sudoeste do Parque D. Pedro II. Vinculados a este espaço público, neste caso de grandes dimensões, o Edifício **Guarany** [P1.F07: 1936>1942] de Rino Levi e o Conjunto Residencial **IAPÍ Várzea do Carmo** [P1.F17: 1942>1950] de Atilílio Corrêa Lima, Alberto de M. Flores, Hélio U. Cavalcanti, José T. da Silva insinuam timidamente a potencialidade de adensamento não confirmada do setor industrial e da orla ferroviária.

### Notas do Capítulo 3 [1928>1942 TRANSIÇÃO E VERTIGINOSIDADE]

<sup>1</sup> Diniz, Eli (1986) "O Estado Novo: Estrutura de Poder Relações de Classes" in História: Geral da Civilização Brasileira, Tomo III O Brasil Republicano – 3º Volume: Sociedade e Política (1930-1964) p.89. Difel Difusão Editorial, São Paulo.

<sup>2</sup> Conde, Luis Paulo e Almara, Mauro in Czajkowski, (1990) p.5

<sup>3</sup> Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Agenor Barbosa, Ribeiro Couto, Cândido Mota Filho, João Fernando de Almeida

Prado e o pintor Di Cavalcanti.

<sup>4</sup> Saia, Luis (1978) p.52

<sup>5</sup> Le Corbusier (1930) Précision sur un état présent de l'Architecture et de l'Urbanisme.

<sup>6</sup> Santos, Cecília...[et al.] (1987) p.63

<sup>7</sup> Santos, Cecília...[et al.] (1987) p.83

<sup>8</sup> Santos, Cecília...[et al.] (1987) p.83

<sup>9</sup> Santos, Cecília...[et al.] (1987) p.92

<sup>10</sup> N.A.: Le Corbusier: esta se referindo ao Edifício Martinelli.

<sup>11</sup> N.A.: É muito provavelmente Le Corbusier esta comentando o Vale do Anhangabau.

<sup>12</sup> Santos, Cecília...[et al.] (1987) p.92-94

<sup>13</sup> O edifício possui na sua extensa cobertura um a pista de teste para os carros que eram lá fabricados.

<sup>14</sup> Oyarzun, Fernando Perez (1957) "Precisões sobre uma viagem, uns projetos e algo mais" in Projeto nº102, pp.85-91

<sup>15</sup> Extraído da carta-resposta que Júlio de Abreu Jr. escreveu para Alberto Xavier em 15 de Outubro de 1978.

<sup>16</sup> Segawa, Hugo (1998) p.57

<sup>17</sup> Ferraz, Geraldo (1965) pp.26 e 51-63

<sup>18</sup> Nascido em São Paulo (1895) estendeu os seus estudos em Paris, na Ecole de Beaux Arts (1914>20) e obtendo o título de Engenheiro-Arquiteto em 1918 pela École Speciale des Travaux Publics du Batiment et de L'Industrie. Principalmente durante a década de 20, Júlio de Abreu Jr. trabalhou intensamente em São Paulo, dedicando-se mais a construções industriais.

<sup>19</sup> Mendes da Rocha, Paulo "Virtudes de uma casa" in Revista Projeto nº 175 (1994) p.61

<sup>20</sup> Xavier, Alberto... [et al.] (1983) p.1

<sup>21</sup> Levi, Rino (1925) "A arquitetura e a estética das cidades" in O Estado de São Paulo.

<sup>22</sup> Segawa, Hugo (1998) p.61

<sup>23</sup> Conde, Luís Paulo (1988) in AU 16, p.69

<sup>24</sup> Conde, Luís Paulo (1988) in AU 16, p.70

<sup>25</sup> Segawa, Hugo (1998) p.65

<sup>26</sup> Anelli, Renato (2001) p.46-7

<sup>27</sup> Anelli, Renato (2001) p.47

<sup>28</sup> Ferraz, Geraldo (1956) in Revista Habitat: nº 30,p.34-49

<sup>29</sup> Anelli, Renato (2001) p.48

<sup>30</sup> Cavalcanti, Lauro (2001) p.12

<sup>31</sup> Castelo Branco (198) p.216

<sup>32</sup> Gregori Warchavchik in Castelo Branco (198) p.217

<sup>33</sup> Ferraz, Geraldo (1965) p.210

<sup>34</sup> in Castello Branco, Ilda (1989) p.222

<sup>35</sup> Brazil, Álvaro Vital in Revista Acrópole nº1 (pp.54-66) maio de 1938.

<sup>36</sup> Conduru, Roberto (2000) p.16-17

<sup>37</sup> Vital Brazil assumiu o desenvolvimento e a construção do Edifício Esther enquanto Adhemar Marinho ficou no Rio de Janeiro cuidando das obras que a dupla já possuía.

<sup>38</sup> Conduru, Roberto (2000) p.13-14

<sup>39</sup> Este edifício foi encomendado por Edmond Wanner, que também foi o construtor, com a intenção de ser um imóvel de aluguel. Foi imediatamente alugado.

<sup>40</sup> Sherwood, Roger (1978) p.115

<sup>41</sup> Segawa, Hugo (1998) p.86

<sup>42</sup> Conduru, Roberto (2000) p.15

<sup>43</sup> Laugenbuch, Iuergen (1971) Capítulo 3



1928  
**1942**  
1952  
1957  
1972



## HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO [2º PERÍODO: 1942>1952]

ficha	ano	edifício	projeto	endereço	bairro
P2.F01	1944 > 1948	prudência	rino levi e roberto cerqueira César	av. higienópolis, 245- 265	higienópolis
P2.F02	1946 > 1947	palecete suzanne	m. oliveira	av. brigadeiro luiz antônio, 4899	jardim paulista
P2.F03	1946 > 1949	louveira	joão vilanova artigas	r. piauí, 1081	pacaembu
P2.F04	1946 > 1950	iapi - mooca	paulo antunes ribeiro	r. pe. benedito maria cardoso	móoca
P2.F05	1946 > 1951	iapi - vila guiomar	carlos frederico ferreira	r. catequeses	santo andré
P2.F06	1947 > 1951	leon kasinsky	henrique mindlin	av. são joão, 1086	santa efigênia X
P2.F07	1947 > 1953	cia. seguradora brasileira	rino levi e roberto cerqueira César	av. liberdade, 455	liberdade
P2.F08	1947 > 1957	japurá / IAPÍ ?	eduardo knesse de mello	r. japurá, 55-109	bela vista
P2.F09	1948 > 1950	pilotis	francisco beck	r. convenção de itú, 129	jardim paulista
P2.F10	1948 > 1954	são vicente	lucjan korngold	r. são vicente de paulo, 501	santa cecília X
P2.F11	1948	hecilda	abelardo de souza, hélio duarte e zenon lotufo	r. major sertório, 475	vila buarque
P2.F12	1948	lilli	giancarlo palanti	r. barão de tatui, 351	santa cecília X
P2.F13	1948	hubert	oscar souza pinto e erico brann	av. 9 de julho, 1138	bela vista
P2.F14	1950 > 1955	viadutos	joão artacho jurado	pça. gal. craveiro lopes, 19-41	república



P2.F01

edifício  
**Prudência**

projeto  
**Rino Levi**  
**Roberto Cerqueira César**

ano  
**1944 > 1948**

endereço:  
Avenida Higienópolis, 245-265  
Higienópolis

contratante  
Prudência Capitalização S.A.

construção  
Barreto, Xande S.A.

obra de arte  
Roberto Burle Marx (paisagem e painéis)

implantação | escala 1:2000

publicações

L'Architecture d'aujourd'hui 16 [25-7] 1948:01  
Acrópole 154 [259-62] 1951  
Arquitetura e Engenharia 17 [42-5] 1951  
Habitat 3 [12-3] 1951  
Architectural Review 110 [368-75] 1951:12  
Domus 264-5 [40-1] 1951:12  
Progressive Architecture [63-7] 1952:08  
Mindlin [118-9] 1957  
Rino Levi [70-3] 1974  
Xavier, Lemos e Toledo [12] 1983  
Anelli [154-5] 2001

terreno  
3.942 m<sup>2</sup> | irregular

taxa de ocupação  
40.8% [1593 m<sup>2</sup>]

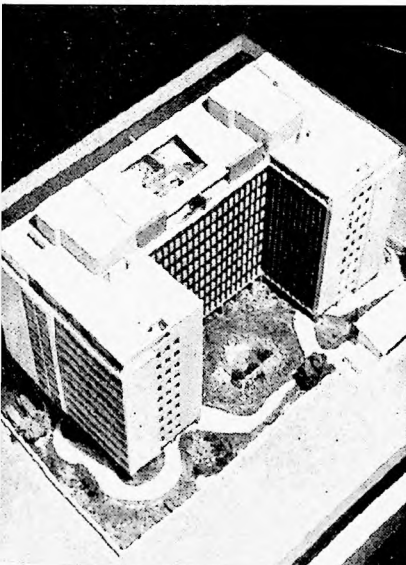
coeficiente de aproveitamento  
4.0 [ 17.135m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco em L geminados  
T+9 | orientação NE/SE/NO

elevadores  
[4]

escadas  
[2]

estacionamento  
36 vagas no subsolo



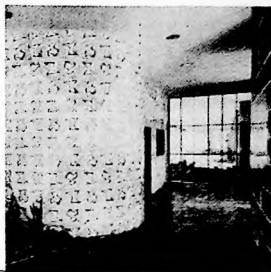
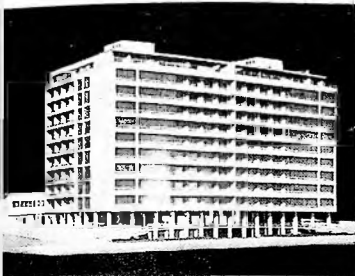
terreno

edifício

elevadores

escadas

estacionamento



# P2.F01

edifício  
**Prudência**

projeto  
**Rino Levi**  
**Roberto Cerqueira César**

ano  
**1944 > 1948**

número de unidades  
**38 UH**

tamanho das unidades  
**A [18] 4 dormitórios: 351 m<sup>2</sup>**  
**B [18] 4 dormitórios: 316 m<sup>2</sup>**

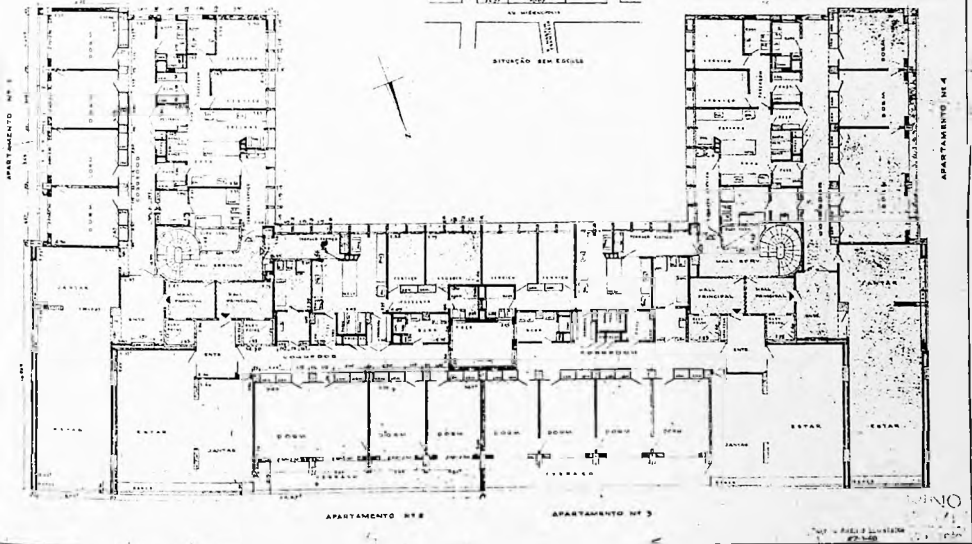
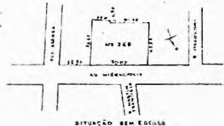
PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO  
APARTAMENTOS NA AV. HIGIENÓPOLIS

PROJEITADO POR

AV. RIVERBANK

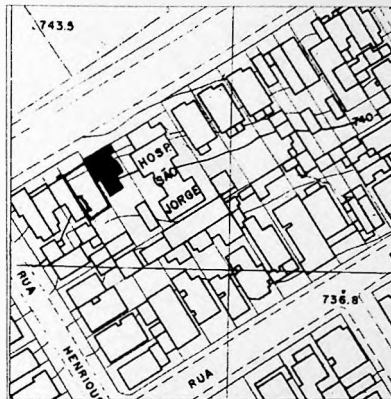
3.º ANDAR TÍPO PAVIM ESCALA 1:100

AV. HIGIENÓPOLIS

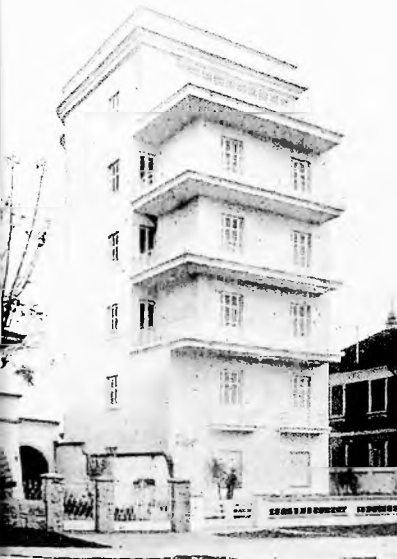


pavimento tipo | escala 1:300

fotos: José Moscardi  
desenhos: Escritório Rino Levi



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P2.F02

edifício  
**Palacete Suzanne**

projeto  
**M. Oliveira**

ano  
**1946 > 1947**

endereço  
Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 4899  
Jardim Paulista

contratante  
Comendador Emílio Zalocco

construção  
Escritório de Engenharia M. Oliveira

publicações  
Acrópole 116 [207] 1947:12

terreno  
480 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
33.4% [160 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2.0 [ 960 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre isolada  
T+5 | orientação NE/SO

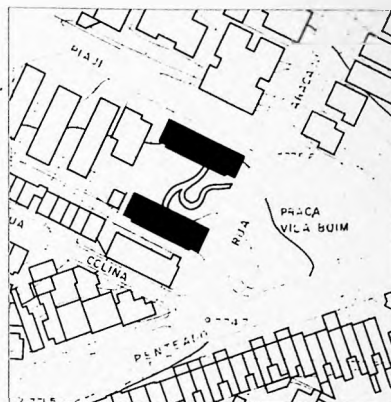
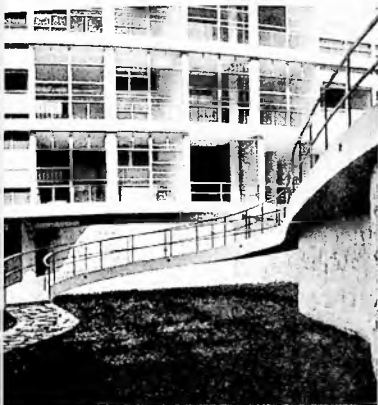
elevadores  
[1] transversal e central

escadas  
[1] transversal, em dois sentidos sem patamar

estacionamento  
no recuo posterior

número de unidades  
6 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 105 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000



P2.F03

edifício  
**Louveira**

projeto  
**João Vilanova Artigas  
Carlos Cascaldi**

ano  
**1946**

endereço  
Rua Pijui, 1081  
Higienópolis

contratante  
Antonio Junqueira

construção  
Perez de Moraes & Barros Leite  
Engenharia e Construções

obra de arte  
Rebolo (painel)

publicações  
Arquitetura e Engenharia 17 1951  
Xavier, Lemos e Toledo [16] 1983  
Vilanova Artigas [55-7] 1997

terreno  
1.575 m<sup>2</sup> | retangular de esquina [35x45 m]

taxa de ocupação  
44% [692 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
3.4 [5.400 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
blocos laminares isolados  
T+ 7/8 | orientação NE/SO

elevadores  
[4]

escadas  
[2]

estacionamento  
no pátio posterior

número de unidades  
30 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 160 m<sup>2</sup>

fotos: José Mascardi  
redesenho: Álvaro Puntoni

terreno

edifício

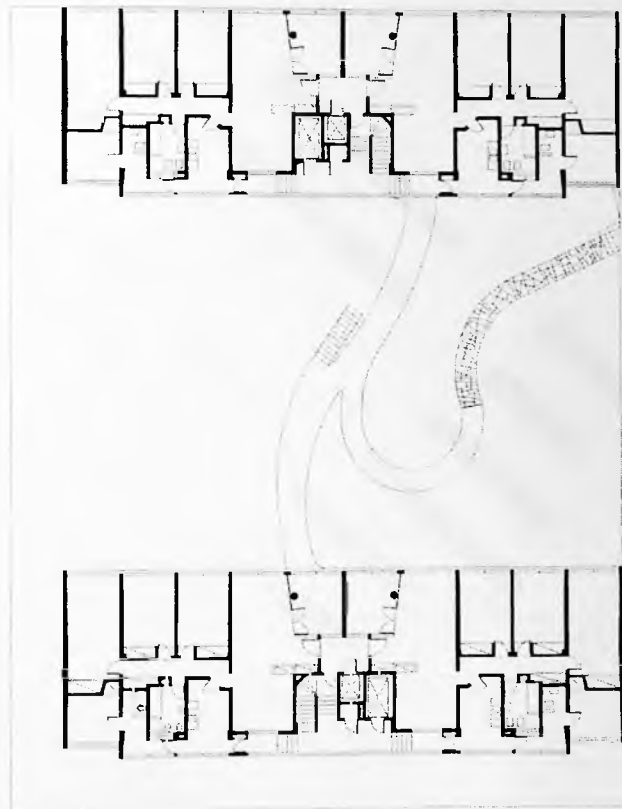
unidades

P2.F03

edifício  
**Louveira**

projeto  
**João Vilanova Artigas**  
**Carlos Cascaldi**

ano  
**1946**



pavimento tipo | escala 1:300

fotos: José Moscardi  
desenhos: Álvaro Puntori

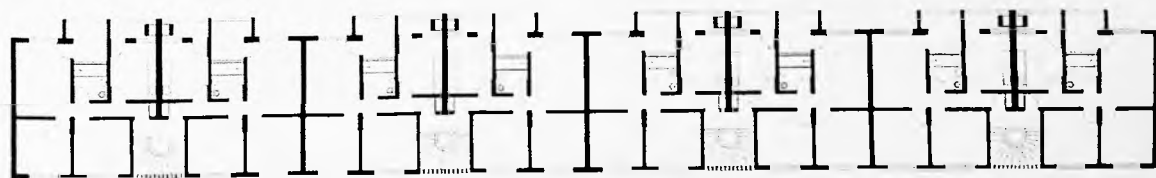
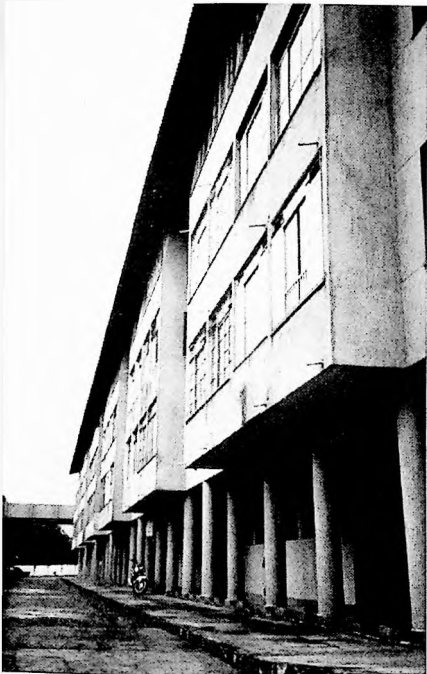


P2.F04

conjunto residencial  
I. A. P. I. Mooca

projeto  
Paulo Antunes Ribeiro

ano  
1946>1950



pavimento tipo | escala 1:300

fotos: MF  
redesenho: Luciana Brasil



**P2.F05** I. A. P. I. Vila Guiomar

edifício

projeto

**Carlos Frederico Ferreira**

ano

**1946 > 1951**

endereço

Rua Cataqueses, s/nº  
Santo André

proprietário

Inst. de Aposentadoria e Pensões dos Industriários

construção

Louzada, Cavalcanti & Cia Ltda.

publicações

Acrópole 147 [74-5] 1950:07

terreno

110.600 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação

13.5% [15.050 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento

0.4 [ 45.150 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

33 blocos laminares

T+ 3| orientação variável

elevadores

s/ elevadores

escadas

[3]

estacionamento

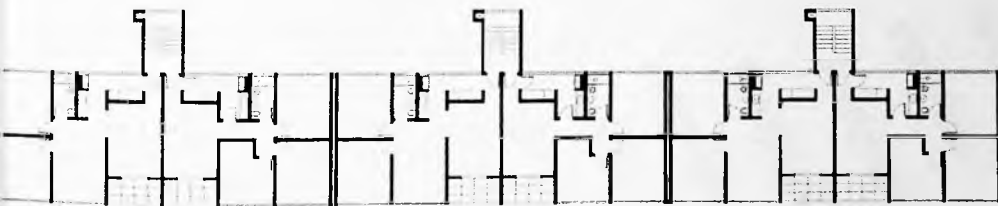
atualmente sob os blocos

número de unidades

594 UH

tamanho das unidades

3 dormitórios: 67.5 m<sup>2</sup>



pavimento tipo B| escala 1:300

foto: Marcel Gautherot  
redesenho: Luciana Brasil





Implantação | escala 1:2000



P2.F06

edifício  
**Leon Kasinsky**

projeto  
**Henrique E. Mindlin**

ano  
**1947-1951**

endereço  
Avenida São João, 1072  
Santa Efigênia

construção  
Construtora Mindlin S. A.

publicações  
Architectural Forum [99] 1947:11  
Acrópole 170 [62-3] 1952  
Mindlin [120-1] 1956

terreno  
2.157 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
42% [907 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
8,4 [ 18.140 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
blocos laminares conectados  
pela circulação vertical  
T+19 | orientação NE/SO

elevadores  
[4]

fiscalização industrial: 40037

escadas  
[6]

número de unidades  
131

tamanho das unidades  
1 dormitórios: 52 m<sup>2</sup>

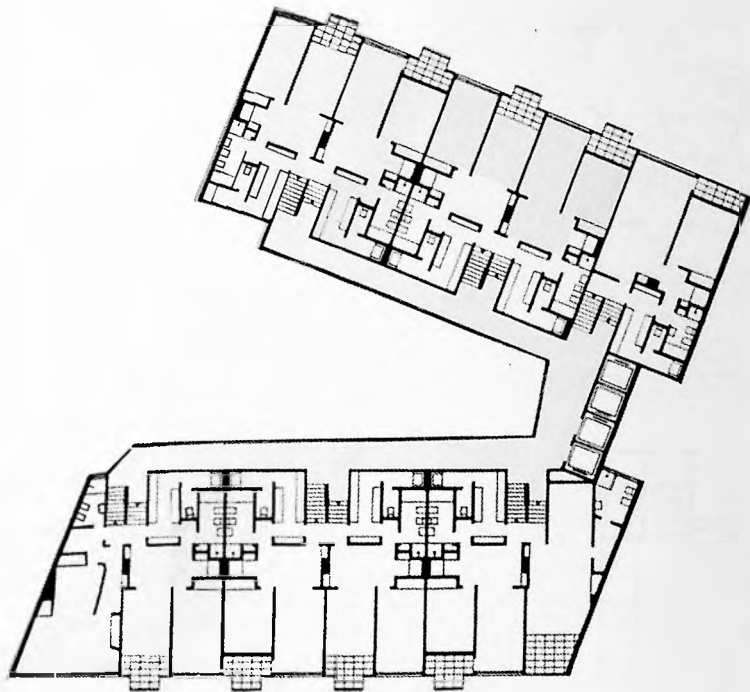
fotos: Acrópole  
desenhos: Mindlin

P2.F06

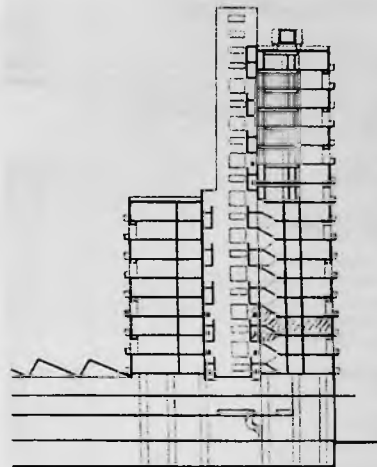
edifício  
**Leon Kasinsky**

projeto  
**Henrique E. Mindlin**

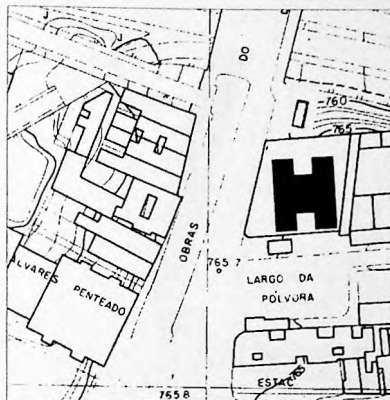
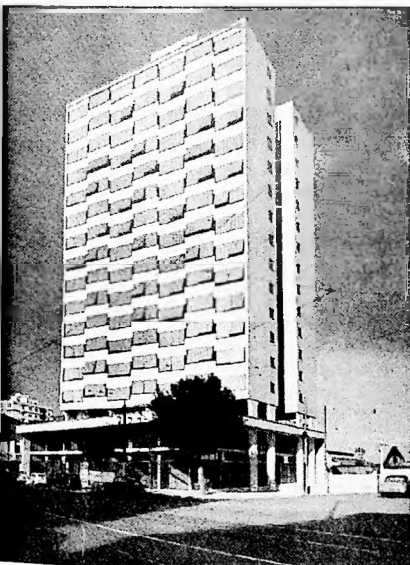
ano  
**1947-1951**



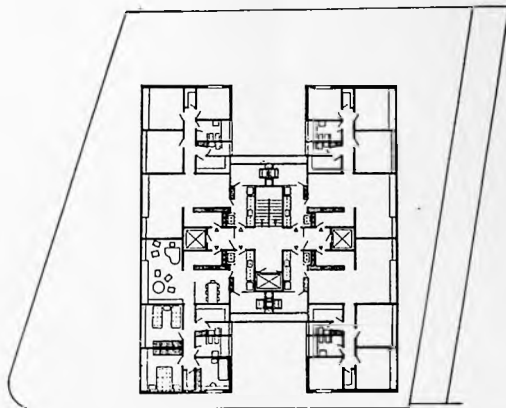
pavimento tipo | escala 1:300



corte



implantação | s/ escala



pavimento tipo | escala 1:300

## P2.F07 Seguradora Brasileira

edifício

projeto

**Rino Levi**  
**Roberto Cerqueira César**

ano

**1947 > 1953**

endereço

Avenida Liberdade, 455  
Lgo. Da Pólvora, Liberdade

contratante

Companhia Seguradora Brasileira

construção

SABE S/A Brasileira de Engenharia

publicações

Acrópole 176 [276-80] 1952  
Domus 287 [8] 1953  
Habitat 45 [40-3] 1957  
L'Architecture d'Aujourd'hui 74 / 1952  
Rino Levi [68-9] 1974

terreno

1290 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação

17.2% (222 m<sup>2</sup>)

coeficiente de aproveitamento

2.9 [ 3.774 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

torre com pavimento H  
T+s+15 | orientação L/O

elevadores

[3]

escadas

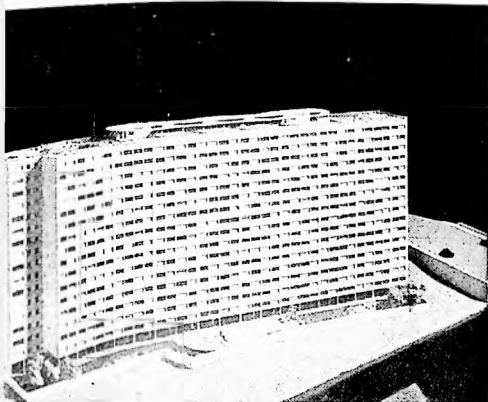
[1]

número de unidades

56

tamanho das unidades

3 dormitórios: 46 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000

## P2.F08

(Edifício Dr. Armando de Arruda Pereira)

edifício

**Japurá**

(Edifício Dr. Armando de Arruda Pereira)

projeto

**Eduardo Kneese de Mello**

ano

**1947 > 1957**

endereço

Rua Japurá, 55-109

Bela Vista

contratante

Inst. de Aposentadoria e Pensões dos Industriários

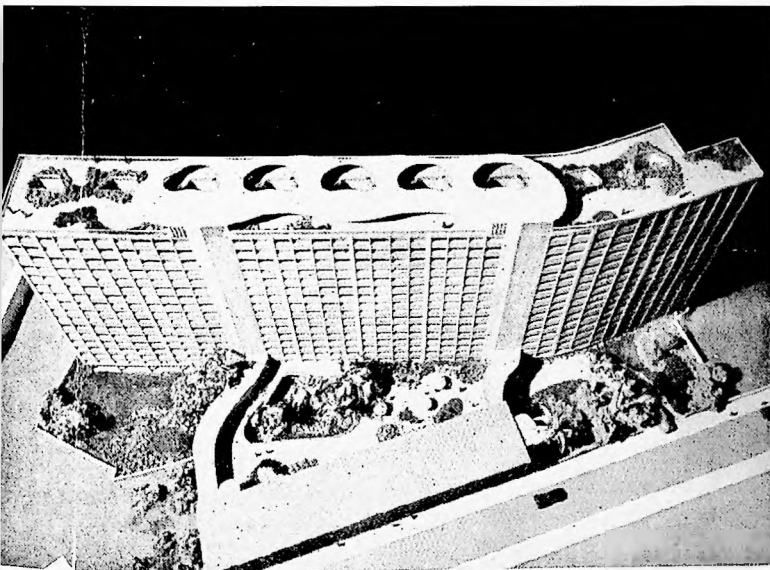
patrocinador

Roberto Burle Marx

publicações

Acrópole 131 [p. 281-7] 1948:03

AA 42-43 [59] 1952:08



terreno

18.247 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação

9.5% [1.740 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento

1.6 [ 29.580 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

bloco laminar

T+16 | orientação N/S

elevadores

[6]

escadas

[2]

número de unidades

245 UH

tamanho das unidades

A [144] dormitórios: 58.50 m<sup>2</sup>

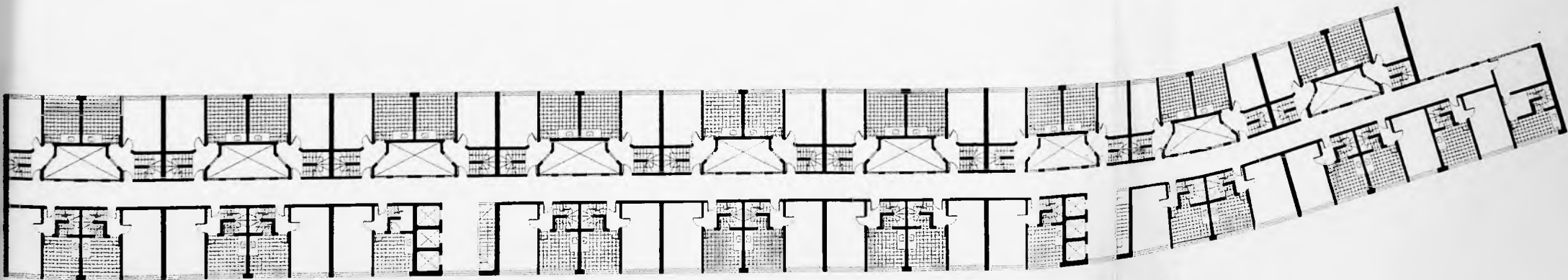
B [128] dormitórios: 60.95 m<sup>2</sup>

P2.F08

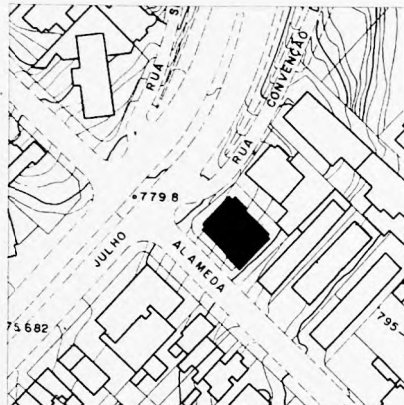
edifício  
Japurá

projeto  
Eduardo Knesse de Mello

ano  
1947>1957



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000

## P2.F09

edifício

**Pilotis**

projeto e construção  
**Francisco Beck**

ano  
**1948 > 1951**

endereço  
Rua Convenção de Itú, 129  
Jardim Paulista

publicações  
Acrópole 126 [181-4] 1948:10  
Acrópole 160 [153-6] 1951:08

terreno  
**655 m<sup>2</sup>**

taxa de ocupação  
**56% [367 m<sup>2</sup>]**

coeficiente de aproveitamento  
**6.2 [ 4.037 m<sup>2</sup> de área construída]**

tipo de edifício  
**torre isolada**

T+10

elevadores  
[2]

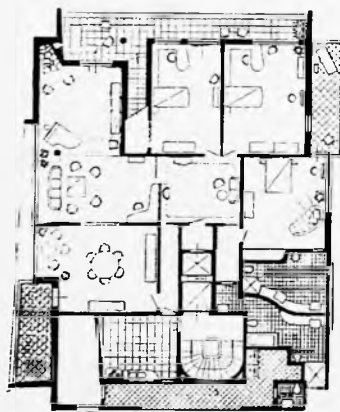
escadas  
[1]

estacionamento  
12 vagas

número de unidades  
11 UH

tamanho das unidades

- A [9] 1 dormitórios: m<sup>2</sup>
- B [1] 3 dormitórios: m<sup>2</sup>
- C [1] 3 dormitórios: m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000

# P2.F10

edifício  
**São Vicente**

projeto e construção  
**Escritório Técnico Lucjan Korngold**

ano  
**1948 > 1954**

endereço  
Rua São Vicente de Paulo, 501  
Santa Cecília

contratante  
I.A.P.I.

obra de arte  
**Bruno Giorgi [escultura]**

publicações  
Acrópole 129 [233-5] 1948:01  
Acrópole 187 [305-7] 1954

terreno  
3.405 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
30% [1.027 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
3.2 [11.000 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar composto em C  
T+10 | orientação /

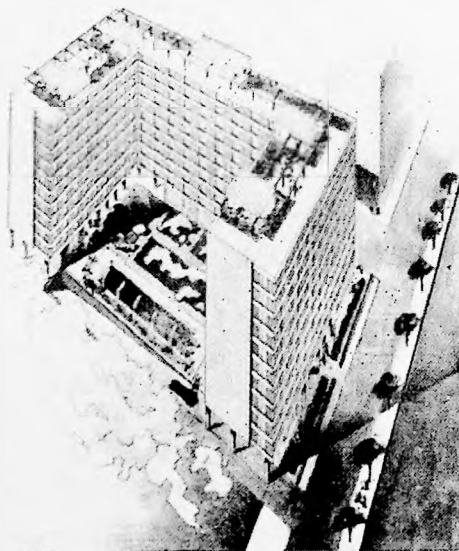
elevadores  
[10]

escadas  
[5]

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
108 UH

tamanho das unidades  
A [64] 3 dormitórios: m<sup>2</sup>  
B [33] 2 dormitórios: m<sup>2</sup>  
C [11] 1 dormitório: m<sup>2</sup>

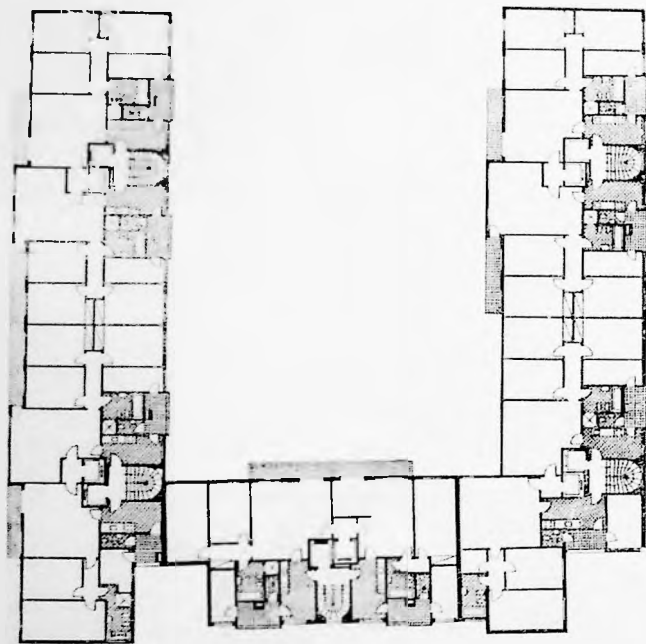


P2.F10

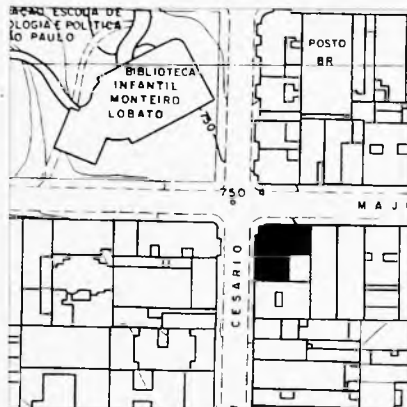
edifício  
São Vicente

projeto e construção  
Escritório Técnico Lucjan Korngold

ano  
1948 > 1954



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P2.F11

edifício  
**Hecilda**

projeto  
**Abelardo de Souza  
Helio Duarte  
Zenon Lotufo**

ano  
**1948**

endereço  
Rua Major Sertório, 475  
Vila Buarque

contratante  
Sr. Thimoteo José Cezario de Campos  
Dr. Armando Moura Bitencourt

publicações  
Acrópole 132 [pp. 321-3] 1948:04

terreno  
439,5 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
76% [335 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5,3 [ 2.345 m<sup>2</sup> de área construída]

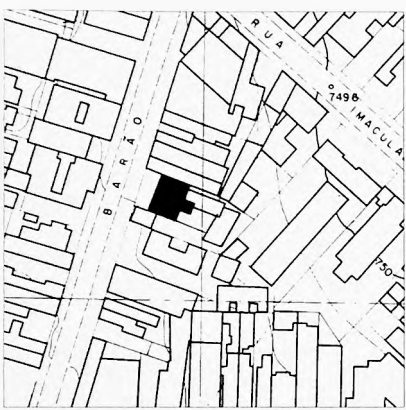
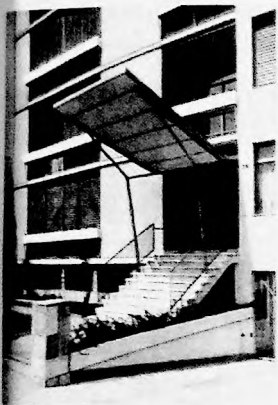
tipo de edifício  
**bloco em L**  
T+10

elevadores  
[2]

escadas  
[1]

número de unidades  
21 UH

tamanho das unidades  
A [7] dormitórios: 80 m<sup>2</sup>  
B [7] dormitórios: 79 m<sup>2</sup>  
C [7] dormitórios: 108,5 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000

# P2.F12

edifício  
**Lihi**  
projeto  
**Giancarlo Palanti**  
ano  
**1948**

endereço  
Rua Barão de Tatuí, 351  
Santa Cecília

obra de arte  
Roberto Samboret (painel do hall)

publicações  
Domus 280 [4-7] 1953:03  
Habitat 10 [19-23] 1953

terreno  
457 m<sup>2</sup> | ( x m)

taxa de ocupação  
78% [355 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
8.5 [ 3.905 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre junto a 2 alinhamentos  
T+10 | orientação NO/SE

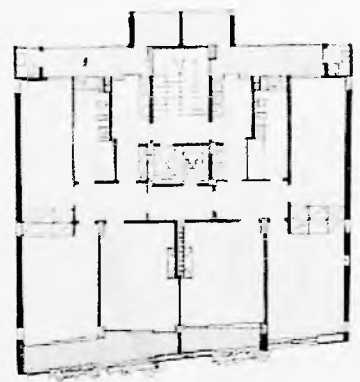
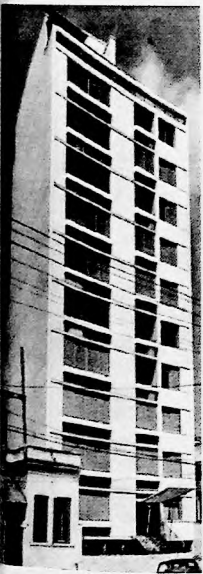
elevadores  
[2]

escadas  
[1]

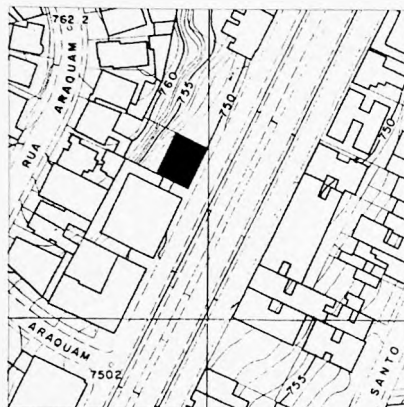
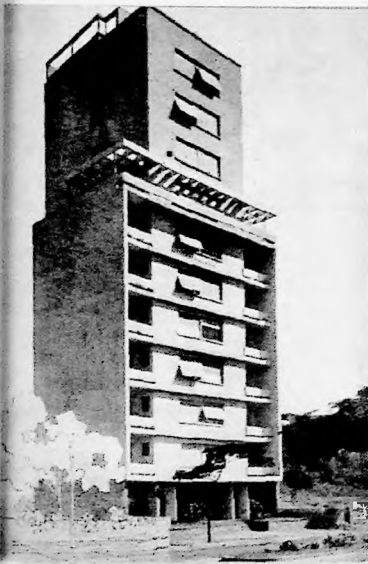
estacionamento  
0 vagas

número de unidades  
21

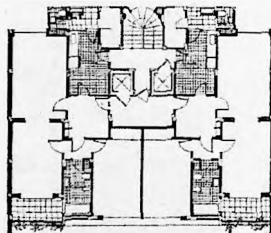
tamanho das unidades  
2 dormitórios: m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P2.F13

edifício  
**Hubert**

projeto  
**Oscar F. Souza Pinto**  
**Erico Brann**

ano  
**1948**

endereço  
Av. 9 de Julho, 1138  
Bela Vista

contratante  
Fuad J. Jebara

publicações  
Acrópolis 137 [152-155] 1949-09

terreno  
497 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
49% [245 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5.4 [ 2.695 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre junto a 2 alinhamentos  
T+ 10 | orientação NO/SE

elevadores  
[2]

escadas  
[1]

número de unidades  
12 UH

tamanho das unidades  
2 dormitórios: m<sup>2</sup>

## 4 2º PERÍODO [1942&gt;1952] INICIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO

*"Eu creio que este é um dos gestos de humanidade mais fecundos que os Estados Unidos já praticaram em relação a nós, os brasileiros. Por que ele virá, já veio, regenerar a nossa confiança em nós, e diminuir o desastroso complexo de inferioridade de mestiços que nos prejudica tanto. Já escutei muito brasileiro, não apenas assombrado, mas até mesmo estomagado, diante desse livro que prova possuímos uma arquitetura moderna tão boa como os mais avançados países do mundo. Essa consciência de nossa normalidade humana só mesmo os estrangeiros é que podem nos dar. Porque nós, pelo mesmo complexo de inferioridade, ou reagimos caindo num por-que-me-ufanismo idiota, ou num jeca-tatuísmo conformista e apodrecente".<sup>1</sup>*

(Comentário de Mário de Andrade, citado por Segawa sobre o livro *Brazil Builds* [1943] de Philip Goodwin)

## 4.1 A lei do Inquilinato

Lei do Inquilinato como instrumento para desestimular o investimento imobiliário.<sup>2</sup>

A outra forma pela qual a Lei do Inquilinato funcionou como instrumento da política econômica foi no sentido de desestimular os investimentos imobiliários e assim redirecionar os recursos internos sob a forma de capital para a implementação e o fortalecimento do parque industrial. Ao reduzir a rentabilidade da locação, limitar drasticamente a liquidez do imóvel locado e introduzir incerteza e insegurança no mercado, a Lei do Inquilinato cumpriu plenamente esse papel.

Pelo menos até meados da década de 30, investir em casas de aluguel era uma alternativa bastante rentável. A ampla gama de opções habitacionais para aluguel — desde casas ou apartamentos residenciais para a classe média até pequenos cômodos de aluguel nos fundos de lotes, passando por vilas, cortiços-pátios e conjuntos de casas geminadas — dava margem para que qualquer investidor, independentemente do volume de "capital" que dispusesse, entrasse no negócio. Isto é, a rentabilidade propiciada por esse tipo de investimento, em relação ao "trabalho" que exigia, ao pequeno risco que implicava e ao reduzido grau de complexidade do negócio, aliado à excelente valorização futura, era

bastante atraente. Em épocas de inflação baixa, rendia cerca de 12% a 18% ao ano, além da valorização do terreno onde se localizava o imóvel. Tais condições favoráveis prevaleceram até meados da década de 1930, assegurando a produção regular de moradias de aluguel.

Com as modificações das condições econômicas a partir do final da década – incremento da inflação e desenvolvimento industrial – sena de se presumir que parte dos investimentos aplicados nesse negócio se deslocasse para outros ramos. No entanto, a elevação dos valores locativos, devido à diminuição da oferta, tenderia a manter no negócio significativa parcela de investidores – sobretudo os que não tivessem outra atividade produtiva que requeresse capital. Isto é, mesmo que os rendimentos das casas de aluguel tivessem sofrido uma queda relativa em relação a outras atividades, o setor continuaria atraindo investimentos caso não houvesse nenhum mecanismo regulador dos valores lucrativos.

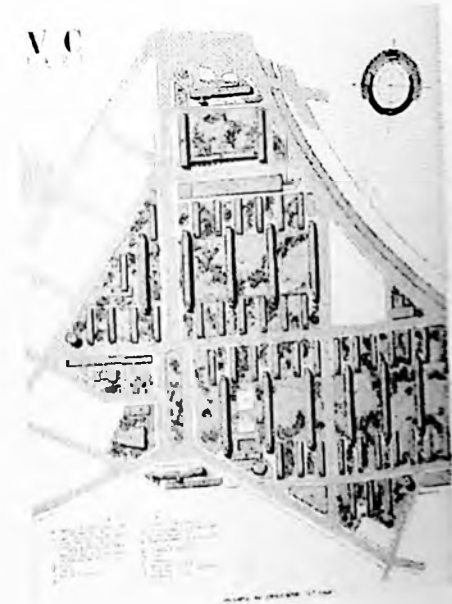
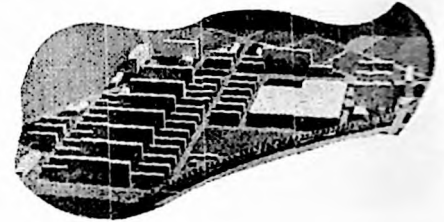
Por outro lado, todo esse período foi marcado pelo esforço governamental para implementar o setor industrial. Essa política, contudo, encontrava uma série de dificuldades, entre as quais o fato de o país não contar com “magnitudes prévias de acumulação capitalística” (Oliveira 1971), isto é, com capital em volume compatíveis às necessidades de expansão industrial. Assim, para viabilizar o desenvolvimento industrial, setor no qual ainda não havia presença maciça do capital estrangeiro, seria necessário carrear o máximo de recursos internos, o que não ocorrenha se os negócios imobiliários continuassem atraindo os investidores.

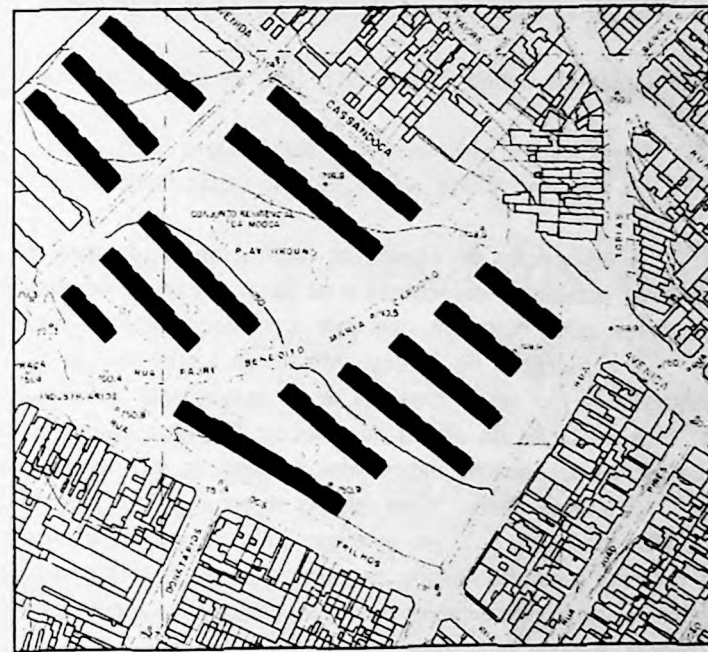
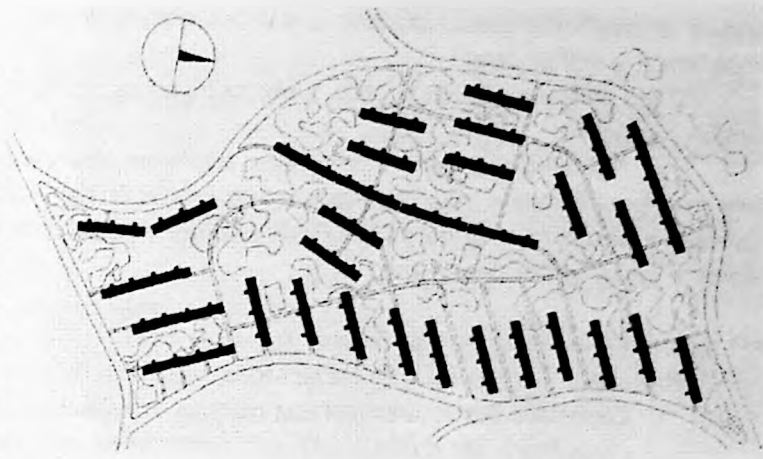
A Lei do Inquilinato sena, portanto, mais um instrumento da política econômica que visava reforçar a inversão de capital nas empresas que operavam de acordo com a nova base de acumulação. Nesse aspecto, ela se enquadrava no projeto de substituição dos mecanismos de mercado por controles administrativos, a fim de permitir o funcionamento não-automático da economia (Oliveira 1971). Os investimentos que, segundo o automatismo econômico anterior, eram dirigidos para a locação, seriam canalizados para os grandes empreendimentos do novo sistema. O controle dos aluguéis, portanto, bloqueava os mecanismos de mercado, visando a implementação de um novo patamar de acumulação.

#### 4.2 Os Institutos de Previdência

Em 1943 Getúlio Vargas dentro da “As Diretrizes da Nova Política do Brasil”:

*“Dei instruções ao Ministério do Trabalho para que, sem prejuízo das construções isoladas onde se tornarem aconselháveis, estude e projete grandes núcleos de habitações modestas e confortáveis. Recomendei, para isso, que se adquiram grandes áreas de terrenos e, se preciso, que se desapropriem as mais vantajosas; que se proceda à avaliação das mesmas; que se levem em consideração os meios de transporte para esses núcleos; que se racionalizem os*





*métodos de construção: que se adquiram os materiais, diretamente do produtor; tudo, enfim, de modo a se obter, pelo menor preço, a melhor casa”<sup>3</sup>*

O seu programa não foi cumprido, e pior foi JK, pois o seu Plano de Metas não continha qualquer referência à questão habitacional

*“Há um grande número de projetos, alguns em plena execução, de conjuntos de habitações baratas, tal como se deu na Europa e, mais recentemente, nos Estados Unidos. Atílio Correia Lima é o autor de um grande risco destinado a um bairro industrial de São Paulo. Está nele incluído certo número de altos sobrados de apartamentos, oficinas e outras instalações gerais”.*

IAPI Japurá [P2.F08: 1947>1957] de Eduardo Kneese de Mello

IAPC Anchieta [P1.F15: 1941>1943] de Marcelo Roberto e Milton Roberto.

Comentário dos autores sobre as habituais inflexões de fachadas:

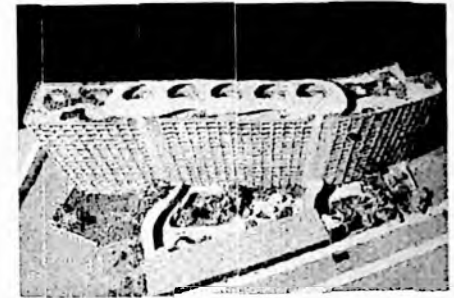
*“Arquitetura não é uma especulação bidimensional. Não pode se limitar ao mondrianismo, como acontece geralmente, por mais agradável que resulte o brinquedo. Seguindo Borromini, ondulamos docemente uma parte da fachada, para acusar, sem violência, sua tridimensionalidade”.*

IAPI Várzea do Carmo [P1.F17: 1942>1950] de Atílio Corrêa Lima, Alberto de M. Flores, Hélio U. Cavalcanti, José T. da Silva

IAPI Mooça [P2.F04: 1946>1950] de Paulo Antunes Ribeiro

IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>1951] de Carlos Frederico Ferreira

1. A edificação de conjuntos habitacionais isolados do traçado urbano existente: “Bem pouco valeria construir habitações econômicas e as dividir em pequenos lotes, misturados entre as construções urbanas existentes, numa outra era, com toda a promiscuidade dos cortiços vizinhos” (*Porto* 1938:57).
2. A construção de blocos: “Atendendo à preocupação de economia, a construção de grandes blocos traz a vantagem de (...) serem passíveis de ser previamente fabricados e standardizados” (*Porto* 1938:43-4).
3. A limitação da altura dos blocos: “No caso da edificação de blocos de apartamentos, somos de parecer que os mesmos, quando desprovidos de elevador, não deverão ultrapassar quatro pavimentos” (*Porto* 1938:43)
4. O uso de pilotis: “Com relação ao emprego dos pilotis, tenho ainda a salientar que o mesmo recupera 95% da área construída (...). Seu emprego assegura a todos os apartamentos visibilidade para o horizonte e contato com a natureza (uma das maiores conquistas da arquitetura contemporânea), evitando que os apartamentos situados no térreo sejam constantemente devassados e, portanto, desvalorizados (...). Usar o espaço ganho para ‘recreio das crianças’ é muito importante” (*Porto* 1938:45).



Quanto a isso, é interessante notar como o discurso conservador e moralista, de crítica ao espaço público não controlado (cujo melhor exemplo é o bar e as rodas de malandragem), se associa a uma proposta moderna (os pilotis), que aparecia como solução de lazer e sociabilidade sadia, num ambiente controlado ao qual só os "trabalhadores" teriam acesso:

*"Ora, não tendo em que se ocupar, na falta de melhor meio social, o operário é naturalmente atraído pelas "rodas" nos botequins, onde imperam os vícios e os maus costumes. Os "pilotis" resolvem, portanto, mais este problema, aliás da alta relevância social, de vez que naquela área agradável e amena, em constante contato com a natureza, os homens podem se reunir à noite e nas suas horas de lazer, organizando diversões, jogos, palestras, etc. Com um pouco de jeito e persistência, pode-se forçar o operário a freqüentar com assiduidade essas reuniões, bastando para atraí-lo por meio de distrações, como sejam: leitura de jornais (gratuitos), um bom rádio, pingue-pongue, bilhar, xadrez, damas e mesmo cartas (baralho), que geralmente tanto aprecia". (Porto 1938:46).*

5. A adoção dos apartamentos duplex: "Entre os tipos de apartamentos, adotamos o do sistema 'duplex' pelas reais vantagens que apresenta (...). Oferece uma economia de 15% de espaço e de 20% nas despesas com corredores, móveis, iluminação, etc. A grande vantagem, no entretanto, é a decorrente da instalação em dois pisos, que traz a real separação da parte de uso diário da outra, havendo assim mais tranqüilidade e intimidade" (Porto 1938:43).

6. Os processos de construção racionalizados e a edificação de conjuntos autônomos: "O problema a resolver consiste no projeto de um vila de duas mil moradias econômicas a serem construídas em série por processos racionalizados. Parece-nos que a solução que se impões no caso é a das 'neighbourhood unit cells', istoé, dos conjuntos urbanos que a si mesmo se bastam. Em cada um deles os seus habitantes devem encontrar tudo o que precisam – exceto o trabalho –, cada unidade celular possuirá pois a sua escola, a sua igreja, os seus 'playgrounds', o seu comércio. Dentro de cada unidade não haverá em regra senão o tráfego pedestre: as vias de comunicação que põem as unidades em ligação com o resto da cidade devem estar na periferia." (Porto 1938:51).

7. A articulação dos conjuntos habitacionais com planos urbanísticos: "(...) o problema da habitação econômica é antes de mais nada um problema urbanístico (...). deve-se concentrar os programas de habitação barata sobre grandes planos de organização regional, segundo eixos cuidadosamente estudados, auto-estradas em relação às riquezas naturais existentes, rios, florestas e vales" (Porto 1938:59-61).

8. A entrega da casa mobiliada de forma racional: "(...) dever-se-ia prover a casa dos móveis e utensílios de que iriam forçosamente carecer os seus moradores. (...) A entrega da casa, devidamente mobiliada, oferece, além da vantagem de ordem econômica (...) a de ordem higiênica (...). Nos quartos e salas das casas de muita gente a única abertura de iluminação e ventilação se encontra, se não totalmente, pelo menos em parte, obstruída pela necessidade de instalar um grande armário, comprado ou ganho sem atender ao local respectivo; dispensará, por certo, a citação das demais inconveniências desses móveis adquiridos, a juro alto, aos judeus das vendas a prestações (...). O lado econômico estaria atendido com as compras feitas em grosso (...)" (Porto 1938:35-6).

Porto – que participou da delegação oficial brasileira ao 1º Congresso Pan-Americano de Habitação Popular, em Buenos Aires, em 1939 – fazia parte do grupo de reformadores sociais do Ministério do Trabalho, defensores da intervenção do Estado no setor habitacional. Sua obra talvez seja a primeira a estabelecer de modo sistemático diretrizes para essa intervenção, em particular normas para conjuntos habitacionais. Por isso, e pela sua posição de assessor do ministro do trabalho, ele deve ter tido grande influência sobre a atuação dos Institutos.

Estes projetos longe de constituírem uma ruptura total com relação à história, tendem a estabelecer sólidos vínculos com a tradição da construção da cidade. Demonstrando um processo de compreensão e complementação da trama da cidade existente a partir da estratégia de ocupação de grandes vazios urbanos, já existentes naquele momento, providos todos de grande centralidade.

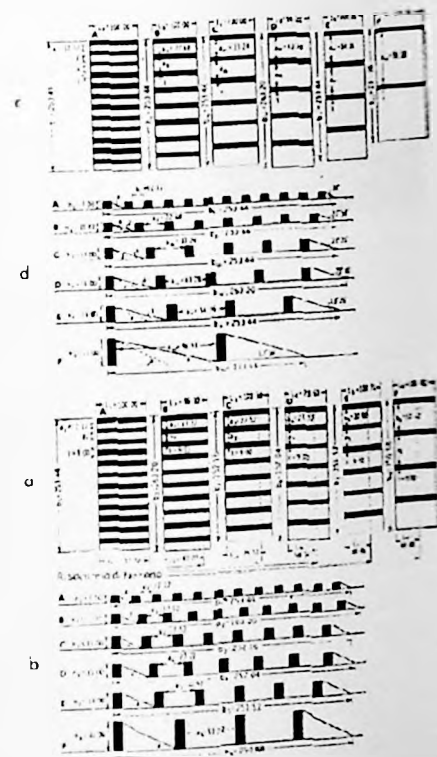
Existe claramente uma concepção da cidade como lugar no qual se equilibram e complementam o espaço construído e o espaço livre e onde a habitação humana, dentro de um elevado grau de sociabilidade, recupera o contato com a natureza. Invertendo neste instante o elemento definidor das formas urbanas. A regulamentação urbana, definidora da cidade tradicional, perde espaço para as tipologias arquitetônicas

Toda investigação desenvolvida pelos arquitetos modernos sobre o tema da habitação coletiva esteve sempre centrada no estudo das relações entre a unidade de habitação e a forma urbana. Deste modo, enquanto Le Corbusier concebia suas primeiras reflexões urbanísticas, seu ponto de partida não eram os abstratos códigos de edificação mas sim uma idéia precisa da casa do homem na cidade moderna.<sup>4</sup>

A forma lineal possui uma longa tradição histórica tanto no contexto rural como nas concentrações urbanas. Existe portanto uma profunda analogia entre a forma lineal e certos arquétipos da atividade humana ligados a idéia de percurso e deslocamento. Esta analogia estabelece uma especial relação e significado com o mundo moderno, caracterizado pela mobilidade e pela inter-relação. A proposta pioneira da Cidade Lineal de Arturo Soria y Mata [1882] já antecipava o protagonismo do conceito de linearidade no debate sobre as modernas formas de assentamento humano<sup>5</sup>. A implantação lineal tende a simbolizar a força dinâmica e a aspiração de igualitária da sociedade moderna.

A forma lineal supõe ausência de hierarquia e propicia equivalência de condições para todos os elementos que configuram uma estrutura. Exatamente por isso se transforma em um dos fundamentos da habitação coletiva do Movimento Moderno. Além disso, esquema lineal é o mais coerente com o princípio de repetição de um elemento e com o desejo de produção serial, da linha de montagem, entendida como figura emblemática do processo produtivo do mundo industrializado.

Durante o 3º CIAM de Bruxelas em novembro de 1930, dedicado aos métodos de construção racionais, Gropius divulga a síntese de suas últimas experiências no campo da habitação coletiva. Na sua influente conferência, "Construção baixa, média ou alta?", é representativa do esforço da arquitetura funcionalista em limitar os parâmetros que intervêm no projeto arquitetônico, para aqueles puramente técnicos, possíveis de serem normatizados. Apesar do aparente reducionismo a demonstração quase matemática de Gropius expõe com clareza a relação entre a densidade populacional,





a altura dos edifícios e a distância entre eles, tomando como referência um conjunto residencial composto de blocos laminares. Os dois esquemas apresentados usando como parâmetro em um o espaço livre e no outro a densidade favorecem o raciocínio de construir em altura pelo aumento significativo da densidade e do espaço livre obtidos.

A apresentação destas reflexões e experiências desenvolvidas tanto para a cidade jardim com para a cidade históricas consolida um modelo amplamente utilizado na década de 20 e que durante os anos 30 se imporá com solução canônica para os problemas de habitações coletivas de interesse social. Mas a repetição inconseqüente e a crítica desta fórmula, principalmente nos anos posteriores a 2ª Guerra Mundial, acabam por esgotar e desacreditar este modelo. Mas basta citar alguns dos melhores exemplos concebidos nesse período para compreender como o princípio do *Zeilenbau* (edificações em linha) contém, para o mundo moderno, um valor permanente e sempre revisado em relação ao tema da habitação coletiva.



### 4.3 Corporativismo e Incorporação

#### Prudência

“No máximo, pode-se lamentar o emprego sistemático de uma tonalidade ocre para os revestimentos, pois essa cor neutra, lembrança da Cidade Eterna transposta para os trópicos, não convinha a uma arquitetura austera que não era animada por diferenças marcantes de relevo.

*O mesmo defeito surge no prédio de apartamentos Prudência, que é do ano em que Rino Levi aceitou considerada como um modelo pela flexibilidade obtida na disposição interna dos cômodos, mas o abuso de cores escuras, emprestadas da gama dos marrons, não contribuiu para valorizar a obra no plano plástico.* <sup>16</sup>

#### Cia Seguradora Brasileira

*A obra-prima desse gênero e de programa da equipe é, sem dúvida alguma, o edifício Seguradora Brasileira, projetado em 1948, mas terminado só em 1956. Dois blocos de moradia de quatorze andares, um ao lado do outro, e ligados no centro por um corpo transversal que abriga os serviços comuns e os elevadores, foram erguidos numa plataforma-jardim, sob a qual foram estabelecidos dois níveis de lojas que abrem para a rua, no mesmo nível desta, e um subsolo que serve de garagem. A separação desses dois grupos de volumes é bem marcada, mas sua união é*

*assegurada por uma estrutura original extremamente eficaz, que permite passar, sem solução de continuidade, da clássica coluna inferior para as paredes laterais sustentadoras dos alojamentos: assim, a atravancamento causado pelos elementos da estrutura é reduzido ao mínimo e se adapta perfeitamente às necessidades intrínsecas de cada uma das partes; de fato, os apartamentos ganham em superfície disponível e facilidade de mobiliar aquilo que perdem em flexibilidade de transformação, por causa da existência de paredes irremovíveis. As fachadas são particularmente cuidadas: o desencontro entre janelas e peitoris evita a alternância, monótona, de faixas horizontais uniformes, ao mesmo tempo que conserva o uso de um material padrão e a unidade das lajes do piso do teto em toda a construção.*

*Uma das preocupações predominantes de Rino Levi e seus associados sempre foi a proteção eficaz contra o excesso de insolação. Embora tenham claramente preferido as venezianas ou persianas de madeira nos prédios de habitação coletiva, não vacilaram em utilizar sistematicamente diversos tipos de brise-soleil, ao gosto da arquitetura brasileira, nos arranha-céus destinados a abrigar escritórios; nesse campo, chegaram mesmo a mostrar-se bem mais conservadores do que a maioria de seus colegas e continuaram a usar os brise-soleil, sem preocupar-se com as recentes possibilidades oferecidas pela fabricação de vidro refratário, considerado por eles um meio oneroso e insuficiente. Essa posição muito firme, ditada por considerações de ordem racional e econômica, não constituía de modo algum uma rejeição ou um desconhecimento dos progressos técnicos realizados pela indústria; pelo contrário, Rino Levi e sua equipe sempre foram sensíveis a esse aspecto, e o melhor exemplo disso é a adoção do processo do pano de vidro para o anteparo de alumínio com que protegeram as fachadas do Banco Sul-Americano na Avenida Paulista (1961-1965).*

#### 4.4 Expansão e consolidação

- Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César
- Palacete Suzanne [P2.F02: 1946>1947] de M. Oliveira
- Louveira [P2.F03: 1946>49] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
- Leon Kassinsky [P2.F06: 1947>1951] de Henrique Mindlin
- Cia. Seguradora Brasileira [P2.F07: 1947>1953] Rino Levi e Roberto Cerqueira César
- Pilotis [P2.F09: 1948>1951] de Francisco Beck
- São Vicente [P2.F10: 1948>1954] do Escritório Técnico de Lucjan Korngold
- Hecilda [P2.F11: 1948] de Abelardo de Souza, Hélio Duarte e Zenon Lotufo
- Lili [P2.F12: 1948] de Giancarlo Palanti
- Hubert [P2.F13: 1948] de Oscar Souza Pinto e Erico Brann
- Viadutos [P2.F14: 1950>1955] de João Artacho Jurado

## Notas do Capítulo 4 [1942&gt;1952 INICIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO]

<sup>1</sup> SEGAWA (1998) p.100

<sup>2</sup> BONDUKI () p. 241-2

<sup>3</sup> p.114

<sup>4</sup> MARTÍ (1991) p.46

<sup>5</sup> MARTÍ (1991) p.32

<sup>6</sup> Bruand, Yves () p.250





1928  
1942  
1957  
1972

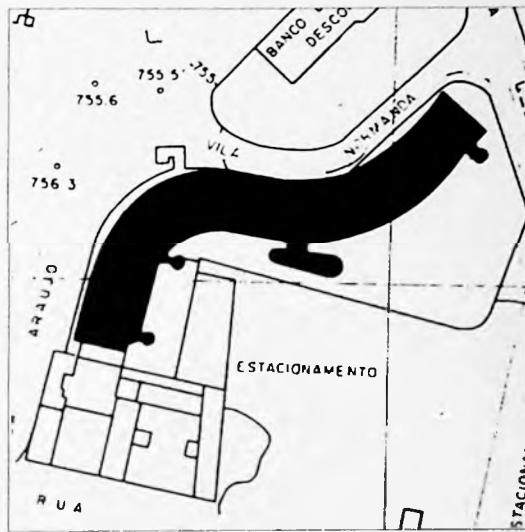


## HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO [3º PERÍODO: 1952>1957]

ficha	ano	edificio	projeto	endereço	bairro
P3.F01	1952 > 1971	copan	oscar niemeyer	av. ipiranga, 200	república
P3.F02	1952 > 1953	guapira eijcatū	eduardo knesse de mello	r. josé queirós aranha, 155-185	vila mariana
P3.F03	1952 > 1959	bretagne	joão artacho jurado	av. higienópolis, 938	higienópolis
P3.F04	1952 > 1959	paqueta	luz-ar (Arq. Alfred Duntuch)	r. alagoas, 475	higienópolis
P3.F05	1952 > 1959	nações unidas	abelardo de souza	av. paulista, 620-648	bela vista
P3.F06	1953 > 1954	franco da rocha	abelardo de souza	r. franco da rocha, 717	perdizes
P3.F07	1953 > 1956	buenos aires	majer botkowski	av. angélica, 1867	higienópolis
P3.F08	1955 > 1956	eiffel	oscar niemeyer	pça. República, 180	república
P3.F09	1953 > 1958	joão ramalho	plínio croce, roberto aflalo e salvador candia	r. ministro godoy, 861	perdizes
P3.F10	1953 > 1958	lausanne	adolf franz heep	av. higienópolis, 101	higienópolis
P3.F11	1953	biaça	plínio croce e roberto aflalo	r. prof. aristides de macedo, 77	vila mariana
P3.F12	1953	helena maria	oswaldo bratke	r. avanhandava, 416	consolação
P3.F13	1953	veneza	construtécnica Ltda.	av. angélica, 439	santa cecília
P3.F14	1953	são miguel	david libeskind	av. são joão, 1857	santa cecília
P3.F15	1954 > 1956	9 de julho	eduardo corona	av. 9 de julho, 2054	bela vista
P3.F16	1954 > 1956	três marias	abelardo de souza	av. paulista, 2239	jardim paulista
P3.F17	1954 > 1956	imperator	vaidergorn e verona	av. angélica, 1905	higienópolis
P3.F18	1954 > 1956	toscania	telésforo cristofani	al. fernão cardim, 317	jardim paulista
P3.F19	1954 > 1956	cacique	miguel badra jr.	av. bernardino de campos, 185	paraíso
P3.F20	1954 > 1957	20 de setembro	rino levi	r. álvaro de carvalho, 108	consolação
P3.F21	1954 > 1957	maria albertina	fábio penteado	al. franca, 659	jardim paulista
P3.F22	1954	tucumán	franz heep	r. martins fontes	república
P3.F23	1955 > 1956	icarai	franz heep	pr. roosevelt, 128	consolação
P3.F24	1955 > 1956	jurua	eduardo knesse de mello	r. bento freitas, 341	vila buarque
P3.F25	1955 > 1956	ibaté	franz heep	r. antônio carlos, 396	consolação
P3.F26	1955 > 1957	simão racy	waldomiro zarzur e aron kogan	av. são joão, 1588	santa cecília
P3.F27	1956 > 1957	normandie	adolf franz heep	av. 9 de julho, 656	bela vista
P3.F28	1956 > 1958	araruanas <i>Araruanas</i>	franz heep	av. são joão, 1833	santa cecília
P3.F29	1956 > 1959	paulicéia e são carlos do pinhal	jacques pilon e giancarlo gasperini	av. paulista, 960	bela vista
P3.F30	1957 > 1958	ouro preto	adolf franz heep	av. são luiz, 131	república

P3.F31	1957 > 1958	ibirapuera	rafael jafet jr. e michel jafet	r. tutóia, 387	paraíso
P3.F32	1957 > 1958	santa margarida	gregori warchavchik	r. martins fontes, 159	república
P3.F33	1957 > 1960	diana	victor reif	r. maranhão, 270	higienópolis
P3.F34	1957	manaus	israel galman	al. barão de limeira, 1283	santa cecília





implantação | escala 1:2000

# P3.F01

edifício  
**Copan**

projeto  
**Oscar Niemeyer**

ano  
**1952 > 1971**

endereço  
Avenida Ipiranga, 200  
República

colaborador  
Carlos Lemos

contratante  
CNI - Companhia Nacional de Investimentos

construção  
Nome do Construtor

obra de arte  
Maria Leontina (grande mural)

publicações  
Arquitetura Moderna Paulistana [28] Ano:Mês  
Oscar Niemeyer: works in progress [39-43] Ano:Mês

terreno  
10.573 m

taxa de ocupação  
100 % [10.573 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
11 [116.153 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar sinuoso isolado sobre embasamento  
T+S+32

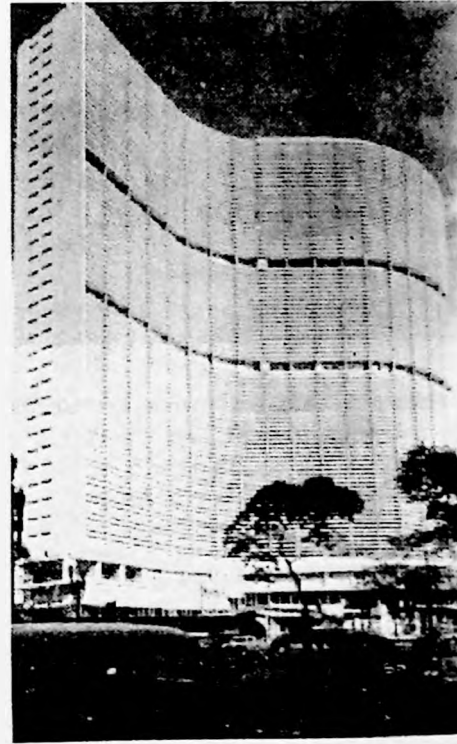
elevadores  
[13]  
fiscalização industrial: 11931

escadas  
[6]

estacionamento  
500 vagas

número de unidades  
1160 UH

tamanho das unidades  
A [64] 2 dormitórios: 57 m<sup>2</sup>  
B [640] 1 dormitório: 37 m<sup>2</sup>  
C [64] 2 dormitórios: 143 m<sup>2</sup>  
D [64] 3 dormitórios: 187 m<sup>2</sup>



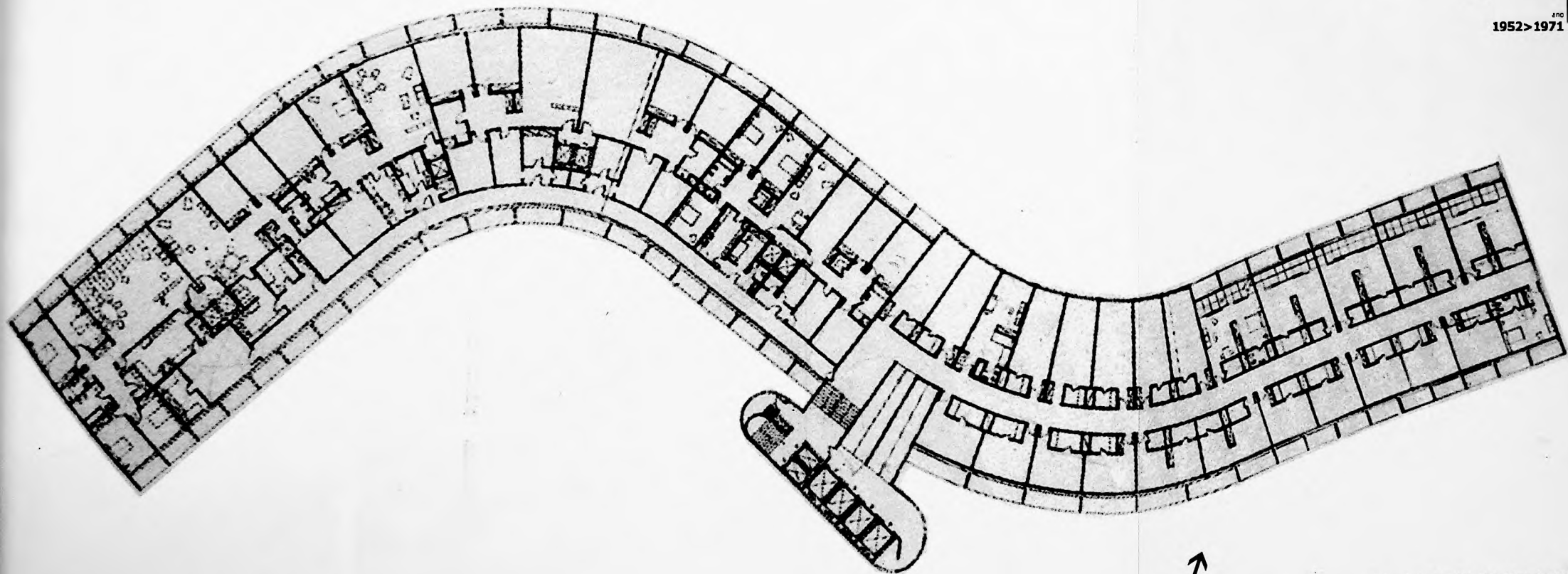
terreno  
edifício  
imóveis

P3.F01

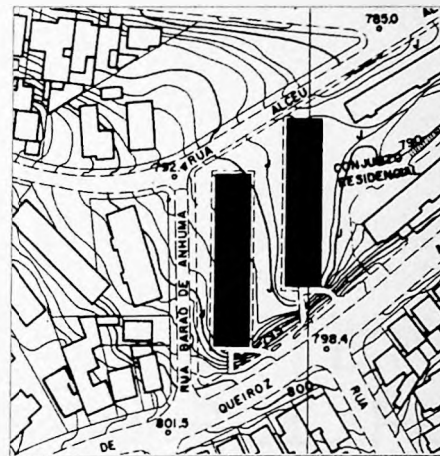
edificio  
**Copan**

projeto  
**Oscar Niemeyer**

ano  
**1952 > 1971**



pavimento tipo - projeto original | escala 1:300



implantação | escala 1:2000

P3.F02

edifício  
**Guapira e Icatu**

projeto  
**Eduardo Kneese de Mello**

ano  
**1952 > 1953**

endereço  
Rua José Queirós Aranha, 165-185  
(Jardim Ana Rosa) Vila Mariana

alvará da prefeitura  
no 51.982 / 19.4.1952

habite-se  
22.9.1953

contratante  
Banco Hipotecário Lar Brasileiro

publicações  
Acrópole 182 [74-5] 1953

terreno  
9.239 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
16 % [1.454 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
0.5 [4.362 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+ 2

elevadores  
não possui

escadas  
[1]

estacionamento  
não possui

número de unidades  
42 UH

tamanho das unidades  
duplex 2 dormitórios: 83 m<sup>2</sup>

fotos: MF  
redesenho: Luciana Brasi

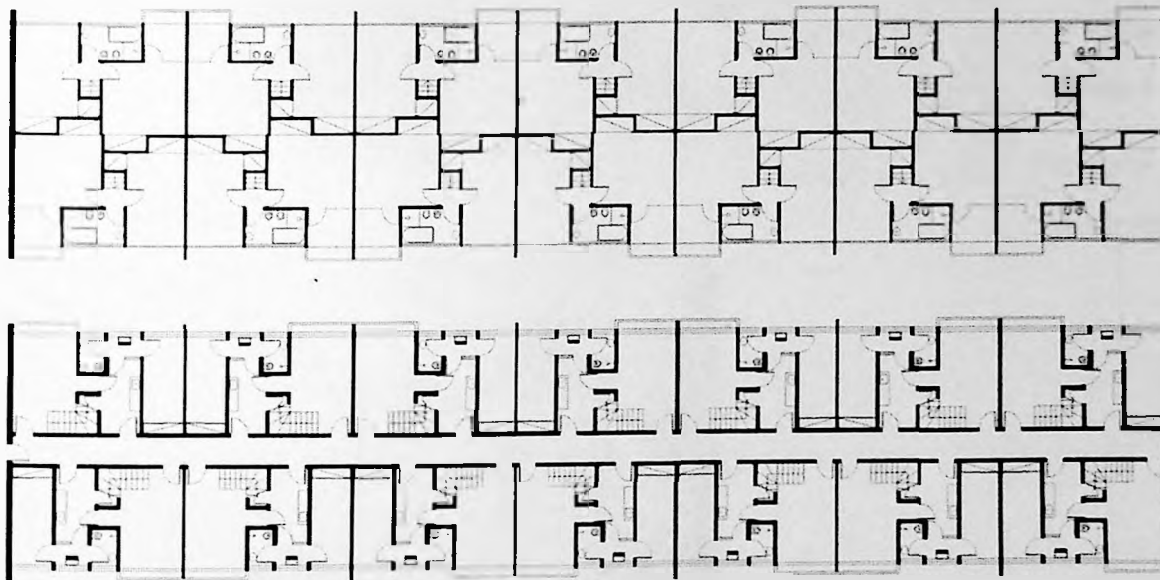


P3.F02

edifício  
Guapira e Icatu

projeto  
Eduardo Kneese de Mello

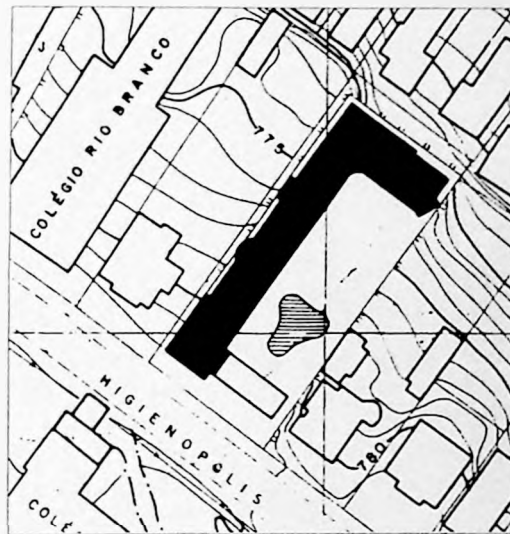
ano  
1952>1953



pavimento tipo | escala 1:300

redesenho: Luciana Brasil





implantação | escala 1:2000



# P3.F03

edifício  
**Bretagne**

projeto  
**João Artacho Jurado**

ano  
**1952 > 1959**

endereço  
Avenida Higienópolis, 938  
Higienópolis

colaborador  
Eng. Luiz Diogenes Zepelini  
(estrutura e acompanhamento de obra)

contratante  
Monções - Construtora e Imobiliária S. A.

publicações  
Habitat 14 [72-6] 1954  
AU - Arquitetura e Urbanismo 26 [80-91] 1989

terreno  
4.990 m<sup>2</sup> | retangular em declive [48x104 m]

taxa de ocupação  
35 % [1.776 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
6.4 [31.788 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar em "L" isolado  
T+17

elevadores  
[10]

escadas  
[5]

número de unidades  
174 UH

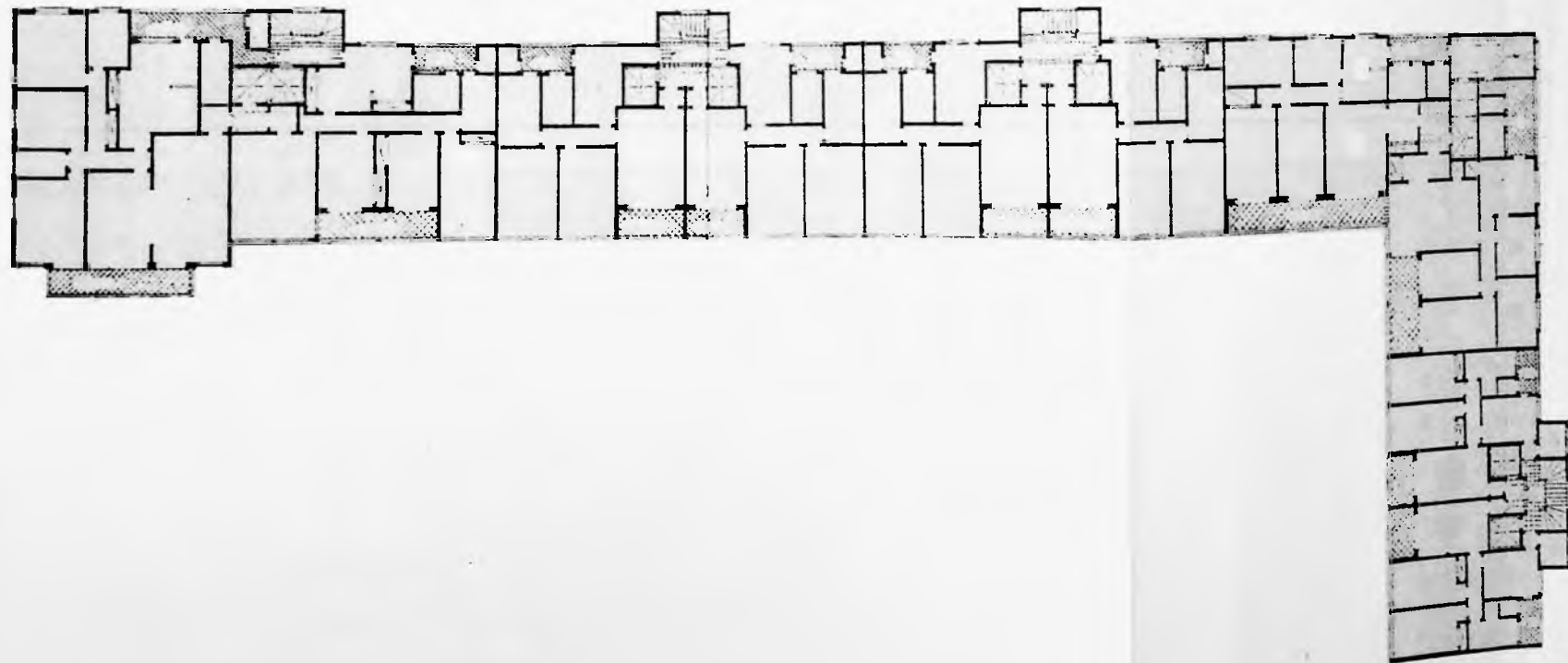
tamanho das unidades  
A [12] 3 dormitórios: 222 m<sup>2</sup>  
B [18] 3 dormitórios: 160 m<sup>2</sup>  
C [72] 2 dormitórios: 124 m<sup>2</sup>  
D [36] 2 dormitórios: 155 m<sup>2</sup>  
E [36] 2 dormitórios: 92 m<sup>2</sup>

P3.F03

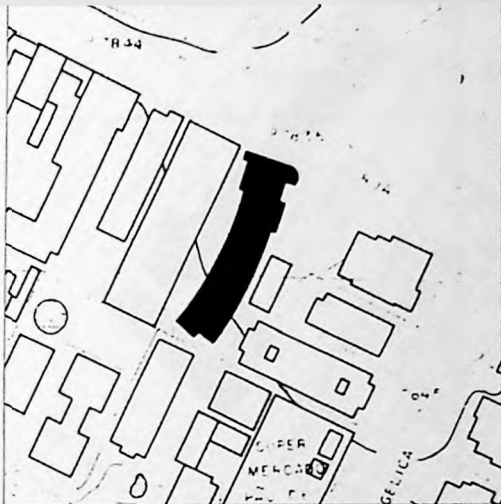
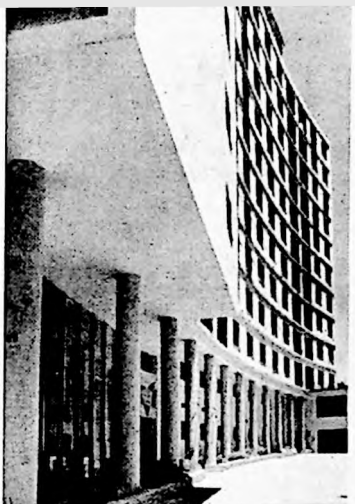
edifício  
**Bretagne**

projeto  
**João Artacho Jurado**

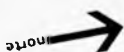
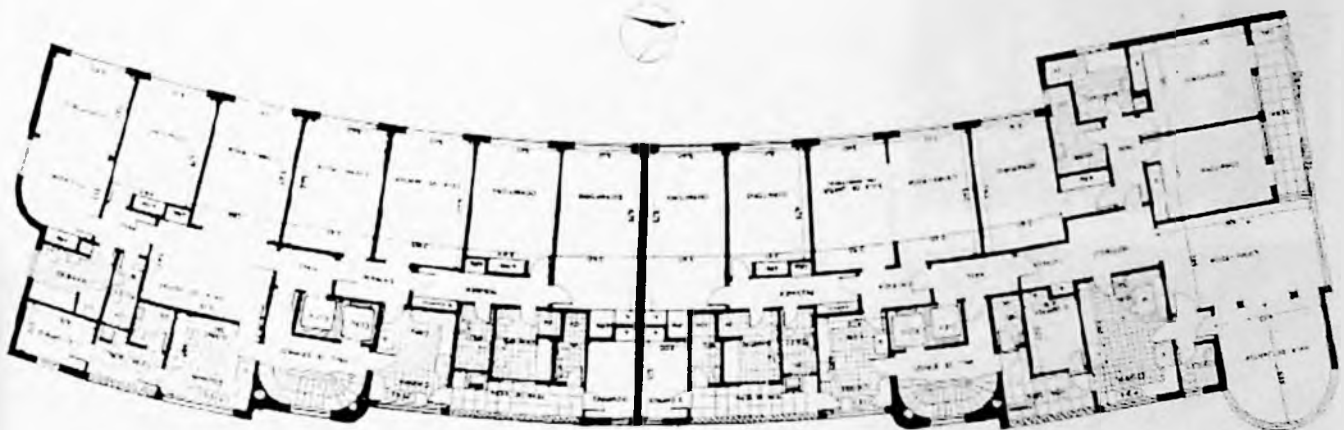
ano  
**1952 > 1959**



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P3.F04

Paqueta

projeto e construção

**Luz-Ar**

Arquitetura e Construção Ltda.

ano

**1952 > 1959**

endereço

Rua Alagoas, 475

[Praça Buenos Aires] Higienópolis

contratante

Dr. Joel Ostrowicz

publicações

Acrópole 170 [59-60] 1952:06

Acrópole 210 [244-5] 1959:04

terreno

1.406 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação

54 % [660 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento

6.5 [ 9.120 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

bloco laminar isolado

T+S+10

elevadores

[4]

escadas

[2]

número de unidades

52 UH

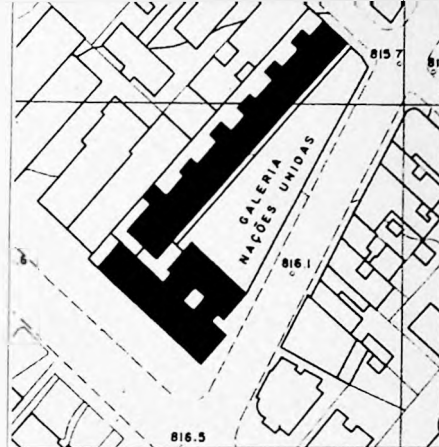
tamanho das unidades

A [16] 3 dormitórios: 201 m<sup>2</sup>

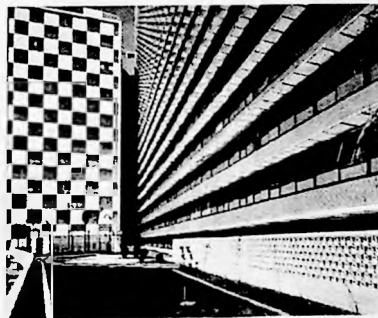
B [26] 2 dormitórios: 141 m<sup>2</sup>

C [10] 2 dormitórios: 126 m<sup>2</sup>

fotos: revista Acrópole  
desenhos: revista Acrópole



implantação | escala 1:2000



P3.F05

Nações Unidas

projeto  
**Abelardo de Souza**

ano  
**1952 > 1959**

endereço  
Avenida Paulista, 620-648  
Bela Vista

contratante  
Cia. Nacional de Indústria e Construção

construção  
Soc. De Eng. Cyro Ribeiro Pereira Ltda. /  
Const. São Paulo S.A. / Construtécnica Ltda.

publicações  
AD Arquitetura e Decoração [1] 1953  
Habitat 12 [10-1] 1953  
Habitat 57 [20-4] 1959  
Acrópole 262 [270-72] 1960  
Xavier, Lemos e Toledo [35] 1983

terreno  
4.940 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
45 % [2.212 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
9.8 [48.664 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre + bloco laminar sobre embasamento  
T+18/21

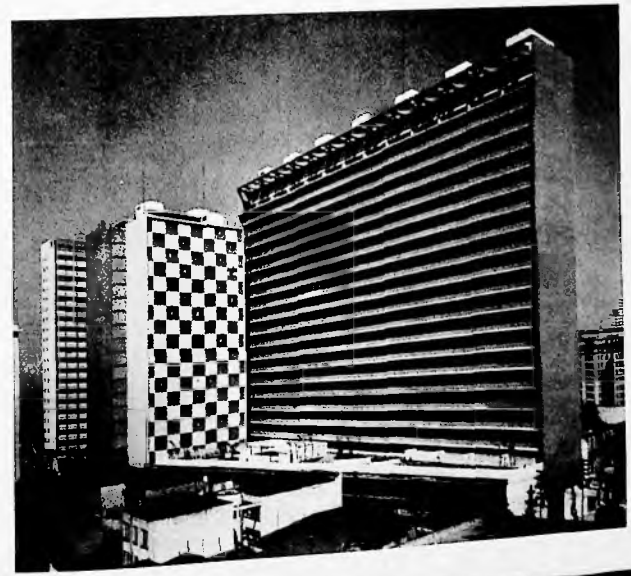
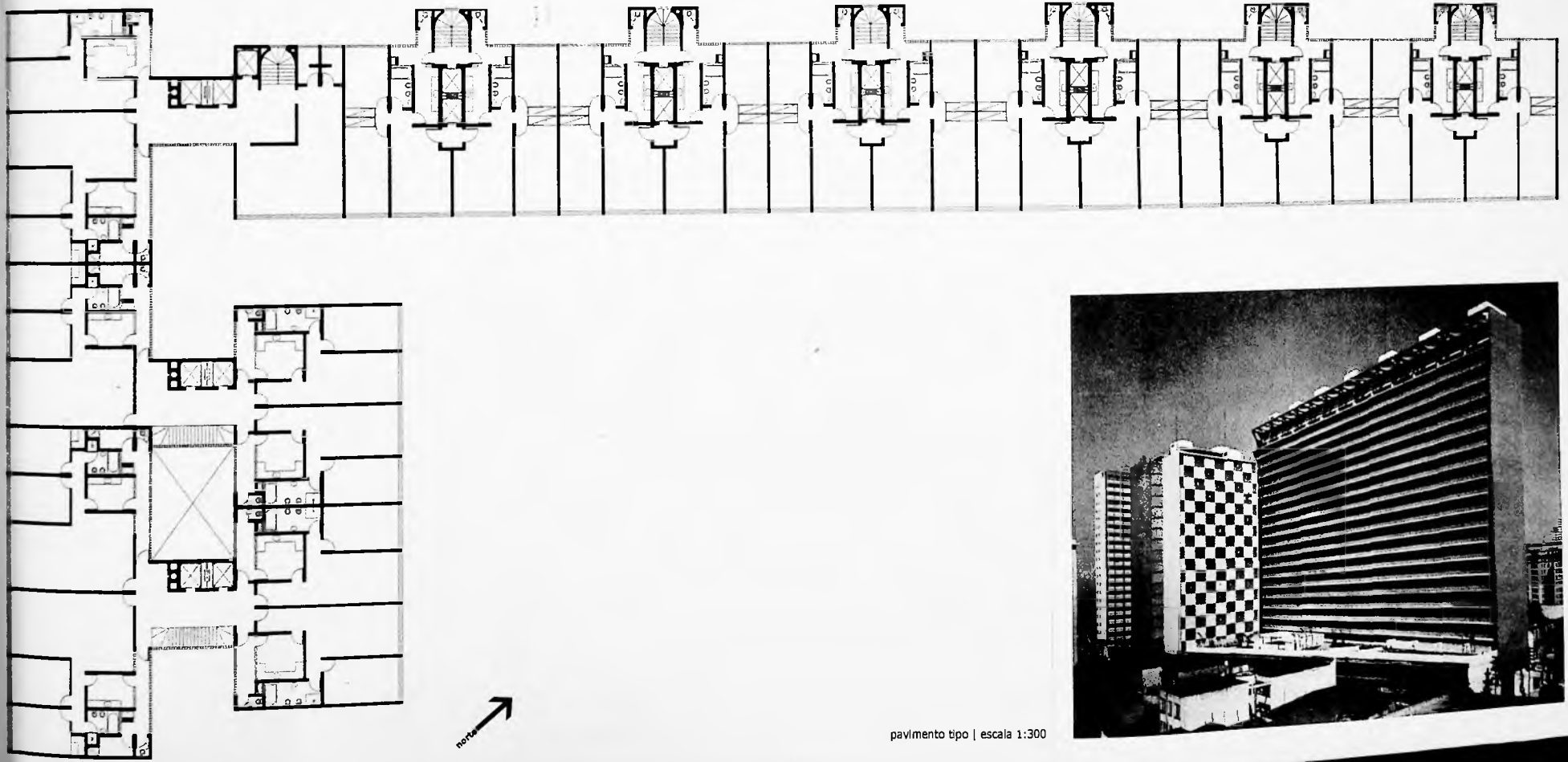
elevadores  
[18]  
fiscalização industrial: 32174

escadas  
[9]

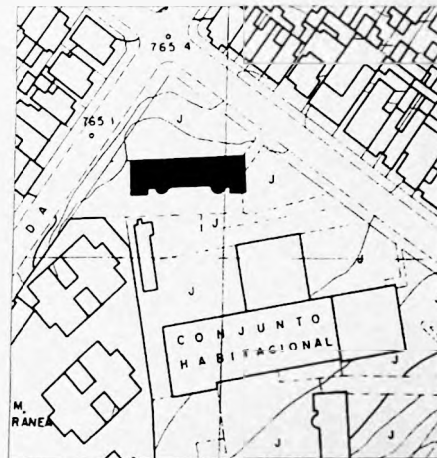
estacionamento  
no subsolo  
número de unidades  
430 UH

tamanho das unidades  
A [252] dormitórios: 80.71 m<sup>2</sup>  
B [72] dormitórios: 72.84 m<sup>2</sup>  
C [72] dormitórios: 113.24 m<sup>2</sup>

fotos: Leon Liberman  
redesenho: Luciana Brasil



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000

P3.F06

Franco da Rocha

edifício

projeto  
**Abelardo de Souza**

ano  
**1953 > 1954**

endereço  
Rua Franco da Rocha, 717  
Perdizes

contratante  
Banco Hipotecário Lar Brasileiro

construção  
Construtécnica Ltda.

publicações  
Arquitetura e Engenharia 31 [52-3] 1954:05-06  
AD 4 1954

Acrópole 200 [366-7] 1955:06

terreno  
2.250 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
18,6 % [420,5 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2,6 [ 5.887 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado

T+ 13

elevadores  
[4]

escadas  
[2]

estacionamento  
120 vagas

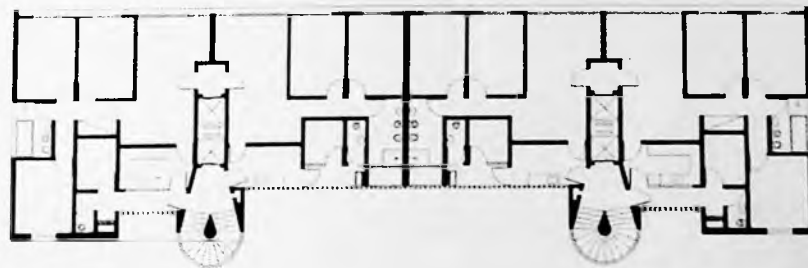
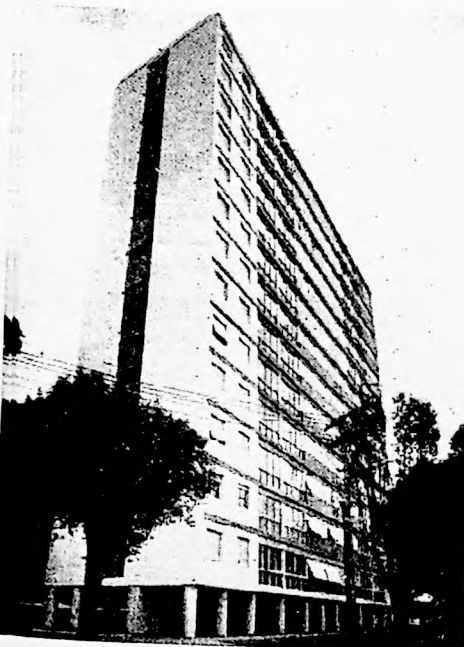
número de unidades  
52 UH

tamanho das unidades

A [24] 3 dormitórios: 133 m<sup>2</sup>

B [12] 1 dormitório: 56 m<sup>2</sup>

C [6] (duplex) 3 dormitórios: 130 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300

fotos: Acrópole  
MF  
redesenho: Luciana Brasil

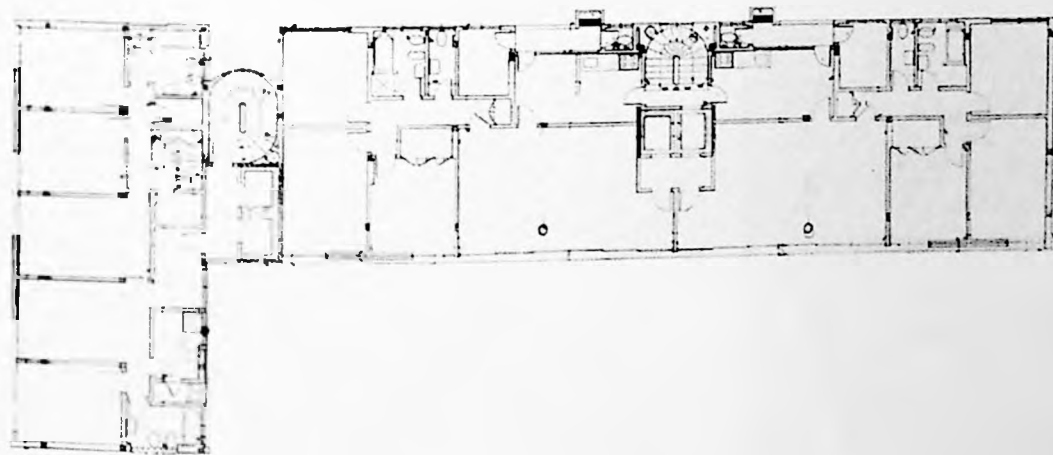
terreno

edifício

unidades



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P3.F07

condomínio  
**Buenos Aires**  
(Edifícios La Plata e San Martín)

projeto  
**Majer Botkowski**

ano  
**1953 > 1956**

endereço  
Avenida Angélica, 1867  
Higienópolis

construção  
Consórcio Téc. de Engenharia e Arquitetura

contratante  
Cia. Esmeralda de Imóveis e Investimentos

publicações  
Acrópole 227 [410-2] 1957:09  
Arquitetura e Engenharia 24 [88-9] 1953:01-02

terreno  
950 m<sup>2</sup> | retangular e de esquina

taxa de ocupação  
53% [500 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
7.4 [7.000 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar em "L" isolado  
T+12/13 | orientação NE/SO

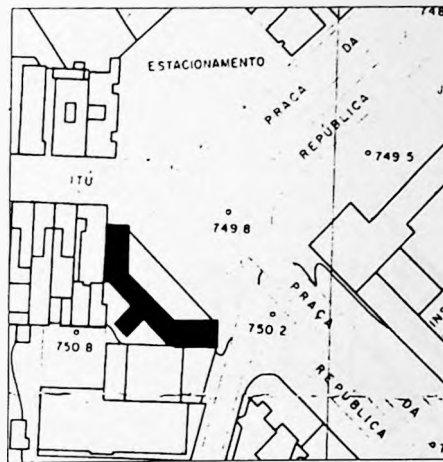
elevadores  
[4] longitudinais e internos

escadas  
[2] longitudinal e semi-circular  
transversal e semi-circular

estacionamento  
garagem no subsolo

número de unidades  
24 UH (Ed. San Martín)  
29 UH (Ed. La Plata)

tamanho das unidades  
[25] 3 dormitórios: 120, 124, 133 m<sup>2</sup>  
[12] 1 dormitório: 56 m<sup>2</sup>  
[6] duplex: 3 dormitórios: 130 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000

# P3.F08

edifício  
**Eiffel**

projeto  
**Oscar Niemeyer**

ano  
**1953 > 1956**

endereço  
Praça da República, 180  
República

colaborador  
Carlos Lemos

contratante  
CNI - Cia. Nacional de Indústria e Construção

construção  
A. Salfati & Buchignani

publicações  
Acrópole 208 [134-6] 1956:02

terreno  
1.100 m<sup>2</sup> | irregular [58 m de frente]

taxa de ocupação  
63% [690 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
16 [17.250 m<sup>2</sup> de área construída]

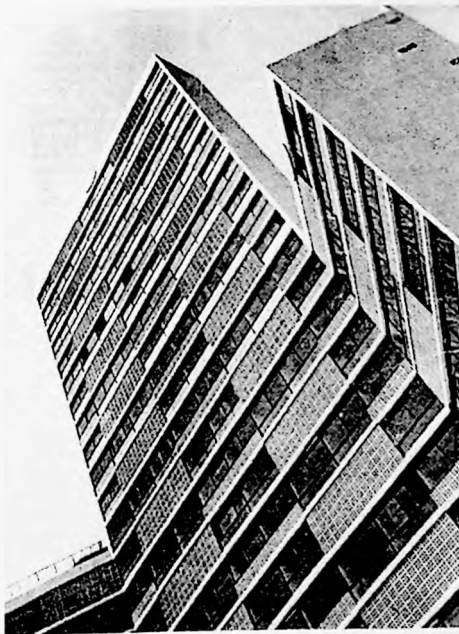
tipo de edifício  
bloco laminar escalonado sobre embasamento  
T comercial + 12/24

elevadores  
[4]

escadas  
[1]

número de unidades  
54 UH

tamanho das unidades  
A [10] dormitórios: 240 m<sup>2</sup>  
B [44] dormitórios: 114.12 m<sup>2</sup>

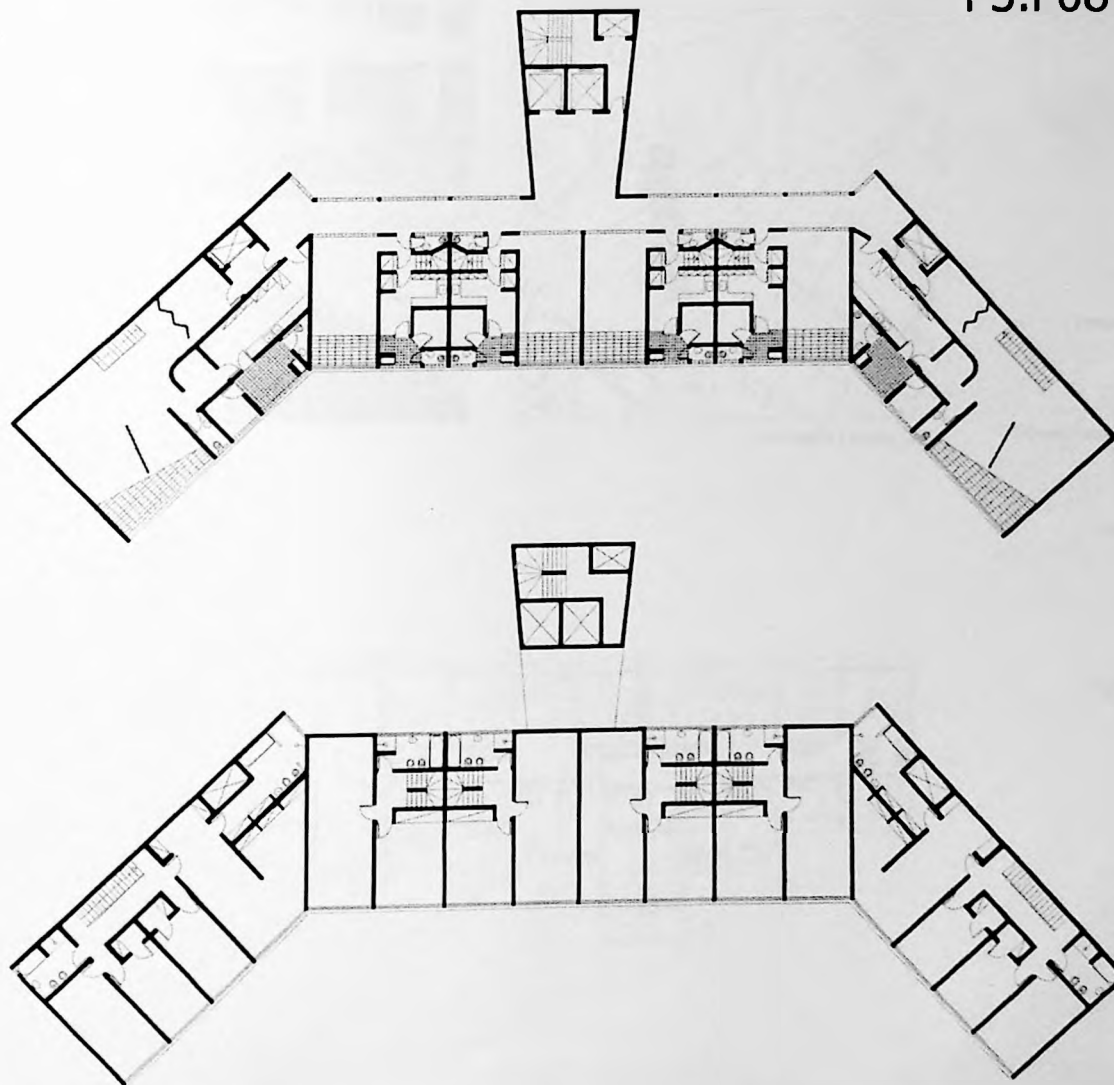


P3.F08

edificio  
**Eiffel**

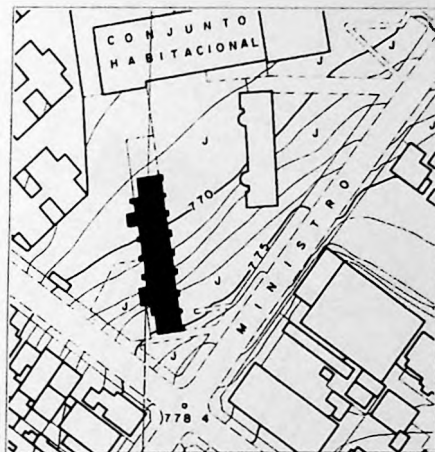
projeto  
**Oscar Niemeyer**

ano  
**1954 > 1956**

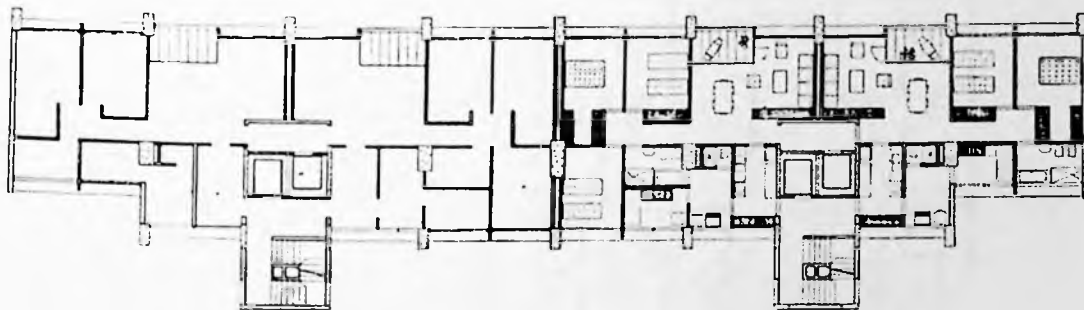


pavimento tipo | escala 1:300

redesenho: Luciana Brasil



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P3.F09

edifício  
**João Ramalho**

projeto  
**Plínio Croco**  
**Roberto Aflalo**  
**Salvador Candia**

ano  
**1953**

endereço  
Rua Ministro Godoy, 861  
Perdizes

contratante  
Banco Hipotecário Lar Brasileiro S.A.

construção  
Esc. Técnico Augusto Pedalini

premição  
Prêmio Internacional de Habitações Coletivas  
IV Bienal de São Paulo

publicações  
Acrópole 242 [55-7] 1958  
Xavier, Lemos e Toledo [36] 1983

terreno  
1.600 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
34,3 % [550 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5,8 [9.350 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+16 | orientação L/O

elevadores  
[4]

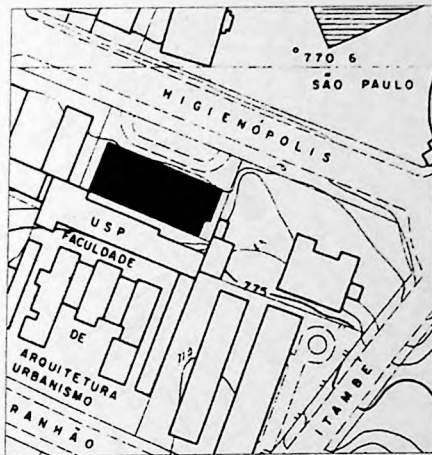
escadas  
[2]

número de unidades  
64 UH

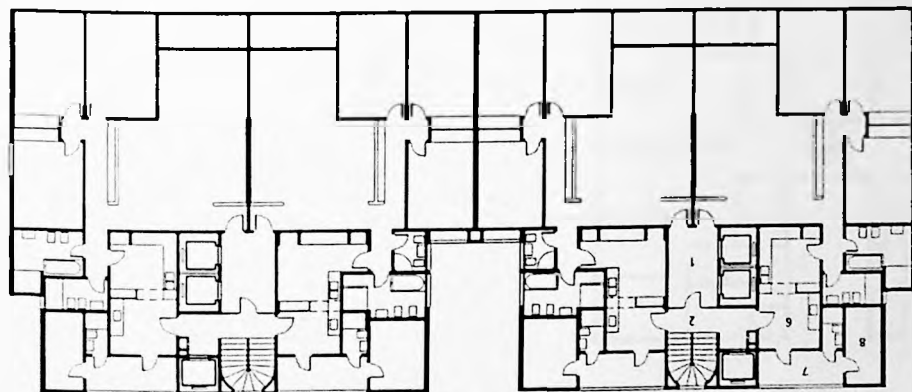
tamanho das unidades  
A [32] 2 dormitórios: 90 m<sup>2</sup>  
B [101] 3 dormitórios: 101m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
MF  
desenhos: revista Acrópole





implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P3.F10

edifício  
**Lausanne**

projeto  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1953 > 1958**

endereço  
Avenida Higienópolis, 101-111  
Higienópolis

estrutura  
Júlio Kassoy e Mário Franco

contratante  
Costrutora Auxiliar S.A.

construção  
Elias e Aizik Helcer

parisagismo  
Jardinarte - Lux e Stoll S.A.

obra de arte  
Clovis Graciano [2 painéis, um em cada hall]

publicações  
Acrópole 239 [504-9] 1958  
Xavier, Lemos e Toledo [34] 1983

terreno  
1.410 m<sup>2</sup> | [47x30 m]

taxa de ocupação  
49% [690 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
7.8 [11.040 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+15 | orientação NE/SO

elevadores  
[6]

escadas  
[2]

estacionamento  
[114 vagas] no subsolo

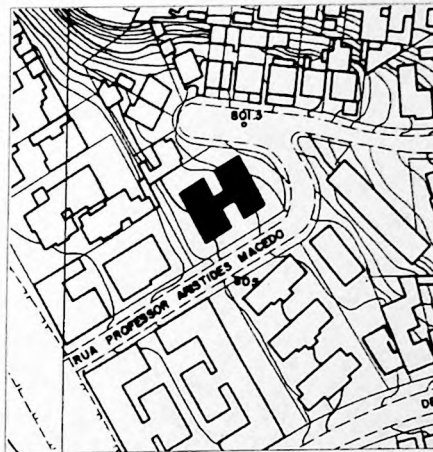
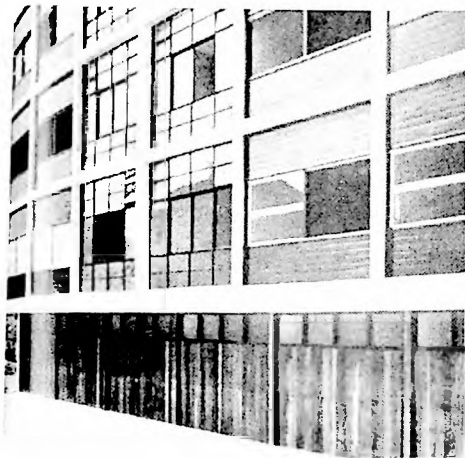
número de unidades  
60 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 178 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
redesenho: Maria do Carmo Vitarino

edifício





implantação | escala 1:2000

P3.F11

edifício  
**Biaçá**

projeto  
**Plínio Croce**  
**Roberto Aflalo**

ano  
**1951 > 1953**

endereço  
Rua Prof. Aristides de Macedo, 77  
(Jardim Ana Rosa) Vila Mariana

contratante  
Banco Hipotecário Lar Brasileiro

construção  
Comp. Construtora Pederneiros

publicações  
Acrópole 158 [66-8] 1951:06  
Acrópole 188 [351-3] 1954

terreno  
992 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
38 % [380 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
1.5 [ 1.520 m<sup>2</sup> de área construída ]

tipo de edifício  
bloco em H isolado  
T+3 | orientação NO/SE

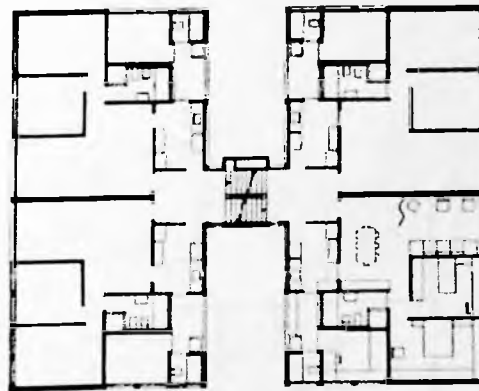
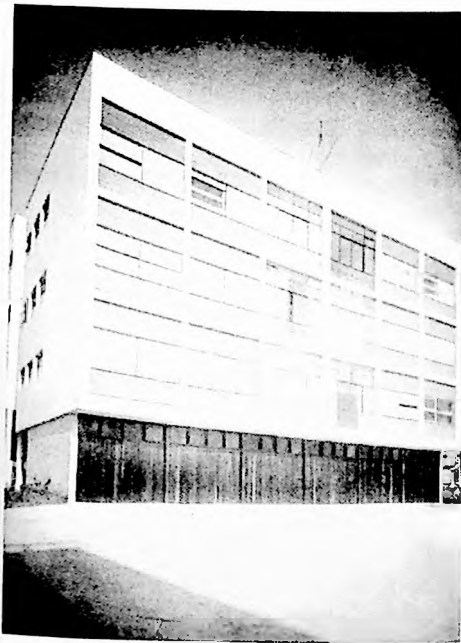
elevadores  
não possui

escadas  
[1] central e transversal  
em 2 sentidos c/ patamares

estacionamento  
12 vagas

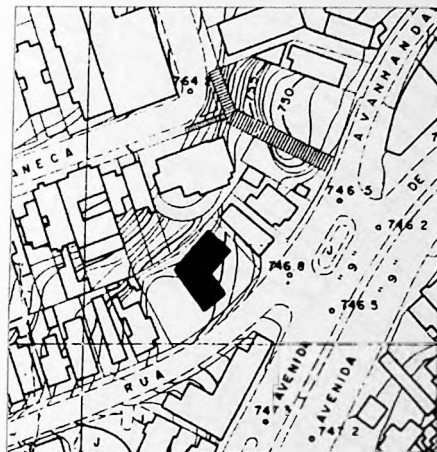
número de unidades  
12 UH

tamanho das unidades  
2 dormitórios: 87 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300





implantação | escala 1:2000

P3.F12

edifício  
Helena Maria

projeto  
Oswaldo Arthur Bratke

ano  
1953

endereço  
Rua Avanhandava, 416  
Consolação

publicações  
Acrópole 227 [407-8] 1957

terreno  
981 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
36 % [357 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2.9 [ 2.856 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+7

elevadores  
[2]

escadas  
[1]

número de unidades  
14 UH

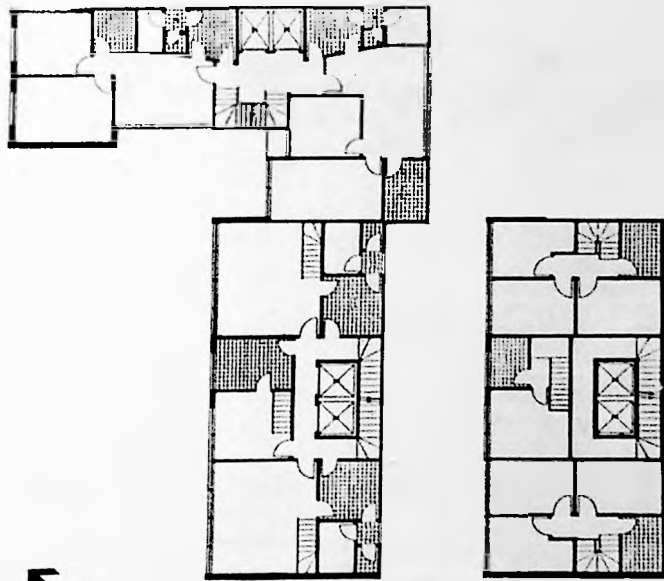
tamanho das unidades  
A [7] 3 dormitórios: 164,9 m<sup>2</sup>  
B [6] 3 dormitórios: 130,24 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P3.F13

edifício  
Veneza

projeto  
Construtécnica Ltda.

ano  
1953

endereço  
Av. Angélica, 439  
Santa Cecília

contratante  
Sociedade Imobiliária Atântida Ltda.

construção  
Construtécnica Ltda.

publicações  
Acrópole 177 [326-7] 1953:06

terreno  
1057 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
33 % [346 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
3.3 [ 3.460 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar em "L" escalonado  
T+ 9

elevadores  
[4]

escadas  
[2]

estacionamento  
20 vagas

número de unidades  
51 UH

tamanho das unidades

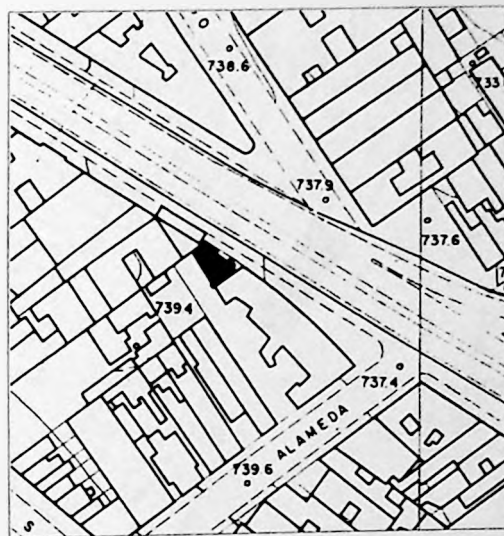
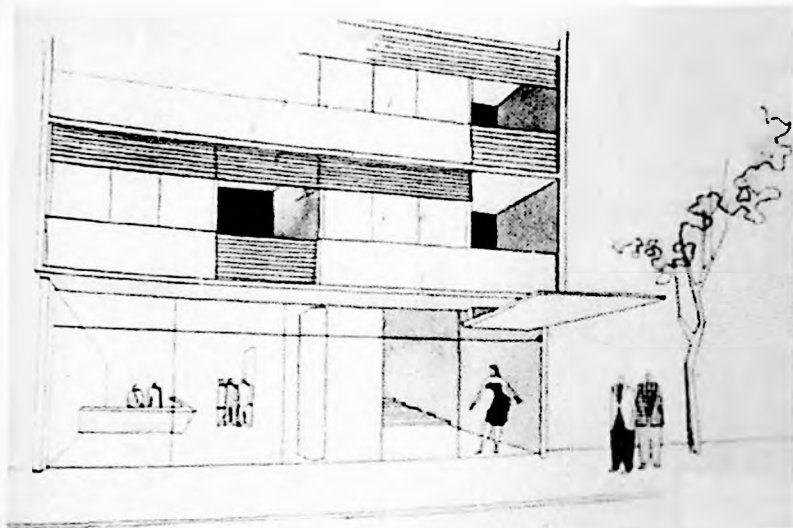
A [12] 2 dormitórios: 65 m<sup>2</sup>

B [12] 2 dormitórios: 74 m<sup>2</sup>

C [18] (duplex) 3 dormitórios: 90 m<sup>2</sup>

D [9] (duplex) 1 dormitório: 40 m<sup>2</sup>

fotos: Acrópole  
MF  
desenhos: Acrópole



implantação | escala 1:2000

P3.F14

edifício  
**São Miguel**

projeto e fiscalização  
**David Libeskind**

ano  
**1953**

endereço  
Av. São João, 1857  
Santa Cecília

contratante  
DIPAR S.A.

construção  
Eng. Antônio Maurício da Rocha

terreno  
114 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
86 % [98 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
13 [ 1.470 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre junto a 3 alinhamentos  
T comercial+14 | orientação NE

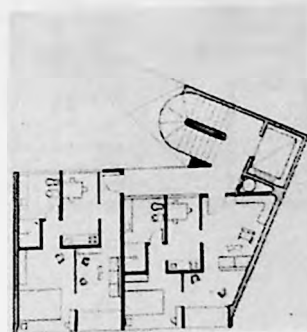
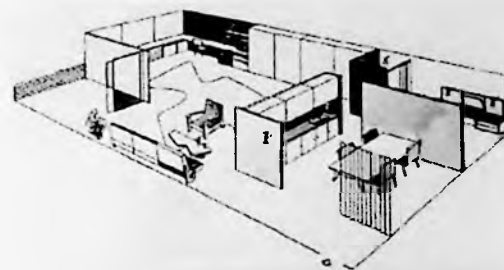
elevadores  
[1]

escadas  
[1]

estacionamento  
não possui

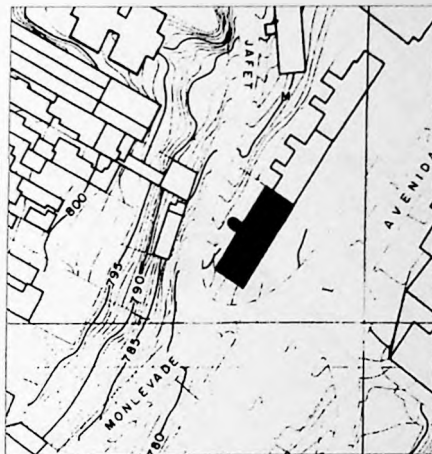
número de unidades  
28 UH

tamanho das unidades  
A [13] sala/dormitório: 33 m<sup>2</sup>  
B [15] sala/dormitório: 34 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300

desenhos: David Libeskind



implantação | escala 1:2000

# P3.F15

edifício  
9 de Julho

projeto  
Eduardo Corona

ano  
1954 > 1956

endereço  
Av. 9 de Julho, 2054  
Bela Vista

contratante  
Edmundo Maluf e outros

construção  
Construtora Zarzur & Kogan Ltda.

publicações  
AD 6 1954:07-08  
Acrópole 207 [110-2] 1956:01

terreno  
797 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
46 % [369 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5.5 [ 4.428 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

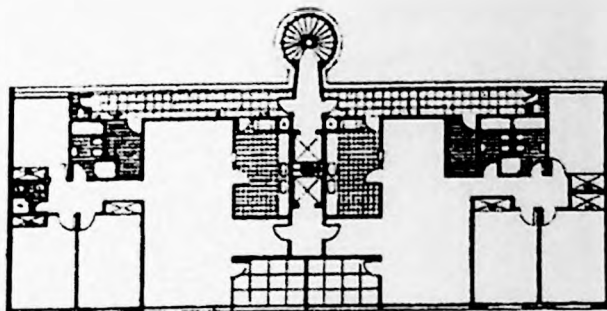
T+11

elevadores  
[2]

escadas  
[1]

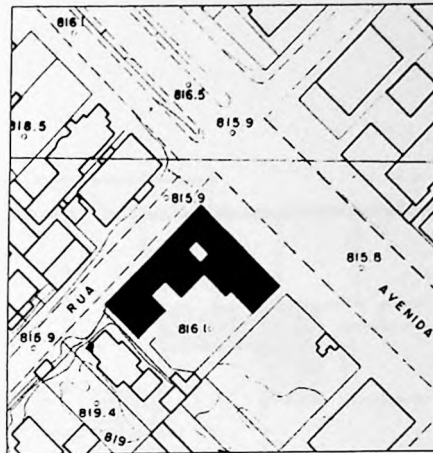
número de unidades  
44 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 153 m<sup>2</sup>

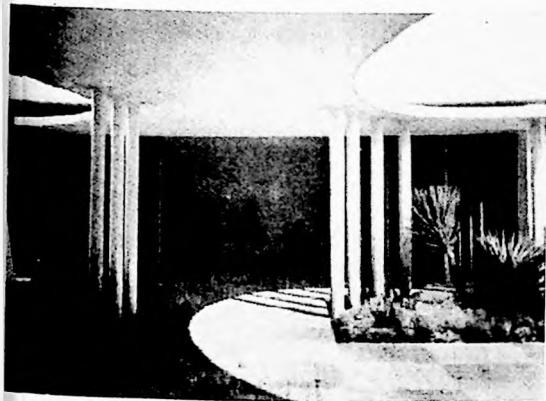


pavimento tipo | escala 1:300

Fotos: revista Acrópole  
MF  
desenhos: revista Acrópole



implantação | escala 1:2000



# P3.F16

edifício  
**Três Marias**

projeto  
**Abelardo de Souza**

ano  
**1954 > 1956**

endereço  
Av. Paulista, 2.239  
Jardim Paulista

contratante  
Sociedade Comercial e Construtora S.A.

paisagismo  
Miranda Martinelli

publicações  
AD Arquitetura e Decoração 1954:04  
Habitat 30 [62-4] 1956

terreno  
2.580 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
42% [1.145 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
8,0 [20.785 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco em "L" isolado  
T+18 | orientação NE/NO

elevadores  
[7]

escadas  
[3]

estacionamento  
garagem no subsolo

número de unidades  
95 UH

tamanho das unidades  
A [18] 3 dormitórios: 251 m<sup>2</sup>  
B [18] 3 dormitórios: 155 m<sup>2</sup>  
C [36] 2 dormitórios: 126 m<sup>2</sup>  
D [18] 3 dormitórios: 189 m<sup>2</sup>

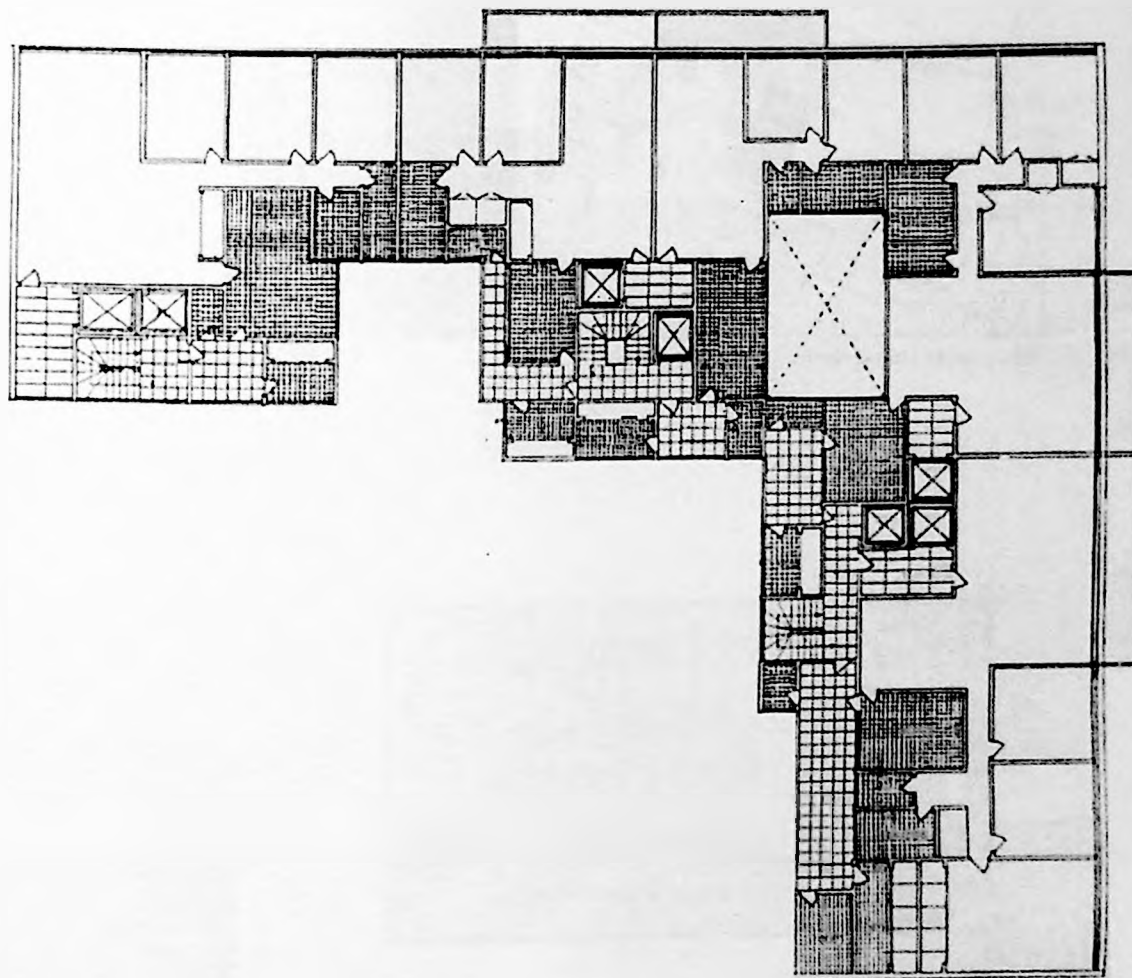
fotos: revista Habitat  
desenho: revista Habitat

P3.F16

edifício  
**Três Marias**

projeto  
**Abelardo de Souza**

ano  
**1954 > 1956**



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000

# P3.F17

edifício  
**Imperator**

projeto  
**Vaindergorn e Verona**

ano  
**1954 > 1956**

endereço  
Avenida Angélica, 1905  
Higienópolis

construção  
Vaindergorn e Verona Arquitetura e Engenharia

publicações  
Acrópole 187 [322-3] 1954:04

terreno  
720 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
54.3 % [391 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
10 [7.038 m<sup>2</sup> de área construída]

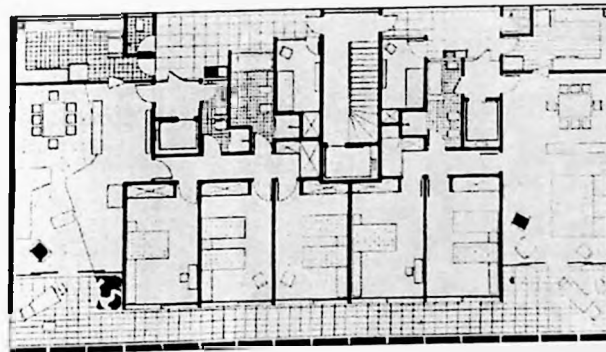
tipo de edifício  
bloco isolado  
T+ 17

elevadores  
[3]

escadas  
[1]

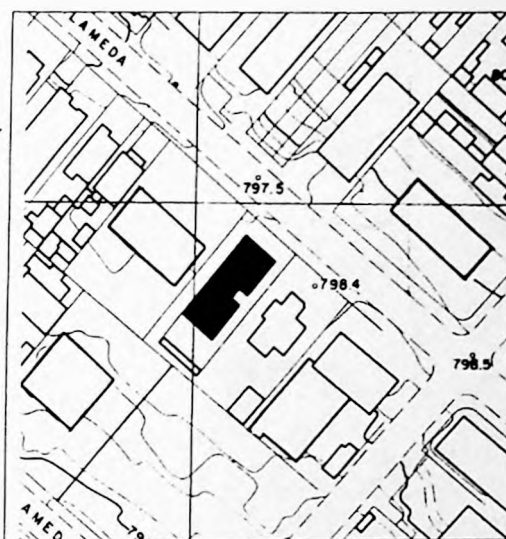
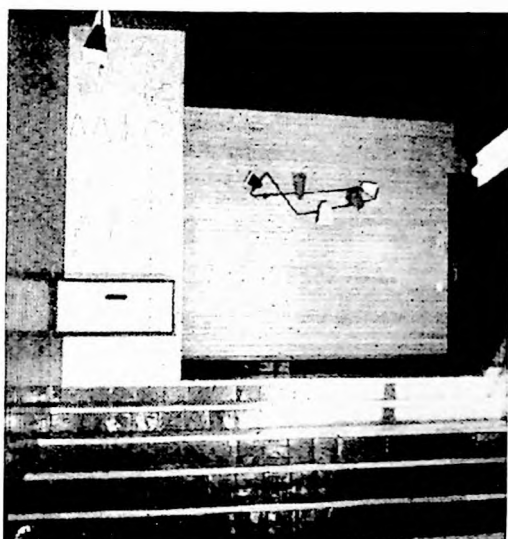
número de unidades  
62 UH

tamanho das unidades  
A [30] 3 dormitórios: 164 m<sup>2</sup>  
B [30] 2 dormitórios: 123 m<sup>2</sup>

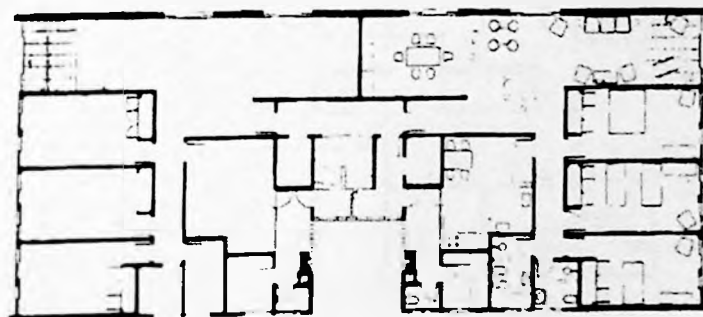


pavimento tipo | escala 1:300

fotos: Leon Liberman  
desenhos: revista Acrópole



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P3.F18

edifício  
**Toscânia**

projeto  
**Telésforo Cristofani**

ano  
**1954 > 1956**

endereço  
Alameda Fernão Cardim, 317  
Jardim Paulista

construção  
Salfati & Buchignani Ltda.

prêmios  
projeto premiado na 1ª exposição  
de jovens arquitetos do NEDAB

publicações  
Acrópole 226 [378-79] 1957:08

terreno  
1.000 m<sup>2</sup> c/ declive de 3 m para o fundo

taxa de ocupação  
40% [400m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4 [4.000 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+9 | orientação NO/SE

elevadores  
[2]

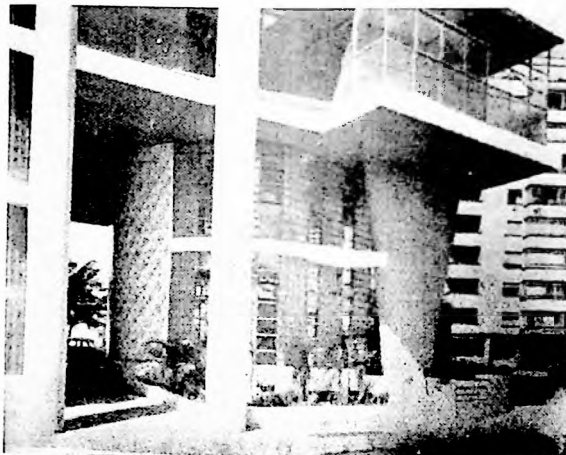
escadas  
[1] central e transversal

estacionamento  
garagem no subsolo [20 vagas]

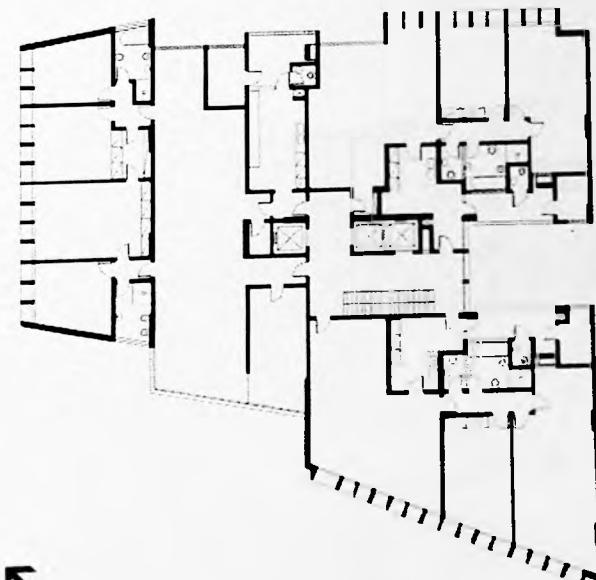
número de unidades  
20 UH

tamanho das unidades  
A térreo [2] 3 dormitórios: 162 m<sup>2</sup>  
B [18] 3 dormitórios: 172 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
desenhos: Acrópole



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P3.F19

edifício  
**Cacique**

projeto  
**Miguel Badra Jr.**

ano  
**1954 > 1956**

endereço  
Rua Bernardino de Campos, 185  
Paraisópolis

construção  
Miguel Alberto Badra e Miguel Badra Jr.

publicações  
Habitat 14 [68-70] 1954  
Habitat 26 [34-7] 1956

terreno  
600 m<sup>2</sup> | trapezoidal c/ 3 frentes

taxa de ocupação  
100 % [m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
15 [9000 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre  
T+S+ESC+12/

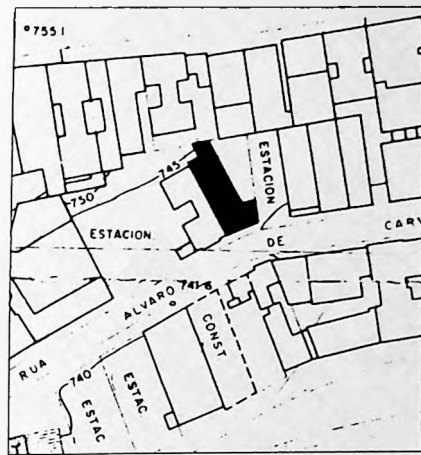
elevadores  
[3]  
fiscalização industrial: 6772

escadas  
[1]

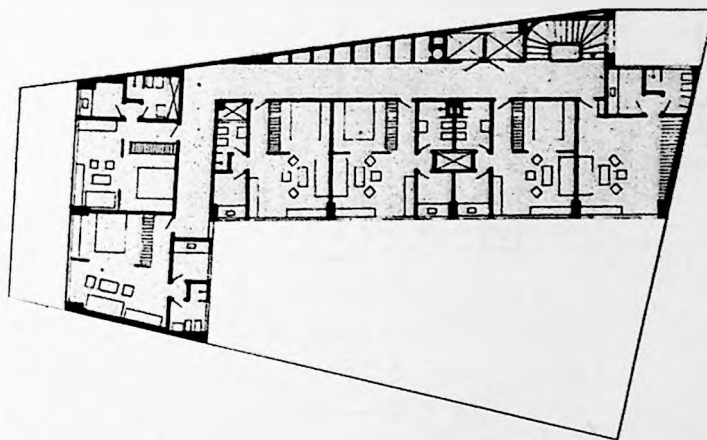
estacionamento  
[36] vagas

número de unidades  
36 UH

tamanho das unidades  
A [12] 4 dormitórios: 233 m<sup>2</sup>  
B [24] 2 dormitórios: 132 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P3.F20

20 de Setembro

edifício

projeto

**Rino Levi**  
**Roberto Cerqueira César**  
**Luiz R. Carvalho Franco**

ano

**1954 > 1957**

endereço

R. Álvaro de Carvalho, 108  
Consolação

contratante

D. Jovyra Rolim Toledo

construção

Caruso & Monteiro Ltda.

publicações

Acrópole 226 [370-2] 1957:08

terreno

551 m<sup>2</sup> | trapezoidal [11.5x32 m]

taxa de ocupação

59 % [327 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento

5.3 [ 2.943 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

bloco em L junto a 4 alinhamentos  
T comercial+8 | orientação NE/SE

elevadores

[2] perimetrais e transversais

escadas

[1] perimetral e transversal  
em 1/2 volta s/ patamar

estacionamento

no pátio

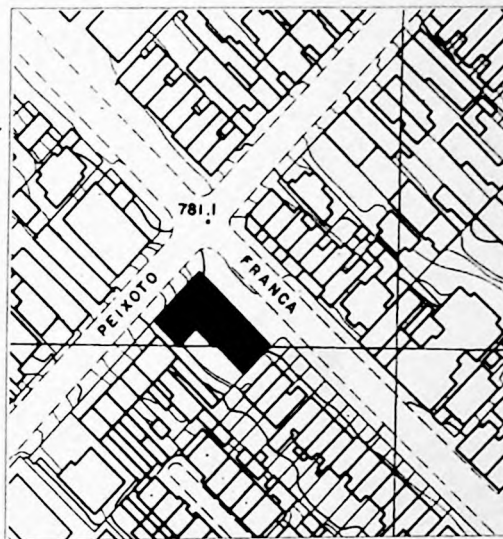
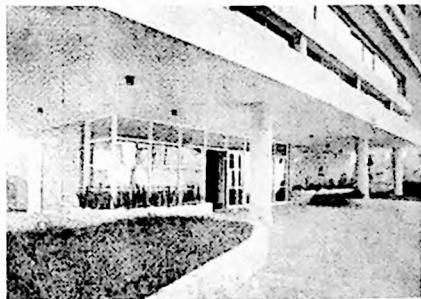
número de unidades

48 UH

tamanho das unidades

A [32] sala/dormitórios: 33 m<sup>2</sup>

B [16] sala/dormitórios: 35 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000

# P3.F21

edifício  
**Maria Albertina**

projeto  
**Fábio Penteadó**

ano  
**1954 > 1957**

endereço  
Alameda Franca, 659  
Jardim Paulista

contratante  
Carlos Thomaz Whately

construção  
Sociedade Nacional de Engenharia

publicações  
Acrópole 235 [361-3] 1958  
AD - Arquitetura e Decoração 16 1956

terreno  
790 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
65% [513 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4 [3.078 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco lamilar em "L" isolado  
T+5

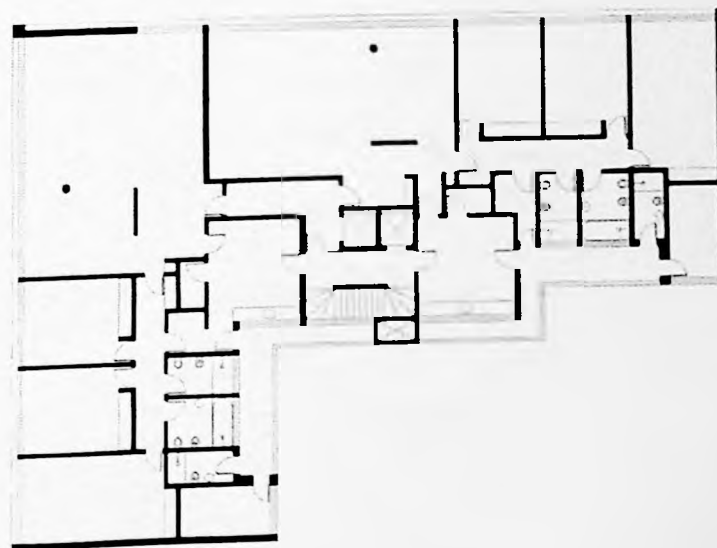
elevadores  
[2]

escadas  
[1]

número de unidades  
10 UH

tamanho das unidades  
A [5] 3 dormitórios: 211.86 m<sup>2</sup>  
B [5] 3 dormitórios: 222.38 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
redesenho: Luciana Brasil



pavimento tipo | escala 1:300



P3.F22

edifício  
**Tucumán**

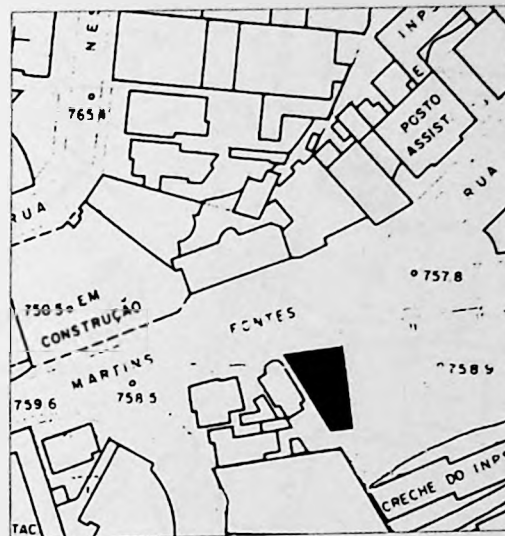
projeto  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1954**

endereço  
Rua Martins Fontes,  
República

contratante  
Incorporadora Otto Meinberg S.A.

publicações  
Habitat 18 [28-9] 1954:09-10



implantação | escala 1:2000

terreno  
400 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
64 % [256 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
9.6 [ 3.840 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre junto a 2 alinhamentos

T+1

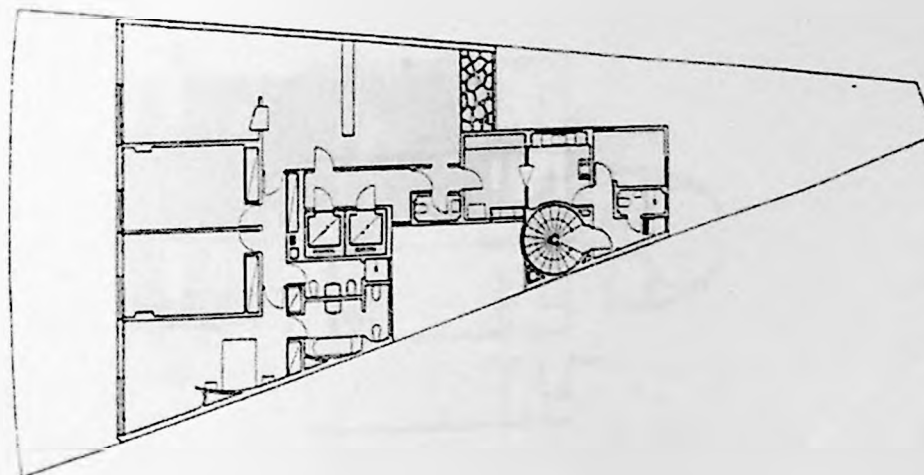
elevadores  
[2]

escadas  
[1]

estacionamento  
[10 vagas] no térreo e subsolo

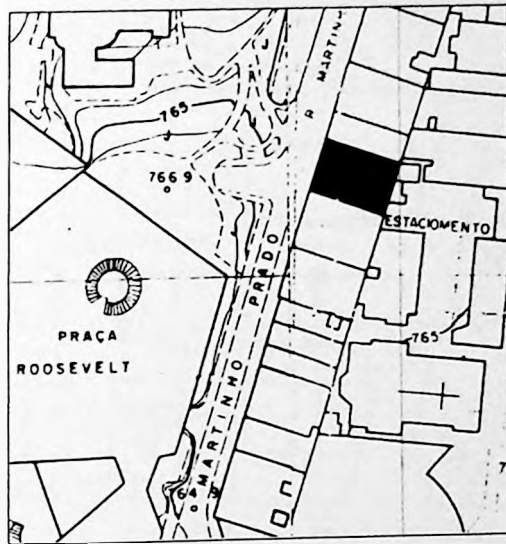
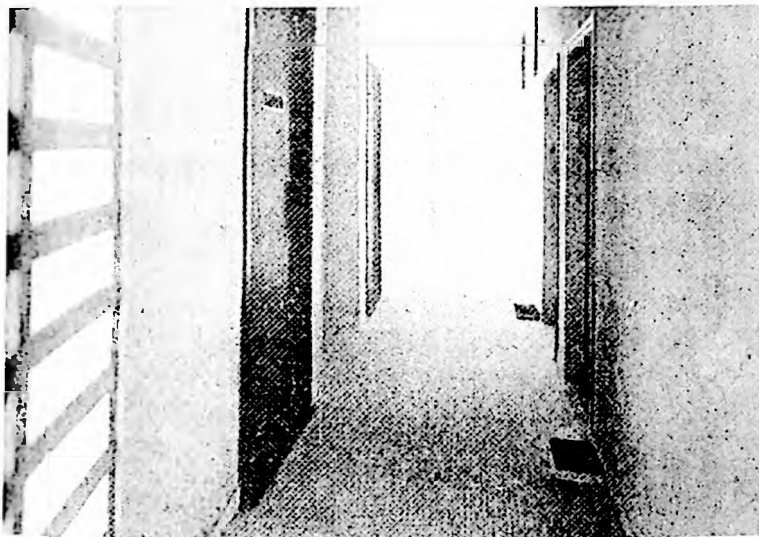
número de unidades  
12 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 205 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300

Fotos: revista Habitat  
desenhos: revista Habitat



implantação | escala 1:2000

P3.F23

edifício  
**Icarai**

projeto  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1956 > 1959**

endereço  
Praça Roosevelt, 128  
Consolação

contratante  
Imobiliária Otto Meinberg

construção  
Construtora George Doppler Ltda.

publicações  
Acrópole 210 [234-5] 1956:04

terreno  
382.5 m<sup>2</sup> | retangular [15x25.5 m]

taxa de ocupação  
58 % [223 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
14.5 [ 5.575 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre junto a três alinhamentos  
T comercial + 24 | orientação NO

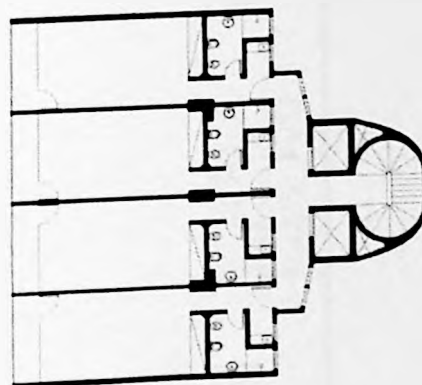
elevadores  
[2] transversais e externos

escadas  
[1] transversal e externa  
¾ de volta s/ patamar

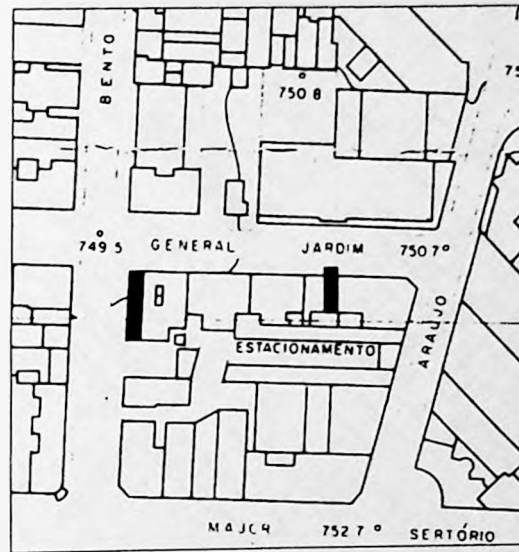
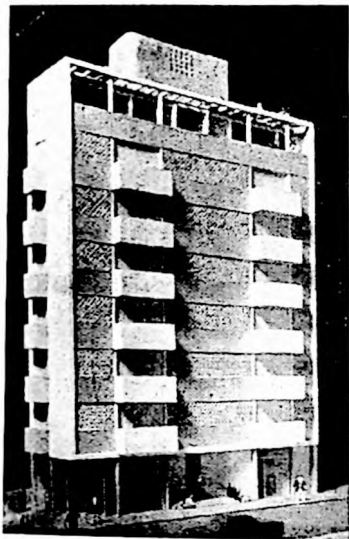
estacionamento  
não possui

número de unidades  
96 UH

tamanho das unidades  
A e B [48] sala/dormitório: 42.18 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300



# P3.F24

edifício  
**Jurúá**

projeto  
**Eduardo Kneese de Mello**

ano  
**1955 > 1956**

endereço  
Rua Bento Freitas, 341  
Vila Buarque

construção  
Castor Arquitetura e Construções Ltda.

publicações  
Acrópole 198 1955  
AD - Arquitetura e Decoração 17 1956

terreno  
103 m2 | retangular de esquina [5,15x20 m]

taxa de ocupação  
100% [115 m2]

coeficiente de aproveitamento  
8.8 [912 m2 de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar junto a 2 alinhamentos  
T comercial+7 | orientação O/N

elevadores  
[1]

escadas  
[1]

estacionamento  
não possui

número de unidades  
14 UH

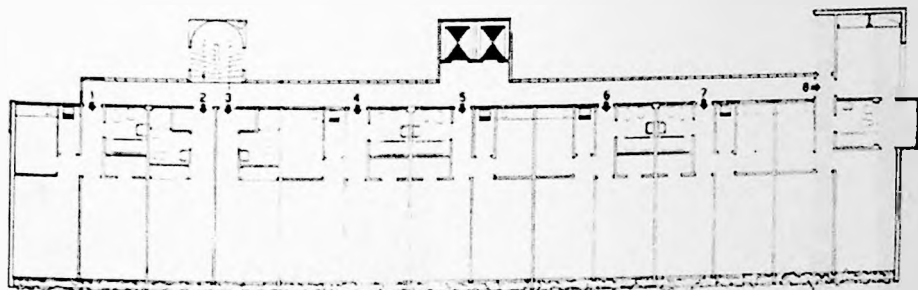
tamanho das unidades  
A [7] sala/dormitório: 46.24 m2  
B [7] sala/dormitório: 30.21 m2

fotos: AD  
MF

redesenho: Luciana Brasil



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo [1º ao 6º] | escala 1:300

P3.F25

edifício  
**Ibaté**

projeto  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1955>1956**

endereço  
Rua Antônio Carlos, 396  
Consolação

contratante  
Otto Meinberg S.A.

publicações  
Habitat 29 [62-3] 1956:04

terreno  
672 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
95 % [539 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
7.6 [5.112 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar junto a 3 alinhamentos  
T comercial+7

elevadores  
[2]

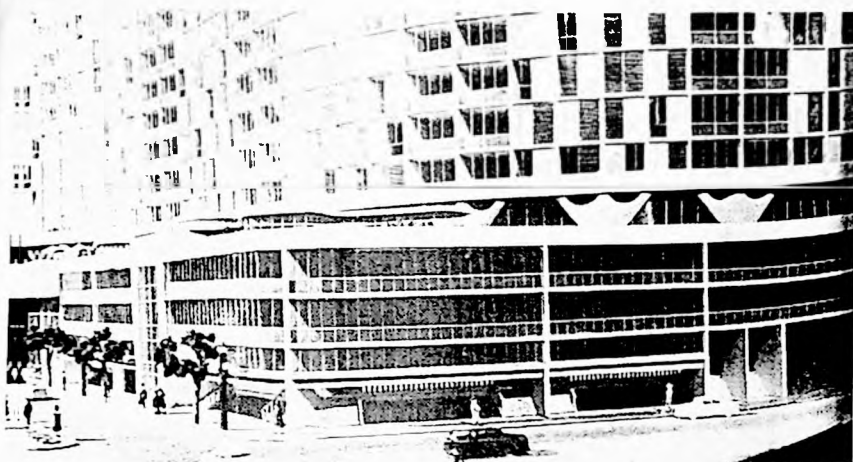
escadas  
[1]

número de unidades  
56 UH

tamanho das unidades  
A [35] sala/dormitório: 55 m<sup>2</sup>  
B [14] 1 dormitório: 27 m<sup>2</sup>

Fotos: revista Habitat  
desenhos: revista Habitat





implantação | escala 1:2000

P3.F26

edifício  
**Simão Racy**

projeta  
**Waldomiro Zarzur  
Aron Kogan**

ano  
**1955>1957**

endereço  
Av. São João, 1588  
Santa Efigênia

contratante  
Indústria de Papel Simão S. A.

construção  
Construtora Zarzur & Kogan

publicações  
Habitat 24 [37-42] 1955:10  
AD 27 1957:09-10

terreno  
1.691,5 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
78 % [1.326 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
13.3 [22.542 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar sinuoso isolado sobre embasamento  
T+2S+14

elevadores  
[10]  
fiscalização industrial: 2512

escadas  
[5]

estacionamento  
62 vagas

número de unidades  
140 UH

tamanho das unidades  
A [28] 2 dormitórios: 97,5 m<sup>2</sup>  
B [112] 2 dormitórios: 116 m<sup>2</sup>

Fotos: revista Habitat  
Mika Tanaka

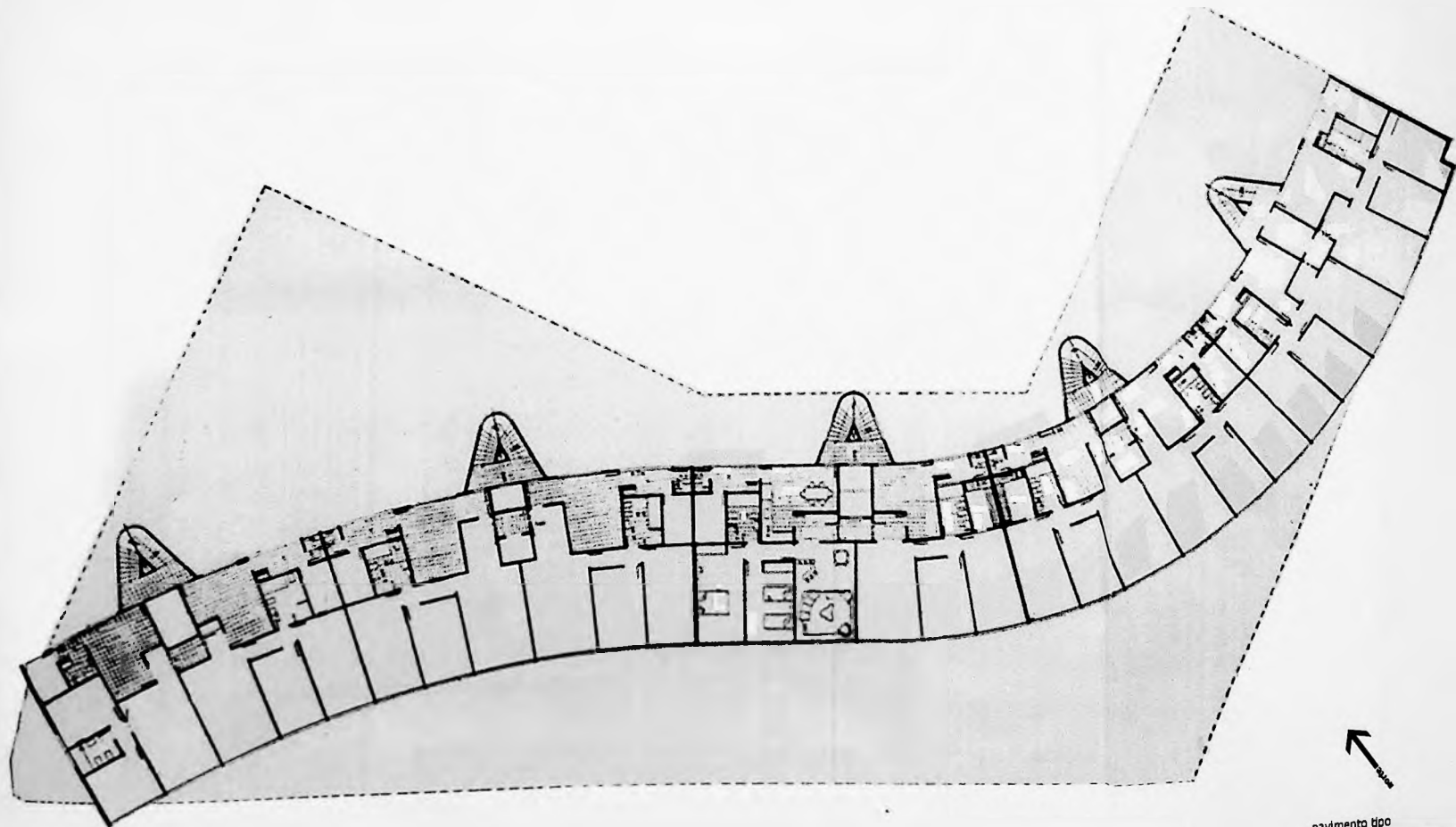


P3.F26

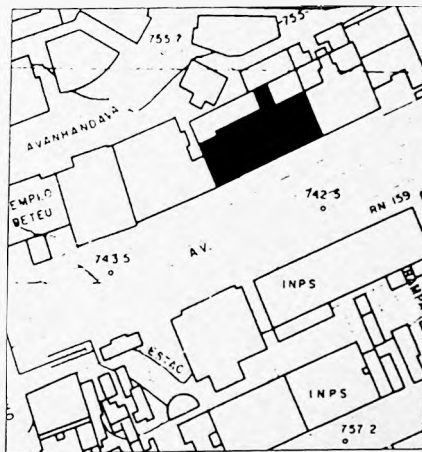
edifício  
Sílmão Racy

projeto  
Waldomiro Zarzur  
Aron Kogan

ano  
1955 > 1957



pavimento tipo



Implantação | escala 1:2000

# P3.F27

edifício  
**Normandie**

projeto  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1956**

endereço  
Avenida Nove de Julho, 656  
Bela Vista

estrutura  
Eng. Roberto Zuccolo

construção  
Cia. Nacional de Indústria e Construção

obra de arte  
Mural em mosaico vitroso [hall do prédio]

publicações  
Acrópole 219 [95-7 e 112] 1957

terreno  
1.500 m<sup>2</sup> | Irregular [46x40 m]

taxa de ocupação  
59% [890 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
6.6 [9.900 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar junto a 2 alinhamentos  
T comercial+21 | orientação SE

elevadores  
[4] externos e longitudinais

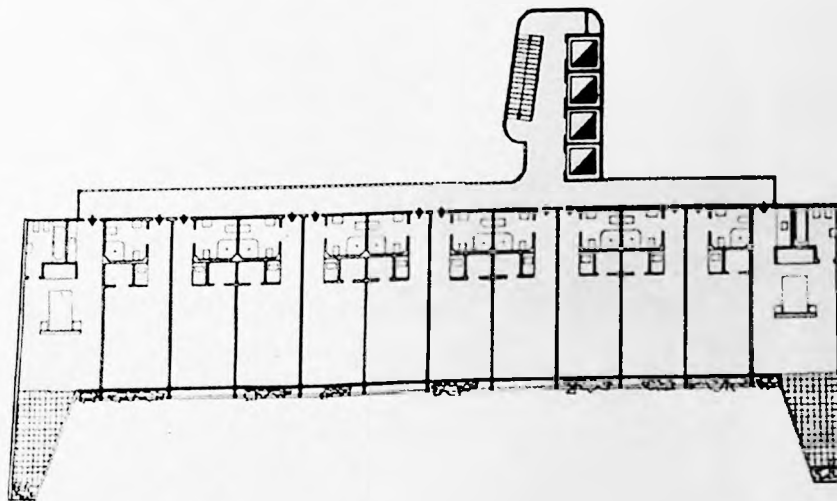
escadas  
[1] externa e longitudinal  
reta s/ patamar

estacionamento  
não possui

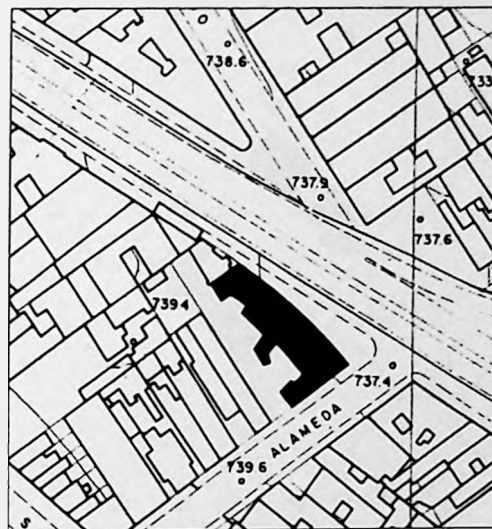
número de unidades  
214 UH

tamanho das unidades  
A [190] sala/dormitório: 35m<sup>2</sup>  
B [14] sala/dormitório: 45m<sup>2</sup>  
C [5] 1 dormitório: 52.5m<sup>2</sup>  
D [5] sala/dormitório: 45m<sup>2</sup>

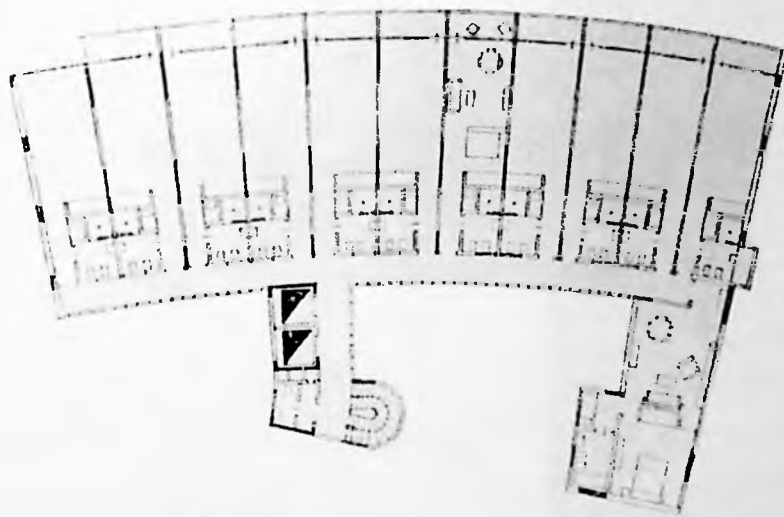
Fotos : revista Acrópole  
desenhos: revista Acrópole



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P3.F28

edifício  
**Araruanas**

projeto  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1956 > 1958**

endereço  
Av. São João, 1833  
Santa Cecília

construção  
Construtora Dácio A. De Moraes S.A.

publicações  
Acrópole 234 [212-3] 1958:04

terreno  
1.056 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
42 % [446 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
7 [ 7.136 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco em L  
T comercial+ 15 | orientação NE/SO

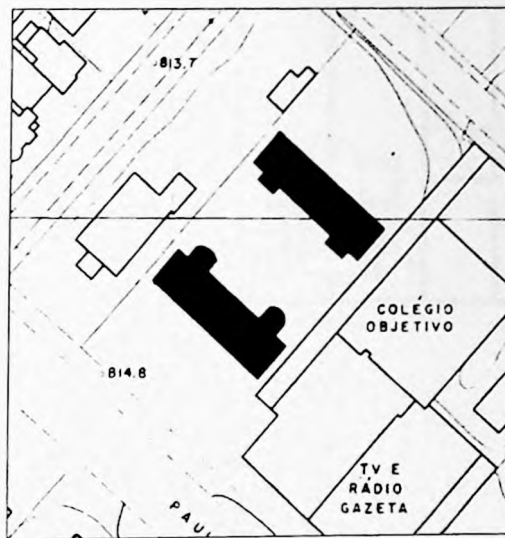
elevadores  
[2] externos e longitudinais  
fiscalização industrial: 56275

escadas  
[1] externa e transversal  
½ volta s/ patamar

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
171 UH

tamanho das unidades  
A [153] sala/dormitórios: 24.5 m<sup>2</sup>  
B [13] sala/dormitórios: 39.5 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000



P3.F29

edifício  
**Paulicéia**  
São Carlos do Pinhal

projeto  
**Jacques Pilon**  
**Giancarlo Gasperini**

ano  
**1956 > 1959**

endereço  
Avenida Paulista, 960  
Rua São Carlos do Pinhal, 345  
Bela Vista

contratante  
Sul América Capitalização S.A.

construção  
Construtora Pederneiras

publicações  
Acrópole 246 [205-7] 1959  
Xavier, Lemos e Toledo [39] 1983

terreno  
6.250 m<sup>2</sup> | retangular c/ 2 frentes [50x125 m]

taxa de ocupação  
19 % [1.212 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4.6 [29.088 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
blocos laminares isolados  
T+23 | orientação NE/SO

elevadores  
[8] p/ bloco  
fiscalização industrial: 5712

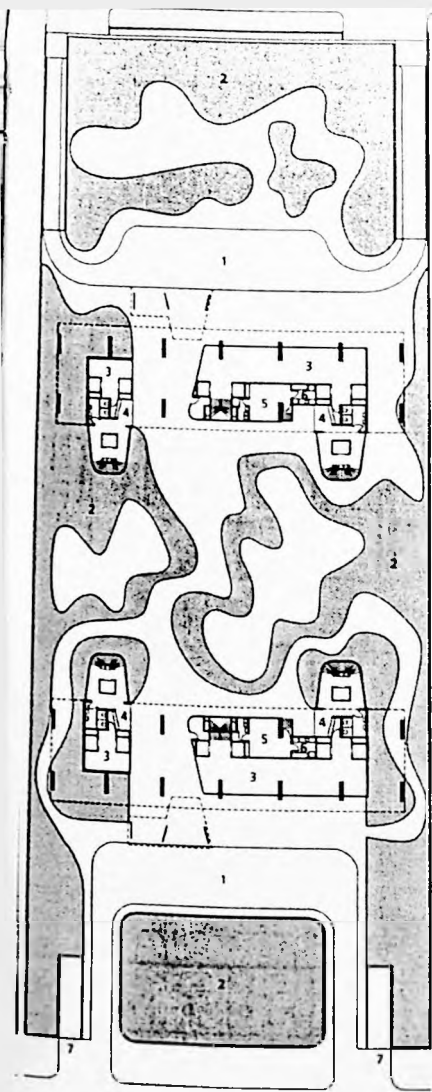
escadas  
[3] p/ bloco, externas e transversais

estacionamento  
[ 140 vagas no subsolo]

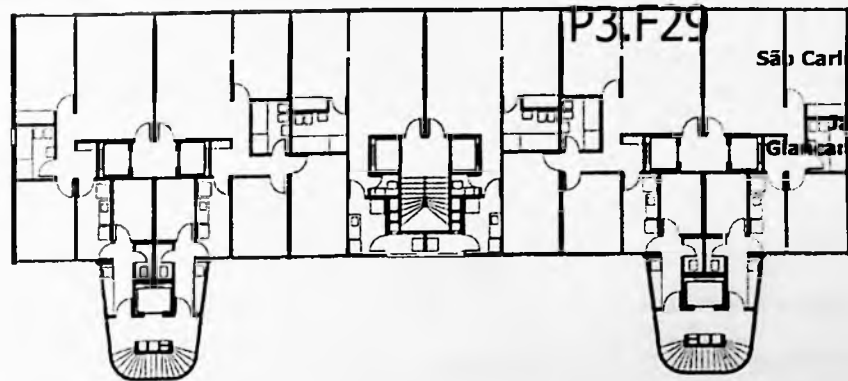
número de unidades  
276 UH

tamanho das unidades  
A [92] 2 dormitórios: 79.5 m<sup>2</sup>  
B [92] 3 dormitórios: 95.5 m<sup>2</sup>  
C [92] 1 dormitório: 54 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
redesenho: Maria do Carmo Várzea



pavimento térreo | escala 1:750

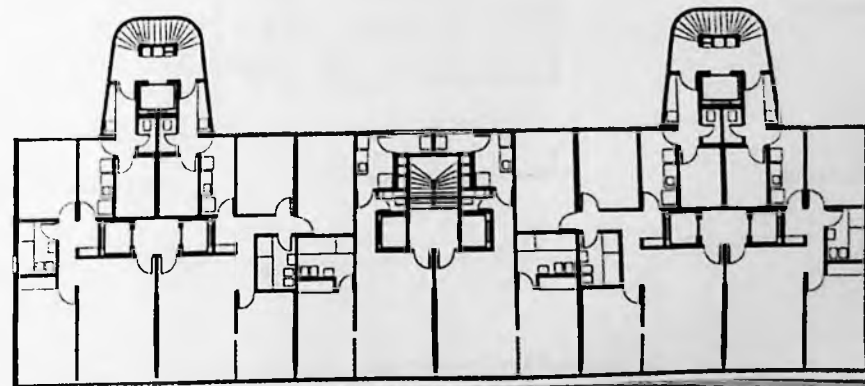


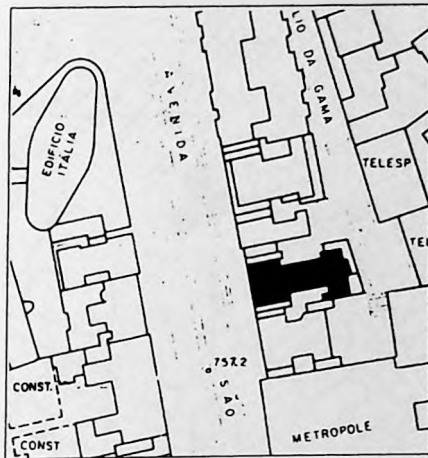
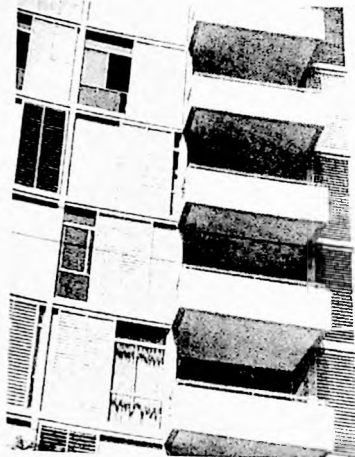
edifício  
**Paulicéia**  
 São Carlos do Pinhal

projeto  
 Jacques Pilon  
 Giancarlo Gasperini

ano  
 1956 > 1959

pavimento tipo | escala 1:300





implantação | escala 1:2000

P3.F30

edifício  
**Ouro Preto**

projeto  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1957>1958**

endereço  
Avenida São Luiz, 131  
República

contratante  
Otto Meinberg Imobiliária e Incorporadora

construção  
Otto Meinberg Engenharia e Construções

publicações  
Arcrópole 240 [554-5 e 570] 1958

terreno  
595.5 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
91 % [541 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
19 [11.361 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre em H junto 3 alinhamentos  
T comercial+20 | orientação SO/NE

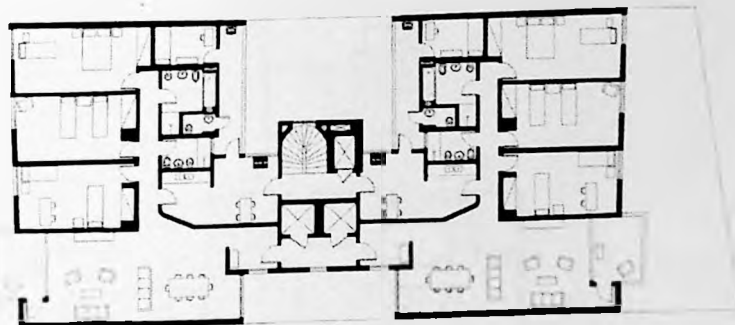
elevadores  
[3] centrais e longitudinais

escadas  
[1] central e longitudinal  
em 2 sentidos s/ patamar

estacionamento  
não possui

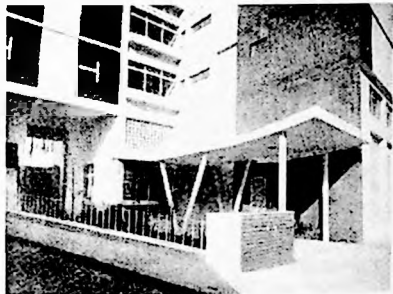
número de unidades  
38 UH

tamanho das unidades  
A [24] 3 dormitórios: 184 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300





implantação | escala 1:2000

P3.F31

edifício  
**Ibirapuera**

projeto  
**Rafael Jafet Jr.  
Michel Jafet**

ano  
**1957 > 1958**

endereço  
Rua Tutóia, 387  
Paraisópolis

contratante  
Ibrahim e Edgard Jafet

construção  
Construtora Zarzur & Kogan Ltda.

publicações  
Acrópole 288 [443-5] 1958:10

terreno  
454 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
70 % [318m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
7 [3.180 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre  
T comercial +9

elevadores  
[2] centrais e transversais

escadas  
[1] central e transversal  
em 2 sentidos s/ patamar

estacionamento  
não possui

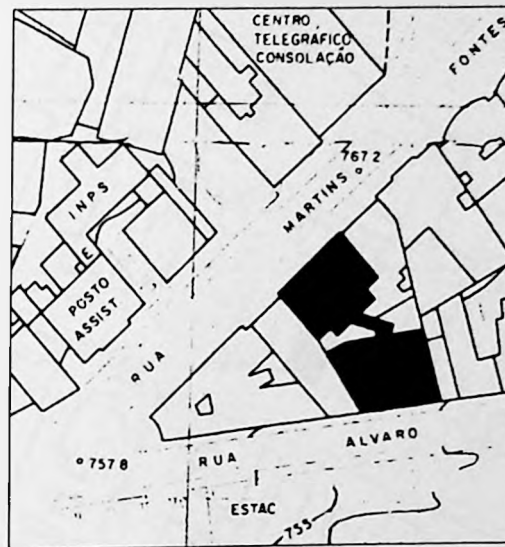
número de unidades  
27 UH

tamanho das unidades  
A [9] 2 dormitórios: 87 m<sup>2</sup>  
B [9] 2 dormitórios: 89 m<sup>2</sup>  
C [9] 2 dormitórios: 81 m<sup>2</sup>

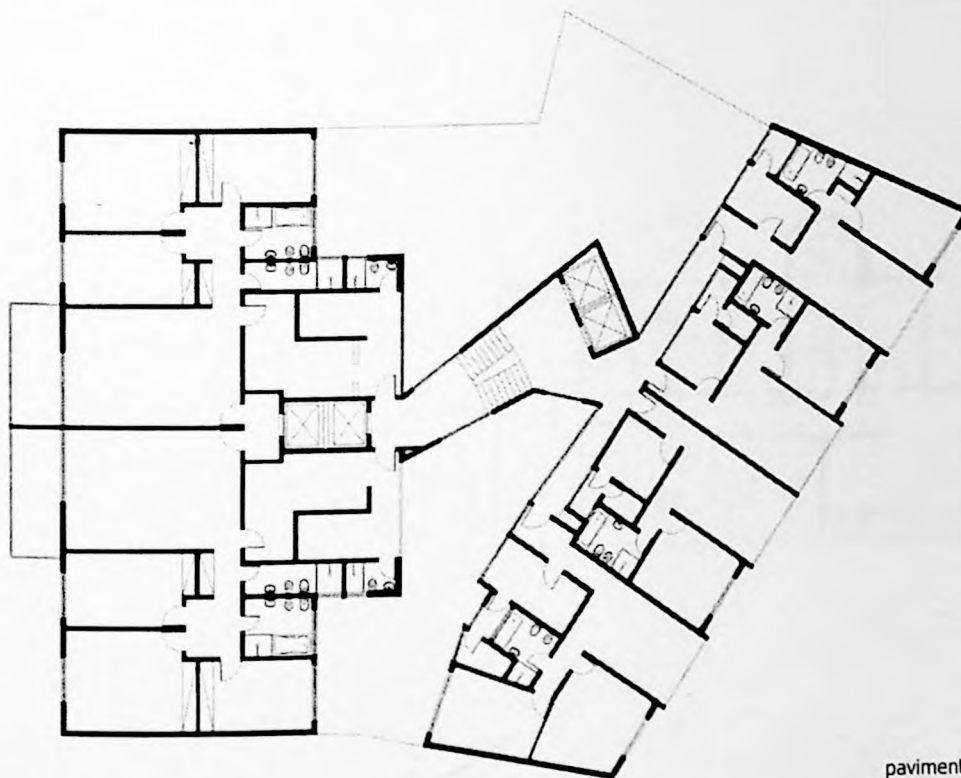
fotos: José Moscardi  
desenhos: revista Acrópole



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P3.F32

edifício  
**Santa Margarida**

projeto  
**Gregori Warchavchik**

ano  
**1957 > 1958**

endereço  
Rua Martins Fontes, 159  
República

contratante  
Dr. Anibal Ribeiro de Lima

colaborador  
Wolfgang Schoedon

construção  
Construtora Warchavchik-Neumann Ltda.

publicações  
Acrópole 240 [543] 1958:10

terreno  
1.806 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
38 % [691 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5 [8.983 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
2 blocos  
junto a 3 alinhamentos  
T comercial+12 | orientação SE/NE

elevadores  
[4]

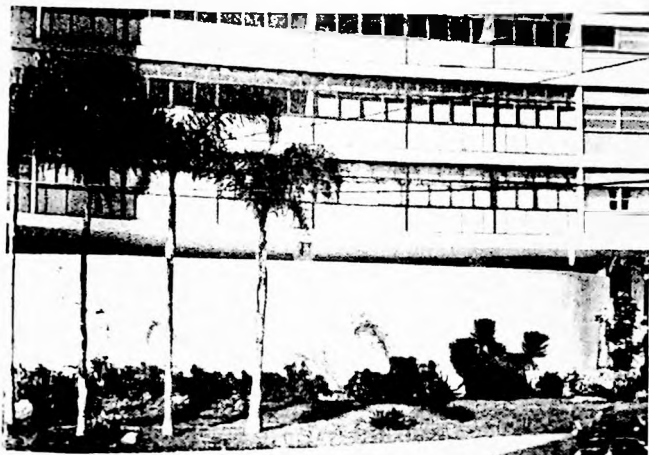
escadas  
[1] central e externa  
em dois sentidos c/ patamares

número de unidades  
72 UH

tamanho das unidades

A [24]	3 dormitórios:	148 m <sup>2</sup>
B [24]	1 dormitório:	83 m <sup>2</sup>
C [12]	2 dormitórios:	59 m <sup>2</sup>
D [12]	1 dormitório:	60 m <sup>2</sup>

foto: revista Acrópole  
redesenho: Edson Lucchini



implantação | escala 1:2000

P3.F33

edifício  
Diana

projeto  
Victor Reif

ano  
1957>1960

endereço  
Rua Maranhão, 270  
Higienópolis

contratante  
Banco Auxiliár

construção  
Bonfiglioli Com. E Constr. S.A.

obra de arte  
Domenico Calabroni (escultura)

publicações  
Acrópole 231 [92-3] 1958: Mês  
Acrópole 277 [18-9] 1961: Mês

terreno  
1.056 m<sup>2</sup> | retangular de esquina [32x33 m]

taxa de ocupação  
51% [540 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5 [8.640 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+15 | orientação NO/SE

elevadores  
[2] centrais e transversais  
fiscalização industrial: 6599

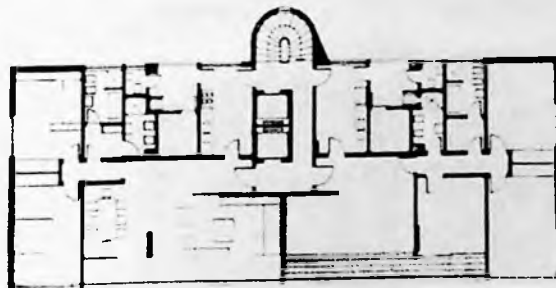
escadas  
[1] externa e transversal  
½ volta s/ patamar

estacionamento  
[36] vagas no térreo e no subsolo

número de unidades  
27 UH

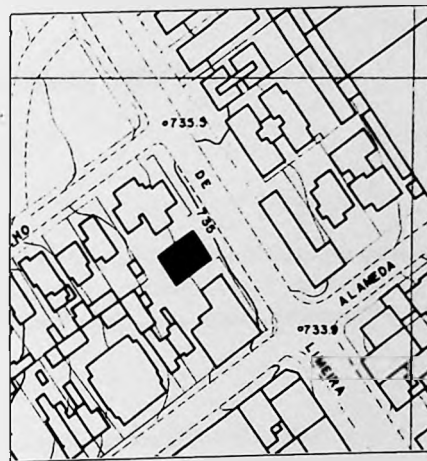
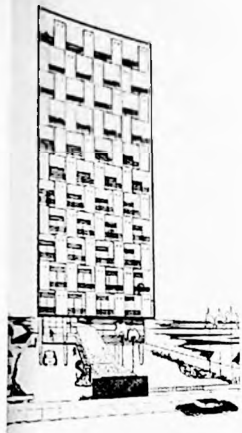
tamanho das unidades  
A [24] 3 dormitórios: 140 m<sup>2</sup>  
B [3] 4 dormitórios: 280 m<sup>2</sup>

Fotos: José Moscardi  
desenhos: revista Acrópole

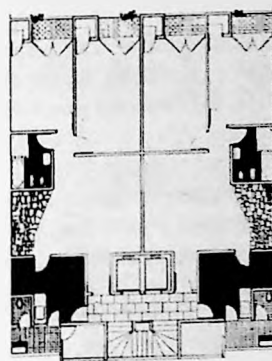


pavimento tipo | escala 1:300





implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300



P3.F34

edifício  
**Manaus**

projeto  
**Israel Galman**

ano  
**1957**

endereço  
Alameda Barão de Limeira, 1.283  
Santa Cecília

publicações  
Acrópole 223 [247] 1957:05

terreno  
532 m<sup>2</sup> | retangular [19x28 m]

taxa de ocupação  
42% [223 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5 [2.899 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre isolada  
T garagem+S saquão+11

elevadores  
[2] central e transversal

escadas  
[1] perimetral e transversal  
1/2 volta s/ patamar

número de unidades  
23 UH

tamanho das unidades  
A [22] 2 dormitórios: 100 m<sup>2</sup>  
Cobertura [1] 3 dormitórios: 200 m<sup>2</sup>

Fotos: MF  
desenhos: revista Acrópole

## 5 1952>1957 [3º PERÍODO] DIVERSIDADE E GIGANTISMO

Em 1952 o Código Arthur Saboya foi revisto e promulgou-se um novo Código de Obras. No que diz respeito ao coeficiente máximo de aproveitamento do terreno e zoneamento da capital as questões permaneceram bastante genéricas permitindo o surgimento de grandes edifícios e estimulando a verticalização e o adensamento.

### 5.1 Arquitetura e Urbanismo em um único Elemento. [ou o conceito corbusiano de edifício-cidade.]

É necessário separar em Le Corbusier, o arquiteto do urbanista, ou melhor, separar os edifícios, das propostas urbanísticas. Sempre em qualquer escala, Le Corbusier atuava como o arquiteto da monumentalidade, tanto que mereceu a crítica de Lewis Mumford de que a Unidade Habitacional era “*um monumento brilhantemente distarçado de projeto de habitação*”.<sup>1</sup> [Figura 5.1]

As proposições urbanísticas permaneceram na sua essência, variando na forma e na relação dos edifícios com o território. Mas no conjunto de escritos, conferências e debates, nos projetos e obras construídas, Le Corbusier defendia a sua concepção de “cidade da era maquinista”. É a total oposição à cidade tradicional, a qual lutou arduamente criticando a “rua corredor”, o quarteirão e o plano marginal, propondo novas e diferentes formas urbanas. O quarteirão é suprimido, sendo substituído pela “unidade de habitação” – contraponto arquitetônico da “unidade de vizinhança”. Pela primeira vez, a habitação se transforma na base dominante da paisagem da cidade.

A Unité representou para Le Corbusier o elemento morfológico de organização da cidade<sup>2</sup>. Transformou todos os sistemas da cidade tradicional: o edifício sobre pilotis libera todo o térreo, tornando-o espaço público; a orientação dos edifícios se desvincula do traçado da cidade, não dependendo mais da sua posição na estrutura urbana, mas da orientação solar; integra no interior do edifício funções que na cidade tradicional se localizavam em lugares próprios – desde o comércio até os equipamentos, e finalmente, propunha relações totalmente distintas para o comércio, ruas, espaços livres e acessos à habitação.

A unidade de habitação passava a constituir a unidade-base de organização e composição da “Cité Radieuse”<sup>3</sup>,

a qual se constituía num mar verde cortado por vias de circulação e do qual emergiam grandes construções para habitação, equipamentos e serviços. O conjunto receberia o Sol por todos os lados e proporcionaria uma vida melhor a todos os seus habitantes. Era a aplicação direta das ideias consagradas na Carta de Atenas, com o impacto e a força que os desenhos de Le Corbusier lhes impunham.<sup>4</sup>

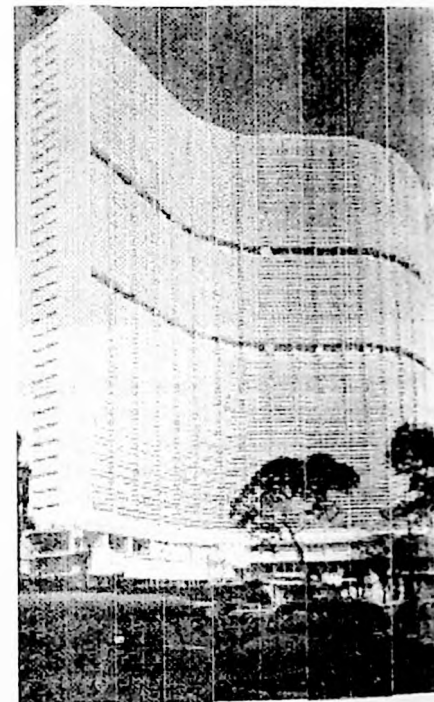
As Unités realizadas ficaram como experiências paradigmáticas, o seu isolamento em tecidos heterogêneos não puderam oferecer conclusões. Ficaram somente os projetos, La Rochelle-Pallice (1945/46), Marseille Vieux-Port e Marseille-Veyre (1945), Marseille-Sud (1946), Strasburgo (1951), Meaux (1956/60) e Berlin (1961), que desenhavam a sua utopia social, através da composição de várias Unités.

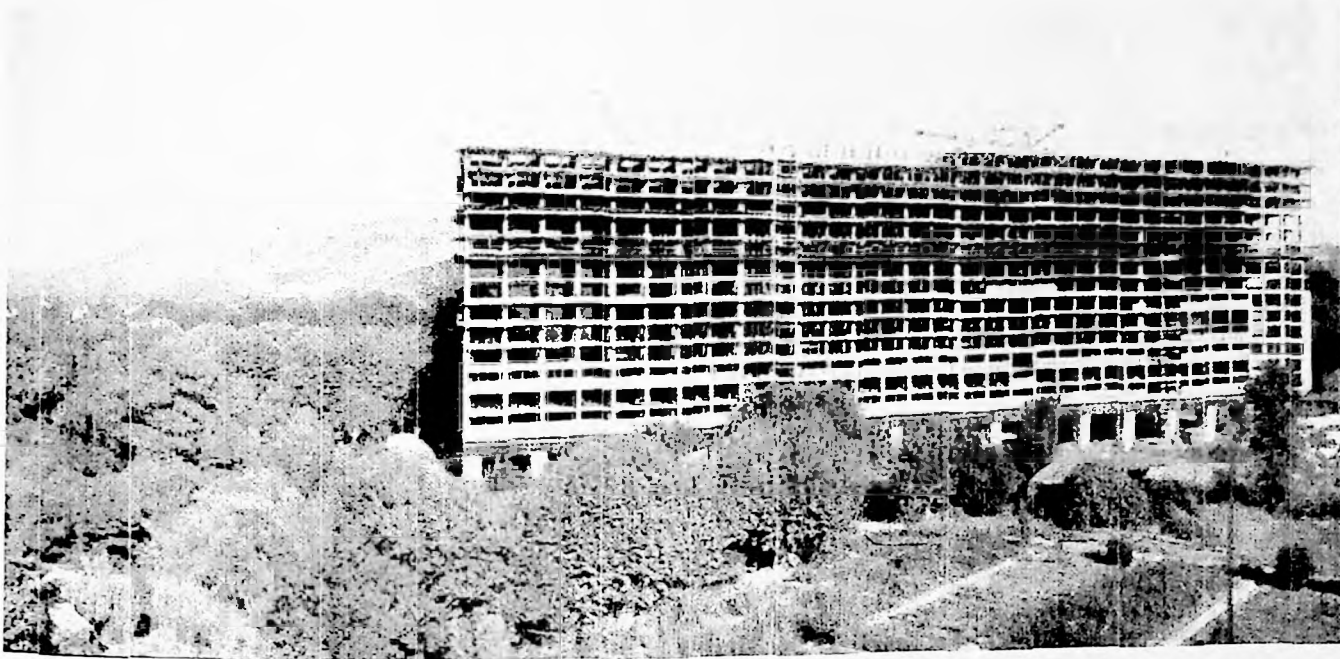
À Unité d'Habitation não lhe faltaram críticas ou problemas, mas apesar disso foi um edifício muito copiado. Foi profunda sua influência, do pós-guerra até o final dos anos sessenta, nas formas de habitação posteriores e se encontram variações dela em quase todo o mundo, construídas nas condições mais diversas. Talvez seja um monumento disfarçado de habitação, mas é inegável considerar que habitação moderna e Unité d'Habitation são sinônimos<sup>5</sup>.

A influência das ideias de Le Corbusier era mais expressada no desenvolvimento do conceito de "rua elevada" que foi primeiramente identificado no sem sucesso registro feito por Alison e Peter Smithson no concurso de 1952 para o Golden Lane. Os Smithsons, que eram membros do grupo internacional modernista conhecido como CIAM X (Team 10), argumentavam que *"ruas deveriam ser lugares e não corredores ou balcões, através dos quais existissem lojas, caixas de correio, quiosques telefônicos"*. Diferentemente dos corredores centrais na Unité de Marselha de Le Corbusier, as ruas dos Smithsons deveriam ser *"abertas para o ar, embora cobertas, dando vistas para os parques e para os espaços abertos"*.

O conceito dos Smithsons se tornou realidade em Park Hill em Sheffield, onde nos anos 1955 e 1965, o GLC, estabeleceu reputação internacional para seu desenho de habitação inovador. Park Hill com suas "ruas elevadas" foi construído numa encosta com vista para a estação de trem. Foi dito que dali poderia se admirar o mundo. O complexo possuía suas próprias escolas, lojas, creches, igrejas, bares e centros comunitários. Parte do seu sucesso inicial deveu-se à política de mover famílias pertencentes a uma mesma rua inteira para as novas "colunas", assim os vizinhos permaneceriam juntos.

Em São Paulo, reinterpretações privadas concentraram-se em um breve período histórico. Como exemplo podem ser citados os edifícios Copan [P3.F01: 1952>1971] de Oscar Niemeyer [Figura 5.2], Nações Unidas [P3.F05: 1952>1959] de Abelardo de Souza [Figura 5.3] e Simão Racy [P3.F26: 1955>1957] de Waldomiro Zarzur e Aron Kogan. [Figura 5.4]

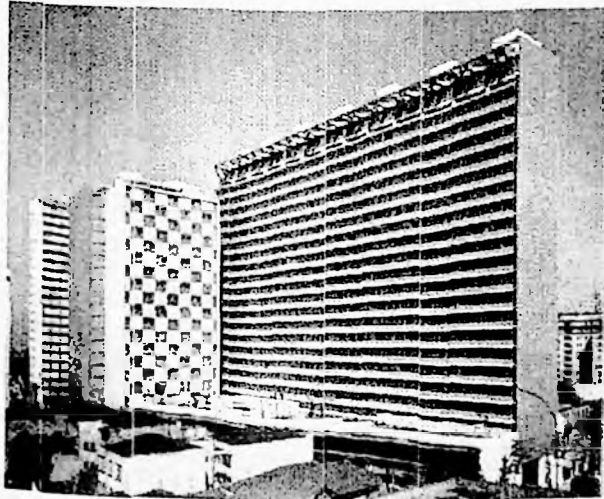




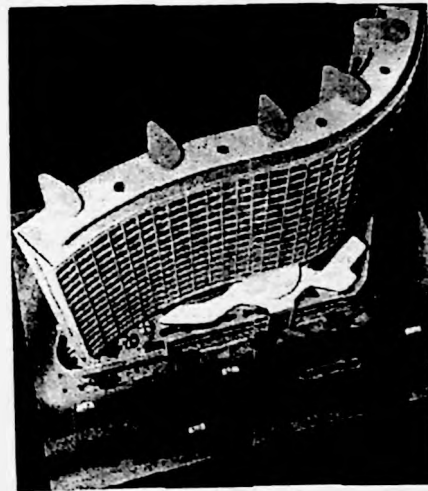
5.1



5.3



5.4



## 5.2 Arquiteturas importadas

*"A vanguarda brasileira ficava no Rio de Janeiro, mas boa parte dos arquitetos-imigrantes estrangeiros veio para São Paulo. Essa preferência tinha sua razão no dinamismo que o Estado apresentava nos anos 1940, já como a principal unidade econômica do país. O Rio de Janeiro era a capital (e até a década de 1950, a cidade mais populosa), e as encomendas aos arquitetos modernos eram, em sua maioria, patrocinadas pelo poder público; em São Paulo, ao contrário, o patrocínio estatal aos escritórios era diminuto. O acesso a obras maiores pelos profissionais liberais dependia principalmente da encomenda da iniciativa privada"*<sup>5</sup>

Jacques Pilon

*Santo André* [P1.F06: 1935] de Jacques Pilon e Francisco Matarazzo Neto

Gregon Warchavki [1896>1972] russo com formação italiana [Roma em 1920], chegou em 1923

*Barão de Limeira* [P1.F09: 1938>1940]

*Santa Margarida* [P3.F32: 1957>1958] [Figura 5.5]

Lukjan Korngold [1897>1963] polonês, chegou ao Brasil em 1938

*Santa Amália* [P1.F16: 1942>1943]

*São Vicente* [P2.F10: 1948>1954] [Figura 5.7]

Giancarlo Palanti [] italiano, chegou em 1946

*Lili* [P2.F12: 1948] [Figura 5.6]

Adolf Franz Heep [1902>1978] alemão,

*Lausanne* [P3.F10: 1953>1958] [Figura 5.8]

*Tucumán* [P3.F22: 1954]

*Icarai* [P3.F23: 1955>56] [Figura 5.9]

*Ibaté* [P3.F25: 1955>56] [Figura 5.10]

*Normandie* [P3.F27: 1956>57]

*Araruanas* [P3.F28: 1956>58] [Figura 5.11]

*Ouro Preto* [P3.F30: 1957>1958]

*Lugano e Locarno* [P4.F03: 1959>62]



5.5

5.9



5.6



5.7



5.8

5.10



5.11

5.12



Victor Reif [1909>2000] polonês, chegou ao Rio de Janeiro em 1950

*Diana* [P3.F33: 1957>60] [Figura 5.12]

*Manon* [P4.F18: 1954>65]

Giancarlo Gasperini [1926]italiano, chegou ao Rio em 1949

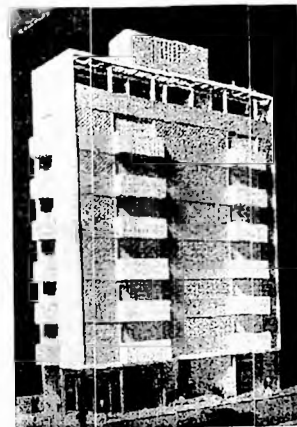
Paulicéia e São Carlos do Pinhal [P3.F29: 1956>1959] de Jacques Pilon e Giancarlo Gasperini

### 5.3 Os apartamentos-conjugados

Nos anos 50 introduziu-se a idéia de economia e de um padrão mais baixo com o intuito de construir casas em grande número. O crescente uso de terraços, e de fachadas mais estreitas para aumentar a densidade e a redução das facilidades internas eram pregados. Num primeiro momento, planos para apartamentos familiares sobre um andar de térreo eram recomendados e o desenvolvimento associado seguiu até o aparecimento da habitação de alta densidade em fins dos anos 50.

*"Aqui em São Paulo, a partir de 1949-50, houve o incremento de construções de prédios de apartamentos ditos 'econômicos' no centro da cidade, destinados aos solteiros, ou casais sem filhos, que passassem todo o dia no trabalho. Foram inspirados nos apartamentos de quarto e banheiro dos hotéis, alguns deles vendidos rapidamente em condomínio por hoteleiros frustrados, que preferiram a corretagem à profissão, naquela época pouco rendosa. Verificou-se, então, a existência de grande demanda desse tipo de morada, pejorativamente chamada de 'apartamento-já-vi-tudo'. A Prefeitura aceitou esse programa, até então inédito em apartamentos residenciais tradicionais e passou a aprová-los em quantidade, com uma condição porém: não podiam possuir cozinhas diretamente acessíveis pelos quartos ou banheiros. Providência inútil, porque, dentro dos armários embutidos, ou nas passagens da porta de entrada, os incorporadores deixavam pontos de gás e de água clandestinos, destinados às kitchenettes dos futuros usuários."*<sup>7</sup>

São exemplos desta tipologia os edifício São Miguel [P3.F14: 1953] de David Libeskind, 20 de Setembro [P3.F20: 1954>1957] de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco, Tucumán [P3.F22: 1954] e Icarai [P3.F23: 1955>56] e Normandie [P3.F27: 1956>57] [Figura 5.14] de Franz Heep e Juruá [P3.F24: 1955>1956] [Figura 5.13] de Eduardo Kneese de Mello, Ibaté [P3.F25: 1955>56], Araruanas [P3.F28: 1956>58] de Franz Heep.



5.13



5.14

#### 5.4 As Bienais de Arte e de Arquitetura

*"Rechaçamos reconhecer problemas de forma; somente problemas de construção".*

*A forma não é o objetivo de nosso trabalho, somente o resultado.*

*A forma, por si só, não existe.*

*A forma, como objetivo, é formalismo; e nós o rechaçamos.*

*Nossa tarefa, em essência, é liberar a prática construtiva do controle dos especuladores estéticos e restituí-la a aquilo que deveria ser exclusivamente : construção".*

*Tese de trabalho. Mies van der Rohe, 1923.<sup>8</sup>*

Convidado para participar da 1ª Bienal em 1951 [Figura 5.15] Le Corbusier envia para serem expostas a L'Unité de Marseille [Figura 6.1], a capela de Ronchamp [Figura 6.2] e o Museu do Conhecimento [Figura 6.3]. Com este conjunto de obras foi premiado com o Grande Prêmio Internacional de Arquitetura.

#### Unité d'Habitation e o Grande Prêmio da Bienal para Le Corbusier

O termo *Unité d'Habitation à Grandeur Conforme* (Unidade Habitacional de Tamanho Adequado) é mais uma invenção de Le Corbusier em matéria de vocabulário<sup>9</sup>. Propôs, como num manifesto, sua intenção de torná-la como um tipo que se poderia repetir em diferentes localidades, climas e países. Entretanto, a concepção estava intimamente ligada às condições particulares do sítio escolhido no Boulevard Michelet. O terreno plano, situado entre o mar e as montanhas, com um clima suave e ensolarado favoreceu a vida ao ar livre e o contato com a natureza.

O edifício mostrou a aplicação dos novos descobrimentos formais, funcionais e técnicos de Le Corbusier do pós-guerra: fundamentalmente o brise-soleil e o béton brut como já visto anteriormente. Seu volume é um prisma vertical colocado na direção norte-sul, levantado sobre grandes pilotis. Composto por 17 pórticos que asseguram a continuidade da natureza sob o edifício. O corpo principal alberga 337 apartamentos de 23 tipos diferentes, e foi tamanha a liberdade dada para o desenvolvimento do projeto que faz parecer que foi Le Corbusier quem determinou o "tamanho adequado" da Unité. Provavelmente 1.200 a 1.500 pessoas seria um número razoável que justificaria a instalação de um pequeno comércio e serviços.

Le Corbusier formulou neste projeto o conceito dos "prolongements du logis". Isto significa que a habitação não se acaba na sua porta de entrada, mas todos os serviços comunitários também fazem parte da habitação. Na Unité de

5.15



Marselha os serviços estão agrupados numa verdadeira rua comercial a 25 metros de altura e se caracterizam no exterior por placas verticais de concreto. Na realidade, este espaço nunca funcionou na sua capacidade máxima, apesar de não faltar nada de primeira necessidade. Hoje em dia, certos pontos comerciais não estão funcionando e a maioria dos que funcionam estão sendo usados por profissionais liberais (principalmente arquitetos).

O apartamento tipo [Figura 5.16] é um engenhoso esquema de duas alturas: uma percorre toda a largura do bloco e a outra ocupa um pouco menos que a metade da planta. Combinando duas unidades alternadas cria-se um corredor central que se repete de três em três andares, o que possibilita somente sete paradas de elevador. A melhor distribuição é a que tem a entrada no nível inferior, onde estão localizados a cozinha e a sala com pe-direito duplo; ali se encontra uma escada que leva ao pavimento superior onde estão os dormitórios e os banhos. A disposição inversa apresenta alguns problemas funcionais, pois a sala divide o espaço com o quarto principal. Outra crítica bastante comum é o fato da pouca insolação recebida pelos apartamentos devido à sua grande profundidade, assim como a largura da célula que gera quartos bastante estreitos.

#### A Cobertura [Figura 5.17]

Aqui tudo lembra o aforismo<sup>10</sup>: "A arquitetura é um jogo sábio, correto e magnífico de volumes puros debaixo da luz do Sol". A torre de elevadores termina em um prisma elementar. As chaminés de ventilação foram modeladas em formas livres. No meio desses elementos se situa um ginásio, com sua cobertura em forma de abóbada. Um pequeno edifício sobre pilotis, o qual se acessa por uma rampa é a creche. Um alto muro ao norte, cenário para representações teatrais serve também como telão.

O espetáculo arquitetônico da cobertura é uma espécie de collage na escala de uma praça pública<sup>11</sup>. O bretón brut de extrema expressividade ajuda a transformar os elementos lúdicos do toit-terrasse surrealista, certamente influenciado pela cobertura da Casa Milá de Gaudí que Le Corbusier conheceu em 1929. A diferença básica está no fato de que Gaudí se relacionou com a cidade, enquanto que Le Corbusier com a paisagem.

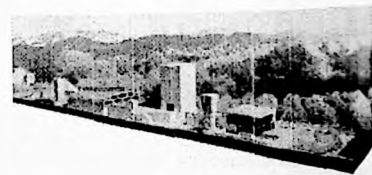
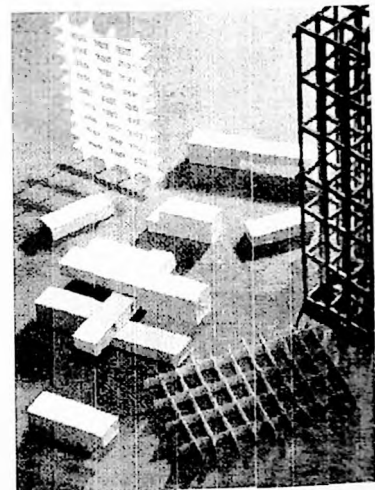
Propositamente elevou a altura do guarda-corpo, e lá de cima não é possível ver a cidade, somente o mar e as montanhas, o que motivou Le Corbusier a mimetizá-las na própria cobertura da Unité.

### 5.5 Mudanças no Código Saboya e a Lei 5.261/57 e o fim da habitação na área central

De um lado Anhaia Melo defendendo o zoneamento e a limitação do conhecimento da cidade, e de outro, Prestes Maia defendendo obras públicas e o ajuste do código de obras para permitir o adensamento urbano. Estas diferenças



5.16



5.17

culminaram na promulgação em 1957 da Lei Municipal nº 5261 que regularizou um coeficiente máximo de aproveitamento em 4 (quatro) vezes a área do terreno para a cidade.

*"Acho que uma das fraquezas do nosso urbanismo vem do fato de Anhaia Mello e Prestes Maia, dois homens de valor, não rezarem pela mesma cartilha e serem contraditórios em suas próprias posições".*

"Se você quiser um plano teórico, muito bem estudado, em legislação americana: Anhaia. Já um plano mais realista e experimentado: o Maia".<sup>12</sup>

Como vereador, Anhaia Mello recupera a Lei Municipal nº1193 (9.3.1909) que se refere à exigência de custeio, por parte dos empreendedores de *"metade das despesas com o primeiro calçamento entre guias e assim como com a metade das despesas com aquisição e assentamento das guias em toda a extensão da rua a ser aberta"*.

Prestes Maia foi constantemente criticado por não aplicar uma "taxa de melhoria".

Com o Ato Municipal nº25 (23.12.1930), Anhaia Mello, fez algumas modificações no Código Arthur Saboya. Determinou recuos mínimos entre edificações e índices máximos de aproveitamento, limitando o adensamento na ocupação do solo urbano. Estas medidas foram ampliadas e detalhadas pelo Ato Municipal nº129 (21.3.1931);

Com o Ato Municipal nº32 (27.12.1930), Anhaia Mello, instituiu a Comissão Municipal de Serviços de Utilidade Pública, para fiscalizar as empresas concessionárias;

Com o Ato Municipal nº127 (20.3.1931), Anhaia Mello, instituiu o "regulamento diferencial ou de especialização" (zoning) para algumas áreas da cidade;

Anhaia Mello estava tentando introduzir legislações que permitissem evitar o crescimento desorganizado e clandestino da cidade. O primeiro confronto quando da abertura por Prestes Maia das Avenidas Ipiranga e 9 de Julho: Anhaia Mello critica pelos jornais;

Foi durante os trabalhos da Comissão Orientadora do Plano Diretor do Município (Lei Municipal nº4494, 14.6.1954) que ocorreu a famosa polêmica entre os dois sobre a expansão da cidade: de um lado Anhaia Melo defendendo o zoneamento e a limitação do crescimento e de outro, Prestes Maia defendendo obras de infraestrutura, tais como a abertura ou alargamento de ruas e avenidas, e o ajuste do código de obras para garantir o adensamento urbano;

Artigas comentando sobre Anhaia Mello: *"...só tratava de questões de urbanismo. A preocupação teórica não é com a estética do edifício ....podemos chamar de urbanismo independente, de caráter local e descolonizador"*.

Foi na Comissão Orientadora do Plano do Município (Lei Municipal nº4494, 14.6.1954) que ocorreu o maior enfrentamento dos dois maiores urbanistas de São Paulo sobre a expansão da cidade: Anhaia Mello defendendo o zoneamento da cidade e a limitação do crescimento (densidade máxima) e Prestes Maia defendendo mais obras de reurbanização e o ajuste do código de obras para garantir o adensamento urbano. Ele dizia: *"Do jeito que vocês querem, vão ananizar a cidade"*.

A primeira tentativa de zonear o uso para todo o território da cidade foi feita através da Lei Municipal nº4805 de 1955. Durante a gestão de Ademar de Barros foi promulgada a Lei Municipal nº 5261 de 1957 que regularizou um coeficiente máximo de aproveitamento do terreno para a cidade (c.a.=4).

Esta lei inviabilizou qualquer tipo de construção no centro da cidade, mas principalmente de habitação coletiva. Pode-se atribuir grande parte da estagnação do centro de São Paulo ao limite máximo de aproveitamento. Em uma área onde é comum edifícios com c.a. =8 ou mais a perda de interesse ainda persiste até hoje.

Os últimos edifícios construídos no centro foram: Normandie [P3.F27: 1956>57], Araruanas [P3.F28: 1956>58] e Ouro Preto [P3.F30: 1957>1958] de Franz Heep [Figura 5.18] e Santa Margarida [P3.F32: 1957>1958] de Gregori Warchavchik

#### Notas do Capítulo 5 [1957>1972 DIVERSIDADE E DIFUSÃO]

<sup>1</sup> SHERWOOD, op. cit., p.125.

<sup>2</sup> LAMAS, p. 352.

<sup>3</sup> LAMAS, p. 354.

<sup>4</sup> LAMAS, p.356.

<sup>5</sup> SHERWOOD, p.125.

<sup>6</sup> SEGAWA (1998) p.139

<sup>7</sup> LEMOS, Carlos (1976) p.159

<sup>8</sup> ROHE, Mies van der - *Tese de trabalho*,1923 (1993) p.27

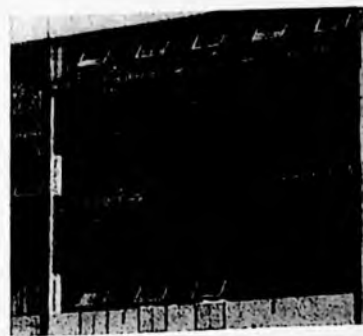
<sup>9</sup> KOPP, op. cit., p.132

<sup>10</sup> von MOOS, op. cit, p.241.

<sup>11</sup> von MOOS, op. cit, p.241.

<sup>12</sup> (Cardim Filho,1985/6, v.1,p.17)





1957  
1972

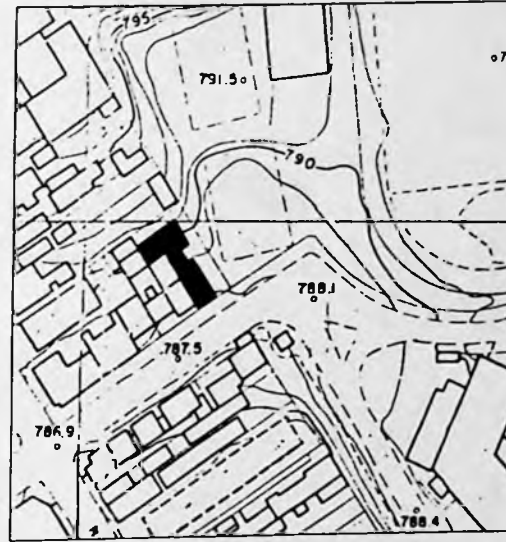
1942  
1958



## HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO [4º PERÍODO: 1957>1972]

ficha	ano	edifício	projeto	endereço	bairro
P4.F01	1959 > 1960	lagoinha	carlos millán	r. arthur de azevedo, 32	pinheiros
P4.F02	1959 > 1962	karina	israel galman	av. angélica, 1132	higienópolis
P4.F03	1959 > 1962	lugano, locarno	franz heep	av. higienópolis, 318	higienópolis
P4.F04	1959 > 1962	arper	david libeskind	r. permanbuco, 15	pacaembú
P4.F05	1960 > 1962	arabá	david libeskind	r. aracajú, 235	higienópolis
P4.F06	1960 > 1962	condemar	jorge wilheim	r. albuquerque lins, 1075	santa cecília <del>X</del>
P4.F07	1961 > 1963	crusp	eduardo knesse de mello	cidade universitária	butantã
P4.F08	1961 > 1967	maria anna	maurício kogan e samuel szpigel	al. rio branco, 251	bela vista
P4.F09	1962 > 1963	conselheiro alves	israel sancovski	r. conselheiro alves, 937	vila mariana
P4.F10	1962 > 1964	cajau	josé fleury de oliveira	al. campinas, 601	jardim paulista
P4.F11	1962 > 1965	rossi-leste	marcello fragelli	r. rodovalho jr., 476	penha
P4.F12	1962 > 1966	guaimbê	paulo mendes da rocha	r. haddock lobo, 1447	jardim paulista
P4.F13	1963 > 1964	albar	maurício schneider e pedro p. melo saraiva	r. albuquerque lins, 1045	santa cecília <del>X</del>
P4.F14	1963 > 1964	baía mar	francisco beck	r. bahia, 71	higienópolis
P4.F15	1963 > 1968	abaeté	abrahão sanovicz	r. pará, 222	higienópolis
P4.F16	1963	albina	alberto botti e marc rubin	r. conselheiro brotero, 801	santa cecília
P4.F17	1964 > 1965	tamar	maurício schneider e pedro p. melo saraiva	r. piauí, 631	higienópolis
P4.F18	1964 > 1965	manon	victor reif	r. sergipe, 312	higienópolis
P4.F19	1964	gravatá	rino levi, roberto c. César e luis r. franco	av. 9 de julho, 4985	itaím bibi
P4.F20	1964	sta. cândida, sta. francisca	salvador candia	r. aureliano coutinho, 355	santa cecília <del>X</del>
P4.F21	1965	st. bernard, st. gothard	plínio croce, roberto affalo e g. gasperini	r. pe. joão manuel, 1575-1579	jardim paulista
P4.F22	1966 > 1969	são félix	alberto botti e marc rubin	r. barão de capanema, 433	jardim paulista

P4.F23	1966 > 1969	parque higienópolis		av. higienópolis, 318	higienópolis
P4.F24	1967 > 1972	cecap zezinho magalhães	joão vilanova artigas e equipe	cumbica	guarulhos
P4.F25	1968 > 1971	santa rosa	brenno perelmutter	al. casa branca, 844	jardim paulista
P4.F26	1968 > 1971	geminis I, II	eduardo de almeida	r. graúna, 419	moema
P4.F27	1968 > 1972	giselle	telésforo cristofani	av. 9 de julho, 5713	itaim bibi
P4.F28	1969 > 1972	parque trianon	paulo bruna	al. casa branca, 299	jardim paulista
P4.F29	1970 > 1970	promenade	miguel juliano	al. lorena, 1853	jardim paulista
P4.F30	1970 > 1972	modular beta	abrahão sanovicz	av. divino salvador, 863	indianópolis
P4.F31	1972 > 1974	quatiara	ruy ohtake	av. caxingui, 165	butantã
P4.F32	1972 > 1975	fiandeiras	abrahão sanovicz	r. fiandeiras, 479	vila olímpia



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P4.F01

edifício  
**Lagoinha**

projeto  
**Carlos Millán**

ano  
**1959 > 1960**

endereço  
Rua Artur de Azevedo, 32  
Pinheiros

contratante  
Marino & Masseti Cia.

publicações  
Acrópole 243 [62-3] 1959:01  
Acrópole 287 [360-1] 1962:06

terreno  
351 m<sup>2</sup> | terreno em L [9,4x29,5 m]

taxa de ocupação  
61.5% [216 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2.6 [910 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar em L junto a dois alinhamentos  
T+4 | orientação NO/NE

elevadores  
não possui

escadas  
[1] central e articuladora  
em dois sentidos c/ patamares intermediários

estacionamento  
não possui

número de unidades  
8 UH

tamanho das unidades  
A [4] 2 dormitórios: 95 m<sup>2</sup>  
B [4] 2 dormitórios: 102 m<sup>2</sup>





implantação | escala 1:2000

P4.F02

edifício  
**Karina**

projeto  
**Israel Galman**

ano  
**1959 > 1962**

endereço  
Avenida Angélica, 1132  
Higienópolis

contratante  
Umbral Engenharia e Comércio S. A.

publicações  
Acrópole 243 [62-3] 1959:01  
Acrópole 287 [360-1] 1962:06

terreno  
820 m<sup>2</sup> | retangular [39x21 m]

taxa de ocupação  
35% [290 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4.6 [3.770 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+12 | orientação NE/SO

elevadores  
[2] centrais e internos  
fiscalização Industrial: 28261

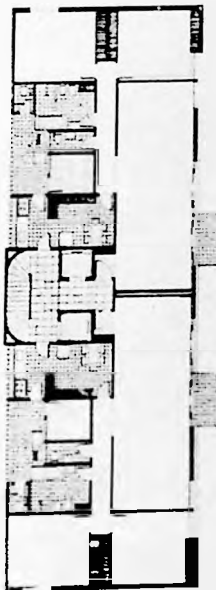
escadas  
[1] longitudinal em C s/ patamar

estacionamento  
[20] vagas no subsolo

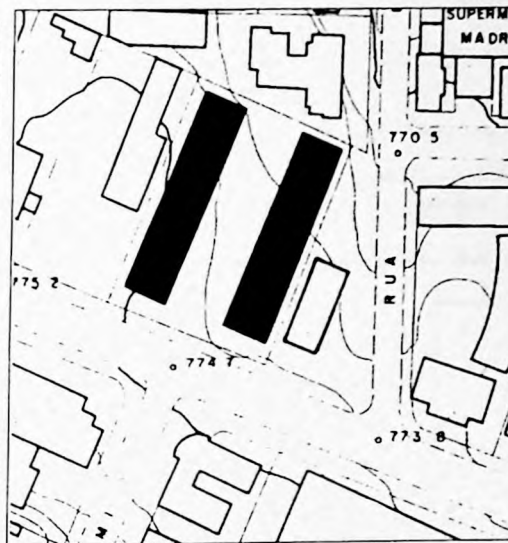
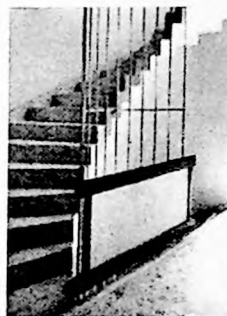
número de unidades  
21 UH

tamanho das unidades  
2 dormitórios: 132 m<sup>2</sup>  
cobertura duplex 4 dormitórios: 396 m<sup>2</sup>

fotos: José Mascardi  
desenhos: revista Acrópole



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000

# P4.F03

edifícios  
**Lugano  
Locarno**

projeto  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1959 > 1962**

endereço  
Avenida Higienópolis, 318-360  
Higienópolis

projeto estrutural  
Escr. Téc. Júlio Kasoy e Mário Franco

contratante  
Elias & Aizik Helcer

construção  
Construtora Auxiliar S. A.

publicações  
Acrópole 287 [347-9] 1962:10

terreno  
3.150 m<sup>2</sup> | retangular [49x64 m]

taxa de ocupação  
52% [1.625 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
6.7 [ 21.125 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
blocos laminares isolados  
T+12 | orientação SE/NO

elevadores  
[4] por bloco, 2 a 2 transversais e centrais  
fiscalização industrial: 6836

escadas  
[2] por bloco,  
transversais semi-circulares s/ patamar

estacionamento  
[110] vagas no subsolo

número de unidades  
96 UH

tamanho das unidades  
A [48] 3 dormitórios: 168 m<sup>2</sup>  
B [48] 3 dormitórios: 178 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
MF  
redesenho: Luciana Brasil

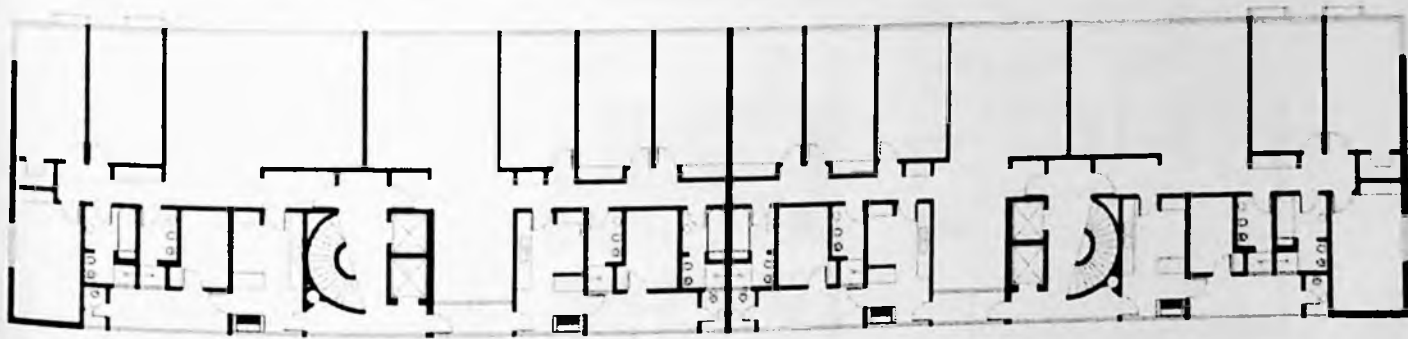
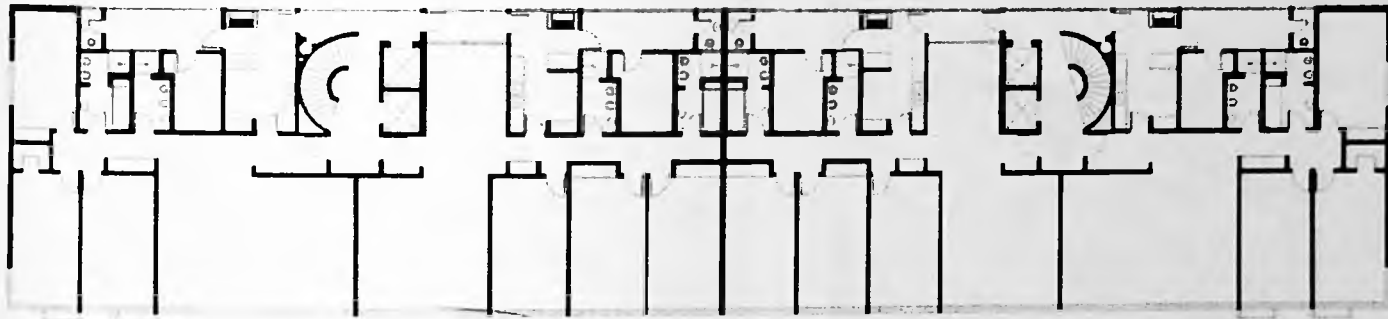


P4.F03

edifícios  
**Lugano**  
**Locarno**

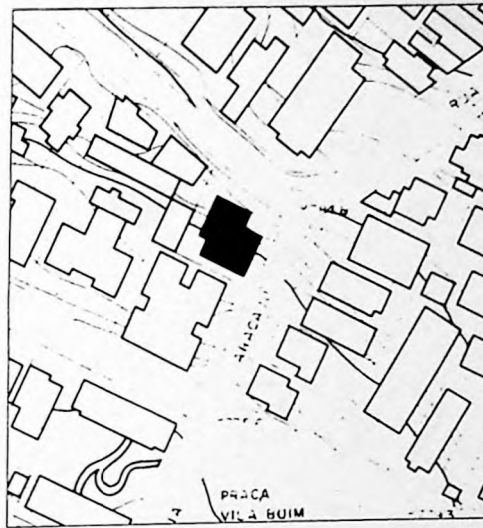
projeta  
**Adolf Franz Heep**

ano  
**1959 > 1962**



pavimento tipo | escala 1:300

fotos: José Moscardi  
MF  
redesenho: Luciana Brasil



implantação | escala 1:2000

# P4.F04

edifício  
**Arper**

projeto  
**David Libeskind**

ano  
**1959 > 1962**

endereço  
Rua Pernambuco, 15  
Higienópolis

contratante  
Libeskind & Schainberg Ltda. e outros

construção  
Libeskind & Schainberg Ltda.

publicações  
Acrópole 282 [188-90 e 208] 1962:05

terreno  
650 m2 | irregular de esquina

taxa de ocupação  
45 % [290 m2]

coeficiente de aproveitamento  
4.5 [ 2.900 m2 de área construída]

tipo de edifício  
bloco retangular isolado  
T+ 9 | orientação L/O

elevadores  
[2] centrais e internos  
fiscalização industrial: 6977

escadas  
[1] transversal em dois sentidos s/ patamar

estacionamento  
[18] vagas no subsolo

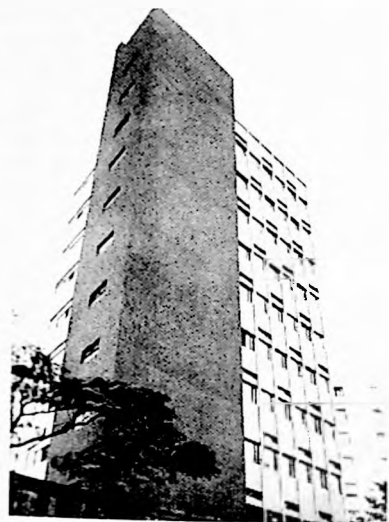
número de unidades  
9 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 256 m2

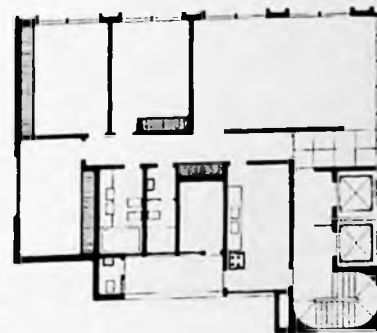


pavimento tipo | escala 1:300

fotos: José Moscardi  
MF  
desenho: escritório Arq. David Libeskind



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300



# P4.F05

edifício  
**Araba**

projeto  
**David Libeskind**

ano  
**1960 > 1962**

endereço  
Rua Aracajú, 235  
Higienópolis

proprietários  
Libeskind & Schainberg Ltda. e outros

construção  
Libeskind & Schainberg Ltda.

terreno  
417 m<sup>2</sup> | irregular de esquina

taxa de ocupação  
55 % [230 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
6 [2.530 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco retangular isolado  
T+10 | orientação L/O

elevadores  
[2] perimetrais e transversais

escadas  
[1] perimetral e transversal  
em ¾ de volta s/ patamar

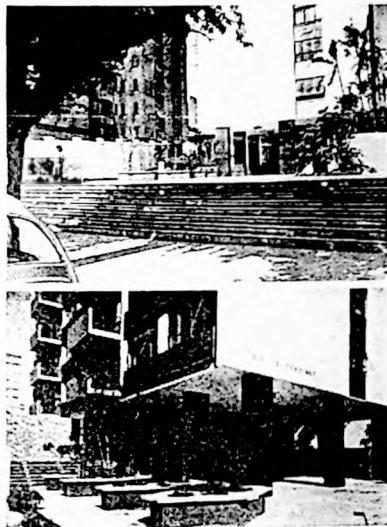
estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
10 UH

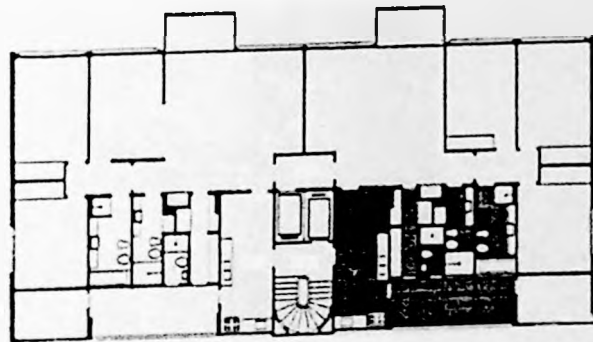
tamanho das unidades  
3 dormitórios: 180 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
MF

desenho: escritório Arq. David Libeskind



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P4.F06

edifício  
**Condemar**

projeto  
**Jorge Wilhelm**

ano  
**1960 > 1962**

endereço  
Rua Albuquerque Lins, 1075  
Santa Cecília

contratante  
Sociedade Civil Áurea Ltda.

construção  
Construtora Werebe & Sztlering

paisagismo  
Roberto Coelho Cardozo

publicações  
Acrópole 284 [253-255] 1962:07

terreno  
1.475 m<sup>2</sup> | retangular [25 x 59 m]

taxa de ocupação  
24% [350 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4.0 [ 5.900 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+17 | orientação NE/SO

elevadores  
[2] centrais e internos

escadas  
[1] perimetral e transversal,  
em C s/ patamar

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
34 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 185 m<sup>2</sup>

# P4.F07

conjunto  
**C.R.U.S.P**

projeto  
**Eduardo Kneese de Mello  
Joel Ramalho Jr.  
Sidney de Oliveira**

ano  
**1961 > 1963**

endereço  
Cidade Universitária  
Butantã

contratante  
Fundo para a Construção da Cidade Universitária  
"Armando de Salles Oliveira"

colaboradores  
Arthur Pitta e Lello Ranzini [estrutura]  
Homero Lopes [instalações]

construção  
Ribeiro Franco Engenharia S.A. [pré-moldado]  
Servix Engenharia Ltda. [processo tradicional]

premição  
Grande Medalha de Ouro  
12º Salão Paulista de Arte Moderna

publicações  
Acrópole 303 [93-101] 1964:02

terreno  
73.000 m<sup>2</sup> | retangular [25 x 59 m]

taxa de ocupação  
9 % [6.650 m<sup>2</sup>]

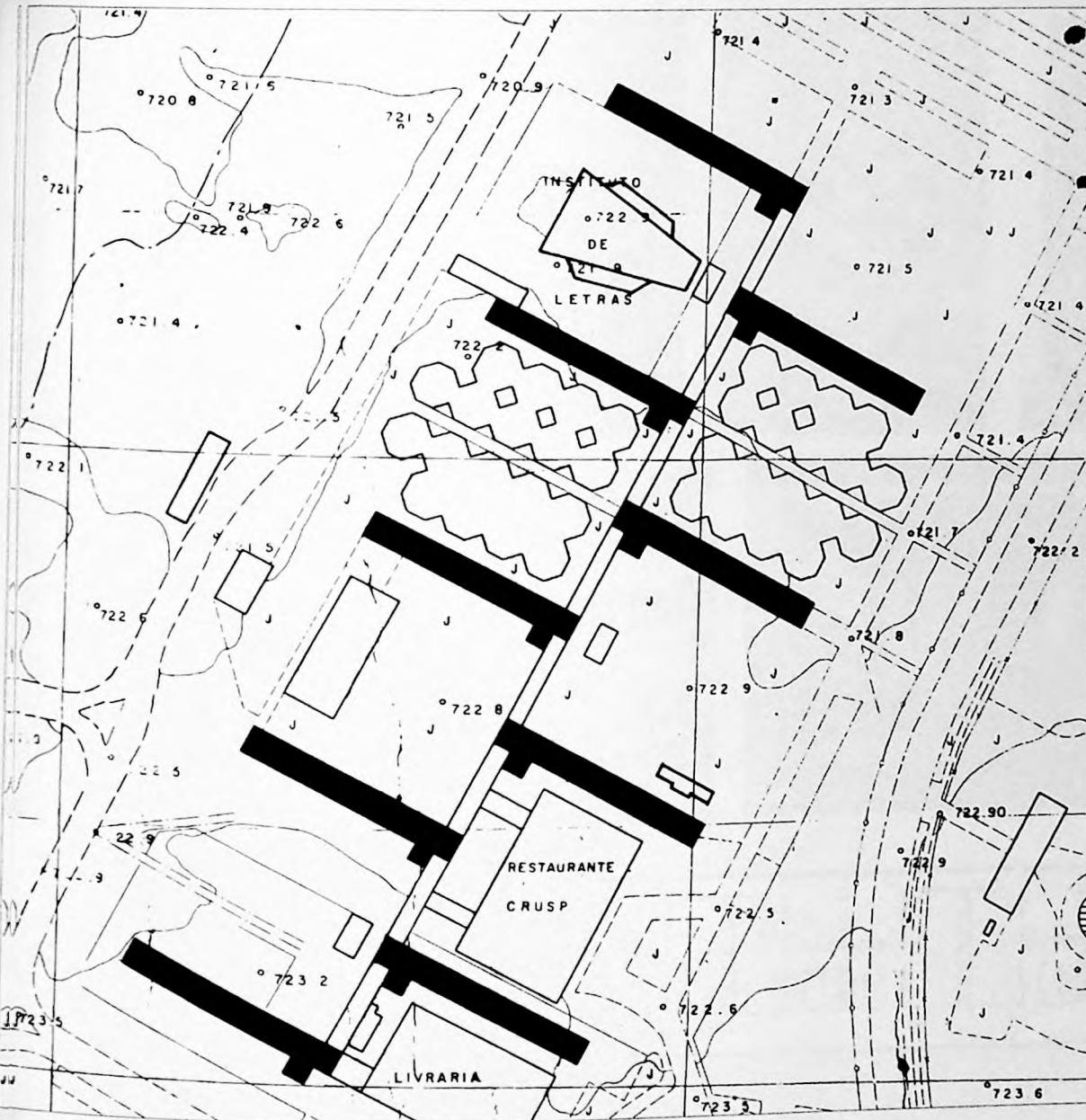
coeficiente de aproveitamento  
0.6 [ 46.550 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
10 blocos laminares isolados  
T+6 | orientação NE/SO

elevadores  
[2] por bloco  
externos c/ paradas intermediárias

escadas  
[2] externas e transversais  
em 2 sentidos c/ patamares

implantação escala 1:2000





P4.F07

conjunto  
C.R.U.S.P

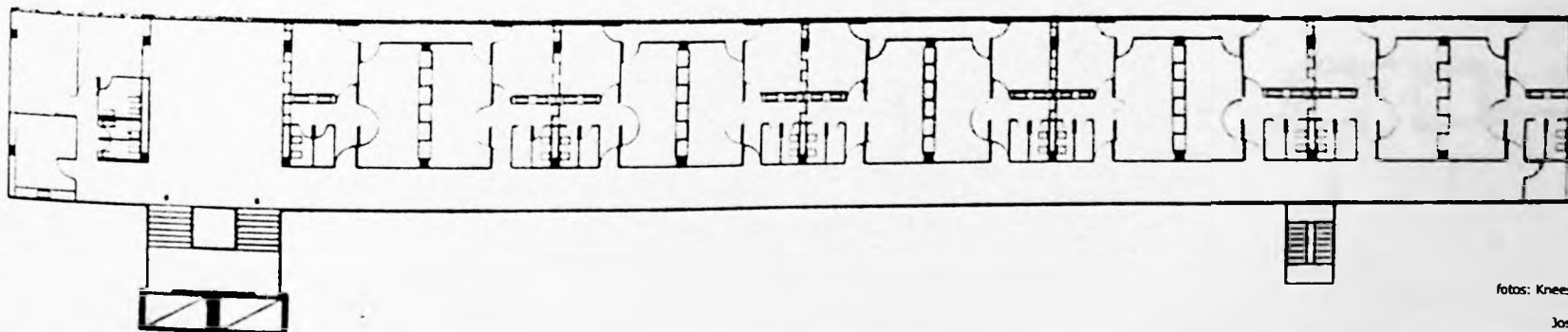
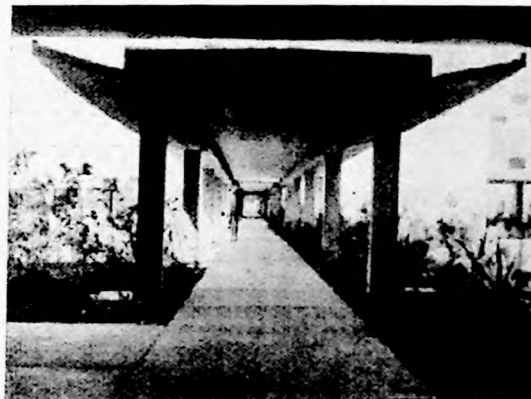
projeto  
Eduardo Kneese de Mello  
Joel Ramalho Jr.  
Sidney de Oliveira

ano  
1961 > 1963

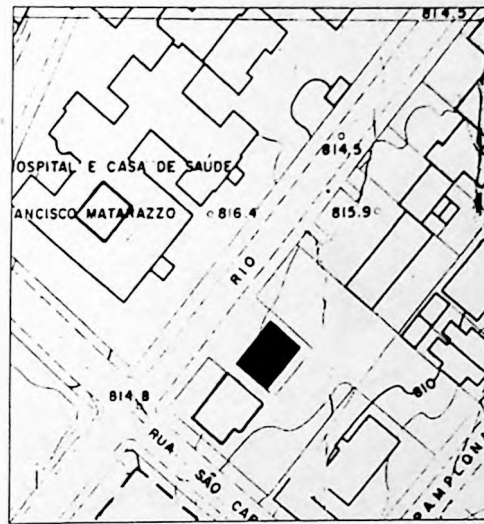
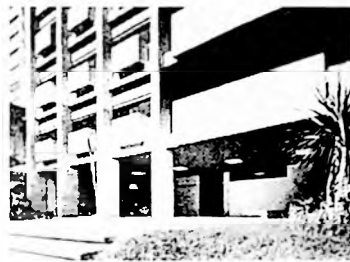
número de unidades  
60 UH por bloco  
720 UH no total

tamanho das unidades  
1 dormitório p/ 3 estudantes: 32 m<sup>2</sup>

WALTER BENEDES



fotos: Kneese de Mello  
City  
José Moscardi  
desenhos: Acrópole



implantação | escala 1:2000

# P4.F08

edifício  
**Maria Anna**

projeto  
**Maurício Kogan  
Samuel Szpigel**

ano  
**1961**

endereço  
Alameda Rio Claro, 251  
Bela Vista

construção  
Construtora Best Ltda.

publicações  
Acrópole 337 [22-3] 1967:03

terreno  
530 m<sup>2</sup> | terreno retangular [22x24 m]

taxa de ocupação  
41% [218 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4.5 [ 2.398 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre retangular isolada  
T+10 | orientação NO/SE

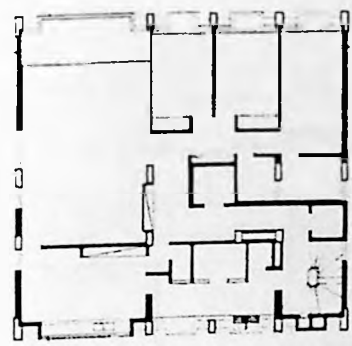
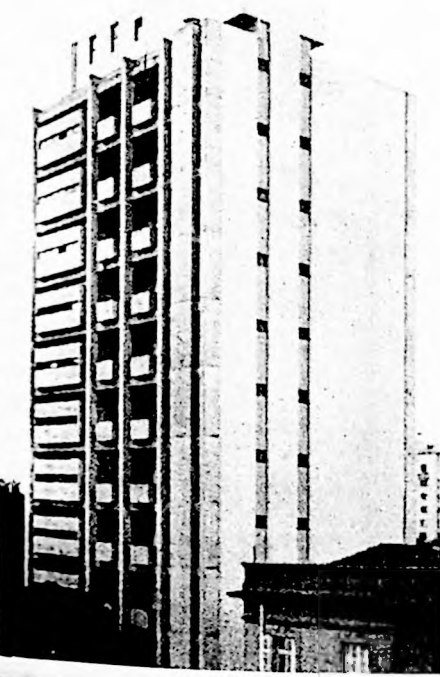
elevadores  
[2] social: central e longitudinal  
serviço: perimetral e transversal

escadas  
[1] perimetral e transversal,  
em 2/3 de volta s/ patamar

estacionamento  
no subsolo

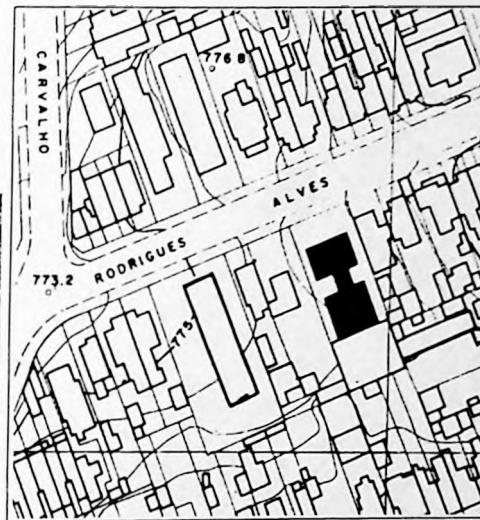
número de unidades  
10 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 205 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300

fotos: revista Acrópole  
desenhos: revista Acrópole



implantação | escala 1:2000

# P4.F09

edifício  
**Conselheiro Alves**

projeto  
**Israel Sancovsky**

ano  
**1962**

endereço  
Rua Conselheiro Rodrigues Alves, 937  
Vila Mariana

construção  
C. F. S. Engenharia e Arquitetura Ltda.

obra de arte  
Ubirajara Ribeiro [painel de azulejos]

publicações  
Acrópole 292 [116-7] 1963:03

terreno  
1.232 m<sup>2</sup> | terreno retangular [22x56 m]

taxa de ocupação  
31% [382 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
3.0 [3.820 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco em H isolado  
T+9 | orientação NE/SO

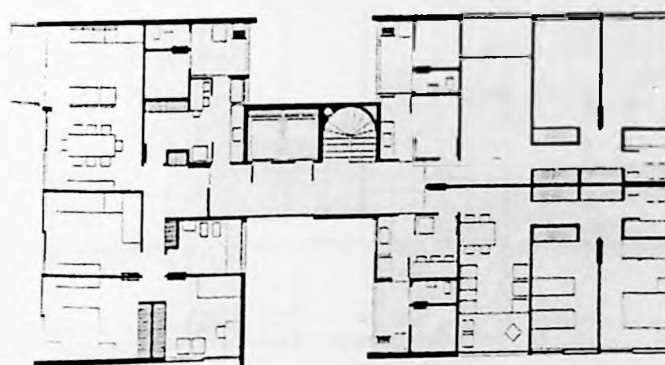
elevadores  
[2] centrais e transversais

escadas  
[1] central e transversal,  
em dois sentidos s/ patamar

estacionamento  
[12 vagas] no pátio posterior

número de unidades  
29 UH

tamanho das unidades  
A [9] 3 dormitórios: 140 m<sup>2</sup>  
B [20] 2 dormitórios: 102 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300



fotos: José Moscardi  
desenhos: Acrópole



Implantação | escala 1:2000

# P4.F10

edifício  
**Cajau**

projeto  
**José Luiz Fleury de Oliveira**

ano  
**1962 > 1964**

endereço  
Alameda Campinas, 601  
Jardim Paulista

construção  
Marcial Fleury de Oliveira

parisagismo  
Waldemar Cordeiro

publicações  
Acrópole 304 [42-3] 1964:03

terreno  
449 m<sup>2</sup>  
taxa de ocupação  
77 % [349 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4.6 [2.094 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco retangular isolado  
c/ térreo e 1º pav. P/ escritórios  
T+5 | orientação NO/SO

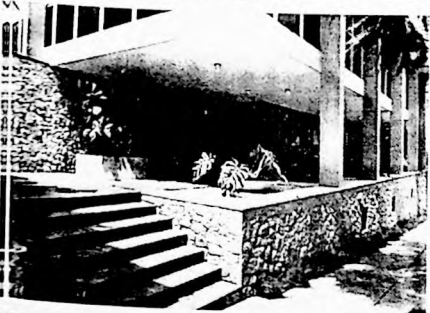
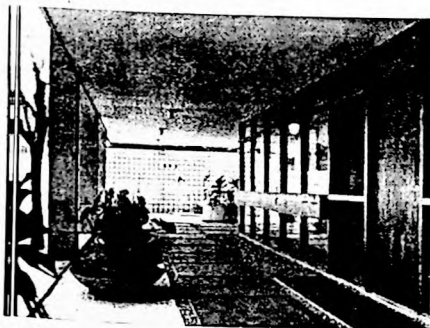
elevadores  
[1] central e longitudinal  
atende somente as UH

escadas  
[2] centrais e longitudinais  
em 2 sentidos s/ patamar

estacionamento  
no subsolo

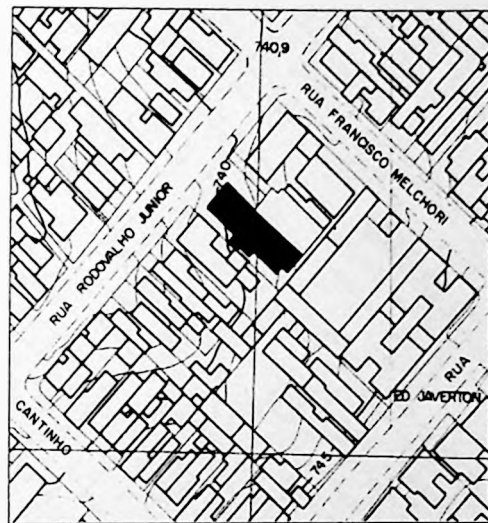
número de unidades  
12 UH

tamanho das unidades  
A [8] 2 dormitórios: 93 m<sup>2</sup>  
B [4] 2 dormitórios: 105 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300

fotos e desenhos: Acrópole



implantação | escala 1:2000

# P4.F11

edifício  
**Rossi Leste**

projeto  
**Marcello Fragelli**

ano  
**1962 > 1965**

endereço  
Rua Rodovalho Júnior, 476  
Penha de França

construção  
Eng. José Morelli

premição  
Menção Honrosa categoria "Habitação Coletiva"  
8ª Bienal de São Paulo

publicações  
Arquitetura 41 [17-8] 1965  
Acrópole 325 [32-3] 1966: 01-02  
Xavier, Lemos e Toledos [71] 1983

terreno  
836 m<sup>2</sup> | irregular [23x36.5 m]

taxa de ocupação  
28 % [237 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
3.4 [2.844 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+11 | orientação NE/SO

elevadores  
[2] centrais e transversais

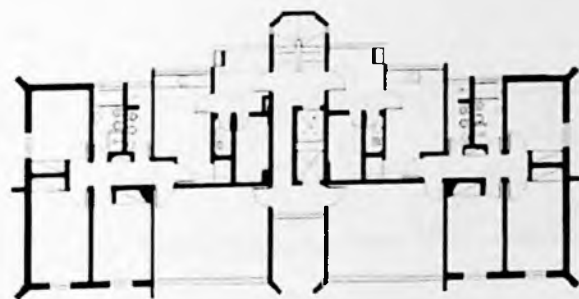
escadas  
[1] central e perimetral,  
em dois sentidos s/ patamar

estacionamento  
no térreo e 1º pavimento

número de unidades  
20 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 95 m<sup>2</sup>

fotos: revista Acrópole  
revista Arquitetura  
redesenho: Luciana Brasil



pavimento tipo | escala 1:300



implantação escala 1:2000

# P4.F12

edifício  
**Guaimbê**

projeto  
**Paulo Mendes da Rocha**  
**João Eduardo de Gennaro**

ano  
**1962 > 1966**

endereço  
Rua Haddock Lobo, 1447  
Jardim Paulista

proprietários  
Edmundo Safdie, Isaac Harari e outros

construção  
Construtora Pacheco Fernandes, Dantas S.A.

publicações  
Acrópole 343 [29-31] 1967  
Xavier, Lemos e Toledo [76] 1983  
Mendes da Rocha [28-9] 1996  
Paulo Mendes da Rocha [28-9] 2000

terreno  
608 m<sup>2</sup> | retangular [14x43.5 m]

taxa de ocupação  
35% [214,5 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5 [3.003 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre laminar isolada  
T+13 | orientação NE/SO

elevadores  
[2] centrais e longitudinais

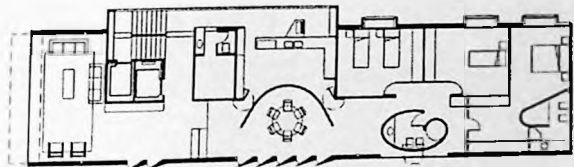
escadas  
[1] perimetral e longitudinal  
em 2 sentidos c/ patamares

estacionamento  
[14 vagas] no subsolo

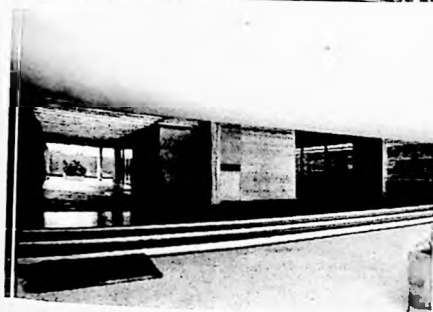
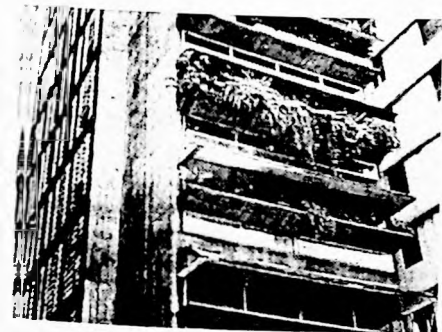
número de unidades  
12 UH

tamanho das unidades  
A [11] 3 dormitórios: 192 m<sup>2</sup>  
B duplex [1] 5 dormitórios: 249 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
MF  
desenhos: Maria do Carmo Vilarinho



pavimento tipo | 1:300



P4.F13

edifício  
**Albar**

projeto  
**Maurício Schneider  
Pedro Paulo de Melo Saraiva**

ano  
**1964**

endereço  
Rua Albuquerque Lins, 1045  
Santa Cecília

construção  
Eng. Biro Ernesto Zeitel

publicações  
Acrópole 310 [42-3] 1964

terreno  
800 m<sup>2</sup> | retangular de esquina (20x40 m)

taxa de ocupação  
43% [345 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5 [ 4.140 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+11 | orientação NO/SE

elevadores  
[3] sociais: centralizados nas UH  
serviço: central e longitudinal

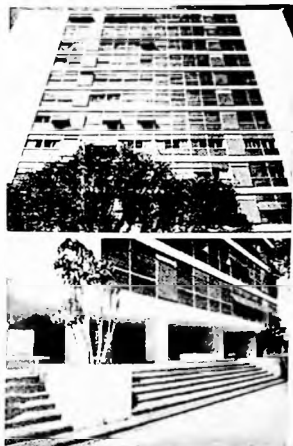
escadas  
[1] central e perimetral,  
em dois sentidos c/ patamares

estacionamento  
no subsolo

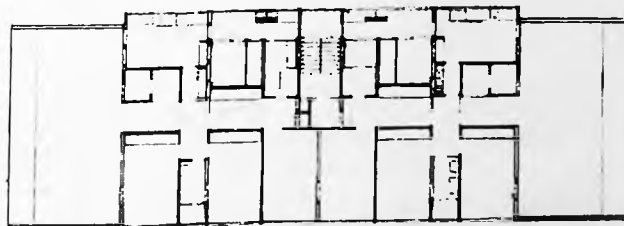
número de unidades  
22 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 162 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
MF

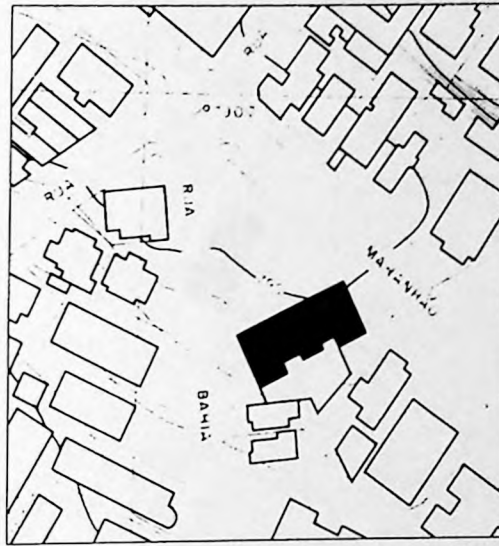


implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300





implantação | escala 1:2000

# P4.F14

edifício  
**Baía Mar**

projeto e construção  
**Francisco Beck**

ano  
**1963 > 1964**

endereço  
Rua Bahia, 71  
Higienópolis

publicações  
Acrópole 309 [46-7] 1964:08

terreno  
2.950 m<sup>2</sup> | triangular de esquina

taxa de ocupação  
21% [610 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4 [11.590 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre retangular isolada  
T+18 | orientação NO/SE

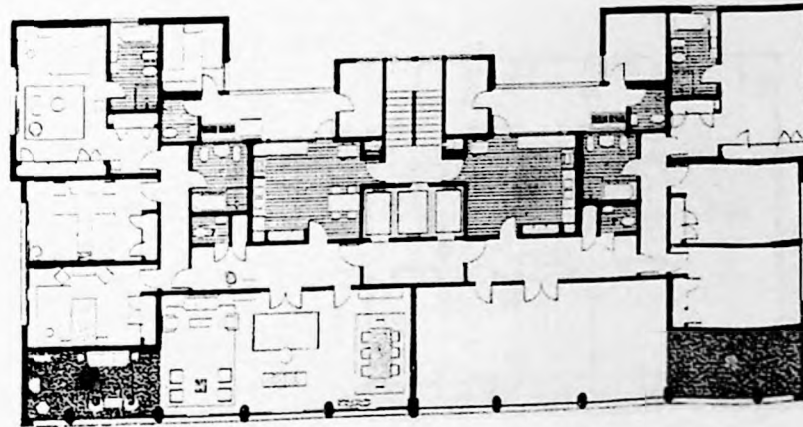
elevadores  
[3] centrais e longitudinais  
fiscalização industrial: 7776

escadas  
[1] perimetral e transversal,  
em dois sentidos c/ patamar

estacionamento  
[72 vagas] no térreo e subsolo

número de unidades  
36 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 290 m<sup>2</sup>

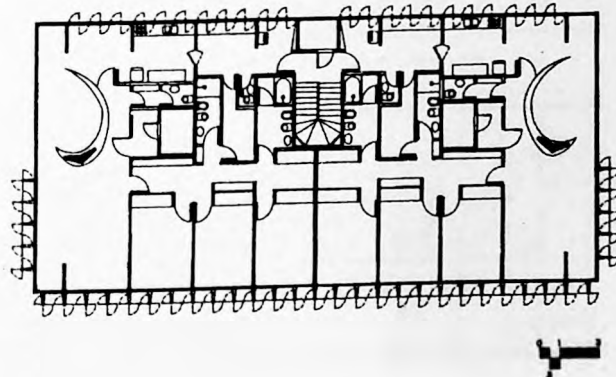


pavimento tipo | escala 1:300

fotos: José Moscardi  
desenhos: Acrópole



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P4.F15

edifício  
**Abaeté**

projeto  
**Abraão Sanovicz**

ano  
**1963 > 1968**

endereço  
Rua Pará, 222  
Higienópolis

colaboradores  
Dario Montesano [arquitetura]  
Eng. Roberto Zuccola [estrutura]

incorporação  
Alberto Goldmann e outros

construção  
Construtora Ambiente  
Eng. Alberto Goldmann

terreno  
1.100 m<sup>2</sup> | retangular [22.5x51m]

taxa de ocupação  
35% [390m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
6 [6.630 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+16 | orientação NO/SE

elevadores  
[3] sociais: centralizados por unidade  
serviço: central e longitudinal  
fiscalização industrial: 11074  
escadas  
[1] central e transversal  
em 2 sentidos s/ patamar

estacionamento  
[32] vagas no subsolo

número de unidades  
32 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 180 m<sup>2</sup>

fotos: MF  
desenhos: Escritório Abraão Sanovicz



implantação | escala 1:2000

# P4.F16

edifício  
**Albina**

projeto  
**Alberto Botti  
Marc Rubin**

ano  
**1963**

endereço  
Rua Conselheiro Brotero, 801  
Santa Cecília

publicações  
Acrópole 293 [150] 1963:04  
Acrópole 367 [20] 196:11

terreno  
973 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
41% [397 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5 [ 4.764 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre junto a dois alinhamentos  
T+11 | orientação NO/SE

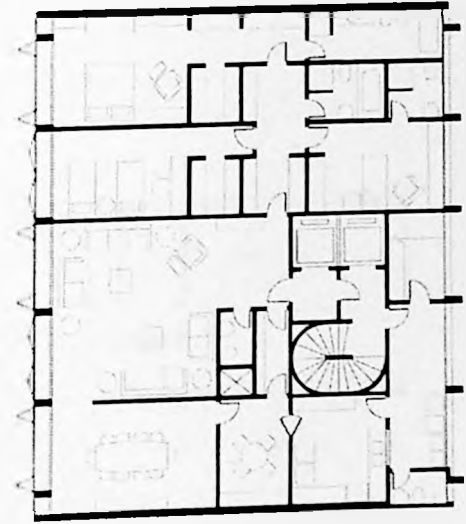
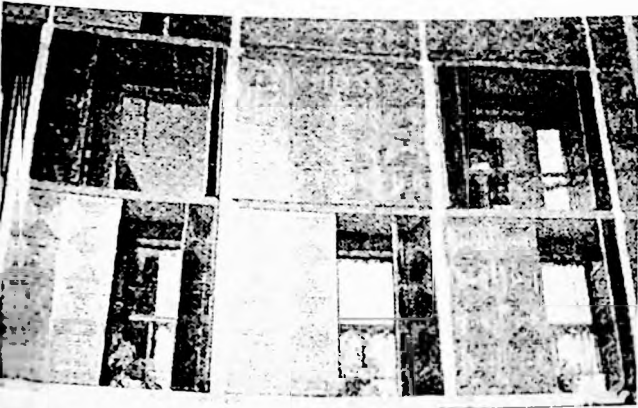
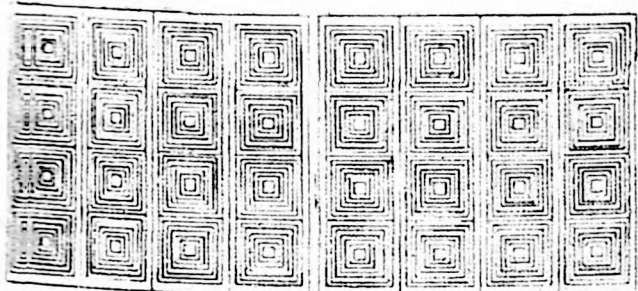
elevadores  
[2]

fiscalização industrial: 9201  
escadas  
[1]

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
9 unidades + 1 duplex

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 397 m<sup>2</sup>



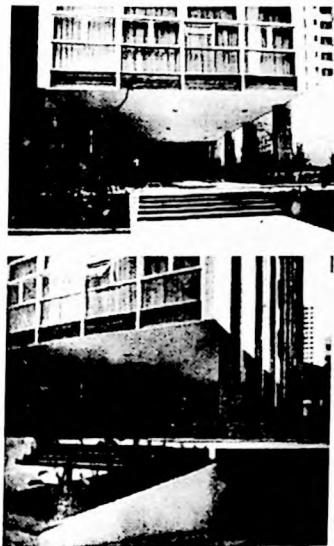
pavimento tipo | escala 1:300

fotos: MF  
desenhos: Botti Rubin

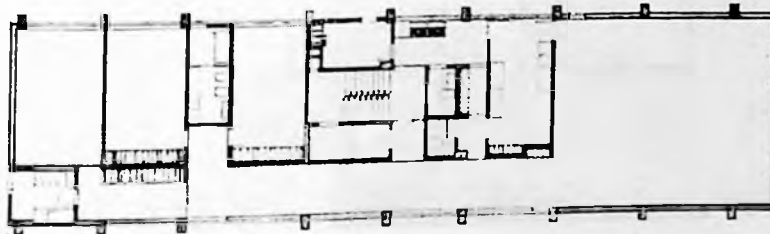
terreno

edifício

unidades



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

P4.F17

edifício  
**Tamar**

projeto  
**Maurício Schneider e  
Pedro Paulo de Mello Saraiva**

ano  
**1964**

endereço  
Rua Piauí, 631  
Higienópolis

construção  
Eng. Mario Montag e Rafael Golombek

publicações  
Acrópole 324 [28-9] 1965

terreno  
580 m<sup>2</sup> | [14.5 x 40 m]

taxa de ocupação  
48% [275 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5.7 [3.300 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+11 | orientação NO/SE

elevadores  
[2] centrais e longitudinais  
fiscalização industrial: 8322

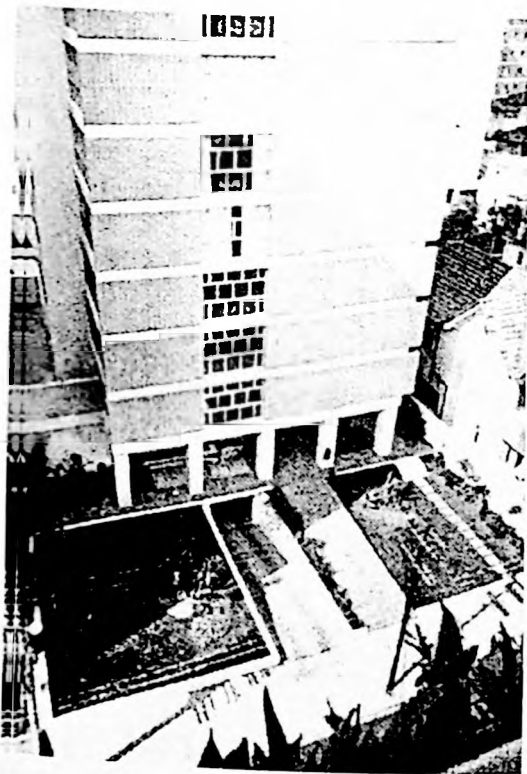
escadas  
[1] central e longitudinal,  
em dois sentidos c/ patamares

estacionamento  
[22] no subsolo

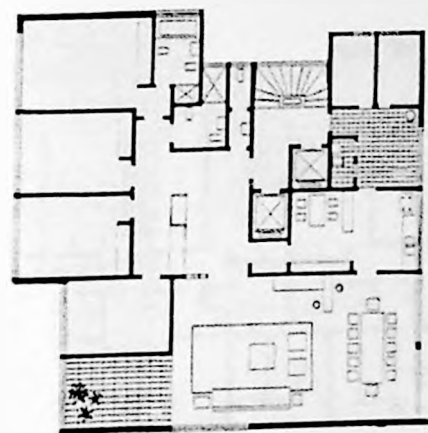
número de unidades  
11 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 255 m<sup>2</sup>

fotos: revista Acrópole  
desenhos: revista Acrópole



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P4.F18

edifício  
**Manon**

projeto  
**Victor Reif**

ano  
**1964**

endereço  
Rua Sergipe, 312  
Higienópolis

construção  
Construtora Stuhlberger Ltda.

obra de arte  
D. S. Calabrone (escultura de concreto)

publicações  
Acrópole 318 [24-5] 1965

terreno  
732 m<sup>2</sup> | retangular [24x30.5 m]

taxa de ocupação  
48% [350 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
7 [5.250 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre retangular isolada  
T+14 | orientação NO/SE

elevadores  
[2] centrais e longitudinais

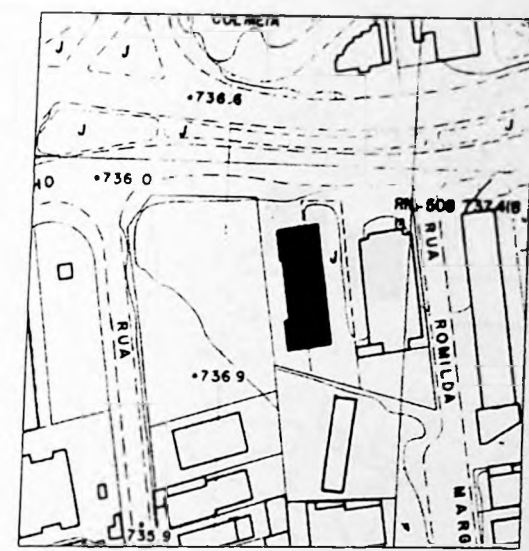
escadas  
[1] perimetral e transversal,  
em C s/ patamar

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
13

tamanho das unidades  
4 dormitórios: 255 m<sup>2</sup>

fotos: José Moscardi  
desenho: revista Acrópole



implantação | escala 1:2000

# P4.F19

edifício  
**Gravatá**

projeto  
**Rino Levi**  
**Roberto Cerqueira César**  
**Luiz Roberto Carvalho Franco**

ano  
**1964**

endereço  
Avenida 9 de julho, 4985  
Itaim Bibi

publicações  
Anelli, Guerra, Kon [p.250] 2001

terreno  
1.312 m<sup>2</sup>  
taxa de ocupação  
37 % [484 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5 [6.292 m<sup>2</sup> de área construída]

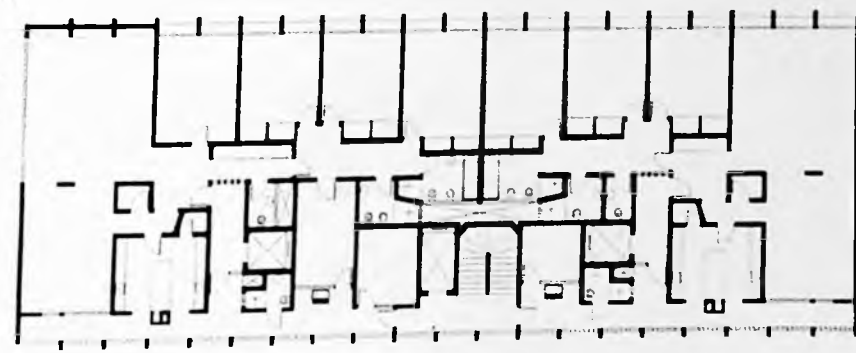
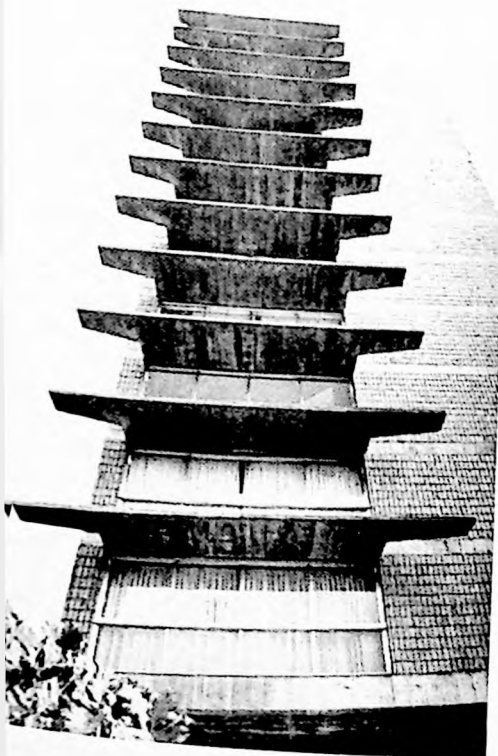
tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+ 12 | orientação N/S

elevadores  
[3]

escadas  
[1]

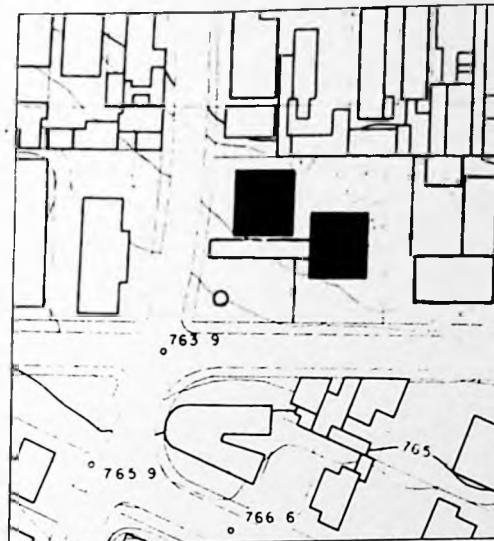
número de unidades  
24 UH

tamanho das unidades  
A [2] unidades c/ 4 dormitórios: 232 m<sup>2</sup>  
B [2] unidades c/ 3 dormitórios: 189 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300

fotos: Arquivo Rino Levi  
MF  
redesenho: Luciana Brasil



implantação | escala 1:2000

P4.F20

edifício  
**Santa Cândida**  
**Santa Francisca**

projeto  
**Salvador Candia**

ano  
**1964**

endereço  
Rua Aureliano Coutinho, 355  
Santa Cecília

terreno  
2.712 m<sup>2</sup> | trapezoidal de esquina [48x54 m]

taxa de ocupação  
32 % [862 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
5 [13.792 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torres retangulares isoladas  
T+15 | orientação N/S/L/O

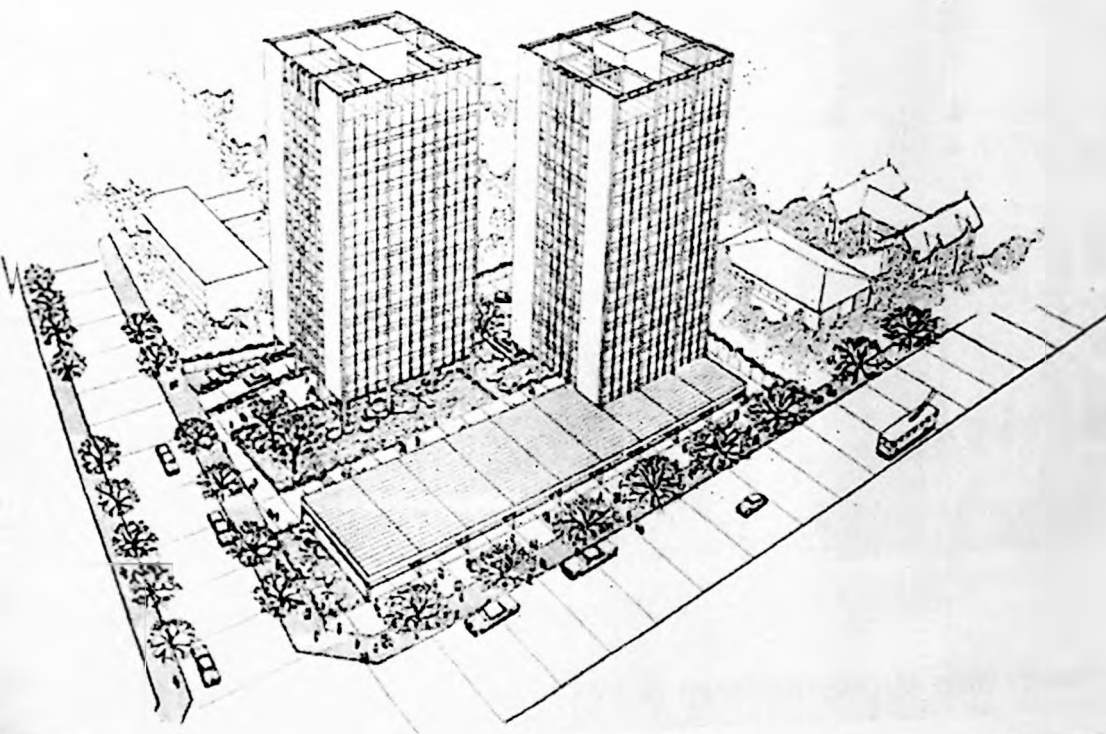
elevadores  
[2] centrais e transversais

escadas  
[1] central e longitudinal,  
em dois sentidos c/ patamar

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
30 UH

tamanho das unidades  
4 dormitórios: 347 m<sup>2</sup>

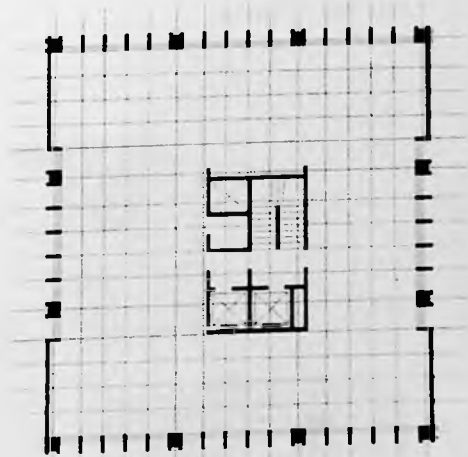
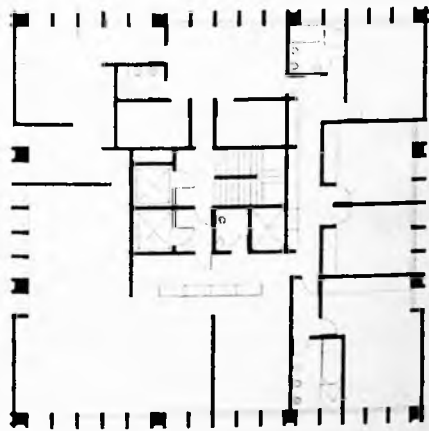


P4.F20

edifício  
**Santa Cândida**  
**Santa Francisca**

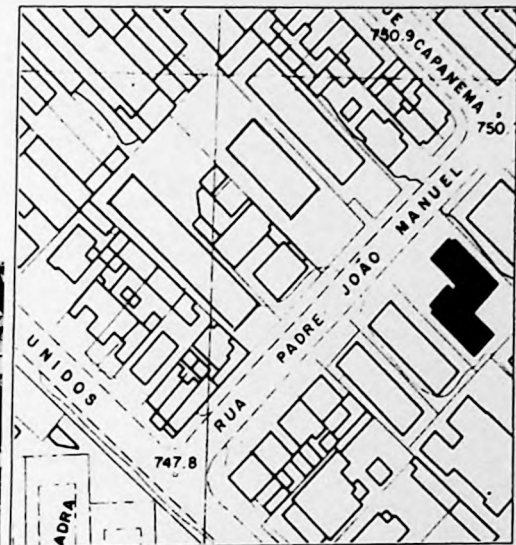
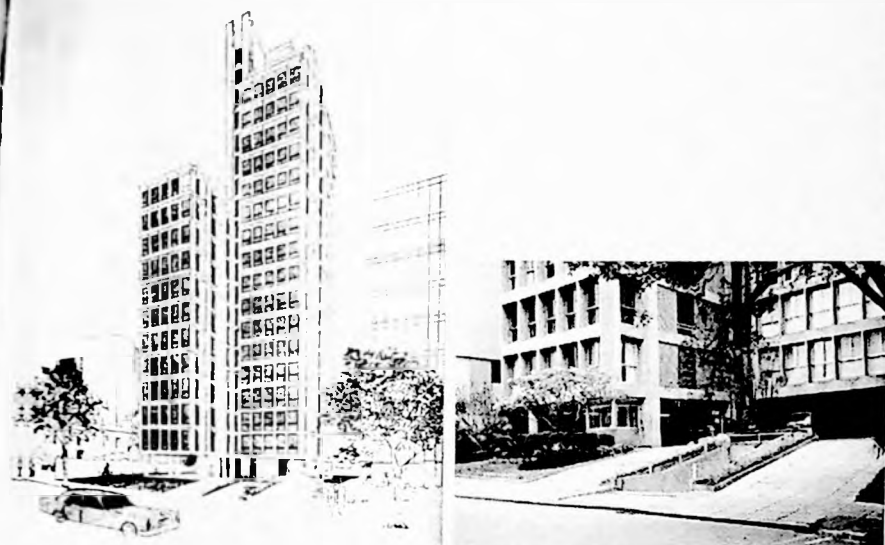
projeto  
**Salvador Candia**

ano  
**1964**



pavimento tipo | escala 1:300

redesenho: Ludana Brasil



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P4.F21

edifícios  
**Saint Bernard**  
**Saint Gothard**

projeto  
**Plínio Croce**  
**Roberto Aflalo**  
**Giancarlo Gasperini**

ano  
**1965**

endereço  
 Rua Padre João Manoel, 1175-79  
 Jardim Paulista

publicações  
 Habitat 84 [26-8] 1965:07-12

terreno  
 702 m2 | irregular [23x34 m]

taxa de ocupação  
 71% [501m2]

coeficiente de aproveitamento  
 12 [ 8.517 m2 de área construída]

tipo de edifício  
 torre em H isolada  
 T+11 e T+16 | orientação NO/SE

elevadores  
 [3] sociais: centralizados por unidade  
 serviço: central e longitudinal  
 fiscalização industrial: 11099

escadas  
 [1] central e longitudinal,  
 em 2 sentidos c/ patamar

estacionamento  
 [28 vagas] no subsolo

número de unidades  
 27 UH

tamanho das unidades  
 A [11] 3 dormitórios: 230 m2  
 B [16] 3 dormitórios: 230 m2

fotos: MF  
 desenhos: Habitat

# P4.F22

edifício  
**São Félix**

projeto  
**Alberto Botti  
Marc Rubin**

ano  
**196 > 1969**

endereço  
Rua Barão de Capanema, 433  
Jardim Paulista

publicações  
Acrópole 367 [23] 1969:11

terreno  
525 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
61 % [318 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
6.6 [3810 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+10 | orientação NE/SO

elevadores  
[2]

escadas  
[1]

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
20 UH

tamanho das unidades  
2 dormitórios: 288 m<sup>2</sup>

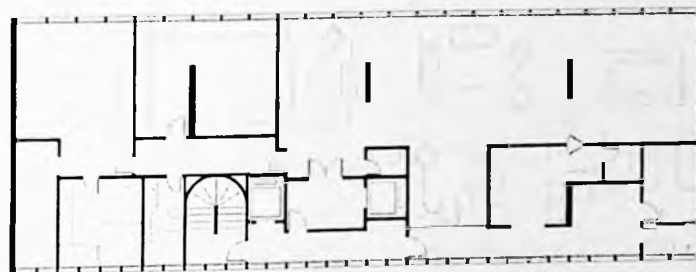
terreno

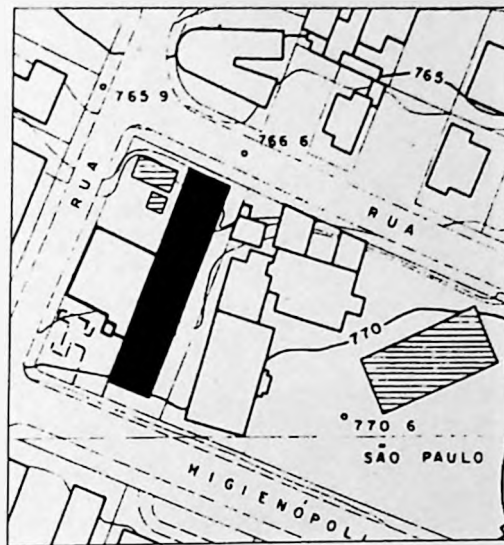
edifício

unidades



implantação | escala 1:2000





implantação | escala 1:2000

# P4.F23 Parque Higienópolis

edifício

ano  
1966 > 1969

endereço

Avenida Higienópolis, 148  
Higienópolis

terreno

3.650m<sup>2</sup> | retangular c/ 3 frentes [ 40x73 m ]

taxa de ocupação

22% [ 836 m<sup>2</sup> ]

coeficiente de aproveitamento

5.3 [ 19.228 m<sup>2</sup> de área construída ]

tipo de edifício

bloco laminar isolado  
T+22 | orientação NO/SE

elevadores

[5] bloco A: centrais e transversais  
bloco B: centrais e longitudinais  
fiscalização industrial: 23416

escadas

[2] bloco A: central e longitudinal  
em ¾ de volta s/ patamar  
bloco B: central e longitudinal  
linear s/ patamar

estacionamento

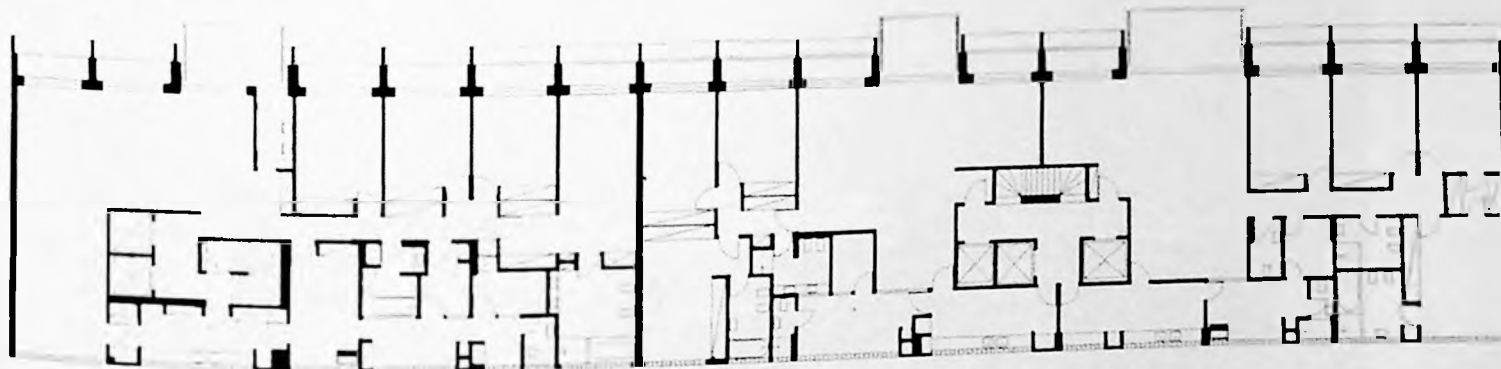
em 2 subsolos

número de unidades

66 UH

tamanho das unidades

A [22] 4 dormitórios: 236 m<sup>2</sup>  
B [22] 3 dormitórios: 193 m<sup>2</sup>  
C [22] 4 dormitórios: 296 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300

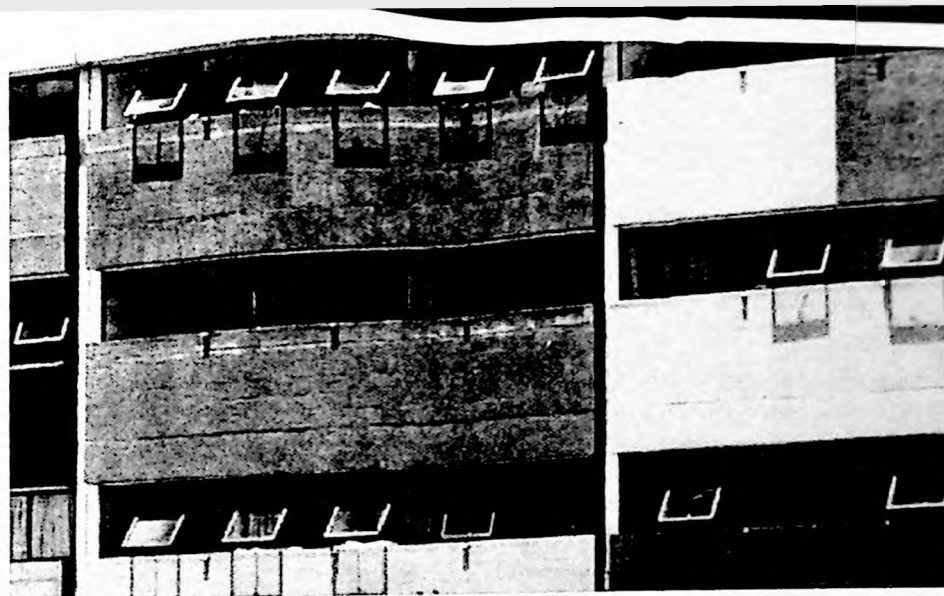
fotos: MF  
redesenho: Ludiana Brasil

terreno

edifício

unidades





P4.F24

conjunto residencial

**CECAP**  
**Zezinho Magalhães Prado**

projeto

**João Vilanova Artigas**  
**Fábio Penteadó**  
**Paulo Mendes da Rocha**

ano

**1967 > 1972**

endereço

Rua Guilherme Lino dos Santos  
Parque CECAP - Guarulhos

colaboradores

Ruy Gama  
Arnaldo Martino  
Giselda Visconti  
Geraldo Puntoni  
Renato Nunes

contratante

CECAP - Caixa Estadual de Casas para o Povo

publicações

Vilanova Artigas [142-151] 1997  
Mendes da Rocha [184-9] 2000

terreno

61.300 m<sup>2</sup> | 4 Freguesias das 8 previstas

taxa de ocupação

38%

coeficiente de aproveitamento

4.9 [301.000m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício

78 blocos paralelos conectados pela circulação  
T+3 | orientação NE/SO

elevadores

não possui

escadas

[5] transversais e lineares

estacionamento

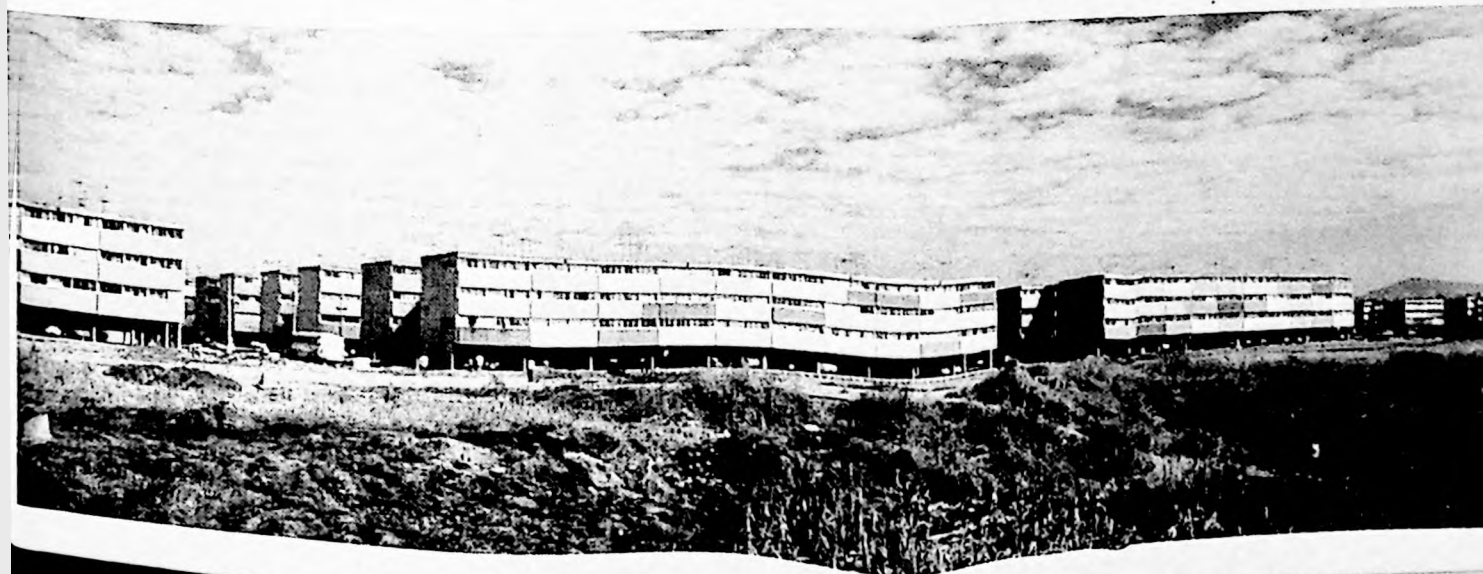
no térreo

numero de unidades

3.840 UH

tamanho das unidades

3 dormitórios: 54 m<sup>2</sup>



fotos: Arquivo Fundação Vilanova Artigas  
redesenho: Mendes da Rocha [2000]

terreno  
edifício  
unidades

P4.F24

conjunto residencial

CECAP

Zezinho Magalhães Prado

projeto

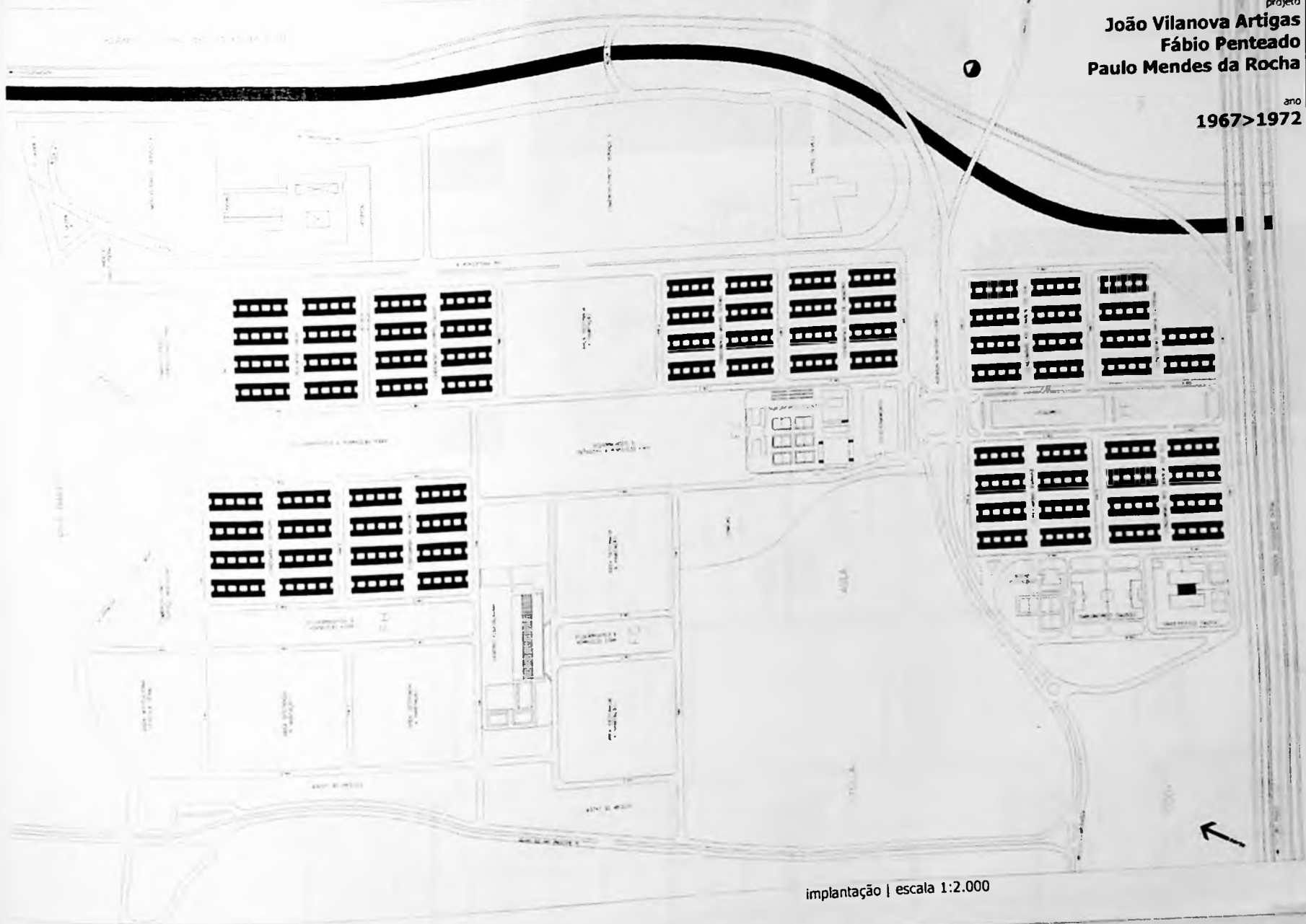
João Vilanova Artigas

Fábio Penteadó

Paulo Mendes da Rocha

ano

1967 > 1972



implantação | escala 1:2.000

P4.F24

conjunto residencial  
CECAP

Zezinho Magalhães Prado

projeto

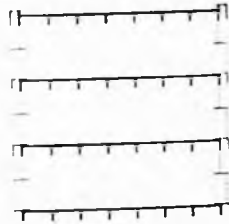
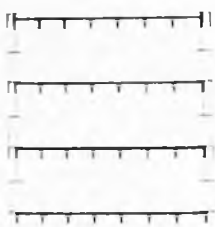
João Vilanova Artigas

Fábio Penteadó

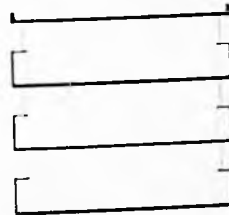
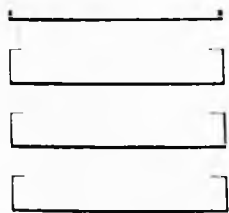
Paulo Mendes da Rocha

ano

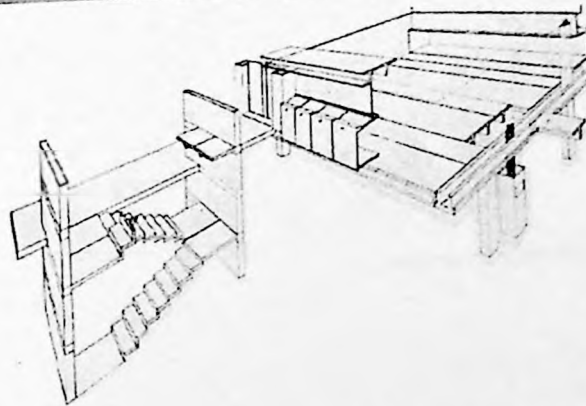
1967 > 1972



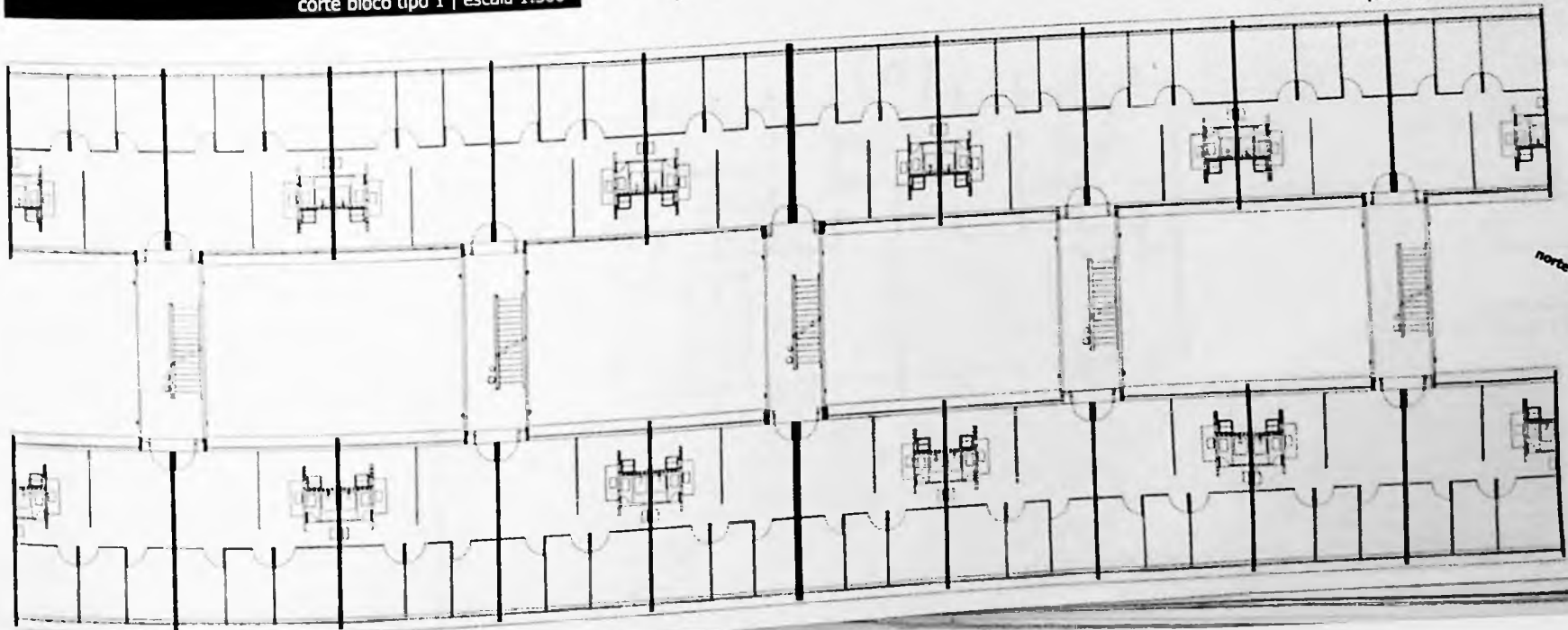
corte bloco tipo 2 | escala 1:300

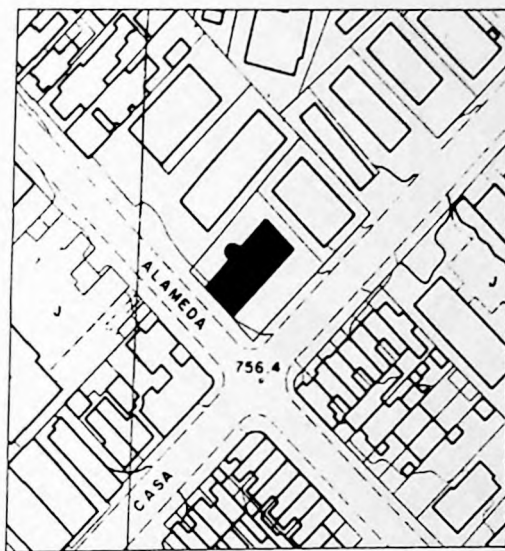


corte bloco tipo 1 | escala 1:300



pavimento tipo 1 | escala 1:300





implantação | escala 1:2000

# P4.F25

edifício  
**Santa Rosa**

projeto  
**Benno Perelmutter**

ano  
**1968**

endereço  
Alameda Casa Branca, 314  
Jardim Paulista

premição  
Menção Honrosa  
Premiação IAB/SP 1969

publicações  
Projeto 64 [88] 1984:06

terreno  
858 m<sup>2</sup>

taxa de ocupação  
42 % [368 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
6.4 [ 5.520 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+14 | orientação SE/NO

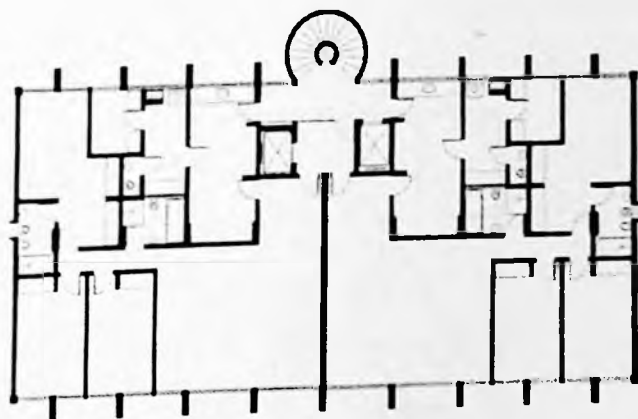
elevadores  
[2]

escadas  
[1]

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
28 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 155 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300

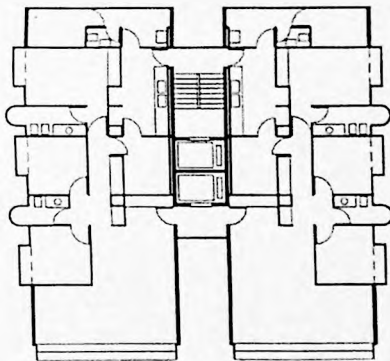
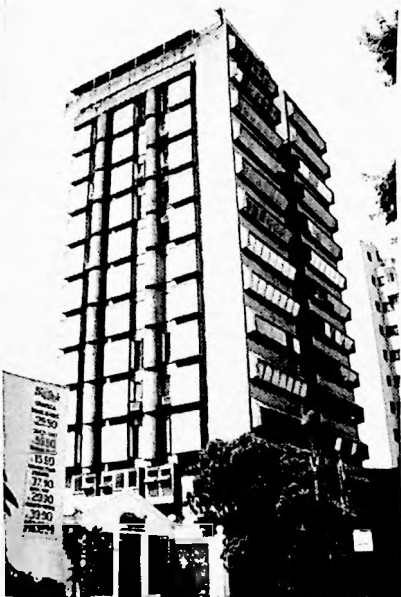
fotos: Projeto  
MF

redesenho: Luciana Brasil





implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P4.F27

edifício  
**Giselle**

projeto  
**Telésforo Cristofani**

ano  
**1968 > 1972**

endereço  
Rua 9 de Julho, 5713  
Itaim Bibi

proprietário  
Roger Marcel Henry  
Raymundo Gregório Spino

construção  
Sociedade Construtora Lodovico Brunetti Ltda.

premição  
Menção Honrosa Exposição Anual IAB/SP 1974

publicações  
Xavier, Lemos e Toledo [97] 1983

terreno  
774 m<sup>2</sup> | trapezoidal c/ duas frentes

taxa de ocupação  
33% [251 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4.2 [3.263 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre em H isolada  
T+12 | orientação NE/SO

elevadores  
[2] centrais longitudinais

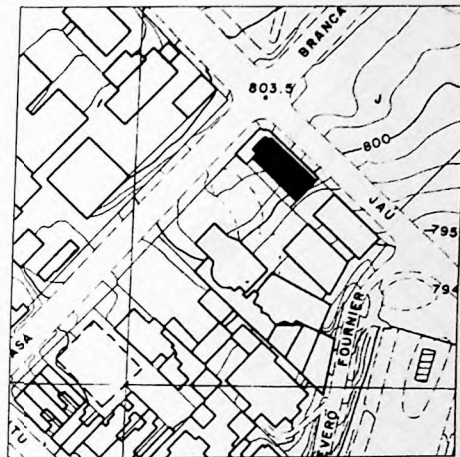
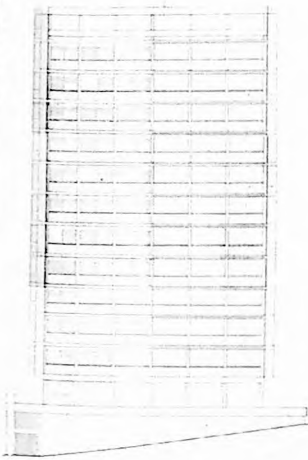
escadas  
[1] central longitudinal

estacionamento  
no subsolo

número de unidades  
23 UH

tamanho das unidades  
A [22] 3 dormitórios: 124 m<sup>2</sup>  
B [1] 3 dormitórios: 248 m<sup>2</sup>

fotos: Maria do Carmo Vilariño  
MF  
desenhos: Maria do Carmo Vilariño



implantação | escala 1:2000

P4.F28

Parque Trianon

projeto  
**Paulo Bruna**

ano  
**1969 > 1972**

endereço  
Alameda Casa Branca, 299  
Jardim Paulista

projetos de elétrica e hidráulica  
ETIP Engenharia e Construção

terreno  
360 m<sup>2</sup> | retangular de esquina (12x30 m)

taxa de ocupação  
54% [195 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
7 [2.535 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco retangular isolado  
T+12 | orientação NE/SO

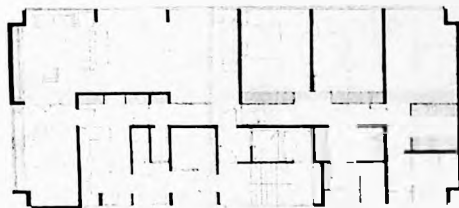
elevadores  
[2] centrais e longitudinais

escadas  
[1] perimetral e longitudinal  
em dois sentidos c/ patamar

estacionamento  
[22 vagas] em 2 subsolos

número de unidades  
11 UH

tamanho das unidades  
A [10] 3 dormitórios: 180 m<sup>2</sup>  
B duplex [1] 3 dormitórios: 260 m<sup>2</sup>



pavimento tipo | escala 1:300



implantação | escala 1:2000

# P4.F29

edifício  
**Promenade**

projeto  
**Miguel Juliano**

ano  
**1970>1972**

endereço  
Alameda Lorena, 1853  
Jardim Paulista

colaborador  
Aluísio M. D'Ávila [estrutura]

construção  
Lodovico Brunetti

paisagismo  
Roberto Burle Marx

publicações

Cadernos Brasileiros de Arquitetura 3 [38-9] 1980

terreno  
720m<sup>2</sup> | (18x40 m)

taxa de ocupação  
26 % [187m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
4.4 [3.179 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco retangular isolado  
T+16 | orientação NE/SO

elevadores  
[2] centrais e transversais

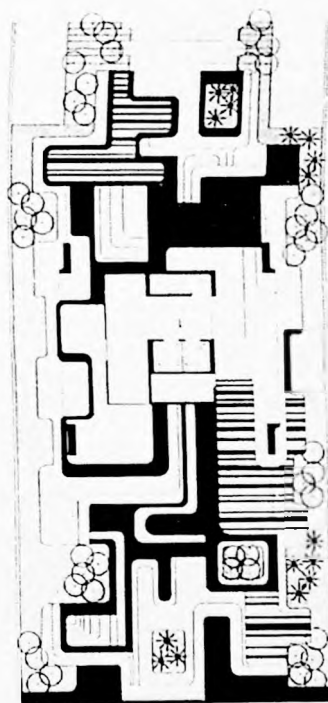
escadas  
[1] central e transversal  
em 2 sentidos c/ patamares

estacionamento  
no subsolo

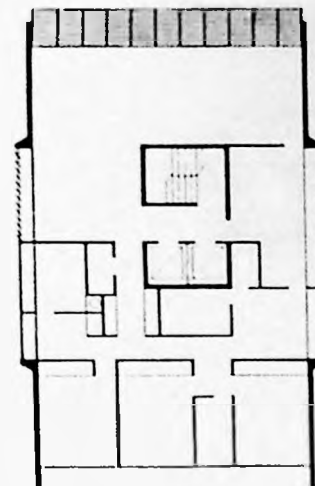
número de unidades  
16 UH

tamanho das unidades  
A [15] 3 dormitórios: 175m<sup>2</sup>  
B cobertura [1] 2 dormitórios: 140m<sup>2</sup>

fotos: Cadernos Brasileiros  
MF  
desenhos: Cadernos Brasileiros

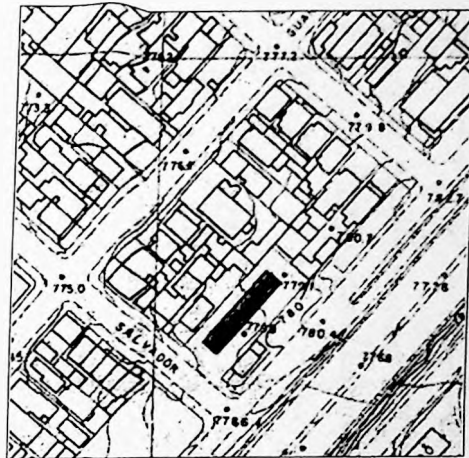


pavimento térreo | s/ escala

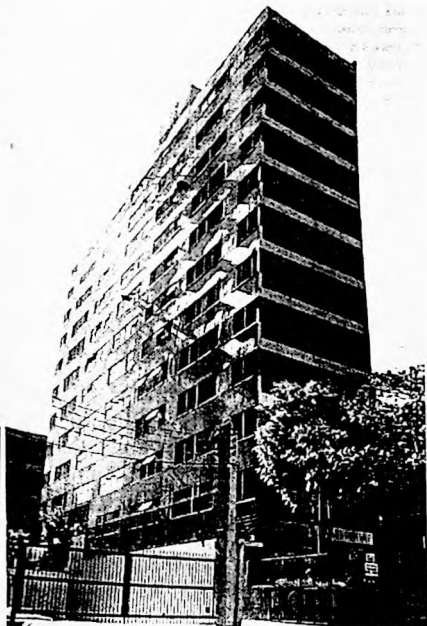


pavimento tipo | escala 1:300

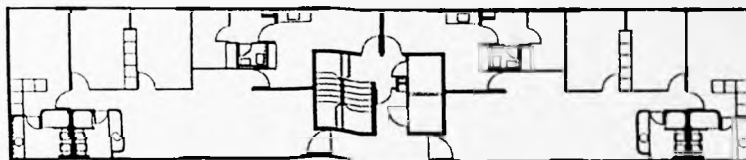




implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300



P4.F30

edifício  
**Modular Beta**

projeto  
**Abraão Sanovicz**

ano  
**1970>1972**

endereço  
Avenida Divino Salvador, 863  
Indianópolis

incorporação e construção  
Formaespaço S. A. Arquitetura e Construções

publicações  
Projeto e Construção [35-9] 1971:08

terreno  
1.000m<sup>2</sup> | retangular [20x50 m]

taxa de ocupação  
27.7% [277.5m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
3.3 [3.330 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco laminar isolado  
T+11 | orientação NO/SE

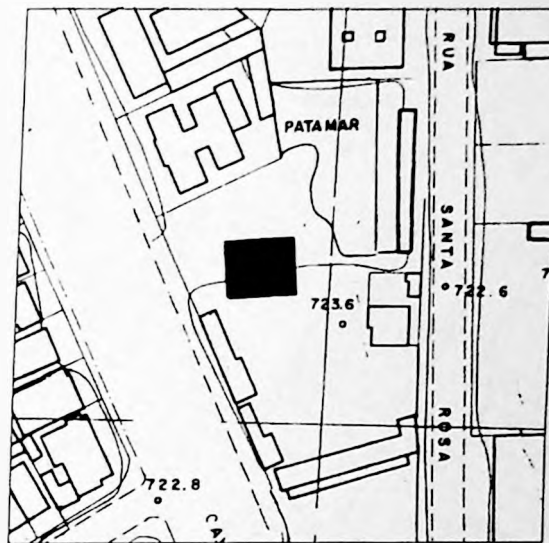
elevadores  
[2] centrais e transversais  
fiscalização: 50606

escadas  
[1] central e transversal  
em ¾ de volta c/ patamares

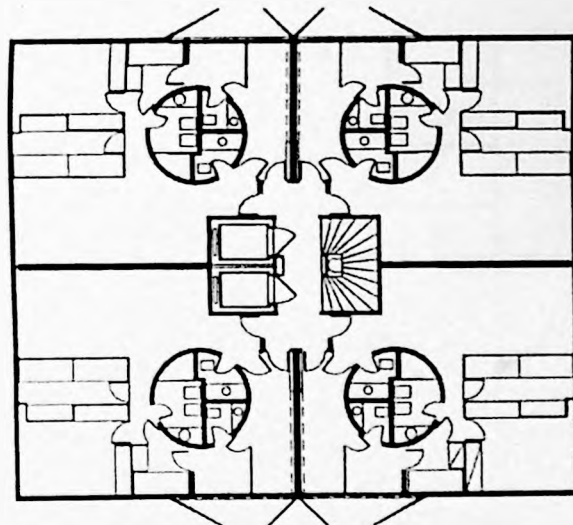
estacionamento  
[28 vagas] no subsolo

número de unidades  
22 UH

tamanho das unidades  
3 dormitórios: 121 m<sup>2</sup>



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P4.F31

edifício  
**Quatiara**

projeto  
**Ruy Ohtake**

ano  
**1972 > 1974**

endereço  
Avenida Caxingui, 165  
Butantã

incorporação  
Cia. City de Desenvolvimento

colaboradores  
Aloysio D'Ávila [estrutura]  
Hidrasan Engenharia [elétrica e hidráulica]

publicações  
CJ Arquitetura 3 [105] 1973:11-12/1974:01  
Xavier, Lemos e Toledo [147] 1983

terreno  
2.745 m<sup>2</sup> | irregular c/ 2 frentes

taxa de ocupação  
11.4% [314m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
2.5 [6.980 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
torre retangular isolada  
T+21 | orientação N/S/L/O

elevadores  
[2] centrais e transversais

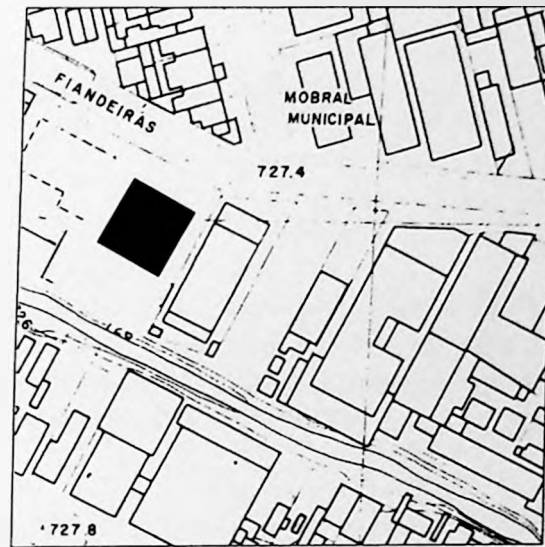
escadas  
[1] central e transversal  
em 1/2 volta s/ patamar

estacionamento  
[70 vagas] no subsolo

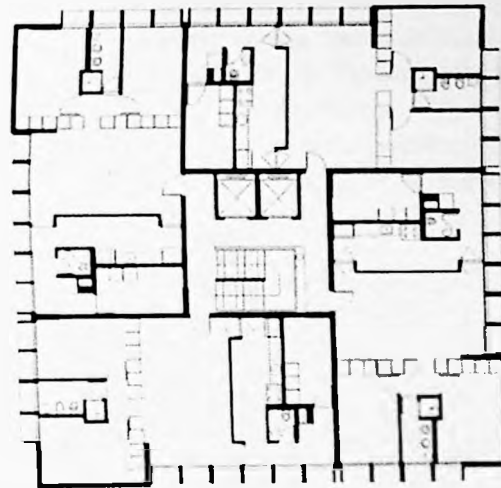
número de unidades  
84 UH

tamanho das unidades  
A [80] 2 dormitórios: 72 m<sup>2</sup>  
B cobertura [4] 2 dormitórios: 98 m<sup>2</sup>

fotos: CJ Arquitetura  
desenhos: Maria do Carmo Vilarinho



implantação | escala 1:2000



pavimento tipo | escala 1:300

# P4.F32

edifício  
**Fiandeiras**

projeto  
**Abraão Sanovicz**

ano  
**1972>1975**

endereço  
Rua Fiandeiras, 479  
Vila Olímpia

colaborador  
Eng. José Cirilo (estrutura)

incorporação e construção  
Construtora Carraresi & Del'Acqua

terreno  
900 m<sup>2</sup> | retangular [30x30 m]

taxa de ocupação  
41.5 % [380 m<sup>2</sup>]

coeficiente de aproveitamento  
3.7 [3.366 m<sup>2</sup> de área construída]

tipo de edifício  
bloco retangular isolado  
T elevado +8 | orientação NO/NE/SO/SE

elevadores  
[2] centrais longitudinais  
fiscalização industrial: 17286

escadas  
[1] central e longitudinal  
nos 2 sentidos c/ patamar

estacionamento  
no térreo

número de unidades  
32 UH

tamanho das unidades  
2 dormitórios: 79 m<sup>2</sup>

fotos: MF  
redesenho: Luciana Brasil

## 6 1957>1972 [4º PERÍODO] SÍNTESE E DIFUSÃO

Neste período, marcado pela dualidade do golpe militar de 1964 e da maturidade intelectual da vanguarda paulista, São Paulo registra em 1970 a população de 5.924.615 habitantes (rever tabela p.22). Se a arquitetura caminha para uma síntese altamente qualificada a cidade pelas suas dimensões passa por um processo de difusão urbana tentando um equilíbrio através de sua estrutura polinuclear.

### 6.1 Brutalismo Paulista

*"A desvantagem do realismo é ser acerca da realidade e ter de se preocupar eternamente não em ser 'belo' mas em ter razão".<sup>1</sup>*

Apesar da discussão em torno das origens da denominação e dos envolvidos não ser uma unanimidade, a sua existência deve ser considerada com uma das últimas atitudes de vanguarda do movimento moderno. No Brasil passou por um período de amadurecimento durante toda a década de 50, se consolidou durante a década de 60 e extrapolou sua influência além dos limites físicos de São Paulo durante a década de 70.

Sobre o brutalismo, Bruand escreveu:

*"Embora seja certo que, conforme esclareceu Rayner Banham, a palavra surgiu em 1954, na Inglaterra, e no começo visava qualificar as aspirações de um grupo de jovens arquitetos desse país...deve-se fazer, portanto, uma distinção entre as duas tendências essenciais: o brutalismo de Le Corbusier e o brutalismo inglês.*

*Porém, enquanto o brutalismo de Le Corbusier – se é que é brutalismo – não vai além dessa técnica (que convinha bem a seu estilo pesado e vigoroso) e se conjuga com uma plástica nova que rompe definitivamente com o funcionalismo estrito, o brutalismo inglês, pelo contrário, aparece como uma espécie de volta extrema aos princípios da década de vinte, sem qualquer concessão a uma estética que não seja de essência material; esse desejo de austeridade absoluta e a recusa de todo subterfúgio traduziram-se pela apresentação sincera de todos os elementos, inclusive do equipamento*

*em geral oculto e especialmente das canalizações de todos os tipos, agora aparentes”.*<sup>2</sup>

A influência chega à São Paulo através da 1ª Bienal [1951] onde foram expostas e premiadas com o Grande Prêmio Internacional de Arquitetura a L'Unité de Marseille [Figura 6.1], a capela de Ronchamp [Figura 6.2] e o Museu do Conhecimento [Figura 6.3] de Le Corbusier.

O grupo paulista em torno do brutalismo, na sua absoluta maioria, era formado por arquitetos professores vinculados direta ou indiretamente a uma militância política esquerdista que os posicionava prioritariamente frente às questões sociais com uma visão utópica de mundo. A arquitetura assumiu responsabilidade social e carregou-se de discursos éticos vinculados à disputa ideológica da Guerra Fria.

*“Seus pressupostos declarados pretendem não ser prioritariamente construtivos ou espaciais exceto enquanto espaço e construção servissem de veículo para as aspirações sociais e políticas; os exemplos edificadas representariam uma utopia que vislumbra uma sociedade a ser edificada e que seria, de alguma maneira, invocada pela arquitetura”.*<sup>3</sup>

Nelson Rodrigues sentenciou:

*“No Brasil, só se é intelectual, artista, arquiteto, ciclista ou mata-mosquito com a aquiescência, com o aval das esquerdas”.*<sup>4</sup>

Evitou-se a confissão pública de dependência cultural, valorizando a origem local dos conceitos e das formas. Surge uma Arquitetura Paulista como desdobramento da Escola Carioca. O projeto arquitetônico extrapolou os seus limites e assumiu a responsabilidade de ser um projeto social, onde austeridade fazia parte de sua ideologia.

*“Há muitas semelhanças de atitudes, porém já com outra linguagem, de maior simplificação”.*<sup>5</sup>

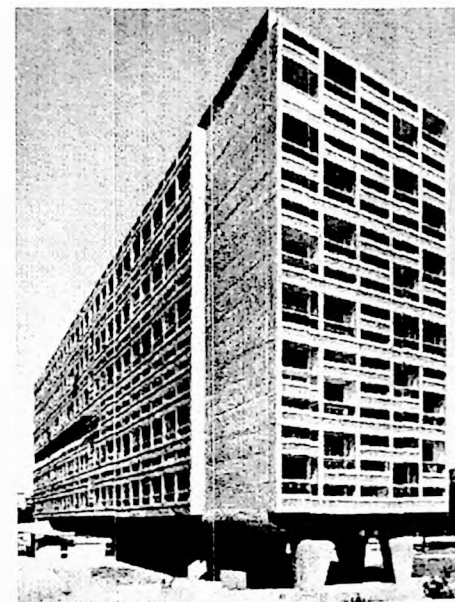
Mais do que a busca da simplificação, o esforço paulista concentrou-se na síntese arquitetônica – na construção de um sistema intelectual.

Com referência nacional, o projeto não construído do Museu de Caracas [1954] de Oscar Niemeyer [Figura 6.4] ofereceu uma primeira reflexão sobre o futuro caminho da arquitetura brasileira. Nele há uma radical simplificação da forma, resultando num equilíbrio entre as questões formais, funcionais e construtivas. Quer dizer, não houve, neste caso, ênfase na estrutura.<sup>6</sup>

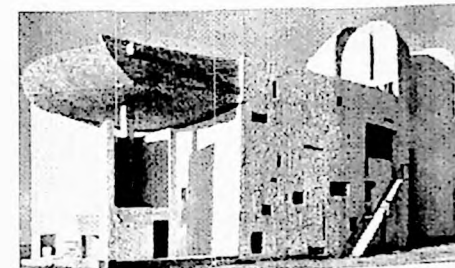
Mas o dado mais significativo do ideário brutalista para a reconstrução da cidade pareceu ser a liberação de todo o piso urbano para uso público, ficando o uso privativo – no caso da habitação coletiva – unicamente acima da cota da cidade, gerando um prisma elevado, um grande abrigo [Figura 6.5].

Segundo Zein, a Arquitetura Paulista Brutalista não é estritamente regional, muito menos unanimidade local e se caracteriza pela:<sup>7</sup>

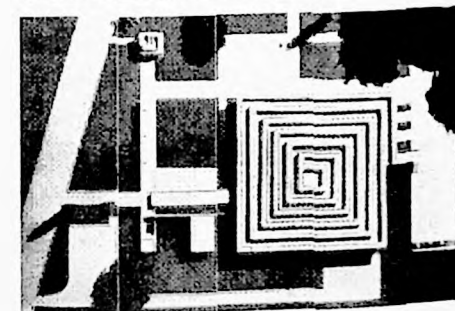
*“procura de horizontalidade; jogos de níveis quase sempre reunidos num bloco único, destacado do chão; tratamento cuidadoso de estrutura de concreto armado aparente; elementos de circulação tem função destacada: se internos, definem zoneamentos e usos, se externos, sua presença plástica é marcante. A tecnologia usada é a do concreto armado ou protendido, fundido in loco, utilizando lajes nervuradas, pórticos, pilares com desenhos diferenciados, sempre*



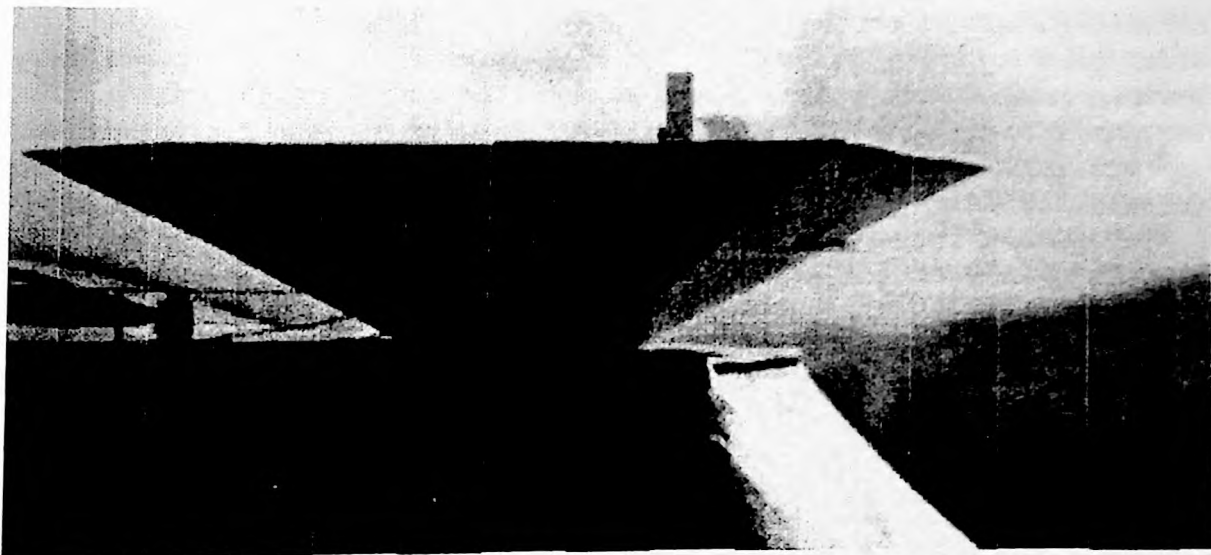
6.1



6.2



6.3



6.4



6.5

com vão livres e balanços amplos, sheds, grandes empenas de concreto usadas como quebra-sol ou plano de reflexão de luz, jogos de iluminação zenital/ lateral, volumes anexos com estrutura independente. Nos memoriais os autores mostram-se preocupados com a flexibilidade de uso dos espaços e possível renovação na sua destinação; segundo eles, isso comparece no projeto através da modulação, previsão de amplos espaços cobertos, concentração de funções de serviço. Sua relação com o entorno é claramente de contraste visual, apesar de se proporem integrados com o sítio, pela facilidade de acesso”<sup>8</sup>

E também pela “ênfase colocada em alguns aspectos, principalmente na construtividade da obra, na sua noção de edifício- modelo, voltado para si, embora aberto à participação do coletivo; e no rompimento com a tradição de leveza e transparência características da arquitetura brasileira”<sup>9</sup>

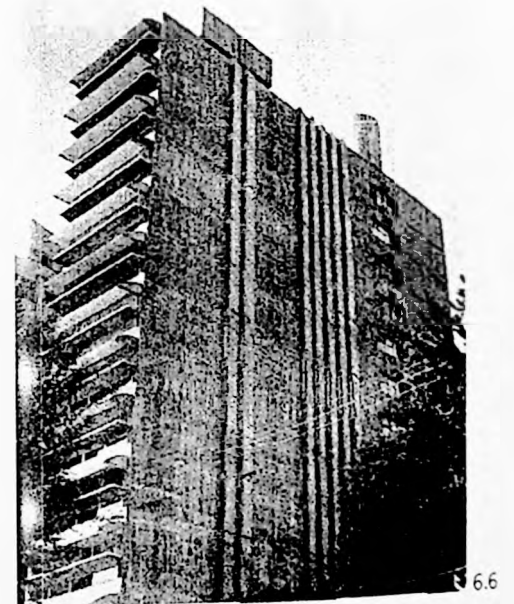
Zein ainda destaca como atributos simbólicos: a crítica aos valores burgueses, introspecção para evitar a vizinhança convencional, negação do entorno, abolição de hierarquias e a valorização do sentido comunitário.

### Brutalismo Coletivo

O grande exemplo de habitação coletiva do brutalismo paulista sem dúvida nenhuma é o Edifício Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro [Figura 6.6].

“O concreto tanto triunfa dentro como fora: paredes, vigas e laje da cobertura são deixados como saem das fôrmas, de acordo com um uso, agora bem implantado, que conjuga finalidades práticas, doutrina intelectual e expressão plástica. Essa linguagem rude, que se destaca pela frieza calculada, não deixa nada ao acaso;(...)

(...)A secura das grandes paredes de cimento que Paulo Mendes da Rocha tanto aprecia freqüentemente chocam o público, que tem a impressão de estar perante obras inacabadas; mas essa opinião, externada inúmeras vezes perante as várias casas erguidas pelo arquiteto é emitida com menor freqüência em relação aos prédios de apartamentos de que é o autor. O motivo disso explica-se facilmente. A austeridade do material bruto é menos sensível numa grande composição, onde ele pode, em mãos hábeis, adquirir majestade e dignidade apropriadas a esse gênero de projeto; conseqüentemente, o material perde o caráter de violência e provocação que quase sempre representa em residências de essência e, principalmente, proporções mais modestas. O edifício estreito de treze andares situado à Rua Haddock Lobo, em São Paulo (1964), é um belo exemplo dessa afirmação. A vontade de racionalizar ao máximo o sistema de construção levou os autores a proporem paredes laterais portantes, executadas de uma só vez graças aos moldes metálicos que deslizariam à medida que as paredes se elevassem; as lajes horizontais, pré-fabricadas como todos os acessórios complementares, seriam instaladas a seguir. A insuficiência dos meios técnicos disponíveis na época, no local, fez com que se preferisse o processo clássico de fusão simultânea das estruturas verticais e horizontais no próprio canteiro de obras; mas Paulo Mendes da Rocha e seu associado continuaram achando que seu pensamento inicial



oferecia a solução teoricamente ideal para esse gênero de edifícios. Esse abandono forçado de uma arquitetura industrializada, aspiração fundamental do escritório focalizado agora, naturalmente não teve qualquer repercussão plástica, pois em nada modificou as formas previstas. A oposição de duas frentes cegas (ou de dominante cega) com duas frentes onde se concentram as aberturas retoma um dos traços característicos das casas imaginadas pela equipe em questão, mas sua aplicação é radicalmente diferente. Os dois lados fechados não estão mais de frente um para o outro, estão de lado. Uma das paredes da estrutura agora está vazada por numerosas janelas e elementos vazados; em compensação, a única face totalmente fechada é constituída por um simples fechamento, sem papel de sustentação. De fato, o aumento do comprimento da obra tornava impossível uma iluminação reduzida às duas extremidades; além disso, a orientação do prédio exigia que os moradores se beneficiassem com as melhores exposições (norte e oeste) e que fossem protegidos dos ventos frios do sul e do leste, temíveis no inverno em alojamentos elevados e sem aquecimento".<sup>10</sup>

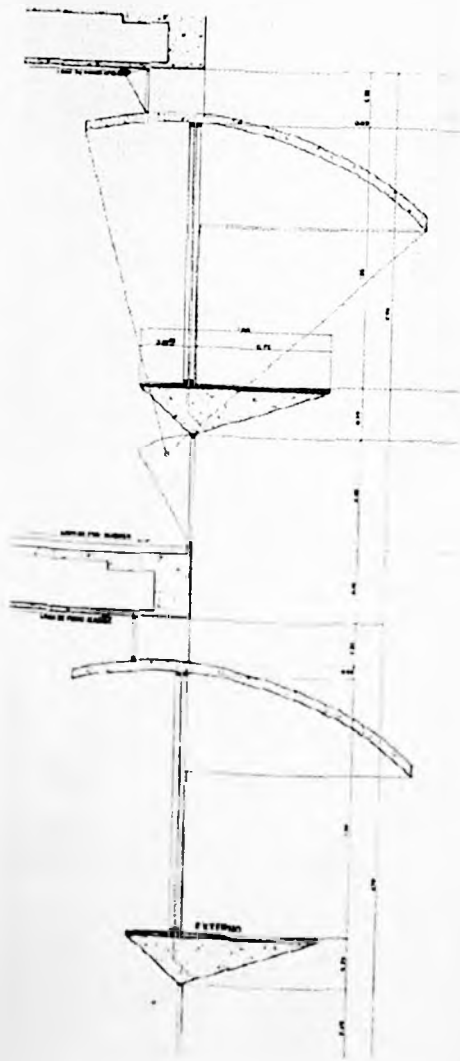
#### O "Brise-Soleil" corbusiano [Figura 6.7]

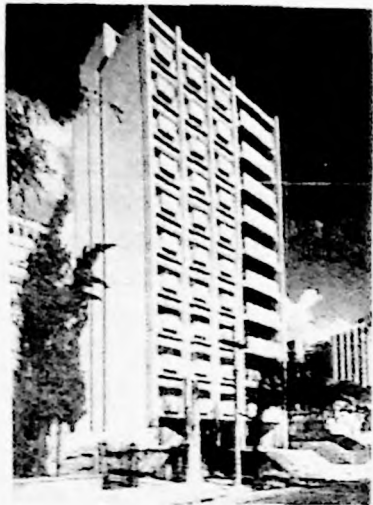
O controle do ar e do sol exigem, mais que complexas disposições técnicas, disposições arquitetônicas, o que para Le Corbusier constituiu um elemento decisivo.

O brise-soleil é utilizado pela primeira vez quando enfrentado o problema em Argel em 1933, para o projeto de um edifício de apartamentos para aluguel. Mas a primeira grande oportunidade se apresentou justamente na ocasião do convite de Lúcio Costa para a assessoria do projeto para o Ministério da Educação. Após a guerra, quando viu os resultados do edifício construído no livro *Brazil builds*, afora as questões polêmicas do caso, o que tecnicamente ele mais desaprovou foi o fato dos brasileiros terem utilizado o "brise-soleil" móvel<sup>11</sup>. Para ele, ao contrário, o brise-soleil deveria estar calculado com precisão, segundo o percurso do Sol, e depois modelado definitivamente em concreto armado. Desta maneira, o brise-soleil se apresentaria como um revestimento arquitetônico, colocado sobre a fachada de vidro para protegê-la da incidência do Sol. Le Corbusier conferiu à sua arquitetura uma nova dimensão plástica, recuperando um elemento secular da arquitetura: a loggia.

#### Outros exemplos

A exaltação do concreto aparente comparece em São Paulo nos Edifícios Maria Anna [P4.F08: 1961>67] de Maurício Kogan e Samuel Szpigel [Figura 6.8], Santa Rosa [P4.F25: 1968>1971] de Benno Perrelmutter [Figura 6.9], Giselle [P4.F27: 1968>1972] de Telésforo Cristofani [Figura 6.10], Promenade [P4.F29: 1968>70] de Miguel Juliano [Figura 6.11], Modular Beta [P4.F30: 1970>1972] de Abrahão Sanovicz [Figura 6.12] e Quatiara [P4.F31: 1972>74] de





6.8



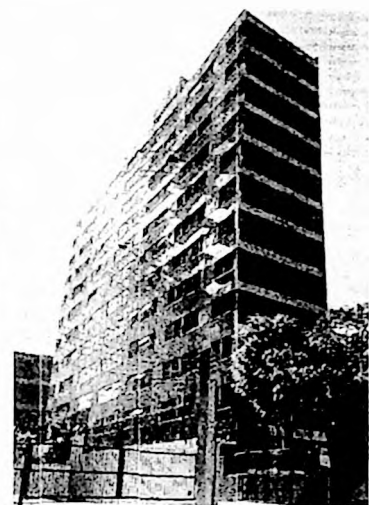
6.9



6.10



6.11



6.12

6.14



6.15



6.16



6.17





6.13

Ruy Ohtake [Figura 6.13]. Sobre este último uma frase de Mies Van der Rohe se aplica muito bem:

*"Se considerarmos a cozinha e os banheiros, por suas instalações, como um núcleo fixo, o espaço restante pode ser dividido por meio de paredes móveis. Isso satisfaria, confio, todos os requisitos normais".*<sup>12</sup>

Em uma variação menos viceral encontramos propostas com estrutura aparente e vedos em alvenaria como no caso dos Edifícios Rossi Leste [P4.F11: 1962>1965] de Marcello Fragelli [Figura 6.14], Albina [P4.F16: 1963] e São Felix [P4.F22: 1966>1969] de Alberto Botti e Marc Rubin [Figura 6.15], Gravatá [P4.F19: 1964] de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco [Figura 6.16], Saint Bernard e Saint Gothard [P4.F21: 1965] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Giancarlo Gasperini [Figura 6.17], Gemini I e Gemini II [P4.F26: 1968>1971] de Eduardo de Almeida e Parque Trianon [P4.F28: 1969>72] de Paulo Bruna [Figura 6.18].

## 6.2 Industrialização da Construção

*"Nosso problema não é o de racionalizar os atuais métodos, mas sim revolucionar todo o processo da indústria da edificação".*<sup>13</sup>

*Construção Industrial*, Mies van der Rohe [1924]

Mundialmente, os anos 60 e início dos 70 são sinônimos de habitação de grande altura. Políticos, planejadores e arquitetos aceitaram de muito bom grado a idéia da mudança de tipologia das habitações suburbanas produzidas em grande escala nas décadas anteriores. A influência da Unité d'Habitation de Marseilles de Le Corbusier (completada em 1952) sobre os arquitetos, provou ser altamente significativa na promoção da imagem moderna do viver coletivo. Isto simbolizava uma visão futurista da modernidade como salvadora da crise habitacional.

Na Europa, o desenvolvimento mais significativo entre guerras foi a construção de um largo número de unidades de habitação para a venda. Mais de 250 mil novas unidades por ano foram vendidas para a reestruturada classe média – profissionais liberais, trabalhadores de escritórios e outros cujos ganhos eram suficientes para sustentar os regulares reajustes das prestações.

Com raras exceções, muito pouco se construiu em termos de habitação durante a 2ª Guerra Mundial. Entretanto, a guerra produziu uma mudança radical, tanto social como política, na abordagem do problema da habitação de interesse social que previamente seria considerada impraticável. Mesmo durante a Guerra foram idealizados programas de reconstrução para o pós-guerra no qual o grande déficit habitacional favoreceu a aceitação do Estado como grande gestor dos problemas da habitação coletiva.

Recomendou-se para a reconstrução o uso de material pré-fabricado como símbolo de uma construção mais



6.18

rápida. Os pré-fabricados ofereciam aos seus usuários um modo de vida o qual eles jamais poderiam imaginar ter. Muitas das peças pré-fabricadas já abrigavam os fogões e as geladeiras embutidos como partes integrantes das peças de cozinha.

Dentro deste panorama em grande escala temos o exemplo do CRUSP [P4.F07: 1961>63] de Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira, construído para servir de alojamento para os Jogos Pan-americanos em um prazo exíguo. Foi uma das propostas pioneiras em pré-fabricação na arquitetura no país, [Figura 6.19] assim como posteriormente o CECAP Zezinho Magalhães Prado [P4.F24: 1967>1972] de João Vilanova Artigas, Fábio Pentead e Paulo Mendes da Rocha. [Figura 6.20]

*"A organização dos espaços se fazia entorno do conceito de freguesia – termo tradicional do urbanismo português relacionado com uma comunidade com vínculos eclesiais, atualizado em seu sentido no Cecap-Cumbica como um conjunto de pessoas com interesses comunitários. Cada freguesia comportava agrupamentos de edifícios e equipamentos urbanos em cerca de 15 hectares, com população prevista para 9884 habitantes. Uma derivação do conceito de superquadra, adotada por Lucio Costa em Brasília".<sup>14</sup>*

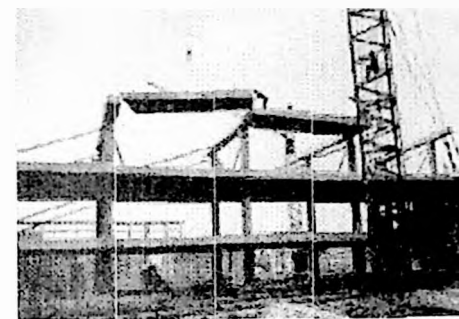
### Exemplos isolados

Dentro de uma visão "tecno-construtivista", com racionalidade construtiva e clareza estrutural como objetivo da pré-fabricação podemos citar os Edifícios Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanovicz [Figura 6.21], Gemini I e Gemini II [P4.F26: 1968>1971] de Eduardo de Almeida [Figura 6.22] e Fiandeiras [P4.F32: 1972>1975] de Abrahão Sanovicz [Figura 6.23].

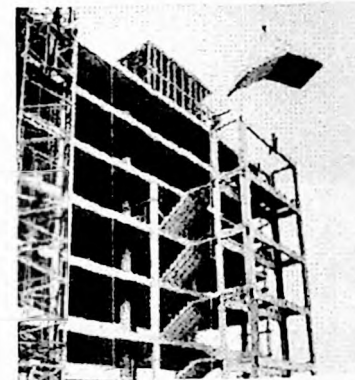
### 6.3 A criação do Banco Nacional de Habitação

A política habitacional adotada após o golpe militar de 1964 girou em torno da criação, em 1965, do Banco Nacional de Habitação [BNH]. Esta iniciativa foi tomada na época, pela classe média, como um alento ao déficit habitacional.

A política habitacional pós-golpe priorizou os investimentos na construção intensiva de unidades de habitação para venda (segundo o conceito de propriedade residencial para as classes de menor renda) como forma de estimular o setor da construção civil, gerando um elevado número de empregos, por ser atividade capaz de absorver mão-de-obra pouco qualificada nos grandes centros urbanos. As diretrizes governamentais do programa habitacional não

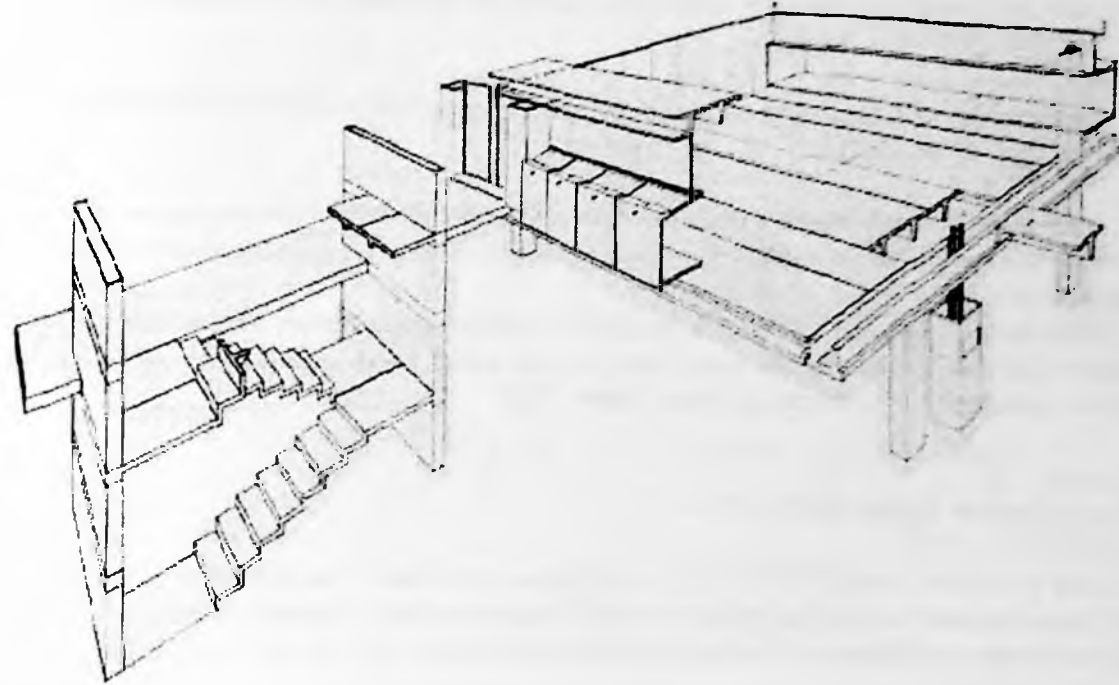


6.19



6.21

6.20



6.22



6.23



asseguravam condições mínimas de qualidade construtiva para as unidades de habitação.

*"Implementar um setor produtivo e combater o desemprego era a preocupação básica, tendo como subproduto a construção de moradias ao menor custo possível. Essa condicionante gerou conjuntos habitacionais com padrões de qualidade muito baixos."*<sup>15</sup>

As distorções geradas por esta política habitacional levaram o Banco Nacional de Habitação a contemplar sobretudo o financiamento de moradias para a classe média e alta. Em contraposição, os "arquitetos politicamente opostos" ao regime militar e interessados pela causa habitacional:

*"...ocuparam trilhas institucionais do Estado a partir da proposição de espaços de formulação erudita...a experiência mais consistente foi a realização a partir de 1967, do conjunto habitacional Zezinho Magalhães Prado, patrocinado pela Caixa Estadual de casas para o Povo (CECAP) no município de Guarulhos, Estado de São Paulo...Tratava-se de um conjunto planejado para uma população de 55 mil habitantes em 130 hectares de área, contando com toda infra-estrutura urbana..."*<sup>16</sup>

## 6.5 As formas da habitação coletiva e a construção da cidade no 4º Período [1957>1972]

*"O espaço que nós (arquitetos) tratamos é um espaço de consciência universal, é uma liberdade no âmbito do projeto universal, e não particular".<sup>17</sup>*

Neste último período o coletivo é uma exceção, os edifícios inseridos isoladamente fragmentaram o tecido urbano de forma irreparável. A inversão absoluta do foco das regras urbanas priorizava o controle do indivíduo em detrimento ao desenho da cidade.

Como forma de resposta, e de maneira ideológica, o brutalismo paulista ofereceu a possibilidade da reconstrução da cidade a partir da liberação de todo o piso urbano para uso público, ficando o uso privativo – no caso da habitação coletiva – unicamente acima da cota da cidade. [Figura 3.24]

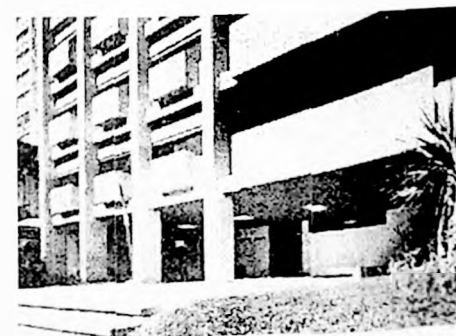
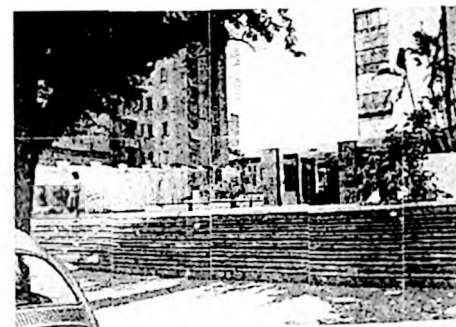
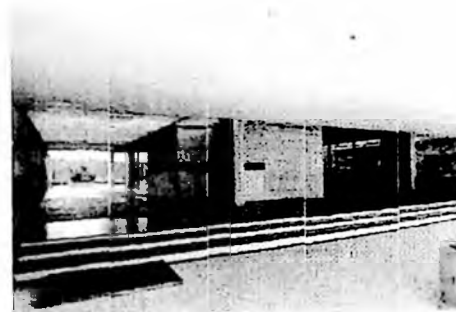
### Setores e Vetores [Figura 3.25]

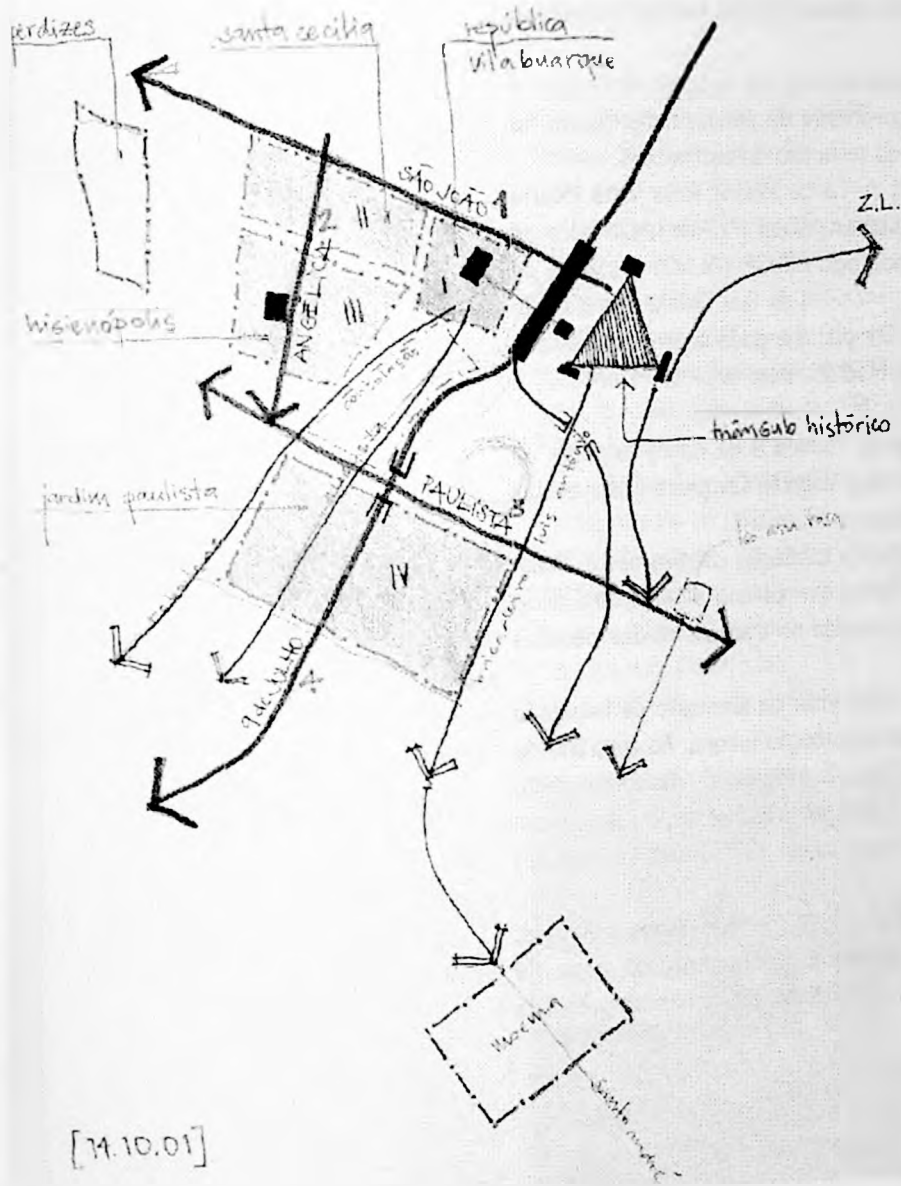
Este 4º e último Período [1957>1972] se caracterizou pela difusão do seu crescimento urbano. Este processo existiu como resultado de distintos movimentos induzidos pelo crescimento acelerado da cidade em todas as suas direções. Ocorrem naturalmente migrações de regiões de concentração mais alta para outras de concentração mais baixa.

A 3ª fase de verticalização do bairro de Higienópolis e a 2ª fase do Jardim Paulista consolidaram estes bairros – principalmente pelas suas centralidades, condições de infraestruturas e lotes privilegiados – como setores nobres predominantemente ocupados por habitações coletivas de padrão médio/ alto. Por ocuparem terrenos remanescentes de fases anteriores de adensamento não apresentaram nenhum padrão urbano específico de ocupação.

O Setor Higienópolis pode ser exemplificado pelos Edifícios Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman, Lugano e Locarno [P4.F03: 1959>62] de Franz Heep, Arper [P4.F04: 1959>62] e Arabá [P4.F05: 1960>62] de David Libeskind, Condemar [P4.F06: 1960>62] de Jorge Wilhelm, Albar [P4.F13: 1963>64] e Tamar [P4.F17: 1964>1965] de Mauricio Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva, Baía Mar [P4.F14: 1963>64] de Francisco Beck, Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanovicz, Albina [P4.F16: 1963] de Alberto Botti e Marc Rubin, Manon [P4.F18: 1964>65] de Victor Reif, Santa Cândida e Santa Francisca [P4.F20: 1964] de Salvador Candia e Parque Higienópolis [P4.F23: 1966>1969].

Já o Jardim Paulista apresenta neste mesmo período Edifícios como Cajuá [P4.F10: 1962>64] de José Luiz Fleury de Oliveira, Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro, Saint Bernard e Saint Gothard [P4.F21: 1965] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Giancarlo Gasperini, São Felix [P4.F22: 1966>1969] de Alberto





- vetores
- 1 SÃO JOÃO
  - 2 ANGÉLICA
  - 3 PAULISTA
  - 4 9 de JULHO

- setores
- I REPÚBLICA VILA BUARGUE
  - II SANTA CECÍLIA
  - III HIGIENÓPOLIS
  - IV JARDIM PAULISTA
  - ...
  - FERDIZES
  - MOEMA
  - BUTANTÃ
- ← CONSO.ÇÃO  
← VÁRZEA do TAMANDUATEI

Botti e Marc Rubin, Santa Rosa [P4.F25: 1968>1971] de Benno Perrelmutter, Parque Trianon [P4.F28: 1969>72] de Paulo Bruna e Promenade [P4.F29: 1968>70] de Miguel Juliano.

O deslocamento das áreas de verticalização pela própria condição de esgotamento dos setores centrais e o desestímulo, como já visto no capítulo anterior, provocado pela restrição do coeficiente de aproveitamento em no máximo quatro vezes a área do terreno provocou a elevação excessiva do valor da terra nas áreas centrais.

Opções imediatas são os bairros de Pinheiros (Lagoinha [P4.F01: 1959>60] de Carlos Millán), Bela Vista (Maria Anna [P4.F08: 1961>67] de Maurício Kogan e Samuel Szpigel) e Vila Mariana (Conselheiro Alves [P4.F09: 1962>1963] de Israel Sancovsky). A transposição definitiva do Rio Pinheiros pode ser demonstrada pelo CRUSP [P4.F07: 1961>63] de Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira e Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake. Sendo este caso quase uma derivação do Vetor Sudoeste de crescimento urbano (Moema e Vila Olímpia) que poderia ser exemplificado pelos Edifícios Gemini I e Gemini II [P4.F26: 1968>1971] de Eduardo de Almeida e Modular Beta [P4.F30: 1970>1972] e Fiandeiras [P4.F32: 1972>1975] de Abrahão Sanovicz.

O único vetor claramente configurado neste último período é o trecho final da Avenida 9 de Julho, tangente ao bairro de Itaim Bibi além dos Edifícios Gravatá [P4.F19: 1964] e Araucária de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco encontra-se o Edifício Giselle [P4.F27: 1968>1972] de Telésforo Cristofani.

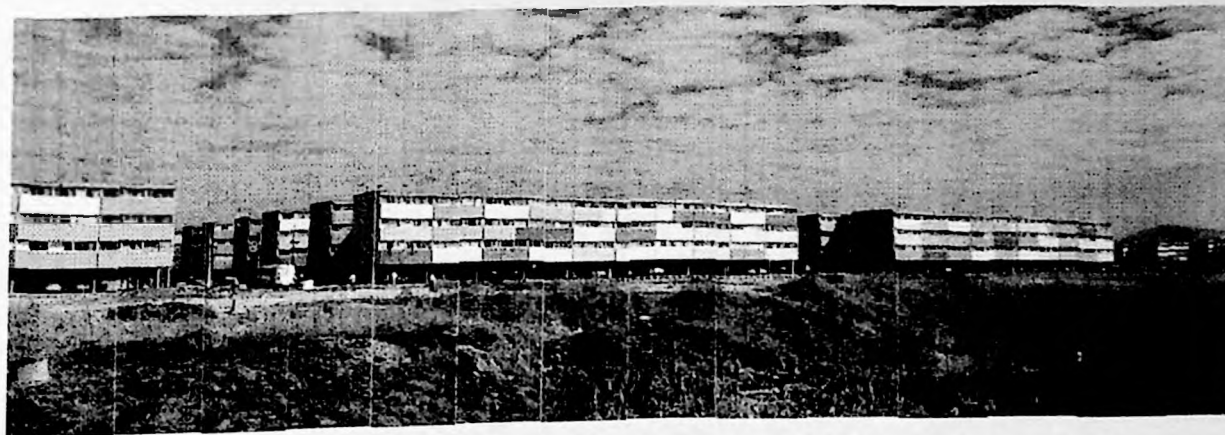
A condição polinuclear da metrópole somente será contemplada pela questão da habitação coletiva neste último período que assumiu como essência a condição de difusora urbana. O bairro da Penha exemplificou através do Edifício Rossi Leste [P4.F11: 1962>1965] de Marcello Fragelli esta potencialidade que se consolida no transcorrer das décadas de 70 e 80.

Mas o que encerra esta reflexão urbana é a percepção da fronteira urbana como limiar da discussão da habitação coletiva, pois foi neste período que se fortaleceu a idéia de região metropolitana, de conurbação urbana. Ao contrário do raciocínio estabelecido até aqui de ser este um período de difusão, pelo menos no que diz respeito ao desenvolvimento da questão da habitação coletiva, o tecido urbano sofreu uma coalescência, uma fusão por crescimento, ou junção em um só corpo das partes urbanas que estavam separadas. Apesar disso, São Paulo registrou em 1970 (rever tabela p.22) apenas 55.92 % de sua população na área urbana.

Nesse sentido, o projeto do CECAP Zezinho Magalhães Prado [P4.F24: 1967>1972] de João Vilanova Artigas, Fábio Penteado e Paulo Mendes da Rocha [Figura 6.26] foi emblemático pelo enfrentamento da zona de "desmaterialização" urbana da metrópole. Nenhum outro projeto se apresentou tão suburbano, tão periférico, pela falta de centralidade e de referência urbana.

## Notas do Capítulo 6 [1957&gt;1972 SÍNTESE E DIFUSÃO]

- <sup>1</sup> Tudor, Andrew - Teorias do Cinema, p.75
- <sup>2</sup> Bruand, Yves (1981) p.295
- <sup>3</sup> ZEIN, Ruth Verde (2000) p.13
- <sup>4</sup> in Rodrigues, Nelson (1997) Flor de Obsessão, p.59
- <sup>5</sup> Sanovicz, Abrahão (1997)
- <sup>6</sup> Segawa, Hugo (1997)
- <sup>7</sup> ZEIN, Ruth Verde (2000) p.34
- <sup>8</sup> ZEIN, Ruth Verde in Revista Projeto (1983) p.81
- <sup>9</sup> ZEIN, Ruth Verde in Revista Projeto (1983) p.81
- <sup>10</sup> Bruand, Yves (1981) p.314-15
- <sup>11</sup> Moos, Stanislaw von (1968) Le Corbusier, p.159
- <sup>12</sup> ROHE, Mies van der (1993) p.37
- <sup>13</sup> ROHE, Mies van der (1993) p.29
- <sup>14</sup> Segawa, Hugo (1997) p.181
- <sup>15</sup> Segawa, Hugo (1997) p.130
- <sup>16</sup> Segawa, Hugo (1997) p.181
- <sup>17</sup> Rocha, Paulo Mendes da (1968) "Cumbica 5", in Debate CEB-GFAU.



## 7 ASPECTOS TIPOLOGICOS DAS UNIDADES DE HABITAÇÃO EM SÃO PAULO

*"Tanto no conhecimento geral como na teoria arquitetônica se fez necessário o uso de noções que conciliassem a imensa diversidade das instâncias individualizadoras com os esquemas generalistas e interpretativos. Esta necessidade de conceituação e demonstração culminou na cultura contemporânea com o pensamento estruturalista. No campo da arquitetura foram utilizados antecedentes instrumentais muito próximos da filosofia, tais como os conceitos de tipo e estrutura".<sup>1</sup>*

A intenção deste capítulo é de oferecer um posicionamento conceitual claro dos elementos estruturadores da linha de pesquisa adotada. Neste sentido encontram-se inter-relacionadas as contribuições e reflexões de diversas fontes sobre os assuntos relacionados ao tema para subsidiar as hipóteses propostas.

### 7.1 ANATOMIA DA UNIDADE

*"(...) Una habitación es una pieza en la que hay una cama; un comedor es una pieza en la que hay una mesa y sillas y, a menudo, un aparador; un salón es una pieza en la que hay unos sillones y un diván; una cocina es una pieza en la que hay un fogón y una toma de agua; un cuarto de baño es una pieza en la que hay una toma de agua encima de una bañera; cuando solo hay una ducha se llama aseo; cuando solo hay un lavabo se llama cuarto de aseo; una entrada es una pieza en la que al menos una de las puertas de al exterior del apartamento; accesoriamente se puede encontrar un perchero; una habitación de niños es una pieza en la que está un niño; un escobero es una pieza en la que se meten las escobas y la aspiradora; una habitación de servicio es una pieza que se alquila a un estudiante.*

*De esta enumeración – que podría continuarse fácilmente – se pueden sacar estas dos conclusiones elementales que propongo a título de definiciones:*

- 1. Todo apartamento está compuesto de una cantidad variable, pero limitada, de piezas;*
- 2. Cada pieza tiene una función particular.*

*Parece difícil o parece incluso irrisorio poner en duda estas evidencias. Los apartamentos están contruidos por arquitectos*

que tienen ideas muy precisas sobre qué debe ser una entrada, una sala de estar (living-room, recepción), una habitación de los papás, una habitación del niño, una habitación de la criada, un pasillo, una cocina o un cuarto de baño. Sin embargo, al principio todas las piezas se parecen poco o mucho, no vale la pena tratar de impresionarnos con historias de módulos y otras pamplinas: solo son una especie de cubos, digamos que son unos paralelepípedos rectangulares; Y por lo menos siempre hay una puerta y, todavía a menudo, una ventana; tienen calefacción, pongamos que por radiadores, y están equipados con uno o dos enchufes (muy raramente más, pero no quiero empezar a hablar de la mezquindad de los contratistas porque no terminaría nunca). Em suma, una pieza es un espacio maleable.

No sé, no quiero saber, donde comienza y donde termina lo funcional. Lo que me parece en todo caso es que en la división modelo de los apartamentos de hoy, lo funcional funciona según un procedimiento unívoco, secuencial, y nictemeral: las actividades cotidianas corresponden a fases horarias y a cada fase horaria corresponde una de las piezas del apartamento. Véase a continuación en modelo apenas caricaturesco:

07:00	La madre se levanta y va a preparar el desayuno a la	COCINA
07.15	El niño se levanta y va al	BAÑO
07.30	El padre se levanta y va al	BAÑO
07.45	El padre y el niño toman el desayuno en la	COCINA
08.00	El niño coge su abrigo en la	ENTRADA y se va a la escuela
08.15	El padre coge su abrigo de la	ENTRADA y se va a la oficina
08.30	La madre se asea en el	BAÑO
08.45	La madre coge el aspirador en el	ESCOBERO y realiza la limpieza (pasa por todas las piezas
	del apartamento pero renuncio a enumerarlas)	
09.30	La madre coge la cesta de la compra en la	COCINA
	y su abrigo en la	ENTRADA y se va al mercado.
10.30	La madre vuelve del mercado y deja su abrigo en la	ENTRADA
10.45	La madre prepara la comida en la	COCINA
12.15	El padre vuelve de la oficina y cuelga su abrigo en la	ENTRADA
12.30	El padre y la madre comen en el	COMEDOR (el niño come en la escuela)
13.15	El padre coge su abrigo en la	ENTRADA y vuelve a la oficina
13.30	La madre friega los platos en la	COCINA
14.00	La madre coge su abrigo en la	ENTRADA y sale de paseo o a hacer compras antes de ir
	a buscar al niño	
16.15	La madre y el niño vuelven, y dejan sus abrigos en la	ENTRADA

16.30	<i>El niño toma su merienda en la</i>	COCINA	
16.45	<i>El niño va a hacer los deberes a su</i>	HABITACIÓN	
18.30	<i>La madre prepara la cena en la</i>	COCINA	
18.45	<i>El padre vuelve de la oficina y deja su abrigo en la</i>	ENTRADA	
18.50	<i>El padre va a lavarse las manos en el</i>	BAÑO	
19.00	<i>Toda la familia cena en el</i>	COMEDOR	
20.00	<i>El niño va a lavarse los dientes al</i>	BAÑO	
20.15	<i>El niño va a acostarse a su</i>	HABITACIÓN	
20.30	<i>El padre y la madre van al SALÓN ven la televisión, o bien escuchan la radio o juegan a lee el periódico mientras la madre cose, en</i>	<i>fin, se entretienen haciendo algo</i>	<i>cartas, o el padre</i>
21.45	<i>El padre y la madre van a lavarse los dientes al</i>	BAÑO	
22.00	<i>El padre y la madre van a acostarse a su</i>	HABITACIÓN". <sup>2</sup>	

Uma abordagem anatômica do problema da Unidade de Habitação ou simplesmente da rotina doméstica implica diretamente em um ato de dissecação do elemento mínimo de agregação deste estudo. Concentra-se aqui o interesse em conhecer-lhe o aspecto, a estrutura programática, a relação entre as partes e entre as partes e o todo. Não é tão somente o entendimento do espaço de forma abstrata. Tratou-se de aplicar uma análise meticulosa, obrigatoriamente Cartesiana – dividir o problema em quantas partes fosse possível e necessário para melhor entendê-lo.

Não se trata de um receituário, nem tampouco de um manual. Se o relato apresenta aspectos históricos não são e nem servem de curiosidade para saber como eram as habitações naquele período, muito menos como uma análise sociológica de usos, costumes e relações familiares. O que apresso são informações que pretendem subsidiar a reflexão sobre o procedimento projetual e de suas transformações no transcorrer do processo de "metropolização" da cidade de São Paulo.

Com o transcorrer da pesquisa surgiu dentro do levantamento iconográfico uma pequena – porém peculiar - coleção. São registros internos das habitações. A seguinte frase de Adriano Cornoldi esclarece mais sobre o meu interesse específico sobre estas imagens:

*"A fotografia de um interior doméstico é a comprovação real, se bem que parcial, da qualidade como habitat daqueles espaços que os desenhos representaram integralmente em suas dimensões e relações. Isto completa o conhecimento da construção, iniciado com o estudo de suas motivações teóricas e sua elaboração gráfica".<sup>3</sup>*

Se para Habitações Unifamiliares é habitual o registro interno, o mesmo não ocorre com Unidades de Habitação. Uma possível justificativa seria que as dimensões, habitualmente menores, dos espaços dificulta registros significativos e diversificados. Pode-se constatar também uma diversidade tipológica e conseqüente maior riqueza espacial entre as Habitações Unifamiliares, o que indiscutivelmente as tornam mais atraentes e mais fotogênicas. Mas o que parece interessante e distinto é a relação

estabelecida através de uma imagem com o exterior a partir de uma percepção interna. Enquanto que nos registros fotográficos das Habitações Unifamiliares a relação do interior com o exterior é normalmente introspectiva, retratando geralmente pátios e jardins, nos registros das Unidades de Habitação essa mesma relação oferece com frequência vistas e perspectivas generosas do contexto imediato, da cidade que está sendo construída e transformada. [Figura 7.1]

### Elemento mínimo de agregação [Unidade de Habitação]

Uma Unidade de Habitação pode ser entendida como um sistema limitado de espaços habitáveis e funcionais. A quantidade de espaços varia conforme as dimensões de cada unidade, sendo a maioria deles necessários e indispensáveis. Para uma melhor compreensão do conceito proposto deve-se levar em conta os seguintes pressupostos:<sup>4</sup>

- A Unidade de Habitação estar inserida numa edificação que contenhas outras unidades organizadas prioritariamente de maneira vertical;
- As Unidades de Habitação terem sido concebidas para moradores desconhecidos na sua absoluta maioria;
- A mesma Unidade de Habitação ter recebido diversos tipo de ocupação ao longo do tempo;
- As atividades e costumes das pessoas variarem com o passar do tempo;

Com relação ao segundo pressuposto Carlos Lemos já tinha sentenciado sobre a origem das primeiras Unidades paulistas:

*"No início, aqui em São Paulo, o apartamento foi criado para a classe média – classe de hábitos modestos e de passado frugal, mas quase sempre ostentando, da porta da rua para fora, costumes na verdade não bem condizentes com as posses de sua camada social. Classe vinda das antigas propriedades, que ainda se agarra ao nome de família com certa vaidade ou então, modernamente, oriunda das fábricas ou do comércio – onde já entra o elemento estrangeiro"*<sup>5</sup>

Isto não invalida o pressuposto, o que se quer colocar é simplesmente a impessoalidade do processo projetual e construtivo. Mesmo com o surgimento posterior do conceito de "compra na planta" o procedimento inevitavelmente generaliza o produto final.

### Relação entre as partes da Unidade

Quando se pensa a relação entre as partes que compõe uma Unidade de Habitação devemos partir da questão inerente da essência do habitar: o homem. Le Corbusier, ao explicar em 1924, durante uma conferência, o conceito de "machine à

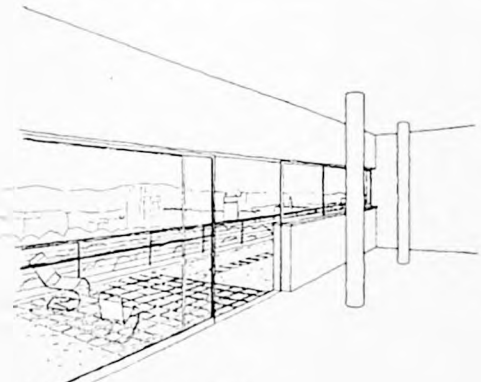


Augusto Barreto[P1 F08 1936]

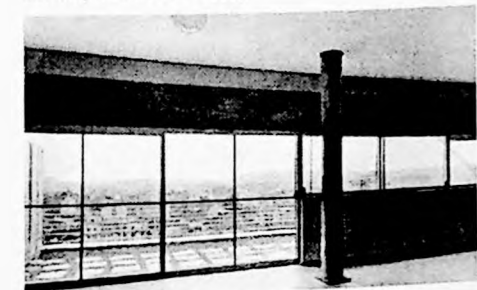
7.1



Lili[P2.F12:1948]



Esther [P1.F04:1934 > 1938]





7.2 Modulo de Le Corbusier[1942]

*habiter*" deteve-se primordialmente na procedência renascentista do conceito de casa.

*"A casa provem diretamente do fenômeno de antropocentrismo, quer dizer, de tudo o que se remete ao homem..."*<sup>6</sup>

O homem de Le Corbusier é um homem universal, maquinista e impessoalmente moderno. [Figura 7.2]

Ao se pensar o problema e a configuração de uma habitação coletiva não há a figura de um cliente e nem de uma família, portanto nenhuma informação específica ou pessoal de quem irá morar. Há sim, por parte de quem idealiza, seja ele promotor público ou privado, uma noção genérica de quem poderá morar. Portanto, têm-se inevitavelmente um recorte sócio-econômico do critério de configuração programática.

*"A marca da boa situação social é a casa com menor superposição possível de funções"*<sup>7</sup>

Carlos Lemos, em *Cozinha, Etc.*, comentando a origem da Habitação Coletiva em São Paulo, enfatiza a "menor superposição" como conceito configurador do programa e das relações nas residências unifamiliares e coletivas. A não sobreposição de funções não está relacionada com questões funcionais ou construtivas, mas com um temor inicial de rejeição, uma necessidade de aceitação social por parte dos pioneiros a aventurar-se em uma experiência coletiva. Posteriormente, no mesmo livro, descreve e relaciona o programa mínimo de uma "moradia completa".

*"Deveriam ter cozinha, tanque, banheiro e quarto de criada, pois toda família que se prezava tinha uma empregada morando em casa. Deveriam ter pelo menos duas salas, inclusive a de visitas. E quarto bons. O acabamento o melhor possível... Havia o preconceito: habitação coletiva era o mesmo que "casa mal freqüentada". Precisava-se alardear que o apartamento era de família, casa de respeito. Moradia completa ... e com acomodações para a criadagem, principalmente"*<sup>8</sup>

Os hábitos e os desejos, na prática muito mais os desejos, da classe média paulistana *"...definiram para sempre as normas, os programas e os partidos dos prédios de apartamentos. Era preciso que fosse oferecido à classe média um apartamento apto, em tudo, a substituir a casa isolada, não a casa modesta de gente pobre, mas o palacete da classe abastada. Já com o sacrifício de se morar em apartamento, que este tivesse o máximo de conforto aliado ao mínimo de promiscuidade. Recato antes de tudo"*<sup>9</sup>

Uma resposta projetual para a não sobreposição de funções é a opção pela setorização, pelo *"... zoneamento interno nos apartamentos, zoneamento tão do nosso agrado, que sempre procura diferenciar as circulações horizontais e verticais; separar o caminhar da empregada, do fornecedor, do percurso nobre do proprietário; e agrupar os quartos e banheiros em zona íntima"*<sup>10</sup>

Surge, portanto, uma estrutura natural baseada em um esquema funcionalista. Uma Unidade de Habitação se divide portanto em três setores: Estar, Íntimo e Serviço. Segundo Lemos as funções pertinentes a cada uma delas seriam:

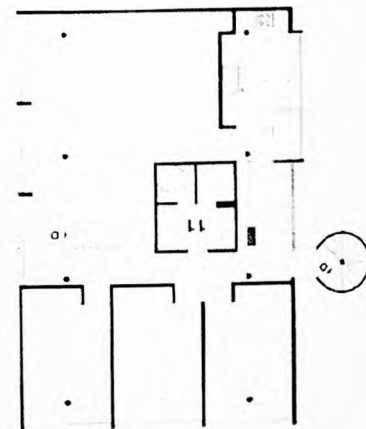
"1. Estar:

- 1.1 *Passar o tempo livre – lazer em geral e a televisão, o rádio, o jornal etc.*
- 1.2 *Receber visitas.*

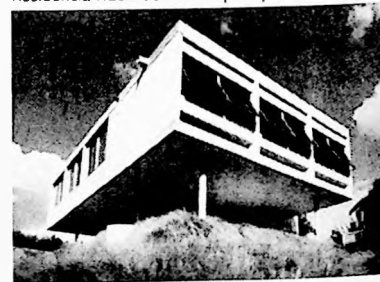
- 1.3 *Estudo dos filhos.*
2. *Repouso noturno, ou habitação propriamente dita:* (chamado aqui de: Íntimo)
- Dormir, repousar, convalescença de doenças.*
  - Higiene pessoal.*
  - Necessidades fisiológicas (que também poderiam situar-se na zona de estar).*
  - Vida sexual dos casais.*
3. *Serviço:*
- Estocagem de gêneros alimentícios e de limpeza.*
  - Trabalho culinário.*
  - Refeições (a alimentação também poderia situar-se na área de estar).*
  - Lavagem e limpeza de trem" de cozinha e equipamentos afins às refeições.*
  - Lavagem de roupas usadas.*
  - Passagem a ferro de roupas.*
  - Guarda de roupas (que poderia, também, situar-se na área de repouso).*
  - A costura e manutenção das roupas.*

*Estas parecem ser as funções principais exercidas dentro do espaço arquitetônico abrigado, agrupadas sem muita lógica em três tradicionais zonas ou áreas, conforme velhos critérios acadêmicos de ensino*"<sup>12</sup>

É importante enfatizar que a ideia de setorização inicial nas primeiras Unidades de Habitação era fortalecida pela compartimentação da mesma. Isso permitia o isolamento das atividades incômodas ou incompatíveis e facilitava a independência entre seus habitantes e a criação. Era a possibilidade concreta de dispor de um território próprio e íntimo, prioritariamente hierárquico e individual. Em São Paulo, no início da década de 60, o Brutalismo Paulista oferece uma importante reflexão social sobre o problema da habitação explicitada em inúmeras tentativas, predominantemente em Habitações Unifamiliares, de alteração dessa estrutura e do questionamento de suas relações programáticas. A unificação proposta dos setores e a quase diluição de seus limites representam não só um passo adiante na discussão da moradia, mas também a consolidação do espaço coletivo em detrimento ao individual. Os exemplos das Residências Roberto Millan [1960] e Nadir de Oliveira [1960] [Figura 7.3] de Carlos Millan "praticamente inauguram uma sistemática logo seguida pelos seus jovens colegas"<sup>13</sup>. Surge o que poderíamos chamar de "casa-apartamento" estruturada agora em uma relação dual entre Espaços Servidores: composto basicamente pela cozinha, banheiros e área de serviço e Espaços Servidos: composto basicamente pelas salas e pelos dormitórios. O funcionalismo individualista dos setores é substituído pela organização coletiva dos espaços a partir das infra-estruturas.



Residência Nadir de Oliveira [1960]



## Vestíbulo

*"A entrada à uma habitação deveria realizar-se de tal maneira que fizesse o visitante deixar no guarda roupa, ao lado do chapéu, sua intimidade em relação ao dono da casa"*<sup>14</sup>

Tratamos de vestibulo o primeiro espaço interno de cada unidade. Por essência o vestibulo é um filtro, o elemento que serve de transição entre o interior e o exterior. Receptáculo para quem chega ou para quem visita e que se encontra indissolvelmente vinculado ao acesso principal<sup>15</sup>. Conseqüentemente cabe ao vestibulo a primeira impressão ou às vezes, se assim for desejado pelo morador, à única que um visitante inesperado ou pouco íntimo levará.

Entretanto, como elemento programático, sempre foi colocado em questão. Principalmente quando entra em discussão no processo projetual o limite da metragem quadrada da unidade ou a diminuição, pela sua inclusão, das áreas de outros itens básicos do programa. Por isso torna-se natural a sua associação com unidades de alto padrão. Como veremos através dos exemplos a serem apresentados, essa associação não representa uma regra e não passa de uma percepção superficial das possibilidades de resolução espacial de uma Unidade de Habitação independentemente do tamanho e padrão dessa unidade.

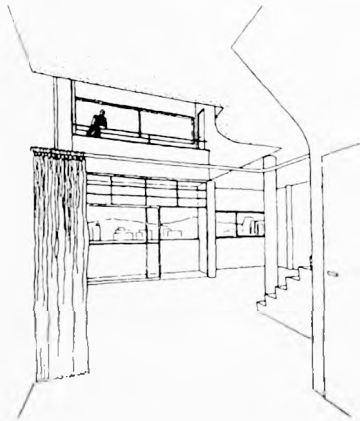
Se de fato a sua existência não é fundamental para o desenvolvimento diário das atividades domésticas, também é inegável que podemos ter, no vestibulo, o elemento estruturador de uma unidade. Essa dualidade determinante de partidos projetuais torna-o um elemento curioso da anatomia de uma Unidade de Habitação. Entre os extremos da inexistência e da determinação existem nuances tipológicas que levam o vestibulo a quase não ser percebido, não por suas dimensões, geralmente reduzidas, mas pela sua diluição ou associação a outros dois elementos programáticos, a sala e a circulação.

Os vestibulos apresentam características próprias, quase pré-requisitos. Deve-se evitar ao máximo, ao abrir a porta, vislumbrar o interior, resguardando a privacidade. Como serve de receptor torna-se habitual dotá-lo de um armário para guardar as vestimentas que não são usadas no interior da unidade de habitação – como capas, casacos ou guarda-chuvas. Habitualmente com limites espaciais claros podemos ter desde uma separação sutil, através de armários ou biombos, até uma compartimentação que permita o seu isolamento do restante da unidade. Para este último caso foi habitual o uso da cortina como elemento dinâmico de configuração.

Podemos encontrar dentro do período de estudo três tipologias de vestibulos: Apêndice, Expandido e Distribuidor.

O tipo Apêndice caracteriza-se por ser parte saliente de um corpo principal, um elemento complementar da sala da Unidade de Habitação. Inicialmente podemos exemplificar este tipo com a Unidade Duplex F do Edifício Esther (P1.F04: 1934>38) de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho. O vestibulo [Figura 7.4] claramente é uma extensão da sala e apresenta uma delimitação vertical através da cortina que possibilita sua compartimentação. Horizontalmente, o plano superior do mezanino recorta o vazio do pé-direito duplo da sala oferecendo assim o último limite necessário. Ainda no vestibulo, junto à porta de acesso um pequeno armário aproveita o vazio oferecido pela escada, que também faz parte da configuração espacial.

No Edifício Buenos Aires (P1.F10: 1938) de Lindenberg e Assumpção encontra-se outro exemplo deste tipo de vestibulo.



7.4 Esther (P1.F04:1934>1938)



Dele pode-se, além de acessar a sala, acessar também uma pequena varanda que oferece através de duas aberturas uma generosa iluminação. O acesso à sala é contido, porém não existe um fechamento para isolá-la, e o vestibulo apresenta novamente um pequeno armário.

Já no Edifício Louveira [P2.F03: 1946>1949] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, o “apêndice” divide a sala em duas, estar e refeições. O armário neste caso tem presença determinante. Ele se estende e se inverte enfatizando a subdivisão da grande sala. O recurso do armário como estruturador do vestibulo não é incomum. Mesmo não sendo da mesma maneira, Rino Levi e Roberto Cerqueira César utilizaram esse recurso no Cia. Seguradora Brasileira [P2.F07: 1947>53]. Um grande armário, transversal ao acesso, configura o vestibulo em toda sua extensão. O percurso sinuoso recoloca o habitante no eixo de distribuição mediano.

Dentro desse critério podemos destacar dois exemplos que tratam a questão através de tabiques ou elementos leves. No Edifício Lausanne [P3.F10: 1953>58], Franz Heep utiliza este recurso para subtrair uma fração da sala para construir o vestibulo. Já David Libeskind no Edifício Arper [P4.F04: 1959>62] utiliza um armário solto dos planos horizontais.

Esta tipologia de vestibulo pode ser obtida sem a necessidade da utilização de cortinas, armários ou tabiques. O acesso transversal ou diagonal já confere a possibilidade de divisão entre vestibulo e sala e o conseqüente resguardo da privacidade. Pode-se comprovar isso em 6 dos 8 tipos de unidades (A, B, C, E, G e H) do Condomínio Viadutos [P2.F14:1952>55] de João Artacho Jurado ou no Edifício Karina [P4.F02:1959>62] de Israel Galman; neste último, em particular, se destaca o contraste do pequeno vestibulo com o grande salão.

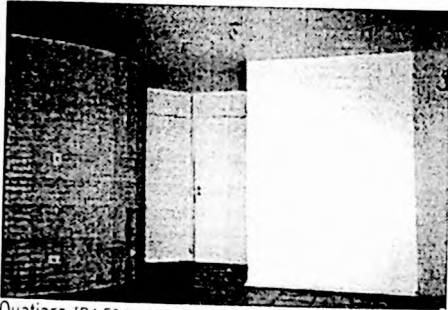
A segunda tipologia de Vestibulo que se chamou aqui de Expandido, caracteriza-se pela associação e quase fusão com a circulação da unidade. Não há variações neste caso, tal relação entre circulação e vestibulo gera um eixo mediador, habitualmente interno à unidade. No Edifício Columbus [P1.F02: 1930>34], Rino Levi utilizou essa tipologia; o vestibulo e a circulação possuem a mesma largura generosa (2,2 m) e como uma galeria divide a unidade em duas partes.

Com a mesma dimensão e generosidade, mas desta vez não central, mas sim perimetral, Schneider e Mello Saraiva oferecem, no Edifício Tamar [P4.F17: 1964], essa fusão entre vestibulo e circulação. O resultado é contundente, um espaço unificador, luminoso, perimetral e pleno.

Plínio Croce, Roberto Aflalo e Giancarlo Gasperini, nos Edifícios Saint Bernard e Saint Gothard [P4.F21: 1965], também utilizaram esta solução; desta vez central, o vestibulo e a circulação separam nitidamente o setor de serviço do setor íntimo. O armário do primeiro dormitório estrangula o eixo criando um segundo vestibulo, desta vez íntimo.

Pode-se encontrar outro exemplo de Vestibulo Expandido no Edifício Parque Trianon [P4.F28: 1969>72]. Nele, Paulo Bruna o utiliza como espinha dorsal, que atravessa e divide toda a unidade através da axialidade do vestibulo. A configuração dos espaços e das funções se dá através de uma seqüência de portas que podem oferecer novas configurações e dimensões desse espaço.

A última tipologia, o Vestibulo Distribuidor, caracteriza-se pela função reguladora e conectora. A sua existência



7.5 Quatiara [P4.F31:1972&gt;1974]



7.6 Augusto Barreto [P1.F08:1936]

habitualmente elimina a necessidade de espaços destinados à circulação; quando acontece, se restringe a pequenos corredores no setor íntimo. Em uma primeira variação que podemos chamar de “Parcial” encontramos o vestibulo atendendo somente aos setores de serviço e social.

Júlio de Abreu Jr. apresenta essa solução no Edifício à Av. Angélica [P1.F01: 1927>35]; nele pode-se observar um vestibulo generoso oferecendo acesso direto à cozinha e à sala. O mesmo ocorre no IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>51]; Carlos Frederico Ferreira utiliza este recurso para as unidades de habitação de interesse social do conjunto; neste caso o vestibulo também oferece conexão somente para a cozinha e a sala. Já no Edifício Quatiara [P4.F31: 1972>74], [Figura 7.5] o vestibulo desenhado por Ruy Ohtake oferece acesso direto à sala, ao lavabo e à cozinha.

A segunda variação que chamaremos de Vestibulo Distribuidor “Pleno”, organiza e atende diretamente todos os setores funcionais da unidade, assumindo uma postura centralizadora que tende a diluir qualquer sentido de hierarquia dos setores ou das funções.

Os Edifícios Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto e Xande, Porchat [P1.F11: 1940>42] de Rino Levi, Hubert [P2.F13: 1948] de Oscar Souza Pinto e Erico Brann, Lagoinha [P4.F01: 1959>60] de Carlos Millán, Conselheiro Alves [P4.F09: 1962] de Israel Sancovsky, Baía Mar [P4.F14: 1963>64] de Francisco Beck, Manon [P4.F18: 1964>65] de Victor Reif e Gemini I e II [P4.F26: 1968>1971] de Eduardo de Almeida, apesar da diversidade programática (unidades de 2 e 3 dormitórios) e dimensional (unidades de 88 a 290 m<sup>2</sup>), oferecem todos a mesma relação de acesso direto à sala, à cozinha e à circulação do setor íntimo.

Há, portanto, soluções desta tipologia que levam a potencialidade distribuidora do vestibulo ao máximo. Giancarlo Palanti oferece, no Edifício Lili [P2.F12: 1948], [Figura 7.6] uma solução de Unidade de Habitação desprovida de corredores. O Vestibulo Distribuidor articula de forma direta todos os setores da unidade. Também pode-se constatar essa solução no Edifício Pilotis [P2.F09: 1948>51], de Francisco Beck. De maneira centralizadora o vestibulo organiza a unidade ao seu redor, o acesso aos dormitórios e à sala é direto. Surge, porém, devido às dimensões, um corredor que o conecta à cozinha. Essa circulação não se faz necessária, surge muito mais como um espaçador, subterfúgio para distanciar o setor de serviço.

Outro exemplo desta estratégia é o utilizado por Maurício Schneider e Pedro Paulo Mello Saraiva, no Edifício Albar [P4.F13: 1963>64]; a peculiaridade deste caso se encontra no fato de que, o que poderia ser um corredor se transforma em closet do dormitório principal, fazendo com que desta forma o acesso esteja vinculado – assim como os outros dormitórios – ao vestibulo, que também conecta a cozinha e a sala.

### Espaços de Circulação

A circulação interna de uma unidade, apesar de considerada um componente dinâmico, pode ser entendida como um espaço destinado exclusivamente ao movimento e à passagem. Os espaços de circulação passam por outros ambientes sem

interferir na sua integridade, servindo de ligação entre o cômodo principal – geralmente a sala – e pelo menos dois outros cômodos, vinculados geralmente ao setor íntimo da unidade. Habitualmente fechada e interna, não costuma possuir iluminação direta, sendo comum sua compartimentação. Apesar de por essência estar vinculada à passagem, pode receber armários, transformando-se em importantes lugares de armazenamento. Não parece correto considerar estes espaços como "negativos", de pouca utilidade, que provocam perdas e alongamento dos percursos; por vezes, quando possível, transcendem a essência funcional para se tornarem espaços poéticos.

Pode-se considerar basicamente dois tipos de Espaços de Circulação: Recluso e Aberto. No tipo Recluso é estabelecida a relação exclusiva entre o setor social e o íntimo. Qualquer relação com o setor de serviço é feito obrigatoriamente através do setor social.

São por exemplo os casos dos Edifícios João Ramalho [P3.F09: 1953] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia, Nove de Julho [P3.F15: 1954>56] de Eduardo Corona, Três Marias [P3.F16: 1954>56] de Abelardo de Souza, Albina [P4.F16: 1963] de Alberto Botti e Marc Rubin e Modular Beta [P4.F30: 1970>72] de Abrahão Sanovicz onde a circulação de maneira axial estrutura cada unidade. Em todos eles a circulação é um divisor funcional, onde de um lado surgem cozinha e banheiros (espaços servidores) e do outro a maioria dos dormitórios (espaços servidos).

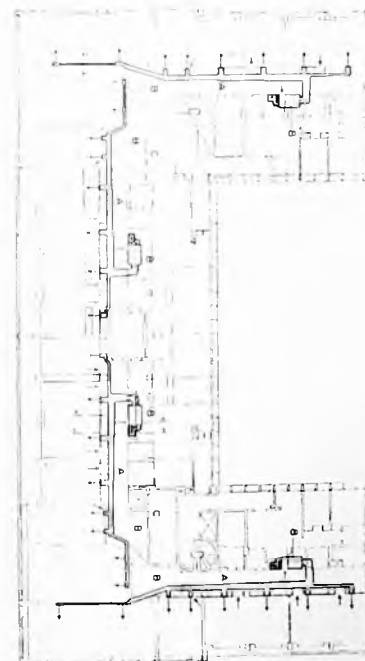
Já no Edifício Arper [P4.F04: 1959>62] de David Libeskind o Corredor Recluso não apresenta a mesma axialidade; neste caso a circulação contorna a caixa de elevadores organizando toda a área íntima da unidade. Na inflexão do percurso ocorre um alargamento para atender confortavelmente o acesso a dois dormitórios e ao banheiro e ao longo do trecho final do percurso encontra-se um armário que volta a estrangular a circulação antes do acesso ao dormitório principal.

Os Espaços de Circulação Abertos são aqueles que além de fazerem a habitual ligação entre o setor social e o íntimo também permitem a relação entre o setor íntimo e o de serviço, criando a opção de uma percurso circular pela unidade. Esta possibilidade é bastante desejada na rotina doméstica devido à relação funcional entre lavanderia e dormitórios. Existem duas variações deste tipo de corredor. A primeira apresenta a ligação entre área íntima e lavanderia.

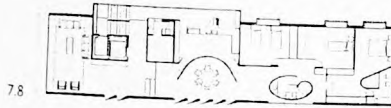
No Edifício Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanovicz, um cômodo interno faz a ligação transversal entre o setor íntimo e a lavanderia. Já no Edifício Promenade [P4.F29: 1968>1970] de Miguel Juliano, o acesso é direto e franco no trecho final do corredor e o circuito se completa entorno da circulação vertical. No Edifício Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake, o circuito se dá entorno do núcleo central hidráulico que estrutura a unidade. Neste caso verifica-se a exemplificação mais explícita do Corredor Aberto.

A segunda variação, mais usual, apresenta a ligação entre área íntima e cozinha. Pode ser inicialmente exemplificada através da Unidade G do Edifício Esther [P1.F04: 1934>38] de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho. Aqui, além disso, há uma situação curiosa - a cozinha, que tem acesso pelo corredor compartimentado, inverte de posição com o único banheiro da unidade, se posicionando de maneira extremamente íntima e distante da sala.

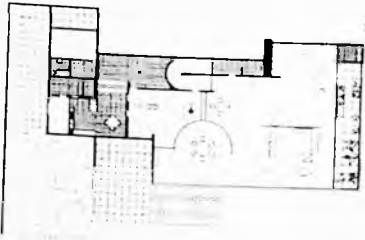
A mesma variação pode ser verificada em dois projetos de Rino Levi. O Edifício Trussardi [P1.F14: 1941>43] e o Edifício



Prudência [P2.F01: 1944>1948]



7.8



7.9



7.10

Prudência [P1.F01: 1944>48] apresentam em escalas distintas essa mesma relação entre o setor íntimo e a cozinha. No Trussardi a circulação é compacta, o acesso à cozinha é imediato e apresenta um closet no final do seu percurso. Já no Prudência, a circulação compartimentada apresenta uma organização linear, que consiste essencialmente na ordenação seqüencial de espaços adotando uma escala generosa tanto na largura como na extensão. Em todas as unidades, a galeria é naturalmente iluminada, o que a transforma em algo ímpar entre todas as circulações estudadas. O acesso à cozinha, no ponto médio da circulação não é franco e se dá através de uma antecâmara, que recebe o duto da rede elétrica. No entanto, o mais significativo é que esta circulação serve como espinha dorsal do sistema de ar condicionado, por isso apresenta pé-direito menor do que no resto da unidade. [Figura 7.7]

No Edifício Louveira [P2.F01: 1946>1949], João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi criaram um corredor peculiar, não por sua inicial sinuosidade ou pelo acesso diagonal à cozinha, mas por receber uma suave iluminação por sobre os armários dos dois primeiros dormitórios.

Também pode-se exemplificar essa variação nos Edifícios Lausanne [P3.F10: 1953>58] e Ouro Preto [P3.F30: 1957>58] de Franz Heep, Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman e Giselle [P4.F27: 1968>72] de Telésforo Cristófoli, mas o exemplo mais generoso está no Edifício Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro [Figura 7.8] onde a "promenade architecturale" se faz presente. A circulação fluida que se desprende em desnível do vestibulo atravessa perimetralmente a unidade no trecho da sala de refeições – que nos remete à Casa Tugendhat [1928>30] em Brno [Figura 7.9] de Mies van der Rohe. Por traz do plano curvo há um acesso utilizado pelo setor íntimo para se chegar à cozinha. Na seqüência do percurso há um alargamento, nele encontra-se isento o volume elíptico do banheiro que estrangula e propicia privacidade ao setor dos dormitórios e a mesmo tempo regula a luz desse ambiente. A solução lembra agora Le Corbusier e a Casa Currutchet [1949] em La Plata [Figura 7.10] .

### Sala(s)

*"Vimos vários apartamentos europeus,...A sala é constantemente o centro de interesse, e sempre passagem obrigatória, ligando os quartos aos banheiros e cozinha ao exterior. São raros os apartamentos em que se percebe o desejo de se evitar essas promiscuidades. Somente nos de alto luxo encontramos essa vontade – vontade que é a nossa constante e não exceção"*<sup>16</sup>

Vinculado inevitavelmente ao rito formal de receber originário da casa patriarcal, este espaço destinado ao uso geral da família é o maior cômodo da unidade com visuais e iluminação privilegiadas. Abrigando as atividades sociais e comunitárias, pode eventualmente subdividir-se em dois ou mais espaços – basicamente: estar e refeições – o que o torna o ambiente com maior diversidade funcional e de mobiliário. Por ser essencialmente um espaço flexível, a sua evolução física não acompanhou as conquistas tecnológicas que alteraram significativamente o uso e a configuração deste espaço doméstico.

O primeiro aglutinador foi o Piano, como mobília quase que obrigatória na configuração da sala. Era habitual a concentração em torno dele, fosse um pequeno piano de armário ou um elegante piano de cauda. Não é raro encontrar nas primeiras Acrópoles propaganda de importadores atrás de clientes. [Figura 7.11] Depois foi o rádio, a sua chegada na década de 30 trouxe o mundo para dentro de casa, estabelecendo a primeira ruptura de privacidade no ambiente doméstico. No início da década de 50 a fascinação pelo "american-way-of-life" é estimulada pela chegada da televisão que assume inevitavelmente o papel de protagonista. O rádio não é excluído, ao contrário, se prolifera pela casa e domina a cozinha.

Mas são as aberturas que oferecem maior possibilidade de reflexão sobre as transformações da sala. Nelson Rodrigues já sentenciava: *"A janela foi a televisão das gerações passadas. Hoje, tudo mudou. A televisão matou a janela e, hoje, há pessoas que passam anos e não usam a janela nem para cuspir."*

Mas o que se pode notar efetivamente é a diminuição, com o decorrer dos anos, do tempo de permanência na casa dos seus habitantes. Esta redução temporal é significativa e acabou por vulgarizar o rito cerimonial do uso dos espaços coletivos nas residências.

Existem basicamente cinco tipologias de Sala: Central, Ortogonal, Axial, Transversal e Terminal. A Sala Central determina uma tipologia de unidade. A planta se desenvolve em torno dela, o que conseqüentemente a torna distribuidora. Essa distribuição permite aumentar a área da sala de estar, já que se economiza em espaços de circulação. Esta tipologia poderia ser exemplificada pelos Edifícios à Av. Angélica [P1.F01: 1927>35] de Júlio de Abreu Jr., Maria Tereza [P1.F12: 1940] de S. Vitali, Columbus [P1.F02: 1930>34] e Hygienópolis [P1.F05: 1935>36] de Rino Levi. Todos possuem salas interiorizadas, afastadas do perímetro.

Já nos casos dos Edifícios Manaus [P3.F34: 1957] de Israel Galman e Fiandeiras [P4.F32: 1972>75] de Abrahão Sanovicz a sala literalmente divide a unidade ao meio, locando dormitórios e banheiro de um lado e cozinha e lavanderia do outro. O que chama a atenção é a quase ausência de espaços destinados à circulação.

A Sala Ortogonal se caracteriza por ser um espaço profundo e perpendicular à fachada principal e ao eixo predominante da planta. A profundidade possibilita ocupar menos espaço da fachada principal. Na subdivisão do espaço interno, a proximidade da luz destina-se ao Estar, enquanto que o setor mais afastado para a "Sala de jantar", em compensação se está ao lado da cozinha. Poderia ser exemplificada pelos Edifícios Louveira [P2.F03: 1946>1949] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, Nove de Julho [P3.F15: 1954>56] de Eduardo Corona, Imperator [P3.F17: 1954>56] de Vaidergorn e Verona, Eiffel [P3.F08: 1953>56] de Oscar Niemeyer, Lausanne [P3.F10: 1953>58] [Figura 7.12] e Ouro Preto [P3.F30: 1957>58] de Franz Heep, CECAP Zezinho Magalhães [P3.F24: 1967>72] de João Vilanova Artigas, Fábio Penteado e Paulo Mendes da Rocha, Gemini I e II [P4.F26: 1968>1971] de Eduardo de Almeida e Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake. Existe uma variação desta sala que poderíamos chamar de Ortogonal em L, nesta possibilidade a articulação criada subdivide claramente as funções no setor de Estar. Nos Edifícios Franco da Rocha [P3.F06: 1953>54] de Abelardo de Souza e Biaçá [P3.F11: 1953] de Plínio Croce e Roberto Aflalo pode se verificar esta variante.

A Sala Axial se desenvolve no sentido do eixo predominante da planta sendo a largura a sua maior dimensão. Grandes



Augusto Barreto [P1.F08: 1936]

711



Lausanne [P3.F10: 1953>58]

712



713 Buenos Aires [P3.F07: 1953&gt;56]

aberturas por toda a sua extensão proporcionam um ambiente generosamente iluminado. É comum, nesta solução, a estrutura comparecer independente e protagonista deste espaço como nas salas nos Edifícios San Martín [Figura 7.13] (Condomínio Buenos Aires) [P3.F07: 1953>56] de Majer Botkowski e Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman. Também são bons exemplos desta tipologia as salas nos Edifícios João Ramalho [P3.F09: 1953] de Plínio Croce, Roberto Affalo e Salvador Candia, Diana [P3.F33: 1959>60] de Victor Reif, Lugarno e Locarno [P4.F03: 1959>62] de Franz Heep, Condemar [P4.F06: 1960>62] de Jorge Wilhelm, Rossi Leste [P4.F11: 1962>65] de Marcelo Fragelli, Baía Mar [P4.F14: 1963>64] de Francisco Beck e Modular Beta [P4.F30: 1970>72] de Abrahão Sanovicz.

A Sala Transversal é uma decorrência dos edifícios isolados de padrão elevado com uma única unidade de habitação por pavimento. Nessas condições é habitual que a unidade possua uma sala que ocupe o encontro de duas fachadas. Nos Edifícios Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto e Xande, Arper [P4.F04: 1959>62] e Arábá [P4.F05: 1960>62] de David Libeskind, Santa Cândida e Santa Francisca [P4.F20: 1964] de Salvador Candia, Manon [P4.F18: 1964>1965] de Victor Reif e Parque Trianon [P4.F28: 1969>72] de Paulo Bruna encontra-se exemplificada esta tipologia.

A Sala Terminal, curiosamente no caso paulista, surge somente no início da década de 60 apesar de presença de registros anteriores. É uma solução utilizada em blocos laminares isolados com uma ou duas unidades de habitação por pavimento. A sala, nestes casos, se localiza nas extremidades da lâmina ocupando de lado a lado este setor da unidade. Apresentam aberturas generosas, habitualmente ocupando toda a extensão da fachada terminal como nos Edifícios Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro, Albar [P4.F13: 1963>64] e Tamar [P4.F17: 1964>1965] de Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva, Giselle [P4.F27: 1968>72] de Telésforo Cristófani e Promenade [P4.F29: 1968>70] de Miguel Juliano. Outra variante desta tipologia apresenta aberturas nas três fachadas como nos Edifícios Abaeté [P4.F15: 1963>1968] de Abrahão Sanovicz e Saint Bernard e Saint Gothard [P4.F21: 1965] de Plínio Croce, Roberto Affalo e Giancarlo Gasperini.

### Dormitórios

Mesmo dentro da já constatada redução gradativa da área das unidades de habitação verifica-se que o setor íntimo foi o mais sacrificado, especificamente os dormitórios. Se tomados como exemplos os extremos desta pesquisa, o primeiro edifício da lista à Av. Angélica [P1.F01: 1927>1935] de Júlio de Abreu Jr. com unidades de habitação de 98m<sup>2</sup> oferece dormitórios de 15.3m<sup>2</sup>; enquanto que as unidades de habitação de 78.5m<sup>2</sup> do Fiandeiras [P4.F32: 1972>1975] de Abrahão Sanovicz – último edifício da lista – apresentam dormitórios de 10.69m<sup>2</sup> incluindo os armários. Há uma redução de 20% da área das unidades de habitação de mesma configuração (dois dormitórios). Se comparadas as áreas dos dormitórios tem-se a expressiva redução de 31%.

Mas as mudanças não se restringiram somente a isso. Mesmo sendo a cama o elemento mais importante de todo

dormitório, será o armário que oferecera as transformações espaciais mais significativas. Outra mudança está na hierarquização dos dormitórios. Inicialmente a diferença entre o dormitório principal (dos pais) e do dormitório secundário (dos filhos) se dava exclusivamente pela dimensão e localização. No início do período de estudo o dormitório principal era o de maior dimensão e o último a ser acessado; no transcorrer do período, além destas mesmas características anteriores, a configuração se dava com a duplicação das instalações sanitárias e no final do período, com o surgimento das “suites” – dormitórios dotados de instalações sanitárias próprias. O primeiro edifício a oferecer esta configuração – suites – foi o Tucumán [P3.F22: 1954] de Franz Heep [Figura 7.14] ainda no início do 3º período [1952>1957], que e só voltaria a ser utilizada no Edifício Arper [P4.F04: 1959>62] de David Libeskind, daí em diante para tornar-se um padrão habitual.

Com a consolidação no 3º período [1952>1957] dos “apartamentos conjugados” tem-se caracterizada a tipologia da sala-dormitório. Este tipo surgiu da flexibilidade de um espaço que compartilha atividades sociais e íntimas. Pode-se exemplificar com os Edifícios São Miguel [P3.F14: 1953] de David Libeskind, 20 de Setembro [P3.F20: 1954>1957] de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco, Icarai [P3.F23: 1955>56] de Franz Heep [Figura 7.15], Juruá [P3.F24: 1955>1956] de Eduardo Kneese de Mello, Ibaté [P3.F25: 1955>56] de Franz Heep, Normandie [P3.F27: 1956>57] de Franz Heep [Figura 7.16] e Araruanas [P3.F28: 1956>58] de Franz Heep.

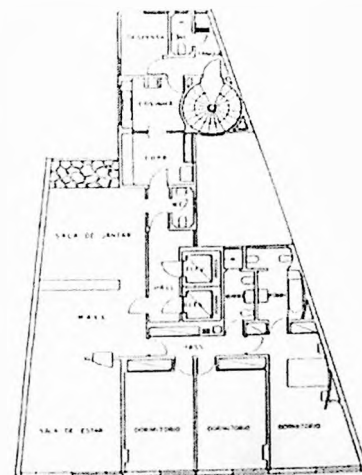
Pode-se estudar os dormitórios conforme a sua agregação. A partir de dois dormitórios por unidade surgem duas variantes: Alinhados ou Espelhados.

Dormitórios alinhados ocupam parcial ou totalmente fachadas frontais das unidades de habitação destinando desta maneira a fachada posterior para as instalações sanitárias e setor de serviço. O caso de unidades de habitação com dois dormitórios alinhados são predominantes e podem ser exemplificado pelos Edifícios Trussardi [P1.F14: 1941>43] de Rino Levi, IAPI Mooca [P2.F04: 1946>1950] de Paulo Antunes Ribeiro, Lili [P2.F12: 1948] de Giancarlo Palanti, Biaçá [P3.F11: 1953] de Plínio Croce e Roberto Aflalo, Conselheiro Alves [P4.F09: 1962>1963] de Israel Sancovsky e Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake. Deste último vale destacar o conceito de “dormitório-gaveta” proposto para reduzir às mínimas dimensões possíveis o setor íntimo, redirecionando os metros conquistados para as áreas de convívio.

Já unidades de habitação com três dormitórios alinhados são um pouco menos habituais e podem ser citados os dos Edifícios Eiffel [P3.F08: 1953>1956] de Oscar Niemeyer, Três Marias [P3.F16: 1954>1956] de Abelardo de Souza, Maria Albertina [P3.F21: 1954>1957] de Fábio Penteado, Giselle [P4.F27: 1968>1972] de Telésforo Cristofani, Parque Trianon [P4.F28: 1969>72] de Paulo Bruna, Promenade [P4.F29: 1968>70] de Miguel Juliano e Modular Beta [P4.F30: 1970>1972] de Abraão Sanovicz.

A tipologia de unidades de habitação com quatro dormitórios alinhados pode ser exemplificada pelos Edifícios Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, Cacique [P3.F19: 1954>1956] de Miguel Badra Jr. e Santa Cândida e Santa Francisca [P4.F20: 1964] de Salvador Candia.

Dormitórios Espelhados seriam aqueles agregados de maneira em que as aberturas dão para fachadas opostas, sendo habitual o posicionamento de um banheiro na extensão da circulação do setor íntimo. O caso de unidades de habitação com dois



7.14



7.15

7.16



dormitórios espelhados são menos habituais, mas podem ser exemplificadas pelos Edifícios Nações Unidas [P3.F05: 1952>1959] de Abelardo de Souza e Paulicéia e São Carlos do Pinhal [P3.F29: 1956>1959] de Jacques Pilon e Giancarlo Gasperini.

Já as unidades de habitação com três dormitórios podem ser chamadas de tipologia espelhados 2x1: dois dormitórios frontais e um posterior. Esta solução foi extremamente utilizada e podem ser citados como exemplos os Edifícios Nicolau Schiesser [P1.F03: 1933>1934] de Rino Levi, IAPC Anchieta [P1.F15: 1941>1943] de Marcelo Roberto e Milton Roberto, Cia. Seguradora Brasileira [P2.F07: 1947>1953] Rino Levi e Roberto Cerqueira César, Franco da Rocha [P3.F06: 1953>1954] de Abelardo de Souza, Lausanne [P3.F10: 1953>1958] de Franz Heep, Nove de Julho [P3.F15: 1954>1956] de Eduardo Corona, Condemar [P4.F06: 1960>62] de Jorge Wilhelm, Conselheiro Alves [P4.F09: 1962>1963] de Israel Sancovsky e Rossi Leste [P4.F11: 1962>1965] de Marcello Fragelli.

No caso de unidades de habitação com quatro dormitórios espelhados 2x2, dois frontais e dois posteriores, pode-se exemplificar com o Edifício Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto e Xande.

### Banheiros [Instalações Sanitárias]

*"Nunca aceitaríamos planta semelhante à do apartamento francês típico, em que a única latrina, sempre separada do local de banho, está na entrada, contígua ao vestibulo de recepção!"<sup>17</sup>*

Os Banheiros (ou Instalações Sanitárias) são ambientes dentro de uma Unidade de Habitação onde se encontram os aparelhos destinados à higiene corporal e à atenção das necessidades fisiológicas. Dentro dos hábitos cotidianos e essenciais do habitar, os relativos à higiene são aqueles que mais têm mudado com o passar do tempo. Do banho semanal no início do século, se passou rapidamente para o banho diário. Mas a questão não se resume a isso, há que levar em consideração as transformações causadas nos grandes centros pelo urbanismo sanitário e principalmente pela evolução da medicina no sentido de assumir ao mesmo tempo uma postura tanto educativa como preventiva.

Em São Paulo, desde o início da reflexão do morar coletivo, houve um confronto sobre o entendimento da inserção das Instalações Sanitárias tanto nas Unidades de Habitação, como no sistema de infra-estruturas dos edifícios. De um lado a fragmentação do Modelo Europeu [ou Francês] e do outro a concentração do Modelo Americano.

A divisão das instalações sanitárias, que se realiza com maior frequência nos países europeus, é a que consiste na separação de um lado dos equipamentos destinados a atender as necessidades fisiológicas, composto basicamente da bacia sanitária e de um lavatório, e de outro, destinado à higiene corporal, composto basicamente pelo chuveiro e/ou banheira.

Uma das mudanças tipológicas mais significativas foi a promulgação da lei municipal em 1952 que regulamentava a construção de banheiros sem ventilação direta. A prefeitura cede durante o processo de aprovação do Copan à pressão dos seus incorporadores. O precedente inaugura na cidade o período dos "Edifícios-Cidade". A decisão projetual entre ventilação

7.17 Revista Acrópole 171 [1952]



natural ou artificial gira em torno da dimensão das fachadas da unidade de habitação.

O núcleo hidráulico, e principalmente o banheiro, concentra superfícies e equipamentos caros. Mas mesmo apesar disso a transformação na composição programática das unidades durante o período estudado passa necessariamente pela duplicação das instalações sanitárias.

Mesmo no início a duplicidade das instalações se faz presente, banheiro social e banheiro de serviço são concebidos de maneira independente. A partir do 2º período [1952>1957] torna-se habitual na composição de unidades de habitação a inclusão do segundo banheiro social. Dentro dos edifícios estudados encontramos a primeira suite no Edifício Tucumán [P3.F23: 1954] de Franz Heep, a segunda suite somente surgirá no Arper [P4.F04: 1959>62] de David Libeskind. Curiosamente ele não utiliza o mesmo recurso no Arabá [P4.F05: 1960>62], construção da mesma época e de mesmo padrão. Mas, já a partir dos Edifícios Maria Anna [P4.F08: 1961>1967] de Maurício Kogan e Samuel Szpigel e Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro esta peculiaridade torna-se um modelo para unidades de habitação deste padrão construtivo.

Sem desconsiderar as possibilidades tipológicas das configurações espaciais dos banheiros e de sua composição através do agenciamento das peças sanitárias, mas dentro do raciocínio estabelecido de análise, parece mais significativo uma abordagem das estratégias de estruturação das instalações hidráulicas nas unidades de habitação. Existem no período estudado três possibilidades a serem consideradas: Paredes Hidráulicas, Barras Servidoras e Núcleos Hidráulicos.

O agenciamento das instalações hidráulicas em Paredes Hidráulicas seria o primeiro sistema a ser considerado em qualquer reflexão sobre a construção de habitações coletivas. Parte da racionalização das infraestruturas pelo compartilhamento de uma mesma parede de ambos os lados, criando "pares hidráulicos": banheiro/ banheiro ou banheiro/ cozinha. Pode-se exemplificar esta estratégia com os Edifícios Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto e Xande, IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>1951] de Carlos Frederico Ferreira, Leon Kassinsky [P2.F06: 1947>1951] de Henrique Mindlin, 20 de Setembro [P3.F20: 1954>1957] de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco, Ibatê [P3.F25: 1955>56] de Franz Heep, Normandie [P3.F27: 1956>57] de Franz Heep, Araruanas [P3.F28: 1956>58] de Franz Heep, Modular Beta [P4.F30: 1970>1972] de Abrahão Sanovicz.

Outra estratégia de organização seriam as Barras Servidoras. Este agenciamento parte de uma raciocínio construtivo mais amplo, extrapola a resolução específica da unidade de habitação ou da mera sobreposição das infraestruturas. Estabelece claramente uma estratégia espacial entre "espaços servidos" e "espaços servidores", onde estariam todos os equipamentos de infraestrutura. Os exemplos mais significativos seriam os Edifícios Esther [P1.F04: 1934>38] de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, Trussardi [P1.F14: 1941>43] de Rino Levi, Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, Japurá [P2.F08: 1947>1957] de Eduardo Kneese de Mello, Viadutos [P2.F14: 1950>1955] de João Artacho Jurado, Buenos Aires [P3.F07: 1953>1956] de Majer Botkowski, Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman, Lugano e Locarno [P4.F03: 1959>62] de Franz Heep, Albar [P4.F13: 1963>64] de Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva e Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanovicz.

P E Ç A M FOLHETOS

Água quente dia e noite

SISTEMA CENTRALIZADO

CADA APARTAMENTO EQUIPADO COM TERMOESTATO E SÍMBOLO DE ECONOMIA MÁXIMA AGRANDIMENTO E SUPLENÇÃO DA PAINTELA COMPLETA PERFEITO SERVIÇO DE CONSERVAÇÃO

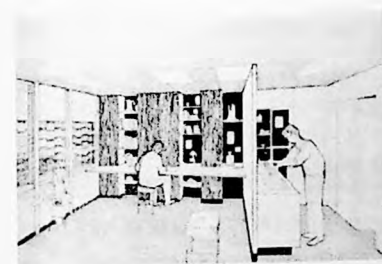
DESDE 25 ANOS MILHARES DE POSSUIDORES CONTENTES.

INDÚSTRIA ELETRO-ATLAS L.T.D.A.

AL. DOS ARAPÁ 153-715 - C.A. 0813376 - TEL. 70-4556 - SÃO PAULO

DISTRIBUIDOR: FRANCISCO BARDEL NETTO

Revista Acrópole 172 (1952)



A terceira estratégia projetual concentra as instalações em Núcleos Hidráulicos. Esta opção, assim como a anterior, parte de uma concepção construtiva de todo o edifício. Prioriza-se a compactação de todas as instalações hidráulicas – banheiros, cozinha e área de serviço – em superfícies reduzidas. Pode-se encontrar esta tipologia nos Edifícios IAPI Várzea do Carmo [P1.F17: 1942>1950] de Atílio Corrêa Lima e equipe, Louveira [P2.F03: 1946>49] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, São Vicente [P2.F10: 1948>1954] do Escritório Técnico de Lucjan Korngold, Nações Unidas [P3.F05: 1952>1959] de Abelardo de Souza, João Ramalho [P3.F09: 1953>1958] de Plínio Croce, Roberto Afialo e Salvador Candia, Lausanne [P3.F10: 1953>1958] de Franz Heep, Condemar [P4.F06: 1960>62] de Jorge Wilhelm, CRUSP [P4.F07: 1961>1963] de Eduardo Knesse de Mello e equipe [Figura 7.19], CECAP Zezinho Magalhães Prado [P4.F24: 1967>1972] de João Vilanova Artigas, Fábio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha e Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake.

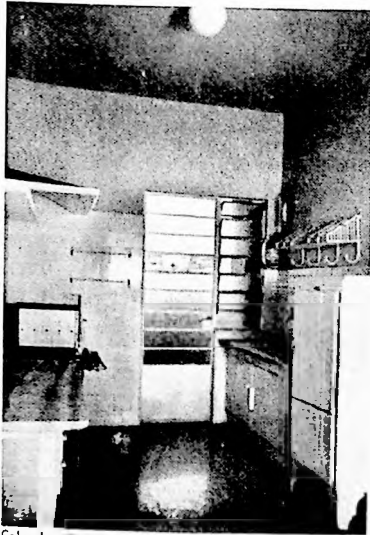
### Cozinha

Basicamente a cozinha é o lugar onde se preparam os alimentos. O que implica também em armazená-los (este aspecto será retomado adiante). Muitas vezes também é o lugar onde se comem refeições rápidas ou cotidianas, espaço conhecido como copa – assumindo a potencialidade de uma sala íntima. No Brasil o entendimento da cozinha parte da sua acessibilidade. Se a unidade de habitação apresenta somente um acesso, a cozinha necessariamente estará próxima ao vestibulo distribuidor. Temos no Brasil, e não poderia ser diferente em São Paulo, a preferência – quase exigência – por acessos independentes. Carlos Lemos sobre isso escreveu:

*“Na Europa, a unidade residencial da habitação sempre foi planejada com abstração total dos problemas relativos à criação doméstica, às circulações de serviço e às várias funções da moradia. Lá raramente as classes abaixo da média, inclusive esta, tiveram o auxílio permanente da criada doméstica, com a frequência a que nossas famílias estão acostumadas. Como nas residências isoladas, a cozinha tradicionalmente constitui uma espécie de apêndice da sala de estar do apartamento europeu – sala para a qual os dormitórios abrem as portas, pois corredores de distribuição constituem sempre uma espécie de desperdício de área construída. Nunca se cogitou de acessos especiais de serviço e seria uma aberração a existência de um quarto isolado, próximo à cozinha, para a criada doméstica”<sup>18</sup>*

Interessa reconstituir algumas questões históricas para a melhor compreensão dos elementos que compuseram a problemática da cozinha para habitações coletivas. Partimos hoje do pressuposto da cozinha concentrar o maior número de equipamentos domésticos. O fogão e a geladeira como embriões estiveram ligados às questões que determinaram os aspectos iniciais das cozinhas. Nesse sentido a disponibilidade de infraestrutura (gás e energia elétrica) foi determinante na configuração urbana de São Paulo. Especificamente no caso das cozinhas as restrições impostas era preponderantes.

Em relação ao preparo é importante lembrar que, até a década de 20, cozinhava-se à lenha ou a carvão. O gás foi,



7.20 Columbus [P1.F02: 1930>1934]

durante muito tempo, acessível somente nas principais vias dos bairros importantes próximos ao centro. Estes vetores estruturaram o adensamento e verticalização no início do processo de metropolização de São Paulo.

Dentro do aspecto relativo ao armazenamento foi determinante o advento da geladeira a partir de 1934 [Figura 7.20]. Mesmo que inicialmente somente para as família de alto poder aquisitivo. Foi um artigo de luxo para a classe média até a década de 50. Antes disso usava-se as pedras de gelo fornecidas pela Antártica.

O entendimento da necessidade de um projeto específico para a cozinha remonta as origens do pensamento moderno sobre a racionalização da arquitetura e da construção civil. E remete, no caso da cozinha, imediatamente para a experiência realizada em grande escala com todas as unidades de habitação da Colônia Römerstadt, em Frankfurt [1927>1929] de Ernst May – chefe do depto. Municipal de Construção. As unidades oferecidas incluíam importantes melhorias na organização de tarefas domésticas, em especial a famosa “cozinha Frankfurt”, desenhada pela arquiteta vienense Grete Schütte-Lihotzky [Figura 7.21]. Esta experiência paradigmática estabeleceu a necessidade de um pensamento específico, quase doutrinário.

Tem-se nos exemplos de textos publicados pela Revista Acrópole, grande órgão divulgador da arquitetura moderna em São Paulo, esta prática doutrinária como no caso em que Henrique Mindlin publica, em 1938, o artigo intitulado “Organização Racional da Cozinha” e inicia escrevendo:

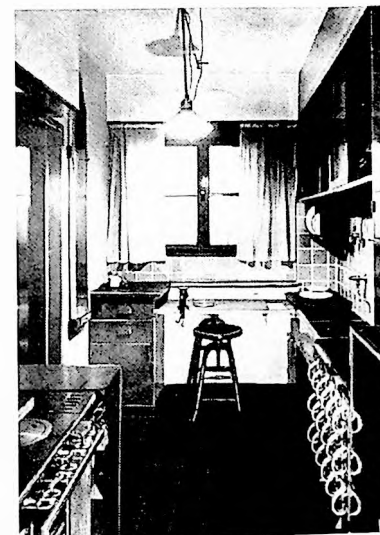
*“Nos estudos para a racionalização da arquitetura residencial, a organização eficiente da cozinha ocupa hoje um lugar importante. Assim, ao mesmo tempo que se analisa minuciosamente a disposição relativa das outras partes da habitação, dentro da cozinha procura-se coordenar todos os seus elementos, até os menores detalhes”*.<sup>19</sup>

Esta abordagem funcionalista procurava oferecer instrumentais para a transformação dos hábitos e dos espaços da cozinha. Outro artigo nessa linha foi o intitulado “Pequenas Cozinhas Racionais” de Arthur Witzig<sup>20</sup>. O título altamente sugestivo enfatizava a necessidade da redução das cozinhas a dimensões racionais, facilitando assim as atividades cotidianas. Um viés higienista também nota-se em ambos os artigos, determinando a necessidade das atividades realizadas na cozinha serem cada vez mais limpas.

Considerando a compreensão dos conceitos sobre instalações hidráulicas levantados anteriormente no item Banheiros [Instalações Sanitárias] pode-se avançar no entendimento das cozinhas através das rotinas de trabalho [armazenamento, preparação, lavagem, limpeza, cozimento e arrumação de pratos a serem servidos] e das formas decorrentes para melhor atendê-las.

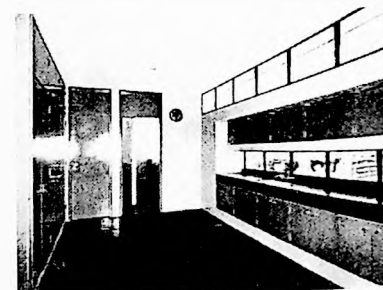
Pode-se considerar basicamente quatro tipologias de Cozinha: Bancada Linear Simples, Bancada Linear Dupla, Bancada em L e Bancada em U.

A Bancada Linear Simples considera a situação mais compacta, associando habitualmente a bancada a uma parede hidráulica. A rotina de preparação dos alimentos se organiza linearmente de forma seqüencial. Pode-se citar como exemplo os Edifícios Barão de Limeira [P1.F09: 1938>1940] de Gregori Warchavchik, IAPI Mooca [P2.F04: 1946>1950] de Paulo Antunes Ribeiro, IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>1951] de Carlos Frederico Ferreira, Cia. Seguradora Brasileira [P2.F07: 1947>1953]

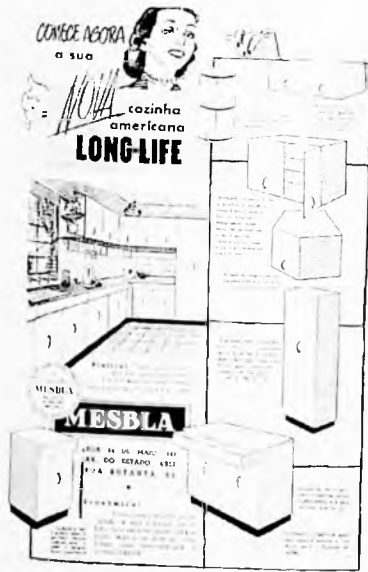


“Cozinha Frankfurt” [1927>1929]

7.21



7.22



77.23

Rino Levi e Roberto Cerqueira César, Pilotis [P2.F09: 1948>1951] de Francisco Beck, Normandie [P3.F27: 1956>57] de Franz Heep, Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman, Maria Anna [P4.F08: 1961>67] de Kogan e Szpigel [Figura 7.22] e CECAP Zezinho Magalhães Prado [P4.F24: 1967>1972] de João Vilanova Artigas, Fábio Penteado e Paulo Mendes da Rocha.

O caso específico do Edifício Normandie, composto de “apartamentos-conjugados”, representa o caso mínimo das possibilidades de bancada de trabalho, sobre isso Carlos Lemos escreve:

*“Aqui em São Paulo, a partir de 1949-50, houve o incremento de construções de prédios de apartamentos ditos “econômicos” no centro da cidade, destinados aos solteiros, ou casais sem filhos, que passassem todo o dia no trabalho. Foram inspirados nos apartamentos de quarto e banheiro dos hotéis, alguns deles vendidos rapidamente em condomínio por hoteleiros frustrados, que preferiram a corretagem à profissão, naquela época pouco rendosa. Verificou-se, então, a existência de grande demanda desse tipo de morada, pejorativamente chamada de ‘apartamento-já-vi-tudo’. A Prefeitura aceitou esse programa, até então inédito em apartamentos residenciais tradicionais e passou a aprová-los em quantidade, com uma condição porém: não podiam possuir cozinhas diretamente acessíveis pelos quartos ou banheiros. Providência inútil, porque, dentro dos armários embutidos, ou nas passagens da porta de entrada, os incorporadores deixavam pontos de gás e de água clandestinos, destinados às kitchenettes dos futuros usuários”.*<sup>21</sup>

Outra possibilidade, naturalmente um desdobramento da anterior, é a Bancada Linear Dupla. Nesta situação a seqüência de preparação de alimentos se dá em duas bancadas, provocando uma circulação transversal ao espaço. O inconveniente é o cruzamento de quem está envolvido na rotina com quem simplesmente está de passagem. Encontra-se esta tipologia nos Edifícios Porchat [P1.F11: 1940>1942] e Trussardi [P1.F14: 1941>43] de Rino Levi, IAPI Várzea do Carmo [P1.F17: 1942>1950] de Atílio Corrêa Lima e equipe, Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, Louveira [P2.F03: 1946>49] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, Leon Kassinsky [P2.F06: 1947>1951] de Henrique Mindlin, João Ramalho [P3.F09: 1953>1958] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia, Caciue [P3.F19: 1954>1956] de Miguel Badra Jr., Diana [P3.F33: 1957>60] de Victor Reif, Cajuá [P4.F10: 1962>64] de José Luiz Fleury de Oliveira, Abaeté [P4.F15: 1963>68] e Fiandeiras [P4.F32: 1972>1975] de Abrahão Sanovicz.

A terceira tipologia, Bancada em L, oferece uma relação conveniente entre etapas de trabalho e distâncias a serem percorridas, a desvantagem é que gera cozinhas de grande superfície. Os exemplos mais significativos seriam os Edifícios Palacete Suzanne [P2.F02: 1946>1947] de M. Oliveira, Ibirapuera [P3.F31: 1957>1958] de Ricardo Jafet Jr. e Michel Jafet, Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro e Santa Cândida e Santa Francisca [P4.F20: 1964] de Salvador Candia.

A última possibilidade, Bancada em U, e a mais funcional tem a virtude de separar a circulação pela cozinha do circuito da rotina de trabalho. Encontra-se esta tipologia nos Edifícios Franco da Rocha [P3.F06: 1953>1954] de Abelardo de Souza, Imperator [P3.F17: 1954>1956] de Vaindergorn e Verona e Arper [P4.F04: 1959>62] de David Libeskind.

## Lavanderia ou Área de Serviço

No caso das habitações coletivas a lavanderia geralmente se configura como um varanda externa vinculada à cozinha. Sobre a origem desta configuração e relação Carlos Lemos escreve:

*“...nos programas das casas paulistas, tanto as da roça como as urbanas, a varanda é anexa à cozinha”<sup>22</sup>.*

A diferença está que neste caso também era a varanda que servia de conexão com as outras dependências da casa.

Mas para entender claramente a participação deste setor tanto na configuração programática como espacial das unidades de habitação, se faz necessário considerar o ciclo do tratamento da roupa [armazenamento de roupas sujas, lavagem, secagem e passagem]. A lavagem das roupas depende de no mínimo um tanque e espaço adequado para secagem (ventilação e iluminação). A máquina de lavar chega depois, somente de maneira acessível na década de 70.

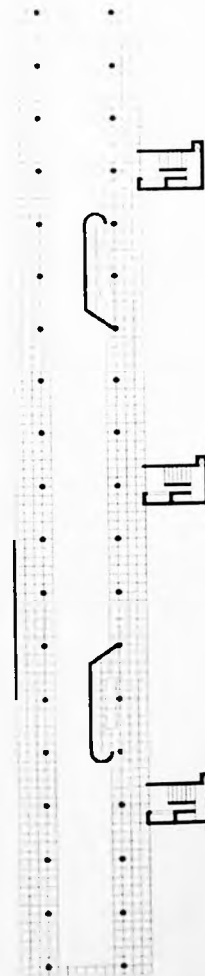
Esta árdua e extensa rotina doméstica exige áreas proporcionais à quantidade de habitantes por unidade de habitação e relações espaciais adequadas.

Para tanto, a proximidade entre o setor íntimo (dormitórios) e o de serviço (lavanderia) é bastante desejada na rotina doméstica devido à relação funcional entre lavanderia e dormitórios. Como já foi visto nos de sistema de circulação existem possibilidades de ligação. A primeira apresenta a ligação direta. No Edifício Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanoviz encontramos um cômodo interno que serve de ligação transversal entre o setor íntimo e a lavanderia, assim como no Edifício Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake. Já no Edifício Promenade [P4.F29: 1968>1970] de Miguel Juliano o acesso é direto e franco no trecho final do corredor.

A segunda variação, mais usual, apresenta a ligação entre o setor íntimo e a lavanderia através da cozinha. Pode-se exemplificar esta relação com os Edifícios Trussardi [P1.F14: 1941>43] e Prudência [F18: 1944>48] de Rino Levi, onde em escalas distintas apresentam essa relação entre os dormitórios e a lavanderia. Verifica-se isso também nos Edifícios Louveira [P2.F01: 1946>1949], João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, Lausanne [P3.F10: 1953>58] e Ouro Preto [P3.F30: 1957>58] de Franz Heep, Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman e Giselle [P4.F27: 1968>72] de Telésforo Cristofani.

A opção por lavanderias coletivas sempre foi uma exceção. Ela está vinculada sempre às habitações de interesse social, obviamente com unidades de dimensões mínimas. Dentro da busca da síntese espacial vale destacar o Edifício Japurá [P2.F08: 1947>1957] de Eduardo Kneese de Mello, onde as unidades duplex oferecem a associação do ciclo de tratamento da roupa com instalações sanitárias, decisão projetual claramente influenciada por algumas experiências européias. Descreve o arquiteto: *“No banheiro está localizado um pequeno tanque de lavar roupa”*.

Podemos citar ainda dentro do período estudado em São Paulo a proposta original para o IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>1951] de Carlos Frederico Ferreira [Figura 7.24], onde o térreo livre recebia elegantemente dois núcleos de lavanderia coletivas por bloco. Posteriormente o térreo foi fechado para oferecer vagas individuais para automóveis.



## Dependências de Empregada

Em "Casa Grande & Senzala", Gilberto Freire já explicava a persistência desta relação tão peculiarmente brasileira. Carlos Lemos comenta:

*"No subconsciente, a criada ainda é a escrava de presença desagradável. O seu quartinho abrindo porta para o terraço do tanque de lavagens ainda é a senzala."*<sup>23</sup>

Senzala ou não, as dependências de empregada raramente ganharam dimensões dignas de habitação. Sendo assim, muitas vezes pela impossibilidade de alojar alguém, foram usados também como depósito. Esta dualidade, explorada pelo mercado imobiliário para maximizar rentabilidades, gerou através de uma composição programática dúbia das unidades de habitação uma relação hipócrita com o Código de Obras. Lemos sobre isso escreve:

*"Aliás, oficialmente, sempre a empregada doméstica inexistiu nos projetos de apartamentos porque seu dormitório pediria área compatível com os mínimos legais. Sempre os quartos de empregadas apareciam nas repartições oficiais, nos processos de aprovação de planta como despensas, depósitos ou rouparias. Em algumas cidades, São Paulo entre elas, através dos Códigos de Obras Municipais, tentou-se combater a mentira flagrante exigindo-se área razoável para qualquer cômodo pertencente à zona de serviço, qualquer que seja o seu destino."*<sup>24</sup>

A partir da revisão do Código de Obras de 1952, que tentava adequar a legislação urbana da cidade ao "boom" da construção civil, a Prefeitura de São Paulo priorizou o controle da unidade de habitação na tentativa infrutífera de qualificar a habitação coletiva.

No que diz respeito a dependência de empregada Lemos exemplifica esta diretriz municipal:

*"... numa das portarias municipais de São Paulo (Lei Municipal nº 4615, de 13 de janeiro de 1955) vemos que é permitido um compartimento (qualquer que seja a sua denominação) nas zonas de serviço, contanto que abra janelas para área interna dimensionada segundo as exigências do artigo que trata da insolação das peças de permanência diurna e que também satisfaça as seguintes condições:*

- a) área mínima não inferior a 6 m<sup>2</sup> e não superior a 7 m<sup>2</sup>;*
- b) menor dimensão não inferior a 2 metros;*
- c) pé-direito não inferior a 2,50 metros."*<sup>25</sup>

## Espaços para armazenamento

Independentemente do padrão ou tamanho das unidades as necessidades domésticas exigem espaços para o armazenamento dos mais distintos suprimentos do habitar – alimentos, materiais de limpeza, roupas de cama e banho, vestimentas,

etc. Na década de 30 os armários embutidos ainda não faziam parte do raciocínio programático das unidades de habitação. Por tanto, esta necessidade era atendida por móveis ainda desenhados para residenciais unifamiliares.

A partir da reflexão sobre o problema dos espaços de armazenamento, como no caso dos Edifícios Columbus [P1.F02: 1930>1934], Nicolau Schiesser [P1.F03: 1933>1934] e Hygienopolis [P1.F05: 1935>1936]. Guarany [P1.F07: 1936>1942], todos de Rino Levi, encontram-se pares de pequenas despensas geralmente locadas com uma certa centralidade. Uma atendendo à cozinha e a outra ao setor social. Ou concentradas no setor de serviço como no Edifício Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto e Xande.

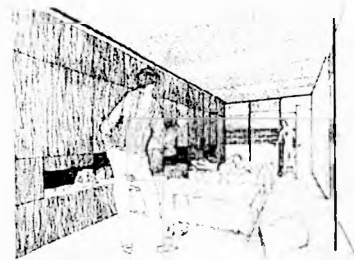
Com o passar dos anos a incorporação da despensa como item programático foi gradativamente diminuindo, mas encontrou variações de cômodos para armazenamento como no Edifício Cia. Seguradora Brasileira [P2.F07: 1947>1953] Rino Levi e Roberto Cerqueira César. Outra opção, neste caso nos duplex, é o aproveitamento do espaço embaixo da escada como nos Edifícios Guapira e Icatú [P3.F02: 1952>1953] de Eduardo Kneese de Mello.

Os armários embutidos talvez tenham surgido pela primeira vez em São Paulo no final da década de 30, no Edifício Barão de Limeira [P1.F09: 1938>1940] de Gregori Warchavchik. Para a existência deles era necessário reestruturar o pensamento de configuração dos cômodos oferecendo nichos adequados para o seu recebimento. Depois desta primeira experiência rapidamente esta solução foi aplicada irrestritamente e pode ser encontrada em todos os períodos.

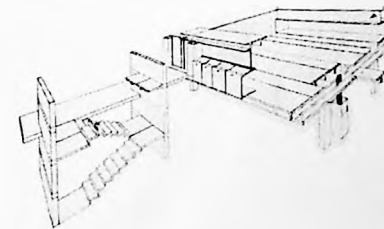
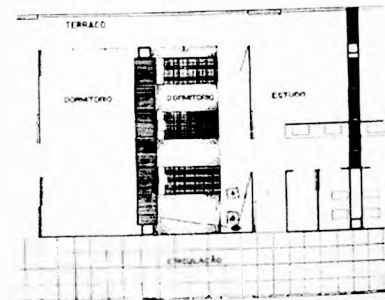
Mas a grande mudança no conceito de espaços oferecidos para o armazenamento veio no início do 3º período [1942>1952] com o projeto do Edifício Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César. Além dos dormitórios tratados adiante, a vértebra estruturadora revelava a potencialidade dos espaços de circulação como grandes espaços depositários. Pode-se demonstrar isto com outro dois exemplos, os Edifícios Louveira [P2.F03: 1946>49] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi e João Ramalho [P3.F09: 1953>1958] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia. Dentro do desdobramento destaca-se também outros dois casos que ao serem agenciados por este grande eixo armazenador anexa outros espaços para este fim, como nos Edifícios Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanovicz e Parque Trianon [P4.F28: 1969>72] de Paulo Bruna.

No 3º período [1952>1957] com o surgimento dos edifícios de grande densidade que eram compostos na sua maioria por *kichnettes*. Parece interessante inclui-los na reflexão dos espaços de armazenamento por que estas unidades mínimas são compostas por apenas quatro elementos programáticos. Uma sala/ dormitório, um banheiro, uma cozinha e um armário. O espaço de armazenamento comparece na estruturação destas unidades de habitação como podemos verificar no Edifício Normandie [P3.F27: 1956>57] de Franz Heep.

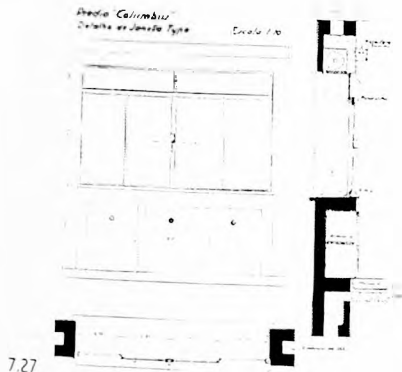
O último aspecto a ser considerado diz respeito à reestruturação do espaço construído da unidade de habitação através dos armários como elementos complementares e configuradores. Retomando o projeto do Edifício Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, pode-se lembrar a flexibilidade do setor íntimo e as suas diversas possibilidades de configuração. Isto abre um precedente interessante, mesmo que em pequena escala, como no Edifício Nações Unidas [P3.F05:



7.25



7.26



1952>1959] de Abelardo de Souza onde a inserção transversal de armários no setor íntimo das unidades tipo A configura dois dormitórios. Dentro deste raciocínio destacam-se projetos que desenvolveram o conceito das “paredes-armários” e da planta livre levada às últimas conseqüências como nos Edifícios do CRUSP [P4.F07: 1961>63] de Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira [Figura 7.25], Santa Cândida e Santa Francisca [P4.F20: 1964] de Salvador Candia.

Somado a isto, uma variação própria da década de 60 é a utilização de elementos pré-fabricados de vedação externa com a parte inferior em formas receptivas para espaços de armazenamento [Figura 7.26] como nos Edifícios do CECAP Zezinho Magalhães Prado [P4.F24: 1967>1972] de João Vilanova Artigas, Fábio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha e Fiandeiras [P4.F32: 1972>1975] de Abraão Sanovicz, que na realidade desenvolvem o conceito já considerado por Rino Levi no Columbus [P1.F02: 1930>1934] [Figura 7.27] e Cia. Seguradora Brasileira [P2.F07: 1947>1953].

### Varandas e Balcões

Inicialmente é necessário destacar as diferenças entre varandas e balcões. A varanda por essência é uma subtração do volume do edifício, é um espaço interno protegido, intimamente resguardado das intempéries e das vistas externas, um espaço de sombra. Já um balcão é uma saliência, uma projeção de um elemento arquitetônico, um espaço externo de exposição, de luz. Dentro deste raciocínio, o terraço seria simplesmente um espaço externo descoberto, geralmente vinculado à cobertura [Figura 7.28] dos edifícios ou a unidades de habitação de cobertura ou ainda em situações de escalonamento dos pavimentos como nos Edifícios Buenos Aires [P1.F10: 1938] de Lindenberg e Assumpção, Maria Tereza [P1.F12: 1940>1943] de S. Vitali e Imperator [P3.F17: 1954>1956] de Vaindergorn e Verona [Figura 7.29].

Nas residências unifamiliares as varandas ou os alpendres são elementos que servem como filtro do exterior, servindo como ponto de vigília. Elemento de controle não só visual e social, mas também climático. No caso específico de São Paulo a varanda não pode ter muita profundidade, pois é conveniente que as paredes externas, no inverno, sejam aquecidas para que à noite possam liberar calor estimulante contra o intenso frio<sup>26</sup>. No caso das Habitações Coletivas, comparadas às residências unifamiliares, são intervenções em menor escala, quase pontuais. Mesmo assim pode-se considerá-las geralmente como reserva de sol e calor<sup>27</sup>. A varanda não é um elemento elitizante pois há exemplos de sua aplicação nos projetos desenvolvidos para os Institutos Previdenciários como nos casos do IAPI Mooca [P2.F04: 1946>1950] de Paulo Antunes Ribeiro e IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>1951] de Carlos Frederico Ferreira.

Em São Paulo podemos encontrar três tipologias de varandas: Profundas, Extensas e Internas. As varandas Profundas se apresentam como perfurações da fachada onde se vêem os vãos mas não as esquadrias. São vãos reentrantes e todas as aberturas dão a sensação de volumes esculpidos<sup>28</sup> [Figura 7.30] como nos exemplos do Edifícios à Av. Angélica [P1.F01: 1927>1935] de Júlio de Abreu Jr., Columbus [P1.F02: 1930>1934] e Hygienopolis [P1.F05: 1935>1936] de Rino Levi, Barão de



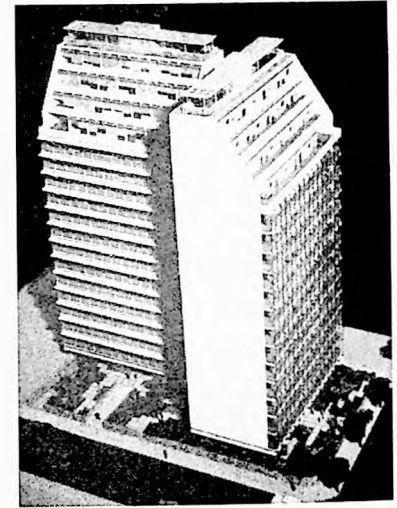
Limeira [P1.F09: 1938>1940] de Gregori Warchavchik, Hubert [P2.F13: 1945] de Oscar Souza Pinto e Erico Brann, João Ramalho [P3.F09: 1953>1955] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia e Maria Anna [P4.F08: 1961>67] de Mauricio Kogan e Samuel Szpigel. As possibilidades de composição destes volumes esculpidos ofereceram algumas experiências interessantes, como dos Edifícios Icarai [P3.F23: 1955>56] e Araruanas [P3.F28: 1956>58] de Franz Heep e Manaus [P3.F34: 1957] de Israel Galman.

Já as varandas Extensas apresentam por essência um sentido de horizontalidade, ocupando por vezes toda a extensão da fachada principal da unidade. Se a varanda profunda se expressa individualmente, o sentido de continuidade da varanda extensa provoca habitualmente a junção visual com as varandas de outras unidades vizinhas enfatizando o sentido de horizontalidade, já comentado, para todo o volume do edifício. Verifica-se esta tipologia de varandas nos Edifícios Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto.Xande, Porchat [P1.F11: 1940>1942] e Trussardi [P1.F14: 1941>43] de Rino Levi, Santa Amália [P1.F16: 1942>1943] de Lucjan Korngold, Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, Pilotis [P2.F09: 1948>1951] de Francisco Beck, Lili [P2.F12: 1948] de Giancarlo Palanti, Viadutos [P2.F14: 1950>1955] de João Artacho Jurado, Imperator [P3.F17: 1954>1956] de Vaindergorn e Verona e Arper [P4.F04: 1959>62] de David Libeskind.

Dentro desta tipologia cabe destacar a varanda extensa das unidades do Edifício Lausanne [P3.F10: 1953>1958] de Franz Heep [Figura 7.31]. De certa forma nos faz lembrar Lúcio Costa, que ao projetar [1948>1954] o conjunto do Parque Guinle, no Rio de Janeiro, [Figura 7.32 e 7.33] insere de maneira inteligente e sensível, para habitações coletivas, varandas como áreas de transição, utilizando vedação de cerâmica numa reinterpretação dos *mucharabis*<sup>29</sup>. Também como referência podemos lembrar do Edifício Antonio Ceppas [1946] de Jorge Machado Moreira, também no Rio de Janeiro – menção honrosa na Bienal de 1953. Já Heep utilizou venezianas em painéis móveis, o que conferiu à varanda uma flexibilidade não obtida por Lucio. Isto parece ser um desdobramento da solução utilizada por José Antonio Coderch e Manuel Valls [1951>1955] para o Edifício de Habitações [Figura 7.34 e 7.35] do Instituto Social da Marinha em Barcelona, com a adição da mobilidade dos painéis que proporciona ao edifício uma dinâmica fachada multicolorida.

A terceira tipologia de varandas diz respeito a um desdobramento das duas anteriores. A diferença fundamental das varandas Internas em relação às outras duas é que estas funcionam como um jardim de inverno, muito mais uma extensão da sala do que um elemento externo de transição. Encontra-se em São Paulo alguns poucos exemplos, mas sem dúvida significativos, como nos Edifícios Louveira [P2.F03: 1946>49] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, Eiffel [P3.F08: 1953>1956] de Oscar Niemeyer, Nove de Julho [P3.F15: 1954>1956] de Eduardo Corona e Manon [P4.F18: 1964>65] de Victor Reif.

Já os Balcões são pontuais projeções de metragens geralmente reduzidas. Não há variações tipológicas significativas nos balcões, nada que justifique uma classificação. Pode-se simplesmente dividi-los em exemplos pelo agenciamento da multiplicação deste elemento na composição de fachadas. Surgem então, fachadas simétricas como nos Edifícios Dona Veridiana [P1.F13: 1940] de Francisco Beck, Jurua [P3.F24: 1955>1956] de Eduardo Kneese de Mello, Ibaté [P3.F25: 1955>56] de Franz Heep, Ouro Preto [P3.F30: 1957>1958] de Franz Heep, Ibirapuera [P3.F31: 1957>1958] de Ricardo Jafet Jr. e Michel Jafet, Condomar [P4.F06: 1960>62] de Jorge Wilhelm, Conselheiro Alves [P4.F09: 1962>1963] de Israel Sancovsky e Parque Higienópolis



7.29



7.30

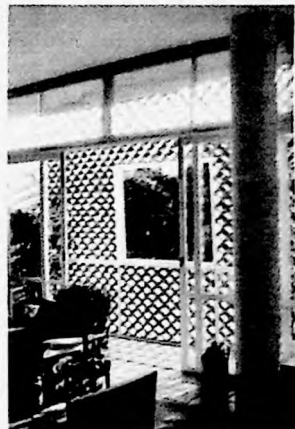
7.31



7.32



7.33



7.34

7.35



7.37



[P4.F23: 1966>1969] [Figura 7.36].

A outra possibilidade de composição de balcões resulta em fachadas assimétricas [Figura 7.37] como nos Edifícios Leon Kassinsky [P2.F06: 1947>1951] de Henrique Mindlin, Três Marias [P3.F16: 1954>1956] de Abelardo de Souza, Santa Margarida [P3.F32: 1957>1958] de Gregori Warchavchik e Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman.

## 7.2 A IDÉIA DE PLANTA

*“Na verdade, a planta de um edifício nada mais é do que uma projeção abstrata no plano horizontal de todas as suas paredes, uma realidade que ninguém vê a não ser no papel. (...) Não obstante, a planta ainda é o único meio com que podemos julgar a estrutura completa de uma obra arquitetônica: todo arquiteto sabe que a planta é um elemento que, mesmo não sendo por si só suficiente, tem uma acentuada proeminência na determinação do valor artístico. (...) Quando Le Corbusier fala do plan générateur, ele não contribui para o progresso da compreensão da arquitetura antes gera nos seus seguidores uma mística da estética da planta que não é menos formalista do que a estética mural das beaux-arts; contudo, ele denuncia uma realidade.”<sup>30</sup>*

A idéia inerente de uma planta tipo de uma habitação coletiva nada mais é do que a interpretação que faz o arquiteto da forma de morar coletivamente. A idéia essencial desta planta se expressa na organização interna de uma unidade habitacional, cujas possibilidades e limitações derivam do grau de abertura ou confinamento dos espaços, das rotas de circulação e da relação ou isolamento das funções.

Provavelmente a maior contribuição de Le Corbusier — dentro dos seus cinco pontos para a nova arquitetura — tenha sido a divulgação da planta livre. Para reforçar este ponto da questão revolucionária da planta a partir do conceito de espaço, citando Argan: *“...isto explica o porquê do espaço moderno ser um espaço dimensional e direcional, em oposição ao espaço renascentista, que é proporcional e simétrico.”<sup>31</sup>*

Entretanto, a planta livre não é um conceito desenvolvido por todo o movimento moderno. Tem sido interpretada e trabalhada de maneiras distintas. No caso específico deste trabalho, a abordagem se faz estritamente através da habitação coletiva produzida na cidade de São Paulo. As plantas não oferecem toda explicação de um projeto, mas a essência da intenção do projeto é muito mais clara nelas do que em qualquer outro elemento de representação gráfica<sup>32</sup>. Por outro lado, isso remete ao pensamento do termo *“processo de aprovação de planta”* que de certa forma explicita a abordagem adotada para a avaliação e aprovação de um projeto arquitetônico nos órgãos competentes.

São inúmeras as linhas de abordagem sobre organização da planta. Poderíamos citar Klein, Cambi, Sherwood, Haraguchi, Schneider ou Deilmann, como referências estudadas que constam na bibliografia. O enfoque destes autores interessa especificamente pelo direcionamento dado à reflexão sobre a planta de habitação. Utilizando as suas reflexões como apoio para



7.36

especificamente pelo direcionamento dado à reflexão sobre a planta de habitação. Utilizando as suas reflexões como apoio para a sistematização do objeto de estudo escolhido, foram desenvolvidos conceitos tipológicos através da análise a sistematização do objeto de estudo escolhido, foram desenvolvidos conceitos tipológicos através da análise da coleção de exemplos de habitações coletivas em São Paulo de 1928 a 1972.

### A organização da Unidade de Habitação

A idéia essencial de planta se expressa na organização interna da Unidade de Habitação, cujas possibilidades e limitações derivam do grau de abertura ou confinamento dos espaços, de seus vínculos e agrupamentos, das conexões ou isolamento das funções, dos percursos cotidianos, da insolação adequada, do número de habitantes e das relações desejadas entre eles.<sup>33</sup>

A partir de uma reflexão sobre as tipologias propostas por Friederike Schneider no seu *"Atlas de Plantas"* podemos considerar genericamente a existência de três abordagens possíveis quando se pensa a organização de uma Unidade de Habitação. Qualquer que seja a abordagem, ela não elimina as outras, simplesmente estabelece uma diretriz de raciocínio. Tampouco estabelecem parâmetros indissolúveis, variações tipológicas provocam aproximações que geram dualidade em vários casos. Sem deixar de considerar, por causa disso, muitas vezes a impossibilidade de classificar determinadas propostas encontradas.

Uma primeira abordagem prioriza as "relações espaciais". Nestes casos surgem duas tipologias de plantas, uma que, estabelece uma clara hierarquia espacial, subordinam tudo à experiência de um determinado espaço [planta cêntrica], e outra, que fortalece a relação entre os espaços através da ênfase no percurso, como uma *"promenade architecturale"* [planta fluida].

Entretanto, uma segunda abordagem de planta expressa a concepção de habitação como "lugar das relações humanas", cujos espaços recorrem a toda uma gama que vai desde o mais coletivo até o mais profundo individual, repercutindo desta forma na estruturação interna de toda planta. O resultado pode se expressar através da organização das atividades cotidianas [planta setorizada], ou por uma tipologia em que a prioridade seja favorecer a intimidade das atividades cotidianas [planta axial]. Evidentemente, deve-se sempre ser levado em conta que as "relações humanas" influenciam naturalmente qualquer tipo de organização de planta.

Mas as "relações humanas" não podem ser consideradas como constantes e imutáveis. Nestas condições uma terceira abordagem se faz possível através das "relações funcionais". Continuamente, durante o século XX, se fazem novas tentativas para conseguir com que as plantas sejam modificáveis ou extensíveis, preservando as infraestruturas [planta flexível]. Outra

possibilidade funcional é a que considera a organização das atividades ao longo de um percurso [planta circuito].

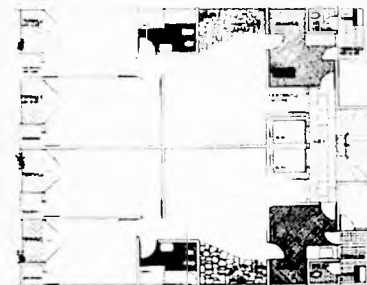
#### A Planta Cêntrica

A planta da unidade se desenvolve entorno de uma sala de estar, que é central e distribuidora das circulações que passam por ela. Esta organização permite aumentar a área da sala, já que economiza espaços de distribuição, e pode inclusive, reduzir a superfície de outros cômodos em benefício dela. Este desenho favorece muito a comunicação, mesmo que em prejuízo da intimidade. Verifica-se esta tipologia nos Edifícios Maria Tereza [P1.F12: 1940>43] de S. Vitali, Nove de Julho [P3.F15: 1954>55] de Eduardo Corona e principalmente o Fiandeiras [P4.F32: 1972>75] de Abrahão Sanovicz. Esta tipologia pode ter surgido, como propõe Schneider, da organização espacial dos antigos monastérios, com seus salões e celas<sup>34</sup> enfatizando seu sentido coletivo.

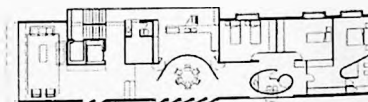
Desta forma, a unidade de habitação tem um centro altamente definido, ao passo que o restante dos cômodos um papel bastante neutro e secundário enquanto desenho e função. A sala de estar também pode se definir como um amplo espaço absolutamente interno cuja configuração está definida pela posição dos ambientes adjacentes como nos Edifícios Hygienópolis [P1.F05: 1935>36] de Rino Levi e Manaus [P3.F34: 1957] de Israel Galman [Figura 7.38]. Convém que as circulações através da sala de estar sejam pensadas de maneira que não comprometam as atividades coletivas. Em alguns casos, como nos Edifícios de Júlio de Abreu [P1.F01: 1927>35] e Columbus [P1.F02: 1930>34] de Rino Levi, as unidades de habitação possuem um vestíbulo que inclui o acesso secundário. É claro que o modelo de sala de estar central não exige que esta se encontre no centro geométrico da unidade.

#### A Planta Fluida

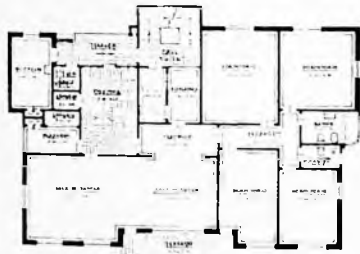
Este tipo de planta prioriza a relação entre os espaços através da ênfase no percurso, como uma "*promenade architecturale*". Os ambientes raramente estão desvinculados da circulação, fluem um após o outro oferecendo referências visuais e estimulando o percurso. As unidades deste tipo aparentam ser maiores e mais abertas do que realmente são e os cômodos sempre apresentam uma relação com o conjunto. Podem ocorrer desníveis proporcionando uma maior diversidade espacial e a fluidez do espaço pode ser reforçada pelo uso da luz como protagonista do percurso como ocorre no Edifício Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro [Figura 7.39]. A tipologia de unidades em duplex que apresentam a sala de estar com o pé direito duplo, como no Edifício Esther [P1.F04: 1934>38] de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, trabalha mais com as relações visuais do que com a proximidade imediata. Neste caso específico, um acesso no pavimento superior permite absoluta independência, de maneira que a separação entre o coletivo e o individual possa ser



7.38



7.39



7.40

resolvida.

### A Planta Setorizada

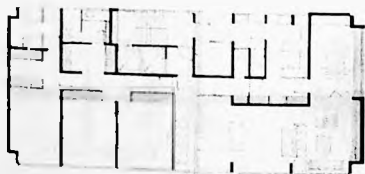
Existem inúmeros casos em que claramente notam-se os diferentes setores funcionais de uma unidade de habitação: estar, íntimo e serviço. Há uma opção preferencial brasileira, seja para qual for a classe social que se destine, pelo zoneamento interno das Unidade de Habitação. O objetivo deste tipo de planta é permitir um desenvolvimento pleno e sem interferências das funções domésticas cotidianas. O habitante pode desfrutar de uma maior liberdade e intimidade. Cada setor tem a sua própria circulação, que por sua vez, podem confluir no vestíbulo de entrada como nos Edifícios Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto e Xande [Figura 7.40], Lili [P2.F12: 1948] de Giancarlo Palanti, Hubert [P2.F13: 1948] de Oscar Souza Pinto e Erico Brann, Pilotis [P2.F09: 1948>50] de Francisco Becker, Arper [P4.F04: 1959>62] de David Libeskind, Lagoinha [P4.F01: 1959>60] de Carlos Millán, Conselheiro Alves [P4.F09: 1962>1963] de Israel Sancovsky, Baía Mar [P4.F14: 1963>64] de Francisco Beck, Manon [P4.F18: 1964>1965] de Victor Reif e Gemini I e II [P4.F26: 1968>1971] de Eduardo de Almeida.

Entretanto, uma variação deste tipo representa o exemplo mais encontrado de planta setorizada, onde a organização se dá através de um único percurso que passa pelo estar. O acesso ao setor de serviço encontra-se vinculado diretamente ao estar como nos Edifícios Buenos Aires [P1.F10: 1938] de Lindenberg e Assumpção, IAPC Anchieta [P1.F15: 1941>1943] de Marcelo Roberto e Milton Roberto e Franco da Rocha [P3.F06: 1953>1954] de Abelardo de Souza ou pela circulação da unidade o que permite a relação funcional do setor íntimo com o de serviço de maneira franca como nos Edifícios IAPI Várzea do Carmo [P1.F17: 1942>1950] de Atílio Corrêa Lima, Alberto de M. Flores, Hélio U. Cavalcanti, José T. da Silva, Nações Unidas [P3.F05: 1952>1959] de Abelardo de Souza e Rossi Leste [P4.F11: 1962>1965] de Marcello Fragelli.

Nos apartamentos duplex a organização dos setores é vertical. Geralmente a entrada se dá pelo nível do setor de estar e serviço destinando o outro pavimento exclusivamente para o setor íntimo. O vínculo entre os setores é estabelecido apenas pela escada como pode ser observado por exemplo, nos Edifícios IAPC Anchieta [P1.F15: 1941>43] dos Irmãos Roberto, Japurá [P2.F08: 1947>57] e Guapira e Icatú [P3.F02: 1952>53] de Eduardo Knesse de Mello e Eiffel [P1.F08: 1953>56] de Niemeyer.

### A Planta Axial

A unidade de habitação de planta retangular se organiza segundo um eixo, ao longo do qual os ambientes estão dispostos um a um. Podem ser distribuídos somente de um dos lados do eixo perimetral de circulação, como no Edifício Tamar [P4.F17: 1964>1965] de Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva. Neste caso, a organização unilateral produz uma agradável



7.41

sensação de clareza na circulação da unidade.

A outra opção, mais usual, distribui os ambientes de ambos os lados do eixo ordenador. Prioritariamente, a sala e os dormitórios principais se organizam na borda da fachada principal do edifício, enquanto que na borda posterior são locados a cozinha, área de serviço e infraestruturas sanitárias. Verifica-se esta tipologia no Edifícios Prudência [P2.F02: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, João Ramalho [P3.F09: 1953>1958] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia, Diana [P3.F33: 1957>60] de Victor Reif, Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman, Lugano e Locarno [P4.F03: 1959>62] de Adolf Franz Heep, Arabá [P4.F05: 1960>62] de Daniel Libeskind, Condemar [P4.F06: 1960>62] de Jorge Wilhelm, Albar [P4.F13: 1963>64] de Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva, Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanovicz, Saint Bernard e Saint Gothard [P4.F21: 1965] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Giancarlo Gasperini e Parque Trianon [P4.F28: 1969>72] de Paulo Bruna [Figura 7.41].

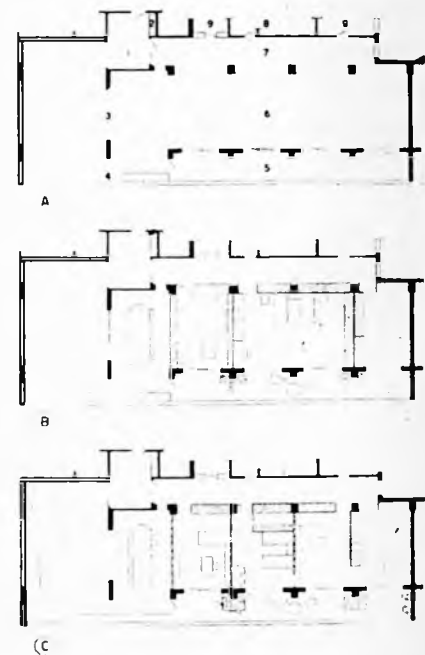
O acesso à unidade pode realizar-se de forma axial (pelo eixo) ou ortogonal (perpendicular a algum ambiente). Em ambos os casos, a distribuição da unidade é imediatamente perceptível. As extremidades do eixo resultam em algo especialmente importante, na maioria dos casos a sala de estar estrutura uma das extremidades e o dormitório principal (suite) a outra.

#### A Planta Flexível

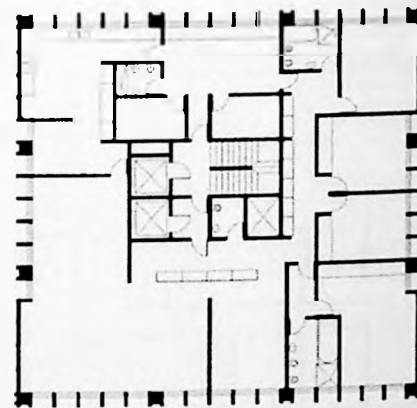
A solução mais adequada para as contradições surgidas do confronto das necessidades de industrialização da construção com a transformação familiar – tamanho, composição e hábitos – seria a possibilidade de transformação e de flexibilidade do espaço doméstico. No caso específico da habitação coletiva, parte-se do princípio da impossibilidade da alteração dos vedos externos. Seria a adoção de três dos cinco pontos da arquitetura de Le Corbusier, – estrutura independente, composição livre da planta e composição livre da fachada – permitindo mudanças significativas da configuração interna dos “espaços servidos” das unidades, já que os espaços que concentram as infra-estruturas também assumem uma importante função estrutural e impossibilitam alterações significativas.

Assim, a flexibilidade se restringe aos “espaços servidos”: cômodos de caráter neutro que possam ser designados a diferentes usos ou à união de dois ou mais em um só. As formas e o tamanho dos cômodos podem modificar-se até certo ponto, intercalando-se elementos móveis ou de fácil desmonte.

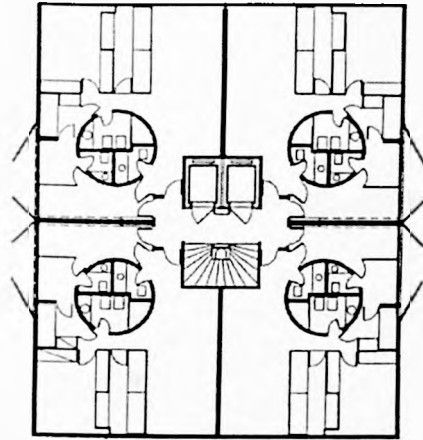
As experimentações projetuais e construtivas, especificamente em São Paulo, com a intenção de resolver o problema do habitar coletivo através de plantas flexíveis são raras e relativamente infrutíferas. A prática tem demonstrado que a maioria dos habitantes desconsideram a potencialidade de transformação, mesmo que de parte, do espaço habitacional. Os edifícios e as unidades de habitação seguem sendo considerados pela maioria algo estático, espaços imutáveis. Há uma preferência inerente pela adaptação dos habitantes ao espaço existente.



7.42



7.43



7.44

Em todo caso temos por aqui experiências significativas, curiosamente restritas aos Períodos II [1942>1952] e IV [1957>1972]. Como o caso do Edifício Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César que apresentava, quase como chamariz publicitário, a grande flexibilidade do setor íntimo [Figura 7.42]. A estruturação das opções se dá principalmente pelo agenciamento dos armários nos eixos estruturais da unidade.

Mesmo mais modesto, em todos os sentidos, o Bloco B do IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>1951] de Carlos Frederico Ferreira era supostamente entregue com um dormitório aberto, o mais próximo à sala. Da mesma maneira, a cozinha também apresentava inicialmente uma relação aberta com a sala. Ao contrário do Prudência, neste caso, a flexibilidade estava claramente vinculada à redução do custo da unidade de habitação, transferindo ao morador a complementação do espaço construído.

No Período IV encontramos outros dois exemplos. Nos Edifícios Santa Cândida e Santa Francisca [P4.F20: 1964] Salvador Candia [Figura 7.43] optou por uma solução estrutural composta por uma torre central – que comporta a circulação vertical – e pilares perimetrais que liberam totalmente a planta. Esta proposta foi originalmente desenvolvida por Candia para os Edifícios Barão de Laguna e Santa Francisca na Super-Quadra de Perdizes em 1961 a partir da aplicação de uma solução tipológica já consagrada para edifícios de escritório. Já no caso do Edifício Santa Rosa [P4.F25: 1968>1971] de Benno Perrelmutter a solução estrutural é distinta. Três eixos estruturais, dos quais dois são perimetrais e externos, organizam de maneira clara e precisa a planta oferecida. As mudanças não são tão amplas como na proposta de Candia, mas fortalecem a percepção da diferença entre estrutura e vedação interna.

#### A Planta Circuito

Nesta tipologia o tema principal da Unidade de Habitação é a conectividade dos setores e dos espaços. O raciocínio projetual gira entorno da busca do maior número possível de relações funcionais e espaciais entre os distintos cômodos. A grande diferença em relação à Planta Fluida, é que neste caso a conexão se estabelece entre um cômodo específico e o seguinte. A sala de estar não é mais aglutinadora, o acesso a qualquer outro cômodo pode ser realizado por outro percurso. Neste sentido a configuração espacial pode ser alterada pela abertura ou não de portas que determinarão o agenciamento familiar mais adequado para determinado momento do dia.

Há em São Paulo, no período estudado, o exemplo do Edifício Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake [Figura 7.44]. O núcleo hidráulico – composto pelo lavabo, banheiro de serviço e banheiro principal – ocupa o centro da unidade de habitação, a sua forma cilíndrica enfatiza a potencialidade de circunvolução da infraestrutura. Já no caso do Edifício Promenade [P4.F29: 1968>70] de Miguel Juliano é a própria torre de circulação que disposta centralmente oferece essa possibilidade de estruturação da unidade.

## 7.3 POSSIBILIDADES DE ABERTURAS

*“O emprego de protótipos é essencialmente útil no desenho de habitações porque estas se prestam facilmente a um estudo tipológico sistemático.”<sup>35</sup>*

Entre as diversas características que as unidades de habitação apresentam, as possibilidades de configuração das fachadas, segundo as tipologias de agregação ou orientações preferenciais, assumem fundamental importância.

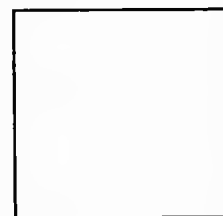
As tipologias a seguir classificam os casos estudados segundo características individuais de cada unidade dentro do contexto da sua planta tipo. Aproveitando a simplificação necessária que um exercício como este permite, cada unidade de habitação (independente da sua efetiva configuração planimétrica) está associada a uma unidade esquemática representada através de um quadrado cujos lados representam as diversas possibilidades de fachadas plenas (linha fina), de fachada cega (linha grossa) e suas variações.

Pode-se considerar a existência de 10 tipologias básicas de unidades de habitação segundo possibilidades de aberturas. Destas unidades tipo surgem algumas variações específicas, segundo a posição dos elementos de infraestrutura – cozinha, banheiro, circulação horizontal e circulação vertical –, as opções de acesso e as profundidades necessárias para o recebimento de luz natural.

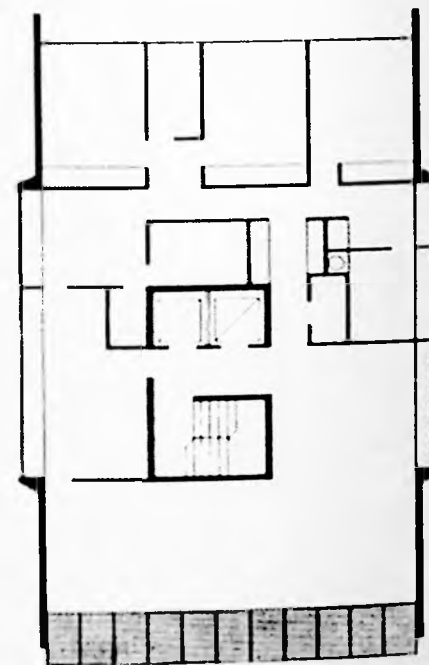
Unidade de Habitação com quatro fachadas plenas; [Figura 7.45]

Uma unidade por pavimento com quatro fachadas plenas com circulação vertical central e interna. A torre isolada como tipologia determinante, neste caso, gera unidades de habitação de grande superfície. A tendência é a de configurar todas as fachadas com dimensões similares. Apesar de já constar uma primeira proposta no início do 2º período esta tipologia somente se consolida no 4º período.

- P2 Pilotis [P2.F09: 1948>1951] de Francisco Beck;  
 P4 Tamar [P4.F17: 1964>1965] de Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva;  
 Santa Cândida e Santa Francisca [P4.F20: 1964] de Salvador Candia;  
 Promenade [P4.F29: 1968>70] de Miguel Juliano. [Figura 7.46]

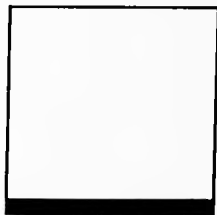


7.45

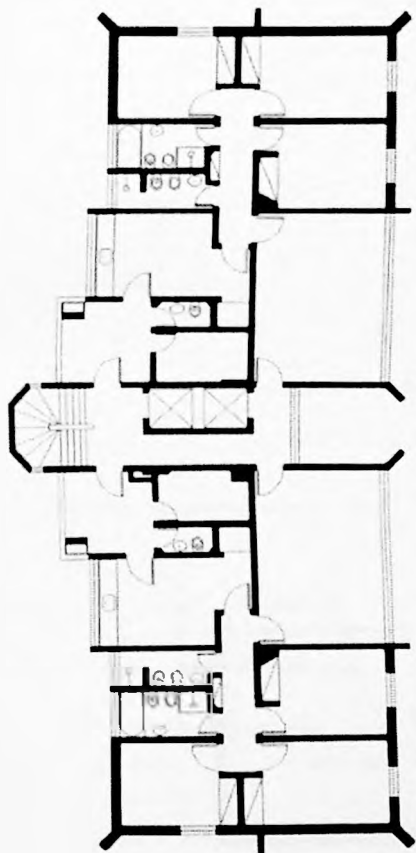


7.46

7.47



Unidade de Habitação com três fachadas plenas; [Figura 7.47]



7.48

- P1 Nicolau Schiesser [P1.F03: 1933>1934] de Rino Levi;  
 Esther e Arthur Nogueira [P1.F04: 1934>38] de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho;  
 Santo André [P1.F06: 1935] de Jacques Pilon e Francisco Matarazzo Neto;  
 Guarany [P1.F07: 1936>1942] de Rino Levi [Unidade Tipo A];  
 Maria Tereza [P1.F12: 1940>1943] de S. Vitali;  
 Santa Amália [P1.F16: 1942>1943] de Lucjan Korngold;
- P3 Bretagne [P3.F03: 1952>1959] de João Artacho Jurado [Unidade Tipo A];  
 Paqueta [P3.F04: 1952>1959] da Luz-Ar;  
 Franco da Rocha [P3.F06: 1953>1954] de Abelardo de Souza [Unidade Tipo A];  
 Lausanne [P3.F10: 1953>1958] de Franz Heep [Unidade Tipo A];  
 Veneza [P3.F13: 1953] da Contrutécnica Ltda. [Unidade Tipo A];  
 Cacique [P3.F19: 1954>1956] de Miguel Badra Jr. [Unidade Tipo A];  
 Ibirapuera [P3.F31: 1957>1958] de Ricardo Jafet Jr. e Michel Jafet;  
 Diana [P3.F33: 1957>60] de Victor Reif;  
 Manaus [P3.F34: 1957] de Israel Galman;
- P4 Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman;  
 Lugano e Locarno [P4.F03: 1959>62] de Franz Heep [Unidade Tipo A];  
 Condemar [P4.F06: 1960>62] de Jorge Wilhelm;  
 Cajáú [P4.F10: 1962>64] de José Luiz Fleury de Oliveira [Unidade Tipo B];  
 Rossi Leste [P4.F11: 1962>1965] de Marcello Fragelli; [Figura 7.48]  
 Albar [P4.F13: 1963>64] de Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva;  
 Baía Mar [P4.F14: 1963>64] de Francisco Beck;  
 Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanovicz;  
 Santa Rosa [P4.F25: 1968>1971] de Benno Perrelmutter;  
 Modular Beta [P4.F30: 1970>1972] de Abrahão Sanovicz;

## Unidade de Habitação com três fachadas plenas e uma parcial; [Figura 7.49]

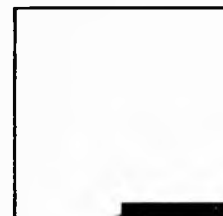
Uma unidade por pavimento com três fachadas plenas e uma parcial. Como na tipologia anterior também referem-se exclusivamente a torres isoladas, mas neste caso, a diferença está na localização da circulação vertical que veda parcialmente uma das possibilidades de fachada plena. Esta tipologia surge e desenvolve-se ainda no 1º período, mas somente será retomada de forma extensiva no 4º período.

- P1 Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto, Xandê;  
Buenos Aires [P1.F10: 1938] de Lindenberg e Assumpção;
- P2 Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César [Unidade Tipo B];  
Palacete Suzanne [P2.F02: 1946>1947] de M. Oliveira;
- P3 Toscana [P3.F18: 1954>1956] de Telésforo Cristofani;
- P4 Arper [P4.F04: 1959>62] de David Libeskind; [Figura 7.50]  
Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro;  
Saint Bernard e Saint Gothard [P4.F21: 1965] de Plínio Croce, Roberto Afalo e Giancarlo Gasperini;  
São Felix [P4.F22: 1966>1969] de Alberto Botti e Marc Rubin.

## Unidade de habitação com duas fachadas plenas, em ângulo. [Figura 7.51]

As unidades tipo com fachada dupla se apresentam em diversas variações e podem reunir-se de muitas maneiras distintas. O tipo de unidade com duas fachadas plenas em ângulo (de 90º) pode ser uma unidade com fachada única na qual se abriu uma das fachadas. Isto limita as formas de agregação de unidades de habitação, pois cada uma necessita de uma esquina e o uso deste tipo parece estar limitado a torres isoladas. Diversas situações em edifícios de apartamentos recorrem à estratégia de criar mais superfícies exteriores em condições de esquina. É uma das poucas tipologias encontradas em todos os períodos estudados.

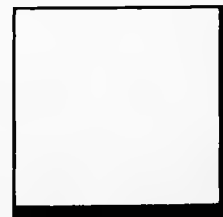
- P1 Columbus [P1.F02: 1930>1934] de Rino Levi;  
Esther [P1.F04: 1934>38] de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho [Unidades Tipo A, D, F];  
Hygienopolis [P1.F05: 1935>1936] de Rino Levi;  
Barão de Limeira [P1.F09: 1938>1940] de Gregori Warchavchik [Unidade Tipo B];  
Dona Veridiana [P1.F13: 1940] de Francisco Beck [Unidade Tipo A];
- P2 Hecilda [P2.F11: 1948] de Abelardo de Souza, Hélio Duarte e Zenon Lotufo [Unidade Tipo B];



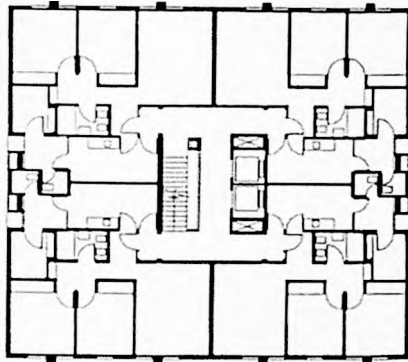
7.49



7.50



7.51

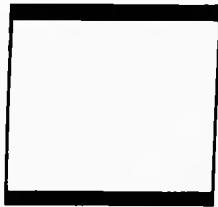


7.52

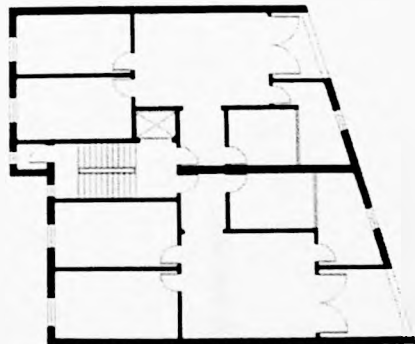
- P3 Eiffel [P3.F08: 1953>1956] de Oscar Niemeyer [Unidade Tipo A];  
 Juruá [P3.F24: 1955>1956] de Eduardo Kneese de Mello [Unidade Tipo A];  
 Ibaté [P3.F25: 1955>56] de Franz Heep [Unidade Tipo C];
- P4 Lagoinha [P4.F01: 1959>60] de Carlos Millán;  
 Cajáú [P4.F10: 1962>64] de José Luiz Fleury de Oliveira [Unidade Tipo A];  
 Gemini I e Gemini II [P4.F26: 1968>1971] de Eduardo de Almeida; [Figura 7.52]  
 Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake;  
 Fiandeiras [P4.F32: 1972>1975] de Abrahão Sanovicz.

Unidade de Habitação com duas fachadas plenas – frontal e posterior; [Figura 7.53]

Esta tipologia talvez seja uma das formas mais antigas de configuração por possibilidades de aberturas. Ao ser transposta para a verticalização do habitar moderno assume em São Paulo um protagonismo determinante na produção de habitações coletivas dentro do período estudado [1928>1972]. Encontram-se exemplos significativos em todos os períodos, mas principalmente no 3º [1952>57]. Este período, apesar de ser o mais curto é também o mais produtivo de todos e consolida esta tipologia que por natureza é um elemento concebido como um módulo de multiplicação linear indefinido.



7.53



7.54

- P1 Edifício à Av. Angélica [P1.F01: 1927>1935] de Júlio de Abreu Jr.; [Figura 7.54]  
 Guarany [P1.F07: 1936>1942] de Rino Levi [Unidades Tipo B, C];  
 Porchat [P1.F11: 1940>1942] de Rino Levi;  
 Trussardi [P1.F14: 1941>43] de Rino Levi;  
 IAPI Várzea do Carmo [P1.F17: 1942>1950] de Attilio Corrêa Lima e equipe;
- P2 Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César [Unidade Tipo A];  
 Louveira [P2.F03: 1946>49] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi;  
 IAPI Mooça [P2.F04: 1946>1950] de Paulo Antunes Ribeiro;  
 IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>1951] de Carlos Frederico Ferreira;  
 Lili [P2.F12: 1948] de Giancarlo Palanti;  
 Hubert [P2.F13: 1948] de Oscar Souza Pinto e Erico Brann;  
 Viadutos [P2.F14: 1950>1955] de João Artacho Jurado [Unidades Tipo A, B, C, G, H];
- P3 Copan [P3.F01: 1952>1971] de Oscar Niemeyer [Unidades Tipo C, D];  
 Jardim Ana Rosa [P3.F02: 1952>1953] de Eduardo Kneese de Mello;

- Bretagne [P3.F03: 1952>1959] de João Artacho Jurado [Unidades Tipo B, C, D];  
 Paqueta [P3.F04: 1952>1959] da Luz-Ar;  
 Franco da Rocha [P3.F06: 1953>1954] de Abelardo de Souza [Unidade Tipo B];  
 Buenos Aires [P3.F07: 1953>1956] de Majer Botkowski;  
 João Ramalho [P3.F09: 1953>1958] de Plínio Croce, Roberto Afalo e Salvador Candia;  
 Veneza [P3.F13: 1953] da Contrutécnica Ltda. [Unidade Tipo C];  
 São Miguel [P3.F14: 1953] de David Libeskind [Unidade Tipo A];  
 Nove de Julho [P3.F15: 1954>1956] de Eduardo Corona;  
 Três Marias [P3.F16: 1954>1956] de Abelardo de Souza [Unidade Tipo A];  
 Imperator [P3.F17: 1954>1956] de Vaindergorn e Verona;  
 Maria Albertina [P3.F21: 1954>1957] de Fábio Penteadó [Unidade Tipo A];  
 Simão Racy [P3.F26: 1955>1957] de Waldomiro Zarzur e Aron Kogan;  
 Paulicéia e São Carlos do Pinhal [P3.F29: 1956>1959] de Jacques Pilon e Giancarlo Gasperini [Unidades Tipo B, C];  
 P4 Lugano e Locarno [P4.F03: 1959>62] de Franz Heep [Unidade Tipo B];  
 Albina [P4.F16: 1963] de Alberto Botti e Marc Rubin;  
 Parque Higienópolis [P4.F23: 1966>1969].

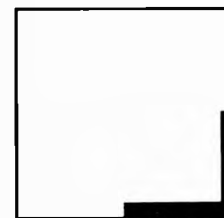
Unidade de Habitação com duas fachadas plenas e duas parciais; [Figura 7.55]

Esta tipologia pode ser considerada uma variação decorrente da torre isolada (de alto padrão) com uma unidade de habitação por pavimento onde encontramos a circulação localizada de forma radial – do centro para o perímetro – ocupando um dos ângulos do pavimento tipo. Curiosamente em São Paulo a sua prática mesmo que reduzida concentrou-se no 4º período [1957-1972].

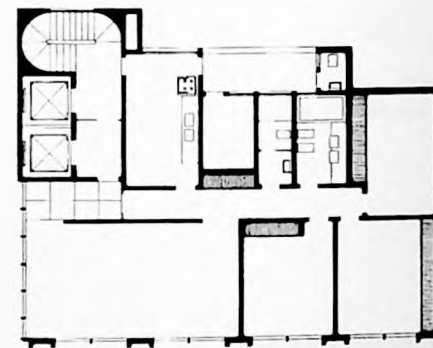
- P4 Arabá [P4.F05: 1960>62] de David Libeskind; [Figura 7.56]  
 Maria Anna [P4.F08: 1961>67] de Maurício Kogan e Samuel Szpigel.

Unidade de Habitação com duas fachadas plenas – frontal e posterior – e uma parcial; [Figura 7.57]

Neste caso as unidades de habitação são derivadas de blocos de esquina ou blocos laminares com a fachada posterior



7.55



7.56



7.57

recortada. Este recurso parece ser utilizado quando a extensão do terreno não comporta a quantidade de unidades desejada por pavimento; nesse sentido o aumento da profundidade das unidades de habitação pode ser equilibrado por recortes simétricos.

- P3 Lausanne [P3.F10: 1953>1958] de Franz Heep [Unidade Tipo B];  
Três Marias [P3.F16: 1954>1956] de Abelardo de Souza [Unidade Tipo C, D];

Unidade de Habitação com duas fachadas plenas em ângulo e uma parcial; [Figura 7.58]

7.58



Tipologia de unidades de habitação de edifícios com a tradicional planta em H com quatro – ou três – unidades por pavimento. Apesar de ser amplamente utilizada principalmente no pós guerra europeu e ser muito bem exemplificada em São Paulo, observa-se nos edifícios abaixo relacionados que somente será difundida após o período estudado [1928>1972]

- P2 Cia. Seguradora Brasileira [P2.F07: 1947>1953] Rino Levi e Roberto Cerqueira César;  
P3 Biaçá [P3.F11: 1953] de Plínio Croce e Roberto Aflalo;  
P4 Conselheiro Alves [P4.F09: 1962>1963] de Israel Sancovsky [Unidade Tipo B];

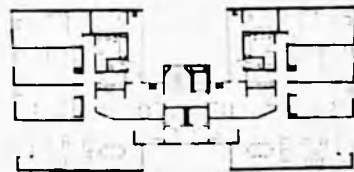
Unidade de Habitação com uma fachada plena e uma parcial; [Figura 7.59]

7.59



- P2 Hecilda [P2.F11: 1948] de Abelardo de Souza, Hélio Duarte e Zenon Lotufo [Unidades Tipo A, C];  
P3 Nações Unidas [P3.F05: 1952>1959] de Abelardo de Souza;  
Cacique [P3.F19: 1954>1956] de Miguel Badra Jr. [Unidade Tipo B];  
Maria Albertina [P3.F21: 1954>1957] de Fábio Penteadó;  
Simão Racy [P3.F26: 1955>1957] de Waldomiro Zarzur e Aron Kogan [Unidade Tipo B];  
Ouro Preto [P3.F30: 1957>1958] de Franz Heep; [Figura 7.60]  
Icaraí [P3.F23: 1955>56] de Franz Heep [Unidade Tipo A];  
P4 CECAP Zezinho Magalhães Prado [P4.F24: 1967>1972] de Vilanova Artigas, Fábio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha.

7.60



## Unidade de Habitação com fachada única [Figura 7.61]

Pode-se dividir esta tipologia em dois sub-grupos :

a) *Unidade com fachada única; área de serviço em posição transversal*

Este tipo utiliza a parede de infraestrutura transversal de maneira que a maior parte das instalações elétricas e hidráulicas são adjacentes a uma mesma parede estrutural disposta entre as unidades. A unidade de habitação tipo pode incluir um projeto no qual a cozinha e o banheiro estejam juntos na mesma parede, por exemplo. Já, uma outra variação considera unidades de duplex onde existe a sobreposição da cozinha e dos banheiros em cada unidade sendo locados na parede transversal, como no caso da Unidade G do Edifício Esther [P1.F04: 1934>38] de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho que apresenta esta infraestrutura vinculada a um poço de ventilação.

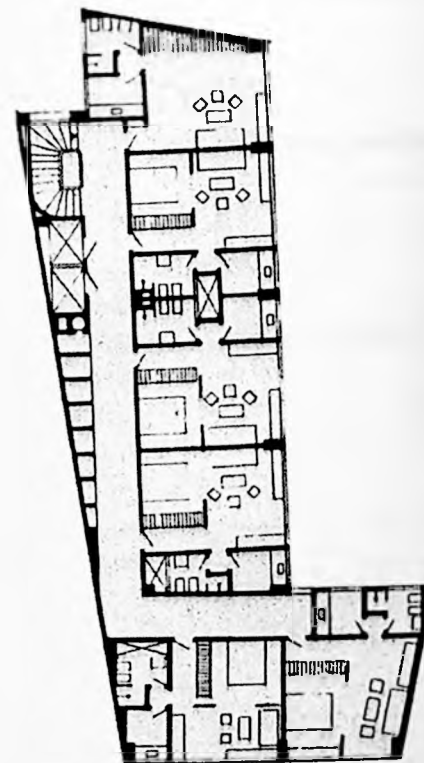
- P1 Esther [P1.F04: 1934>38] de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho [Unidades Tipo B, C, E, G];  
Dona Veridiana [P1.F13: 1940] de Francisco Beck [Unidade Tipo B];
- P2 Leon Kassinsky [P2.F06: 1947>1951] de Henrique Mindlin;  
Viadutos [P2.F14: 1950>1955] de João Artacho Jurado [Unidades Tipo D, E, F];  
Guapira e Icatú [P3.F02: 1952>1953] de Eduardo Kneese de Mello;  
Eiffel [P3.F08: 1953>1956] de Oscar Niemeyer [Unidade Tipo B];  
Veneza [P3.F13: 1953] da Contrutécnica [Unidade Tipo D];  
São Miguel [P3.F14: 1953] de David Libeskind [Unidade Tipo B];  
20 de Setembro [P3.F20: 1954>1957] de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz R. Carvalho Franco; [Figura 7.62]  
Juruá [P3.F24: 1955>1956] de Eduardo Kneese de Mello;

b) *Unidade com fachada única; área de serviço em posição paralela*

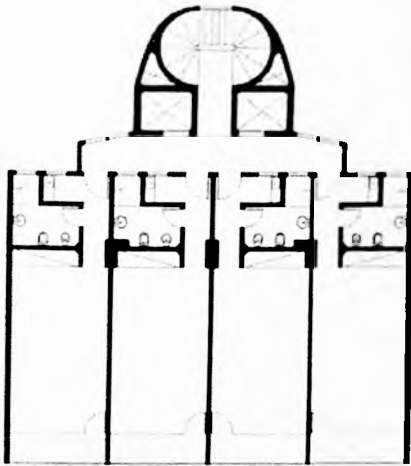
As áreas de serviço estão dispostas numa zona paralela e adjacente à circulação horizontal. O acesso se dá através deste setor até os espaços principais do apartamento. A cozinha e o banheiro são espaços interiores com ventilação forçada. Esta planta apresenta uma cozinha compacta, com o agenciamento dos banheiros em uma setorização clara e coerente dos espaços. Mesmo que seja um modelo de planta mais utilizado para edifícios com corredor de duplo acesso (onde os apartamentos estão situados em ambos os lados do corredor), também se emprega em projetos de acesso único e com galeria.



7.61



7.62



7.63

- P3 Copan [P3.F01: 1952>1971] de Oscar Niemeyer [Unidade Tipo B];  
 Japurá [P2.F08: 1947>1957] de Eduardo Kneese de Mello;  
 Ibaté [P3.F25: 1955>56] de Franz Heep [Unidades Tipo A, B];  
 Normandie [P3.F27: 1956>57] de Franz Heep;  
 Araruanas [P3.F28: 1956>58] de Franz Heep;  
 Santa Margarida [P3.F32: 1957>1958] de Gregori Warchavchik [Unidade Tipo C];  
 Icarai [P3.F23: 1955>56] de Franz Heep [Unidade Tipo B]; [Figura 7.63]
- P4 CRUSP [P4.F07: 1961>63] de Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira.

#### 7.4 AGREGAÇÃO DAS UNIDADES DE HABITAÇÃO

Partindo do pressuposto de que a habitação coletiva consiste na repetição de unidades de habitação com uma constante relação da circulação vertical e horizontal, pode-se propor continuar a reflexão sistemática das variações tipológicas através das possibilidades de agregação. A agregação de unidades de habitação se caracteriza pelo procedimento de articulação e associação de uma ou mais unidades dentro de um pavimento tipo, e esta agregação será repetida verticalmente um determinado número de vezes em um edifício.

No que diz respeito especificamente a esses procedimentos de agregação das unidades de habitação, a decisão sobre a tipologia a ser adotada varia basicamente segundo o número de unidades atendidas por pavimento, mas principalmente, segundo a relação de acessibilidade entre as unidades de habitação e a circulação horizontal e vertical a ser utilizada; mesmo considerando os diferentes sistemas construtivos disponíveis e as características específicas de cada projeto – terreno, orientação solar, restrições urbanas, entre outros.

Os esquemas apresentados referem-se unicamente aos projetos selecionados neste trabalho – São Paulo de 1928 a 1972 – evidentemente o número de possibilidades de agregação é muito superior aos que foram levantados por esta pesquisa e aqui analisados.

Uma unidade por pavimento [Figura 7.64]

A forma de agregação mais simples é a configurada somente por uma unidade por pavimento. Esta tipologia está diretamente vinculada a habitações coletivas de alto padrão. Foram encontradas duas variações possíveis:

a) *Uma unidade por pavimento com circulação vertical central e interna:*

A torre isolada como tipologia determinante, neste caso, gera unidades de habitação de grande superfície. A tendência é a de configurar todas as fachadas com dimensões similares. Apesar de já aparecer uma primeira proposta no início do 2º período, esta tipologia somente se consolida no 4º período.

P2 Pilotis [P2.F09: 1948>1951] de Francisco Beck;

P4 Tamar [P4.F17: 1964>1965] de Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva;  
Santa Cândida e Santa Francisca [P4.F20: 1964] de Salvador Candia; [Figura 7.65]  
Promenade [P4.F29: 1968>70] de Miguel Juliano.

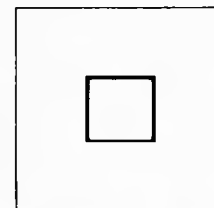
Esta tipologia apresenta uma variação, desenvolvida somente no 4º período, que apresenta unidades de habitação com duas fachadas plenas e duas cegas [Figura 7.66] em uma planta necessariamente estreita, com pouca profundidade, resultando necessariamente em blocos laminares.

P4 Albina [P4.F16: 1963] de Alberto Botti e Marc Rubin;  
São Felix [P4.F22: 1966>1969] de Alberto Botti e Marc Rubin;  
Parque Higienópolis [P4.F23: 1966>1969].

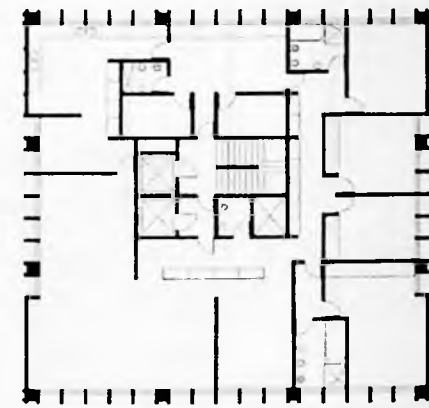
b) *Uma unidade por pavimento com circulação vertical radial ou perimetral:* [Figura 7.67]

Esta tipologia surge e desenvolve-se ainda no 1º período, mas somente será retomada de forma extensiva, no 4º período. A diferença em relação à tipologia anterior é a possibilidade de iluminação e ventilação da escada.

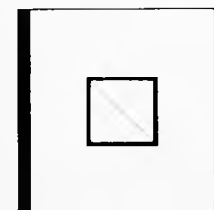
P1 Augusto Barreto [P1.F08: 1936] de Barreto e Xande;  
Buenos Aires [P1.F10: 1938] de Lindenberg e Assumpção;  
Santa Amália [P1.F16: 1942>1943] de Lucjan Korngold;  
P2 Palacete Suzanne [P2.F02: 1946>1947] de M. Oliveira;  
P4 Arper [P4.F04: 1959>62] de David Libeskind;



7.64



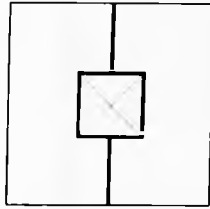
7.65



7.66



7.67



7.68

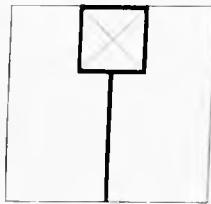
Arabá [P4.F05: 1960>62] de David Libeskind;  
 Maria Anna [P4.F08: 1961>67] de Maurício Kogan e Samuel Szpigel;  
 Guaimbê [P4.F12: 1962>66] de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro;  
 Manon [P4.F18: 1964>65] de Victor Reif;  
 Parque Trianon [P4.F28: 1969>72] de Paulo Bruna.

Duas unidades por pavimento [Figura 7.68]



7.69

A forma de agregação que prevê duas unidades por pavimento permite curtas conexões horizontais entre as unidades e a circulação vertical. Esta tipologia e suas variantes foi a mais utilizada e desenvolvida em São Paulo – dentro do longo período estudado – tanto para resolução de habitações de interesse social como as destinadas à classe média alta. Foram encontradas três variações possíveis:



7.70

a) *Duas unidades por pavimento com circulação vertical central:*

Esta tipologia determina edifícios isolados, favorecendo blocos laminares esbeltos. Os exemplos apresentados parecem desdobramentos da variação seguinte.

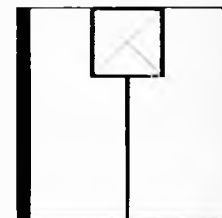
- P1 Nicolau Schiesser [P1.F03: 1933>1934] de Rino Levi;
- P2 Prudência [P2.F01: 1944>1948] de Rino Levi e Roberto Cerqueira César;  
Louveira [P2.F03: 1946>49] de João Vilanova Artigas e Carlos Cascardi;
- P3 Copan [P3.F01: 1952>1971] de Oscar Niemeyer;
- P4 Parque Higiênópolis [P4.F23: 1966>1969];  
Modular Beta [P4.F30: 1970>1972] de Abrahão Sanovicz. [Figura 7.69]

b) *Duas unidades por pavimento com circulação vertical perimetral:* [Figura 7.70]

- P1 Santo André [P1.F06: 1935] de Jacques Pilon e Francisco Matarazzo Neto;  
Maria Tereza [P1.F12: 1940>1943] de S. Vitali;
- P3 Helena Maria [P3.F12: 1953] de Oswaldo Arthur Bratke;  
Diana [P3.F33: 1957>60] de Victor Reif;

- P4 Manaus [P3.F34: 1957] de Israel Galman;  
 Karina [P4.F02: 1959>62] de Israel Galman;  
 Lugano e Locarno [P4.F03: 1959>62] de Franz Heep;  
 Condemar [P4.F06: 1960>62] de Jorge Wilhelm;  
 Rossi Leste [P4.F11: 1962>1965] de Marcello Fragelli;  
 Albar [P4.F13: 1963>64] de Maurício Schneider e Pedro Paulo de Mello Saraiva;  
 Baía Mar [P4.F14: 1963>64] de Francisco Beck;  
 Abaeté [P4.F15: 1963>68] de Abrahão Sanovicz;  
 Gravatá [P4.F19: 1964] de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco  
 Santa Rosa [P4.F25: 1968>1971] de Benno Perrelmutter.

7.71



- c) *Duas unidades por pavimento com duas fachadas plenas e duas cegas com circulação vertical radial:* [Figura 7.71]  
 Os tipos produzem edifícios muito compactos

- P1 Edifício à Av. Angélica [P1.F01: 1927>1935] de Júlio de Abreu Jr.;  
 IAPI Várzea do Carmo [P1.F17: 1942>1950] de Atílio Corrêa Lima e equipe;  
 P2 IAPI Mooça [P2.F04: 1946>1950] de Paulo Antunes Ribeiro; [Figura 7.72]  
 IAPI Vila Guiomar [P2.F05: 1946>1951] de Carlos Frederico Ferreira;  
 São Vicente [P2.F10: 1948>1954] do Escritório Técnico de Lucjan Korngold;  
 Lili [P2.F12: 1948] de Giancarlo Palanti;  
 Hubert [P2.F13: 1948] de Oscar Souza Pinto e Erico Brann;  
 P3 Bretagne [P3.F03: 1952>1959] de João Artacho Jurado;  
 Nações Unidas [P3.F05: 1952>1959] de Abelardo de Souza;  
 Franco da Rocha [P3.F06: 1953>1954] de Abelardo de Souza;  
 Buenos Aires [P3.F07: 1953>1956] de Majer Botkowski;  
 João Ramalho [P3.F09: 1953>1958] de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia;  
 Lausanne [P3.F10: 1953>1958] de Franz Heep;  
 Veneza [P3.F13: 1953] Contrutécnica Ltda.;  
 São Miguel [P3.F14: 1953] de David Libeskind;  
 Nove de Julho [P3.F15: 1954>1956] de Eduardo Corona;  
 Imperator [P3.F17: 1954>1956] de Vaindergorn e Verona;  
 Maria Albertina [P3.F21: 1954>1957] de Fábio Penteado;

7.72



Ibaté [P3.F25: 1955>56] de Franz Heep;  
 Simão Racy [P3.F26: 1955>1957] de Waldomiro Zarzur e Aron Kogan;  
 Paulicéia e São Carlos do Pinhal [P3.F29: 1956>1959] de Jacques Pilon e Giancarlo Gasperini.

### Três unidades por pavimento

A forma de agregação que prevê três unidades por pavimento é a que apresenta o menor número de exemplos encontrados neste estudo. A partir desta tipologia as conexões horizontais entre as unidades e a circulação vertical passam a ser mais extensas e representar áreas significativas nos pavimentos e intervir de forma mais direta na configuração das Unidades de Habitação. Foram encontradas duas variações possíveis:

a) *Três unidades por pavimento com três fachadas plenas e circulação vertical central:*

P3 Ibirapuera [P3.F31: 1957>1958] de Ricardo Jafet Jr. e Michel Jafet [Figura 7.73]

P4 Cajáú [P4.F10: 1962>64] de José Luiz Fleury de Oliveira

c) *Três unidades por pavimento com circulação perimetral ou externa:*

P1 Dona Veridiana [P1.F13: 1940] de Francisco Beck;

Trussardi [P1.F14: 1941>43] de Rino Levi;

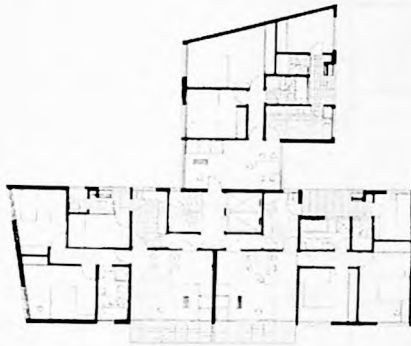
IAPC Anchieta [P1.F15: 1941>1943] de Marcelo Roberto e Milton Roberto;

P2 Hecilda [P2.F11: 1948] de Abelardo de Souza, Hélio Duarte e Zenon Lotufo.

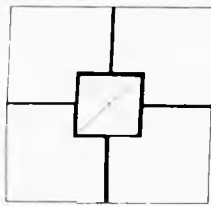
### Quatro unidades por pavimento

A forma de agregação que prevê quatro unidades por pavimento são as que apresentam a melhor relação entre número de unidades por pavimento e quantidade necessária de circulação horizontal. Nas tipologias apresentadas as conexões horizontais entre as unidades de habitação e a circulação vertical centralizada apresentam resoluções compactas que variam pela relação de abertura ou não das circulações. Foram encontradas duas variações possíveis:

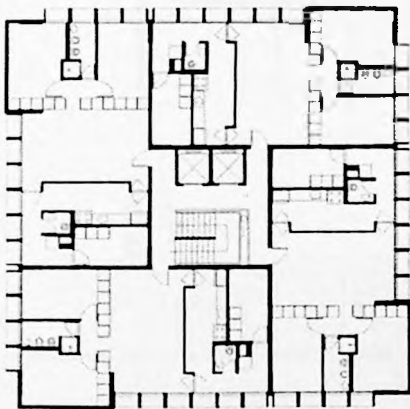
7.73



7.74



7.75



a) *Quatro unidades por pavimento com circulação vertical central e interna:* [Figura 7.74]

No caso da torre é mais habitual a unidade com fachadas de orientação dupla (90°) na esquina, mesmo que também existam outras variações possíveis.

- P1 Columbus [P1.F02: 1930>1934] de Rino Levi;  
 Hygienopolis [P1.F05: 1935>1936] de Rino Levi;  
 P4 Gemini I e Gemini II [P4.F26: 1968>1971] de Eduardo de Almeida;  
 Quatiara [P4.F31: 1972>74] de Ruy Ohtake;  
 Fiandeiras [P4.F32: 1972>1975] de Abrahão Sanovicz. [Figura 7.75]

b) *Quatro unidades por pavimento com circulação vertical central e aberta:* [Figura 7.76]

Resulta no tradicional pavimento tipo H

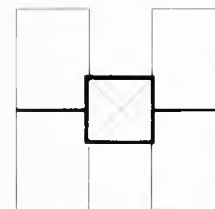
- P2 Cia. Seguradora Brasileira [P2.F07: 1947>1953] Rino Levi e Roberto Cerqueira César; [Figura 7.77]  
 P3 Biaçá [P3.F11: 1953] de Plínio Croce e Roberto Aflalo; P4 Conselheiro Alves [P4.F09: 1962>1963] de Israel Sancovsky.  
 CECAP Zezinho Magalhães Prado [P4.F24: 1967>1972] de Vilanova Artigas, Fábio Penteadado e Paulo Mendes da Rocha.

## N unidades por pavimento

Esta última possibilidade de agregação prevê um número igual ou maior a quatro unidades por pavimento. Por apresentarem um grande número de unidades de habitação por pavimento, as áreas necessárias para a circulação horizontal são significativamente extensas. Habitualmente estas tipologias atendem a unidades de áreas reduzidas. Foram encontradas duas variações possíveis:

a) *N unidades por pavimento com circulação horizontal perimetral e circulação vertical externa:* [Figura 7.78]

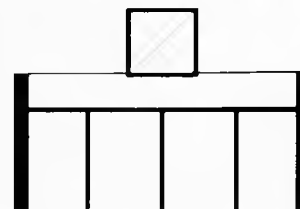
Esta tipologia foi extensamente utilizada em São Paulo no 3º período [1952>1957] para Habitações Coletivas compostas de *kichnettes* ou Unidades de Habitação de um dormitório. O sistema de circulação horizontal em todos os pavimentos costuma dar como resultado um edifício composto por unidades com fachada única. O sistema de circulação vertical com paradas alternadas resulta em unidades de habitação tipo duplex, tanto com fachada única como com fachada dupla (frontal e posterior). Habitualmente os corredores são abertos [Leon Kassinsky] e se transformam em uma espécie de rua ao ar livre ou corredor semi-aberto (vedação com elementos vazados) [Normandie] proporcionado uma circulação reservada sem exposição às visuais ou *intempéries*, mas gentilmente ventiladas.



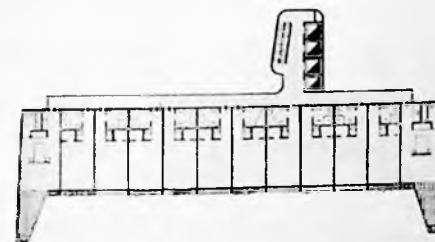
7.76



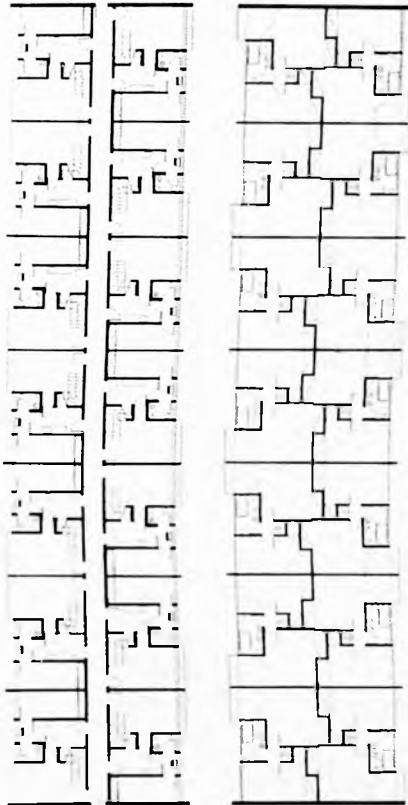
7.77



7.78



7.79



7.80

- P2 Leon Kassinsky [P2.F06: 1947>1951] de Henrique Mindlin;
- P3 Eiffel [P3.F08: 1953>1956] de Oscar Niemeyer;  
 20 de Setembro [P3.F20: 1954>1957] de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco;  
 Icarai [P3.F23: 1955>56] de Franz Heep;  
 Ibaté [P3.F25: 1955>56] de Franz Heep;  
 Normandie [P3.F27: 1956>57] de Franz Heep; [Figura 7.79]  
 Araruanas [P3.F28: 1956>58] de Franz Heep;
- P4 CRUSP [P4.F07: 1961>63] de Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira.

b) *N unidades com circulação horizontal central (e circulação vertical variada):*

Esta tipologia abriga unidades de fachada única (circulação horizontal em todas os pavimentos) ou de fachada dupla (paradas alternadas). Apesar dos extensos corredores escuros de fato questionáveis, esta tipologia apresenta mais flexibilidade para as unidades de habitação, nitidamente influenciada pela Unité d'Habitation, de Le Corbusier [Marselha, 1947>1952] que difundiu a secção de paradas alternadas. Somente a partir daí, aparece com freqüência em outros países, e curiosamente em São Paulo somente Eduardo Kneese de Mello desenvolveu esta tipologia.

- P2 Japurá [P2.F08: 1947>1957] de Eduardo Kneese de Mello; [Figura 7.80]
- P3 Bloco B do Copan [P3.F01: 1952>1971] de Oscar Niemeyer;  
 Guapira e Icatú [P3.F02: 1952>1953] de Eduardo Kneese de Mello.

Finalmente pode-se considerar que quaisquer que tenham sido as limitações culturais, econômicas e técnicas enfrentadas pelos arquitetos surgiram dúvidas e alternativas semelhantes a respeito da resolução programática sobre o tema do habitar coletivo. Apesar das diversas mudanças nas legislações e da evolução das técnicas construtivas adotadas terem exercido um efeito significativo na forma final que adquiriram as habitações coletivas nos respectivos momentos históricos e culturais, encontra-

se um número significativamente limitado de variações tipológicas resultantes em São Paulo dentro do período estudado.

Tudo isso indica que as transformações oferecidas pelo tema da habitação coletiva não se concentraram primordialmente na Unidade de Habitação e suas peculiaridades. De fato passaram por ela, mas concentrando-se no edifício e nas suas distintas formas de arquitetura urbana, constituindo assim fragmentos de cidade.

#### Notas do Capítulo 7 [ASPECTOS TIPOLÓGICOS DAS UNIDADES DE HABITAÇÃO EM SÃO PAULO]

<sup>1</sup> Montaner, Josep Maria (1997) p.117

<sup>2</sup> Perec, George, "Especies de espacios" in Quaderns n°226 (2000) Barcelona

<sup>3</sup> Cornoldi, Adriano (1988) p.266

<sup>4</sup> Parício, Ignácio e Sust, Xavier (1998) p.32

<sup>5</sup> Lemos, Carlos (1976) p.157

<sup>6</sup> Le Corbusier (1924) p.25

<sup>7</sup> Lemos, Carlos (1976) p.18

<sup>8</sup> Lemos, Carlos (1976) p.158

<sup>9</sup> Lemos, Carlos (1976) p.157-8

<sup>10</sup> Lemos, Carlos (1976) p.156

<sup>11</sup> Nota do Autor: Conjunto de móveis, aparelhos e utensílios precisos de um certo serviço.

<sup>12</sup> Lemos, Carlos (1976) p.15-6

<sup>13</sup> Xavier, Lemos e Corona (1983) p.54

<sup>14</sup> Loos, Adolf in Cornoldi, Adriano (1988) p.36

<sup>15</sup> Este aspecto é abordado no capítulo que trata Circulação Vertical e Acessos as Unidades.

<sup>16</sup> Lemos, Carlos (1976) p.157

<sup>17</sup> Lemos, Carlos (1976) p.156

<sup>18</sup> Lemos, Carlos (1976) p.155

<sup>19</sup> Mindlin, Henrique E. in Revista Acrópole n° 2 (pp.19-22) junho de 1938.

<sup>20</sup> Witzig, Arthur in Revista Acrópole n° 44 (pp.311-13) dezembro de 1941.

<sup>21</sup> Lemos, Carlos (1976) p.159

- <sup>22</sup> Lemos, Carlos (1976) p.97
- <sup>23</sup> Lemos, Carlos (1976) p.160
- <sup>24</sup> Lemos, Carlos (1976) p.161
- <sup>25</sup> Lemos, Carlos (1976) p.161
- <sup>26</sup> Veríssimo, Francisco S. e Bittar, William S. M. (1999) p.31
- <sup>27</sup> Veríssimo, Francisco S. e Bittar, William S. M. (1999) p.40
- <sup>28</sup> Mendes da Rocha, Paulo (1994) "Virtudes de uma casa" in Revista Projeto n° 175 p.61
- <sup>29</sup> Balcão mourisco totalmente protegido por um trama reticulada de madeira, de onde se pode ver sem ser visto.
- <sup>30</sup> Zevi, Bruno (19) p.18 e 30
- <sup>31</sup> Argan, Guilio Carlo (1961) p. 158
- <sup>32</sup> Browne, Enrique (1996) p. 86
- <sup>33</sup> Schneider, Friederick (1994) p.26
- <sup>34</sup> Schneider, Friederick (1994) p.26
- <sup>35</sup> Sherwood, Roger (1978) p.2

## 8 HABITAÇÃO COLETIVA EM NÚMEROS

Este capítulo surgiu naturalmente da sistematização oferecida pelas fichas dos edifícios. Sintetiza e relaciona em tabelas e gráficos todos os edifícios selecionados dentro do período de estudo, com a apropriada liberdade que exercícios como este permitem.

### GRÁFICO 1 UNIDADES DE HABITAÇÃO: METRAGEM x N° DE CÔMODOS

Este gráfico relaciona a metragem quadrada das unidades de habitação com o seu respectivo número de cômodos. Pode-se constatar que no 1° [1928>1942] e no 4° [1957>1972] Períodos concentram-se as unidades com maior número de cômodos. A contrapartida está no suave crescimento da linha da metragem das unidades em comparação às variações constantes da linha do número de cômodos. Isso demonstra que as unidades de habitação, principalmente do 1° Período, possuem um elevado número de cômodos se comparadas às suas metragens, e portanto, apresentam uma significativa compartimentação. No outro extremo, 4° Período, as linhas praticamente se sobrepõem, demonstrando um maior equilíbrio das unidades de habitação na relação proposta por este gráfico.

### GRÁFICO 2 UNIDADES DE HABITAÇÃO: N° DE DORMITÓRIOS x N° DE BANHEIROS

O padrão quantitativo de um (1) banheiro social por unidade de habitação é dominante até o 3° Período [1952>1957] e praticamente desaparece no 4° Período [1957>1972], quando nota-se a duplicação das instalações sanitárias. Pode-se também constatar a concentração de unidades de 4 dormitórios exclusivamente no 1° [1928>1942] e 4° [1957>1972] Períodos. Mas, em contraposição, encontram-se no 3° Período [1952>1957] os "apartamentos-conjugados" e as suas salas-dormitórios.

### GRÁFICO 3 EDIFÍCIOS: TERRENO x ÁREA CONSTRUÍDA

O Gráfico 3 apresenta uma relação equilibrada entre as dimensões dos terrenos e a quantidade de áreas construídas, com exceção do 3° Período [1952>1957] onde concentram-se todos os "edifícios-cidade", de grande quantidade de área construída

e os seus terrenos de grandes dimensões.

#### GRÁFICO 4 EDIFÍCIOS: TAXA DE OCUPAÇÃO x COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO

Este gráfico confronta os principais índices construtivos. Nota-se que a taxa de ocupação apresenta uma linha decrescente, principalmente a partir da metade do 3º Período [1952>1957] e que ao contrário, o coeficiente de aproveitamento desde o início do período de estudo apresenta um suave e constante crescimento até 1957, ano final do período.

#### GRÁFICO 5 EDIFÍCIOS: N° DE ELEVADORES x N° DE ESCADAS

A relação encontrada com mais freqüência, e o gráfico demonstra isto, foi a que podemos chamar de 2x1 (dois elevadores para cada escada). Também se nota um crescimento constante do número de elevadores por edifício até o 3º Período [1952>1957] quando a tendência se interrompe.

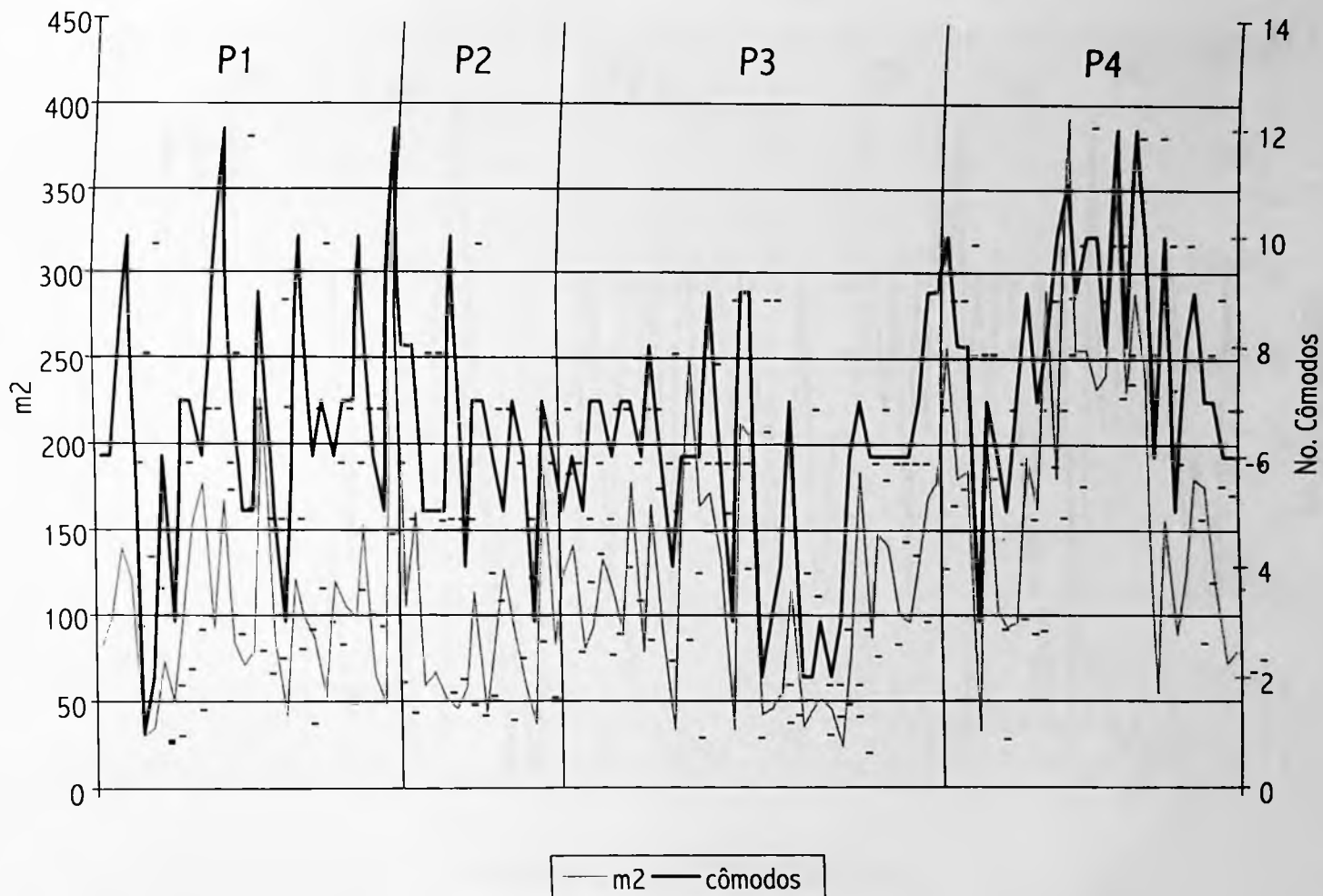
#### GRÁFICO 6 EDIFÍCIOS: QUANTIDADE DE UNIDADES DE HABITAÇÃO x METRAGEM

Este último gráfico é o que apresenta maior homogeneidade na relação entre quantidade de unidades de habitação por edifício e a metragem do pavimento tipo. Com exceção do 3º Período [1952>1957] e os "edifícios-cidade" não encontram-se alterações significativas.

# HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO 1928 > 1972

## UNIDADES DE HABITAÇÃO : METRAGEM x No. CÔMODOS

GRÁFICO 1

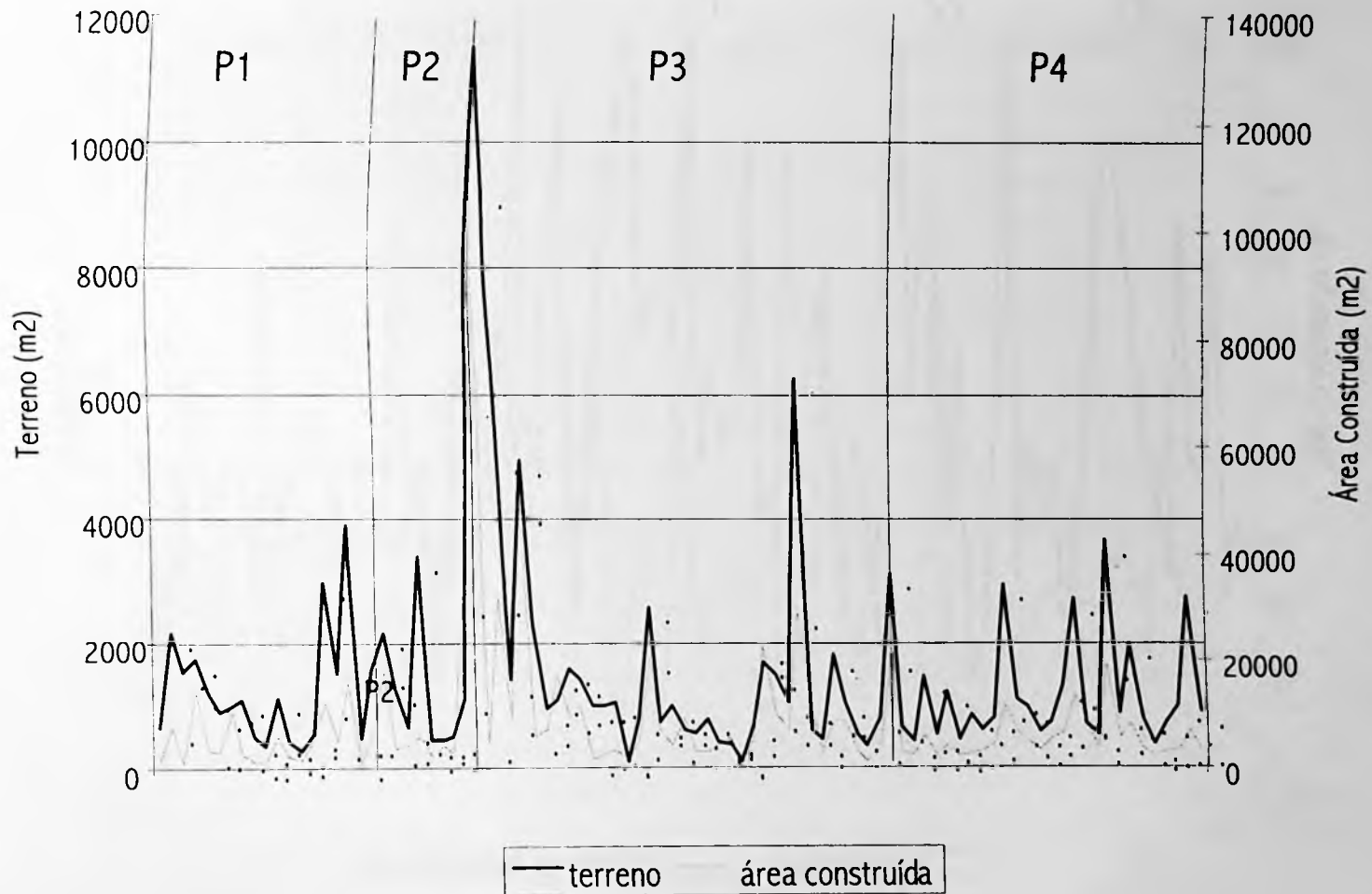




# HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO 1928 > 1972

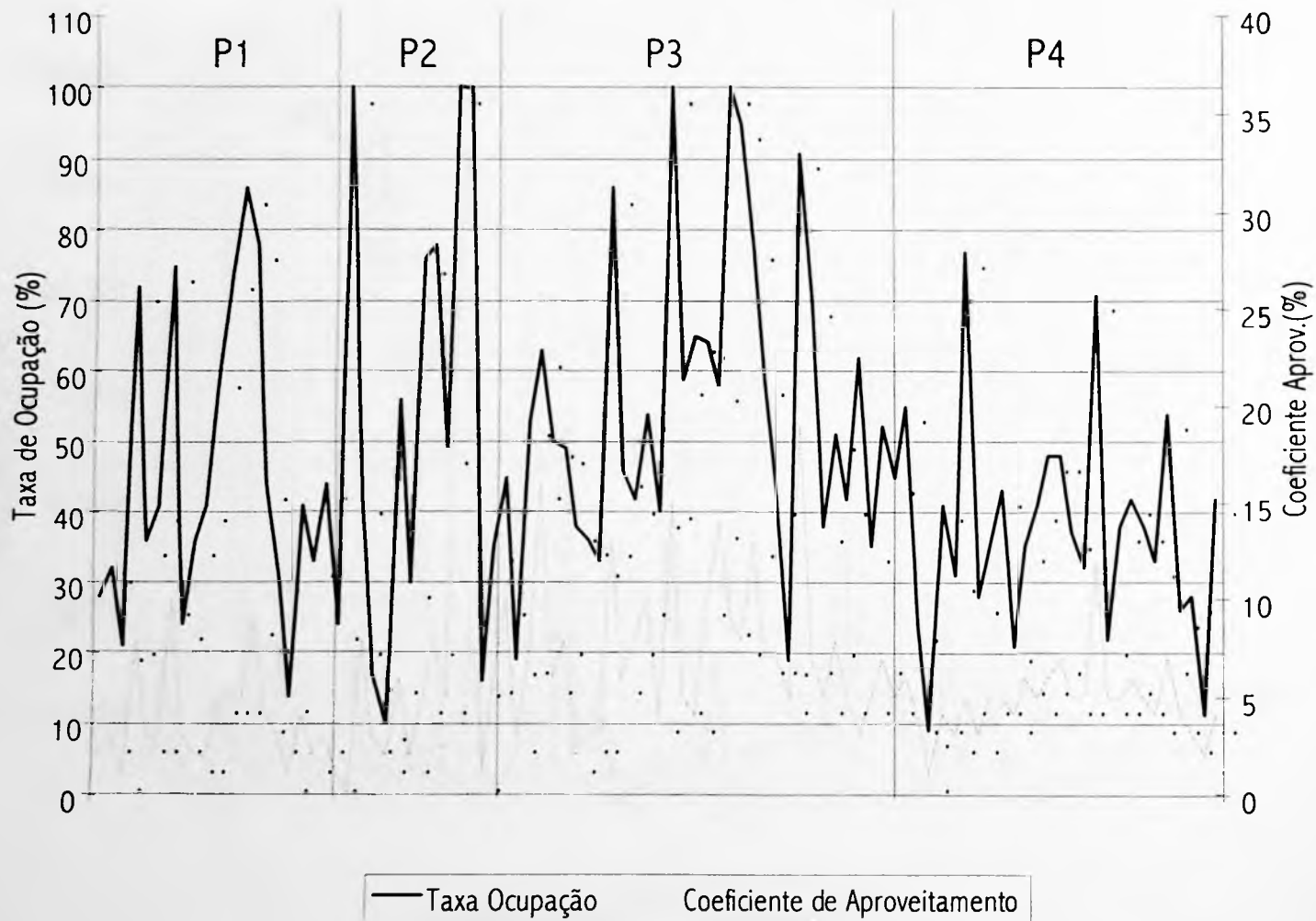
## EDIFÍCIOS : TERRENO x ÁREA CONSTRUÍDA

GRÁFICO 3



## HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO 1928 &gt; 1972

GRÁFICO 4 EDIFÍCIOS : TAXA DE OCUPAÇÃO x COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO

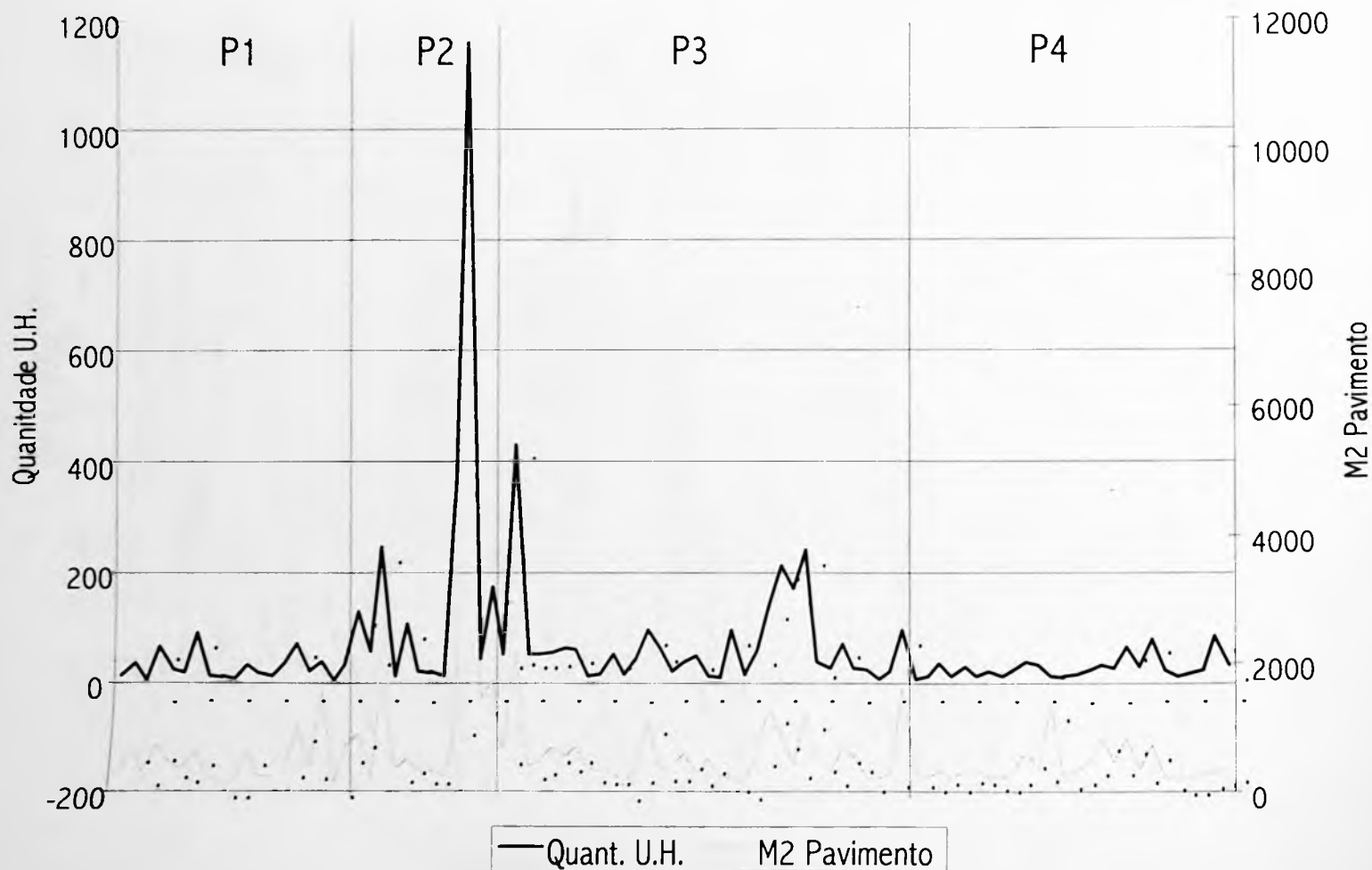




# HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO 1928 > 1972

## EDIFÍCIOS : QUANTIDADE U.H. x M2 PAVIMENTO

GRÁFICO 6



## UNIDADES DE HABITAÇÃO [TABELA COMPARATIVA]

ficha	ano	edifício	u.h.	tipo	qtd.	m2	cômodos	dormitórios	banheiros	dep. empreg.	banheiro
P1.F01	1927 > 1935	à Av. Angélica	10	A	5	82	6	2	1	0	0
				B	5	98	6	2	1	0	0
P1.F02	1930 > 1934	Columbus	34	A	32	139	8	2	1	1	1
P1.F03	1933 > 1934	Nicolau Shiesser	6	U		121	10	3	1	1	1
P1.F04	1934 > 1938	Esther	66	A	8	30	1	1	1	0	0
				B	8	35	2	1	1	0	0
				C	20	73	6	2	1	0	0
				D	6	50	3	1	1	0	0
				E	12	103	7	3	1	0	0
				F	4	153	7	3	2	0	0
				G	8	177	6	3	2	0	0
P1.F05	1935 > 1936	Hygienópolis	24	A	16	93	8	2	1	0	1
P1.F06	1935	Santo André	16	U		167	12	2	1	1	1
P1.F07	1936 > 1942	Guarany	88	A	28	84	7	3	2	0	0
				B	28	71	5	2	1	0	0
				C	28	79	5	2	1	0	0
P1.F08	1936	Augusto Barreto	10	U		226	9	4	2	1	1
P1.F09	1938 > 1940	Barão de Limeira	12	A	6	85,5	5	1	1	0	0
				B	6	42	3	1	1	0	0
P1.F10	1938 > 1940	Buenos Aires	8	U		121	7	3	1	0	1
P1.F11	1940 > 1942	Porchat	32	U		100	10	2	1	1	1
P1.F12	1940 > 1943	María Tereza	16	A	8	87	6	3	1	0	0
P1.F13	1940	Dona Veridiana	12	A	6	53	7	1	1	0	0
P1.F14	1941 > 1943	Trussardi	33	A	11	120	6	2	1	0	1
P1.F15	1941 > 1943	IAPC Anchieta	72	A	12	105,5	7	3	1	1	1
				B	10	102,5	7				
				C	50	97,5	7	3	1	1	1
P1.F16	1942 > 1943	Santa Amália	19	A	8	152	10	2	1	1	1
P1.F17	1942 > 1950	IAPI Várzea do Carmo	602	bloco B	12	65	6	3	1	0	0
				bloco C	10	48	5	2	1	0	0

ficha	ano	edificio	u.h.	tipo	qtd.	m2	cômodos	dormitônios	banheiros	dep. empreg.	banheiro
P2.F01	1944 > 1948	Prudência	38	A	18	351	12	4	2	2	1
				B	18	316					
P2.F02	1946 > 1947	Palecete Suzanne	6	U		105	8	3	1	1	1
P2.F03	1946 > 1949	Louveira	30	U		160	8	4	1	1	1
P2.F04	1946 > 1950	IAPI - Mooca	576	U		59,4	5	2	1	0	0
P2.F05	1946 > 1951	IAPI - Vila Guiomar	1724	U	33	67	5	3	1	0	0
P2.F06	1947 > 1951	Leon Kasinsky	131	U		52	5	1	1	0	1
P2.F07	1947 > 1953	Cia. Seguradora Brasileira	56	U		46	10	3	1	0	0
P2.F08	1947 > 1957	Japurá	245	A	144	58,5	4	2	1	0	0
				B	128	60,95					
P2.F09	1948 > 1950	Pilotis	10	A	9	114	7	3	2	1	1
				B	9	170					
P2.F10	1948 > 1954	São Vicente	108	A	64	44	7	3	1	1	1
P2.F11	1948	Hecilda	21	A	7	80	6	2	1	1	1
				B	7	79					
				C	7	108,5					
P2.F12	1948	Lili	22	U		127	5	2	1	1	1
P2.F13	1948	Hubert	12	A	9	89	7	2	1	0	1
P2.F14	1950 > 1955	Viadutos	368	A	46	57	4	1	1	0	0
				B	46	95	6	2	1	1	1
				C	46	38	4	1	1	0	0
				D	46	50	4	1	1	0	0
				E	46	37	4	1	1	0	0
				F	46	44	4	1	1	0	0
				G	46	75	6	2	1	1	1
				H	46	40	4	1	1	0	0
P3.F01	1952 > 1971	Copan	1160	B	640	37	3	1	1	0	0
				D	64	187	7	3	1	1	1
P3.F02	1952 > 1953	Guapira e Icatu	42	U		83	6	2	1	1	1
P3.F03	1952 > 1959	Bretagne	174	C	72	124	5	2	1	1	1
P3.F04	1952 > 1959	Paqueta	52	B	26	141	6	2	2	1	1

ficha	ano	edifício	u.h.	tipo	qtd.	m2	cômodos	dormitórios	banheiros	dep. empreg.	banheiro
P3.F05	1952 > 1959	Nações Unidas	430	A	242	81	5	2	1	0	1
P3.F06	1953 > 1954	Franco da Rocha	52	A	26	93	7	3	1	1	1
P3.F07	1953 > 1956	Buenos Aires	53	A	29	133	7	3	2	1	1
P3.F08	1955 > 1956	Eiffel	54	A	10	240	6	2	1	1	1
				B	44	114,2					
P3.F09	1953 > 1958	João Ramalho	64	A	32	90	7	3	1	1	1
P3.F10	1953 > 1958	Lausanne	60	A	26	178	7	3	2	1	1
P3.F11	1953	Biaça	12	U		78	6	2	1	0	1
P3.F12	1953	Helena Maria	14	A	7	164,9	8	3	1	1	1
P3.F13	1953	Veneza	51	C	36	90	6	3	1	1	1
P3.F14	1953	São Miguel	15	A	13	33	4	1	1	0	0
P3.F15	1954 > 1956	9 de Julho	44	U		153	6	3	2	1	1
P3.F16	1954 > 1956	Três Marias	95	C	36	251	6	2	2	1	1
P3.F17	1954 > 1956	Imperator	62	A	30	164	6	3	2	1	1
P3.F18	1954 > 1956	Toscânia	20	B	18	172	9	3	2	1	1
P3.F19	1954 > 1956	Cacique	36	B	24	132	6	2	2	1	1
P3.F20	1954 > 1957	20 de Setembro	48	A	32	33	3	1	1	0	0
P3.F21	1954 > 1957	Maria Albertina	10	A	5	211,86	9	3	2	1	1
P3.F22	1954	Tucumán	12	U		205	9	3	3	1	1
P3.F23	1955 > 1956	Icarai	96	A	48	42,18	2	1	1	0	0
P3.F24	1955 > 1956	Juruá	14			46,24	3	1	1	0	1
P3.F25	1955 > 1956	Ibaté	56	A	35	55	4	1	1	0	0
P3.F26	1955 > 1957	Simão Racy	140	B	112	116	7	2	1	1	1
P3.F27	1956 > 1957	Normandie	214	A	190	35	2	0	1	0	0
				B	14	45	2	0	1	0	0
				C	5	52,5	3	1	1	0	0
				D	5	45	2	0	1	0	0
P3.F28	1956 > 1958	Araruanas	171	A	153	24,5	3	1	1	0	0
P3.F29	1956 > 1959	Paulicéia e S. Carlos do Pinhal	240	A	46	79,5	6	2	1	1	1
P3.F30	1957 > 1958	Ouro Preto	38	A	24	184	7	3	2	1	1
P3.F31	1957 > 1958	Ibirapuera	27	A	9	87	6	2	1	1	1

ficha	ano	edificio	u.h.	tipo	qtd.	m2	cômodos	dormitônios	banheiros	dep. empreg.	banheiro
P3.F32	1957 > 1958	Santa Margarida	72	A	24	148	6	3	2	1	1
P3.F33	1957 > 1960	Diana	27	A	24	140	6	3	2	1	1
P3.F34	1957	Manaus	23	A	22	100	6	2	1	1	1
P4.F01	1959 > 1960	Laqoinha	8	A	4	95	6	2	1	1	1
P4.F02	1959 > 1962	Karina	21	A	108	132	7	2	2	1	1
P4.F03	1959 > 1962	Lugano e Locarno	96	A	48	169	9	3	2	1	1
				B	48	178	9	3	2	1	1
P4.F04	1959 > 1962	Arper	9	U		256	10	3	2	1	1
P4.F05	1960 > 1962	Arabá	10	U		179.5	8	3	2	1	1
P4.F06	1960 > 1962	Condemar	34	U		185	8	3	2	1	1
P4.F07	1961 > 1963	Crusp	720	U		32	3	1	1	0	0
P4.F08	1961 > 1967	Maria Anna	10	U		205	7	3	2	1	1
P4.F09	1962 > 1963	Conselheiro Alves	29	B	20	102	6	2	1	1	1
P4.F10	1962 > 1964	Cajau	12	A	8	93	5	2	1	1	1
P4.F11	1962 > 1965	Rossi-Leste	20	U		95	7	3	2	1	1
P4.F12	1962 > 1966	Guaimbê	12	A	11	192	9	3	2	1	1
P4.F13	1963 > 1964	Albar	22	U		162	7	3	2	1	1
P4.F14	1963 > 1964	Baía Mar	36	U		290	8	3	3	2	1
P4.F15	1963 > 1968	Abaeté	32	U		180	10	3	3	1	1
P4.F16	1963	Albina	10	U		397	11	3	3	1	1
P4.F17	1964 > 1965	Tamar	11	U		255	9	3	3	1	1
P4.F18	1964 > 1965	Manon	13	A	12	255	10	4	3	2	1
P4.F19	1964	Gravatá	24	A	12	232	10	3	3	1	1
				B	12	240	8	3	3	1	1
P4.F20	1964	Sta. Cândida e Sta. Francisca	30	U		347	12	4	3	2	1
P4.F21	1965	St. Bernard e St. Gothard	27	B	16	230	8	3	3	1	1
P4.F22	1966 > 1969	São Félix	10	U	10	288	12	2	3	1	1
P4.F23	1966 > 1969	Parque Higienópolis	66	A	22	236	10	4	3	1	1
P4.F24	1967 > 1972	cecap zezinho magalhães	3840	U		54	6	3	1	0	0
P4.F25	1968 > 1971	santa rosa	28	U		156	10	3	2	1	1
P4.F26	1968 > 1971	gemini I, II	80	U		88	5	2	1	1	1

ficha	ano	edificio	u.h.	tipo	qtd.	m2	cômodos	dormitórios	banheiros	dep. empreg.	banheiro
P4.F27	1968 > 1972	giselle	23	A	22	124	8	3	2	1	1
P4.F28	1969 > 1972	parque trianon	11	A	10	180	9	3	3	1	1
P4.F29	1970 > 1970	promenade	16	A	15	175	7	3	3	1	1
P4.F30	1970 > 1972	modular beta	22	U		121	7	3	2	1	1
P4.F31	1972 > 1974	quatiara	84	A	80	72	6	2	2	1	1
P4.F32	1972 > 1975	fiandeiras	32	U		78,54	6	2	1	1	1

## HABITAÇÃO COLETIVA [TABELA COMPARATIVA]

ficha	ano	edifício	terreno	t.o.	c.a	área const.	elevadores	escadas	garagem	u.h.	pav. tipo m2
P1.F01	1927 > 1935	à Av. Angélica	644	28	1,7	1100	1	1	não	10	220
P1.F02	1930 > 1934	Columbus	2158	32	3,4	7500	3	1	16	34	685
P1.F03	1933 > 1934	Nicolau Shiesser	1530	21	0,6	960	não	1	6	6	320
P1.F04	1934 > 1938	Esther	1750	72	8	14400	5	2	22	66	719
P1.F05	1935 > 1936	Hygienópolis	1200	36,2	2,7	3246	2	1	14	24	435
P1.F06	1935	Santo André	884	41	3,3	2920	2	1		16	365
P1.F07	1936 > 1942	Guarany	1006	75	10,2	10500	4	1		88	642
P1.F08	1936	Augusto Barreto	1100	24	2,6	2820	2	1		10	256
P1.F09	1938 > 1940	Barão de Limeira	506	35,5	2,3	1180	1	1	não	12	158
P1.F10	1938 > 1940	Buenos Aires	352	41,2	2,4	876	2	1	4	8	146
P1.F11	1940 > 1942	Porchat	1126	60	5,2	5904	4	4	não	32	656
P1.F12	1940 > 1943	Maria Tereza	407	74	4,9	1992	1	1		16	249
P1.F13	1940	Dona Veridiana	280	86,4	5,2	1452	1	1	não	12	242
P1.F14	1941 > 1943	Trussardi	553	78	9,3	5160	3	1	não	33	455
P1.F15	1941 > 1943	IAPC Anchieta	2970	44	4,3	12331	5	2	26	72	1011
P1.F16	1942 > 1943	Santa Amália	1525	31	3,2	4880	2	1		19	418
P1.F17	1942 > 1950	IAPI Várzea do Carmo	70000	14,5	0,6	40500	não	4	não	602	466
P2.F01	1944 > 1948	Prudência	3900	40,8	4	15930	4	2	36	38	1593
P2.F02	1946 > 1947	Palacete Suzanne	480	33,4	2	960	1	1		6	160
P2.F03	1946 > 1949	Louveira	1575	44	3,4	5400	4	2		30	692
P2.F04	1946 > 1950	IAPI Mooca	43600	24	1	45600	não	4		32	10150
P2.F05	1946 > 1951	IAPI Vila Guiomar	110600	13,5	0,4	45150	não	3		18	15050
P2.F06	1947 > 1951	Leon Kasinsky	2157	42	8,4	18140	4	3	não	131	907
P2.F07	1947 > 1953	Cia. Seguradora Brasileira	1290	100	2,9	3774	3	1		56	222
P2.F08	1947 > 1957	Japurá	18247	9,5	1,6	29580				245	1740
P2.F09	1948 > 1950	Pilotis	655	56	6,2	4037				10	367
P2.F10	1948 > 1954	São Vicente	3405	30	1,7	5742	10	5		108	522
P2.F11	1948	Hecilda	439,5	76	5,3	2345	2	1		21	335

ficha	ano	edificio	terreno	l.o.	ca	área const.	elevadores	escadas	garagem	u.h.	pav. lipo m2
P2.F12	1948	Lilli	457	78	8,5	3905	2	1		21	355
P2.F13	1948	Hubert	497	49	5,4	2695	2	1		12	245
P2.F14	1950 > 1955	Viadutos	1124	100	28	31472	12	4		368	1124
P3.F01	1952 > 1971	Copan	10573	100	11	116153	13	6	500	1160	10573
P3.F02	1952 > 1953	Guapira e Icatu	9239	16	0,5	4362				42	1454
P3.F03	1952 > 1959	Bretagne	4990	35	6,4	31788	10	4		174	1766
P3.F04	1952 > 1959	Paqueta	1406	54	6,5	9120	4	2		52	660
P3.F05	1952 > 1959	Nações Unidas	4940	45	9,8	48664			120	430	2212
P3.F06	1953 > 1954	Franco da Rocha	2250	18,6	2,6	5887	4	2		52	420.5
P3.F07	1953 > 1956	Buenos Aires	950	53	7,4	7000	4	2		53	500
P3.F08	1955 > 1956	Eiffel	1100	63	16	17250	4	1		54	690
P3.F09	1953 > 1958	João Ramalho	1600	34,3	5,8	9350	4	2		64	550
P3.F10	1953 > 1958	Lausanne	1410	49	7,8	11040	6	2	114	60	690
P3.F11	1953	Biaça	992	38	1,5	1520	não	1	12	12	380
P3.F12	1953	Helena Maria	981	36	2,9	2856	2	1		14	357
P3.F13	1953	Veneza	1057	33	3,3	3460	4	2		51	346
P3.F14	1953	São Miguel	114	86	13	1470	1	1	não	15	98
P3.F15	1954 > 1956	9 de Julho	797	46	5,5	4428	2	1		44	369
P3.F16	1954 > 1956	Três Marias	2580	42	8	20785	7	3		95	1145
P3.F17	1954 > 1956	Imperator	720	54,3	10	7038	3	1		62	391
P3.F18	1954 > 1956	Toscânia	1000	40	4	4000	2	1	20	20	400
P3.F19	1954 > 1956	Cacique	600	100	15	9000			36	36	600
P3.F20	1954 > 1957	20 de Setembro	551	59	5,3	2943	2	1		48	327
P3.F21	1954 > 1957	Maria Albertina	790	65	4	3078	2	1		10	513
P3.F22	1954	Tucumán	400	64	9,6	3840	2	1	10	12	256
P3.F23	1955 > 1956	Icarai	382,5	58	14,5	5575	2	1	não	96	223
P3.F24	1955 > 1956	Juruá	103	100	8,8	912	1	1	não	14	115
P3.F25	1955 > 1956	Ibaté	672	95	7,6	5112	2	1		56	639
P3.F26	1955 > 1957	Simão Racy	1691,5	78	13,3	22542	10	5	62	140	1326
P3.F27	1956 > 1957	Normandie	1500	59	6,6	9900	4	1	não	214	890

ficha	ano	edifício	terreno	t.o.	c.a	área const.	elevadores	escadas	garagem	u.h.	pav. tipo m2
P3.F28	1956 > 1958	Araruanas	1056	42	7	7136	2	1		171	446
P3.F29	1956 > 1959	Paulicéia, São Carlos do Pinhal	6250	19	4,6	29088	8	3	80	240	1212
P3.F30	1957 > 1958	Ouro Preto	595,5	91	19	11361	3	1	não	38	541
P3.F31	1957 > 1958	Ibirapuera	454	70	7	3180	2	1	não	27	318
P3.F32	1957 > 1958	Santa Margarida	1806	38	5	8983	4	1		72	691
P3.F33	1957 > 1960	Diana	1056	51	8	8640	2	1	36	27	540
P3.F34	1957	Manaus	532	42	5,4	2899	2	1		23	223
P4.F01	1959 > 1960	Lagoinha	351	61,5	3	1080	não	1	não	8	216
P4.F02	1959 > 1962	Karina	820	35	4,6	3770	2	1	20	21	290
P4.F03	1959 > 1962	Lugano, Locarno	3150	52	6,7	21125	8	4	110	96	1625
P4.F04	1959 > 1962	Arper	650	45	4,5	2900	2	1	18	9	290
P4.F05	1960 > 1962	Arabá	417	55	6	2530	2	1		10	230
P4.F06	1960 > 1962	Condemar	1475	24	4	5900	2	1		34	350
P4.F07	1961 > 1963	CRUSP	73000	9	0,6	46550	18	18	não	720	6650
P4.F08	1961 > 1967	Maria Anna	530	41	4,5	2398	2			10	218
P4.F09	1962 > 1963	Conselheiro Alves	1232	31	3	3820	2	1	12	29	382
P4.F10	1962 > 1964	Cajau	449	77	4,6	2094	1	2		12	349
P4.F11	1962 > 1965	Rossi-Leste	836	28	3,4	2844	2	1		20	237
P4.F12	1962 > 1966	Guaimbê	608	35	5	3003	2	1	14	12	214,5
P4.F13	1963 > 1964	Albar	800	43	5	4140	3	1		22	345
P4.F14	1963 > 1964	Baía Mar	2950	21	4	11590	3	1	72	36	610
P4.F15	1963 > 1968	Abaeté	1100	35	6	6630	3	1	32	32	390
P4.F16	1963	Albina	973	41	5	4764				10	397
P4.F17	1964 > 1965	Tamar	580	48	5,7	3300	2	1	22	11	275
P4.F18	1964 > 1965	Manon	732	48	7	5250	2	1		13	350
P4.F19	1964	Gravatá	1312	37	5	6292	3	1		24	484
P4.F20	1964	Sta. Cândida e Sta. Francisca	2712	32	5	13792	4	2		30	862
P4.F21	1965	St. Bernard e St. Gothard	702	71	12	8517	3	1	28	27	501
P4.F22	1966 > 1969	São Félix	525	61	6,6	3810	2	1			318
P4.F23	1966 > 1969	Parque Higienópolis	3650	22	5,3	19228	5	2		66	836

ficha	ano	edificio	terreno	t.o.	c.a	área const.	elevadores	escadas	garagem	u.h.	pav. tipo m2
P4.F24	1967 > 1972	CECAP Zezinho Magalhães	61300	38	4,9	301000	não	5		3840	
P4.F25	1968 > 1971	Santa Rosa	858	42	6,4	5520	2	1		28	368
P4.F26	1968 > 1971	Gemini I e Gemini II	2000	37,5	4,7	8288,5	4	2	62	80	753,5
P4.F27	1968 > 1972	Giselle	774	33	4,2	3263	2	1		23	251
P4.F28	1969 > 1972	Parque Trianon	360	54	7	2535	2	1	22	11	195
P4.F29	1970 > 1970	Promenade	720	26	4,4	3179	2	1		16	187
P4.F30	1970 > 1972	Modular Beta	1000	27,7	3,3	3330	2	1	28	22	277,5
P4.F31	1972 > 1974	Quatiara	2745	11,4	2,5	6908	2	1	70	84	314
P4.F32	1972 > 1975	Fiandeiras	900	41,5	3,7	3366	2	1		32	374

9 QUADRO DE REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICA DO SÉCULO XX



## 10 ÍNDICES REMISSIVOS

- I [RELAÇÃO POR ORDEM ALFABÉTICA: ARQUITETOS]
- II [RELAÇÃO POR ORDEM ALFABÉTICA: EDIFÍCIOS]
- III [RELAÇÃO POR ORDEM CRONOLÓGICA]

## HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO 1928>1972 [RELAÇÃO POR ORDEM ALFABÉTICA: ARQUITETOS]

projeto	ficha	ano	edifício	endereço	bairro
abelardo de souza	P3.F06	1953 > 1954	franco da rocha	r. franco da rocha, 717	perdizes
abelardo de souza	P3.F05	1952 > 1959	nações unidas	av. paulista, 620-648	bela vista
abelardo de souza	P3.F16	1954 > 1956	três marias	av. paulista, 2239	jardim paulista
abelardo de souza, hélio duarte e zenon lotufo	P2.F11	1948	hecilda	r. major sertório, 475	vila buarque
abrahão sanovicz	P4.F15	1963 > 1968	abaeté	r. pará, 222	higienópolis
abrahão sanovicz	P4.F32	1972 > 1975	fiandeiras	r. fiandeiras, 479	vila olímpia
abrahão sanovicz	P4.F30	1970 > 1972	modular beta	av. divino salvador, 863	indianópolis
adolf franz heep	P3.F10	1953 > 1958	lausanne	av. higienópolis, 101	higienópolis
adolf franz heep	P3.F27	1956 > 1957	normandie	av. 9 de julho, 656	bela vista
adolf franz heep	P3.F30	1957 > 1958	ouro preto	av. são luiz, 131	república
alberto botti e marc rubin	P4.F16	1963	albina	r. conselheiro brotero, 801	santa cecília
alberto botti e marc rubin	P4.F22	1966 > 1969	são félix	r. barão de capanema, 433	jardim paulista
álvaro vital brazil e adhemar marinho	P1.F04	1934 > 1938	esther	av. ipiranga, 80	república
attílio corrêa lima e equipe	P1.F17	1942 > 1950	iapi várzea do carmo	r. leopoldo leonel, 364 > 576	várzea do carmo
barreto e xande	P1.F08	1936	augusto barreto	av. angélica, 1408	higienópolis
brenno perelmutter	P4.F25	1968 > 1971	santa rosa	al. casa branca, 844	jardim paulista
carlos frederico ferreira	P2.F05	1946 > 1951	iapi - vila guioamar	r. catequeses	santo andré
carlos millán	P4.F01	1959 > 1960	lagoinha	r. arthur de azevedo, 32	pinheiros
construtécnica Ltda.	P3.F13	1953	veneza	av. angélica, 439	santa cecília
david libeskind	P4.F05	1960 > 1962	arabá	r. aracajú, 235	higienópolis
david libeskind	P4.F04	1959 > 1962	arper	r. permanbuco, 15	pacaembú
david libeskind	P3.F14	1953	são miguel	av. são joão, 1857	santa cecília
eduardo corona	P3.F15	1954 > 1956	nove de julho	av. 9 de julho, 2054	bela vista
eduardo de almeida	P4.F26	1968 > 1971	geminí I, II	r. graúna, 419	moema
eduardo knesse de mello	P4.F07	1961 > 1963	crusp	cidade universitária	butantã
eduardo knesse de mello	P3.F02	1952 > 1953	guapira e icatú	r. josé queirós aranha, 155-185	vila mariana
eduardo knesse de mello	P2.F08	1947 > 1957	japurá	r. japurá, 55-109	bela vista
eduardo knesse de mello	P3.F24	1955 > 1956	juruá	r. bento freitas, 341	vila buarque
fábio penteado	P3.F21	1954 > 1957	maria albertina	al. franca, 659	jardim paulista
francisco beck	P4.F14	1963 > 1964	baía mar	r. bahia, 71	higienópolis

francisco beck	P1.F13	1940	dona veridiana	r. martinico prado, 25	santa cecília
francisco beck	P2.F09	1948 > 1950	pilotis	r. convenção de itú, 129	jardim paulista
franz heep	P3.F28	1956 > 1958	araruanas	av. são joão, 1833	santa cecília
franz heep	P3.F25	1955 > 1956	ibaté	r. antônio carlos, 396	consolação
franz heep	P3.F23	1955 > 1956	icarai	pr. roosevelt, 128	consolação
franz heep	P4.F03	1959 > 1962	lugano, locarno	av. higienópolis, 318	higienópolis
franz heep	P3.F22	1954	tucumán	r. martins fontes	república
giancarlo palanti	P2.F12	1948	lilli	r. barão de tatuí, 351	santa cecília
gregori warchavchik	P1.F09	1938 > 1940	barão de limeira	al. barão de limeira, 1003	santa cecília
gregori warchavchik	P3.F32	1957 > 1958	santa margarida	r. martins fontes, 159	república
henrique mindlin	P2.F06	1947 > 1951	leon kasinsky	av. são joão, 1086	santa efigênia
israel galman	P4.F02	1959 > 1962	karina	av. angélica, 1132	higienópolis
israel galman	P3.F34	1957	manaus	al. barão de limeira, 1283	santa cecília
israel sancovski	P4.F09	1962 > 1963	conselheiro alves	r. conselheiro alves, 937	vila mariana
jacques pilon e giancarlo gasperini	P3.F29	1956 > 1959	paulicéia e são carlos do pinhal	av. paulista, 960	bela vista
jacques pilon, francisco matarazzo neto	P1.F06	1935	santo andré	r. piauí, 750	higienópolis
joão artacho jurado	P3.F03	1952 > 1959	bretagne	av. higienópolis, 938	higienópolis
joão artacho jurado	P2.F14	1950 > 1955	viadutos	pça. gal. craveiro lopes, 19-41	república
joão vilanova artigas	P2.F03	1946 > 1949	louveira	r. piauí, 1081	pacaembú
joão vilanova artigas e equipe	P4.F24	1967 > 1972	cecap zezinho magalhães	cumbica	guarulhos
jorge wilheim	P4.F06	1960 > 1962	condemar	r. albuquerque lins, 1075	santa cecília
josé fleury de oliveira	P4.F10	1962 > 1964	cajau	al. campinas, 601	jardim paulista
júlio de abreu jr.	P1.F01	1927 > 1935	à av. angélica	av. angélica, 192	santa cecília
lindenberg e assumção	P1.F10	1938 > 1940	buenos aires	r. alagoas, 664	higienópolis
lucjan korngold	P1.F16	1942 > 1943	santa amália	r. piauí, 760	higienópolis
lucjan korngold	P2.F10	1948 > 1954	são vicente	r. são vicente de paulo, 501	santa cecília
luz-ar	P3.F04	1952 > 1959	paqueta	r. alagoas, 475	higienópolis
m. oliveira	P2.F02	1946 > 1947	palecete suzanne	av. brigadeiro luiz antônio, 4899	jardim paulista
majer botkowski	P3.F07	1953 > 1956	buenos aires	av. angélica, 1867	higienópolis
marcello fragelli	P4.F11	1962 > 1965	rossi-leste	r. rodovalho jr., 476	penha
marcelo roberto e milton roberto	P1.F15	1941 > 1943	iapc anchieta	av. paulista, 2564	consolação
maurício kogan e samuel szpigel	P4.F08	1961 > 1967	maria anna	al. rio branco, 251	bela vista

maurício schneider e pedro p. melo saraiva	P4.F13	1963 > 1964	albar	r. albuquerque lins, 1045	santa cecília
maurício schneider e pedro p. melo saraiva	P4.F17	1964 > 1965	tamar	r. piauí, 631	higienópolis
miguel badra jr.	P3.F19	1954 > 1956	cacique	av. bernardino de campos, 185	paraíso
miguel juliano	P4.F29	1970 > 1970	promenade	al. lorena, 1853	jardim paulista
oscar niemeyer	P3.F01	1952 > 1971	copan	av. ipiranga, 200	república
oscar niemeyer	P3.F08	1955 > 1956	eiffel	pça. República, 180	república
oscar souza pinto e erico brann	P2.F13	1948	hubert	av. 9 de julho, 1138	bela vista
oswaldo bratke	P3.F12	1953	helena maria	r. avanhandava, 416	consolação
paulo antunes ribeiro	P2.F04	1946 > 1950	iapi - mooca	r. pe. benedito maria cardoso	móoca
paulo bruna	P4.F28	1969 > 1972	parque trianon	al. casa branca, 299	jardim paulista
paulo mendes da rocha	P4.F12	1962 > 1966	guaimbê	r. haddock lobo, 1447	jardim paulista
plínio croce e roberto affalo	P3.F11	1953	biaça	r. prof. aristides de macedo, 77	vila mariana
plínio croce, roberto affalo e g. gasperini	P4.F21	1965	st. bernard, st. gothard	r. pe. joão manuel, 1575-1579	jardim paulista
plínio croce, roberto affalo e salvador candia	P3.F09	1953 > 1958	joão ramalho	r. ministro godoy, 861	perdizes
rafael jafet jr. e michel jafet	P3.F31	1957 > 1958	ibirapuera	r. tutóia, 387	paraíso
rino levi	P1.F02	1930 > 1934	columbus	av. brigadeiro luís antonio, 167	república
rino levi	P1.F07	1936 > 1942	guarany	av. rangel pestana, 422	pq. d. pedro II
rino levi	P1.F05	1935 > 1936	higienópolis	r. conselheiro brotero, 1092	higienópolis
rino levi	P1.F03	1933 > 1934	nicolau shiesser	r. augusta, 201	consolação
rino levi	P1.F11	1940 > 1942	porchat	av. são joão, 2079-2091-2103	santa cecília
rino levi	P1.F14	1941 > 1943	trussardi	av. são joão, 1050	santa efigênia
rino levi	P3.F20	1954 > 1957	vinte de setembro	r. álvaro de carvalho, 108	consolação
rino levi e roberto cerqueira César	P2.F07	1947 > 1953	cia. seguradora brasileira	av. liberdade, 455	liberdade
rino levi e roberto cerqueira César	P2.F01	1944 > 1948	prudência	av. higienópolis, 245- 265	higienópolis
rino levi, roberto c. César e luis r. franco	P4.F19	1964	gravatá	av. 9 de julho, 4985	itaim bibi
ruy ohtake	P4.F31	1972 > 1974	quatiara	av. caxingui, 165	butantã
s. vitali	P1.F12	1940 > 1943	maria tereza	al. Barros, 650	santa cecília
salvador candia	P4.F20	1964	sta. cândida, sta. francisca	r. aureliano coutinho, 355	santa cecília
telésforo cristofani	P4.F27	1968 > 1972	giselle	av. 9 de julho, 5713	itaim bibi
telésforo cristofani	P3.F18	1954 > 1956	toscânia	al. fernão cardim, 317	jardim paulista
vaidergorn e verona	P3.F17	1954 > 1956	imperator	av. angélica, 1905	higienópolis
victor reif	P3.F33	1957 > 1960	diana	r. maranhão, 270	higienópolis

victor reif  
waldomiro zarzur e aron kogon

P4.F18 1964 > 1965 manon  
P3.F26 1955 > 1957 simão racy  
P4.F23 1966 > 1969 parque higienópolis

r. sergipe, 312  
av. são joão, 1588  
av. higienópolis, 316

higienópolis  
santa cecília  
higienópolis

148

## HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO 1928>1972 [RELAÇÃO POR ORDEM ALFABÉTICA: EDIFÍCIOS]

ficha	ano	edifício	projeto	endereço	bairro
P1.F01	1927 > 1935	à av. angélica	júlio de abreu jr.	av. angélica, 192	santa cecília
P4.F15	1963 > 1968	abaeté	abrahão sanovicz	r. pará, 222	higienópolis
P4.F13	1963 > 1964	albar	maurício schneider e pedro p. melo saraiva	r. albuquerque lins, 1045	santa cecília
P4.F16	1963	albina	alberto botti e marc rubin	r. conselheiro brotero, 801	santa cecília
P4.F05	1960 > 1962	arabá	david libeskind	r. aracajú, 235	higienópolis
P3.F28	1956 > 1958	araruanas	franz heep	av. são joão, 1833	santa cecília
P4.F04	1959 > 1962	arper	david libeskind	r. pernambuco, 15	pacaembú
P1.F08	1936	augusto barreto	barreto e xande	av. angélica, 1408	higienópolis
P4.F14	1963 > 1964	baía mar	francisco beck	r. bahia, 71	higienópolis
P1.F09	1938 > 1940	barão de limeira	gregori warchavchik	al. barão de limeira, 1003	santa cecília
P3.F11	1953	biaça	plínio croce e roberto aflalo	r. prof. aristides de macedo, 77	vila mariana
P3.F03	1952 > 1959	bretagne	joão artacho jurado	av. higienópolis, 938	higienópolis
P1.F10	1938 > 1940	buenos aires	lindenberg e assumpção	r. alagoas, 664	higienópolis
P3.F07	1953 > 1956	buenos aires	majer botkowski	av. angélica, 1867	higienópolis
P3.F19	1954 > 1956	cacique	miguel badra jr.	av. bernardino de campos, 185	paraíso
P4.F10	1962 > 1964	cajau	josé fleury de oliveira	al. campinas, 601	jardim paulista
P4.F24	1967 > 1972	cecap zezinho magalhães	joão vilanova artigas e equipe	cumbica	guarulhos
P2.F07	1947 > 1953	cia. seguradora brasileira	rino levi e roberto cerqueira César	av. liberdade, 455	liberdade
P1.F02	1930 > 1934	columbus	rino levi	av. brigadeiro luís antonio, 167	república
P4.F06	1960 > 1962	condemar	jorge wilheim	r. albuquerque lins, 1075	santa cecília
P4.F09	1962 > 1963	conselheiro alves	israel sancovski	r. conselheiro alves, 937	vila mariana
P3.F01	1952 > 1971	copan	oscar niemeyer	av. ipiranga, 200	república
P4.F07	1961 > 1963	crusp	eduardo knesse de mello	cidade universitária	butantã
P3.F33	1957 > 1960	diana	victor reif	r. maranhão, 270	higienópolis
P1.F13	1940	dona veridiana	francisco beck	r. martinico prado, 25	santa cecília
P3.F08	1955 > 1956	eiffel	oscar niemeyer	pça. República, 180	república
P1.F04	1934 > 1938	esther	álvaro vital brazil e adhemar marinho	av. ipiranga, 80	república
P4.F32	1972 > 1975	fiandeiras	abrahão sanovicz	r. fiandeiras, 479	vila olímpia
P3.F06	1953 > 1954	franco da rocha	abelardo de souza	r. franco da rocha, 717	perdizes
P4.F26	1968 > 1971	geminí I, II	eduardo de almeida	r. graúna, 419	moema

P4.F27	1968 > 1972	giselle	telésforo cristofani	av. 9 de julho, 5713	itaim bibi
P4.F19	1964	gravatã	rino levi, roberto c. César e Luis r. franco	av. 9 de julho, 4985	itaim bibi
P4.F12	1962 > 1966	guaimbê	paulo mendes da rocha	r. haddock lobo, 1447	jardim paulista
P3.F02	1952 > 1953	guapira e icatú	eduardo knesse de mello	r. José queirós aranha, 155-185	vila mariana
P1.F07	1936 > 1942	guarany	rino levi	av. Rangel Pestana, 422	pq. d. Pedro II
P2.F11	1948	hecilda	abelardo de souza, hêlio duarte e zenon lotufo	r. major sertório, 475	vila buarque
P3.F12	1953	helena maria	oswaldo bratke	r. avanhandava, 416	consolação
P2.F13	1948	hubert	oscar souza pinto e erico brann	av. 9 de julho, 1138	bela vista
P1.F05	1935 > 1936	higienópolis	rino levi	r. conselheiro Brotero, 1092	higienópolis
P1.F15	1941 > 1943	iapc anchieta	marcelo roberto e milton roberto	av. paulista, 2564	consolação
P2.F04	1946 > 1950	iapi - mooca	paulo antunes ribeiro	r. pe. benedito maria cardoso	móoca
P2.F05	1946 > 1951	iapi - vila guiomar	carlos frederico ferreira	r. catequeses	santo andré
P1.F17	1942 > 1950	iapi várzea do carmo	attílio corrêa lima e equipe	r. Leopoldo leonel, 364 > 576	várzea do carmo
P3.F25	1955 > 1956	ibaté	franz heep	r. antônio carlos, 396	consolação
P3.F31	1957 > 1958	ibirapuera	rafael jafet jr. e michel jafet	r. tutóia, 387	paraíso
P3.F23	1955 > 1956	icarai	franz heep	pr. roosevelt, 128	consolação
P3.F17	1954 > 1956	imperator	vaidergorn e verona	av. angélica, 1905	higienópolis
P2.F08	1947 > 1957	japurã	eduardo knesse de mello	r. japurã, 55-109	bela vista
P3.F09	1953 > 1958	joão ramalho	plínio croce, roberto aflalo e salvador candia	r. ministro godoy, 861	perdizes
P3.F24	1955 > 1956	jurua	eduardo knesse de mello	r. bento freitas, 341	vila buarque
P4.F02	1959 > 1962	karina	israel galman	av. angélica, 1132	higienópolis
P4.F01	1959 > 1960	lagoinha	carlos millán	r. arthur de azevedo, 32	pinheiros
P3.F10	1953 > 1958	lausanne	adolf franz heep	av. higienópolis, 101	higienópolis
P2.F06	1947 > 1951	leon kasinsky	henrique mindlin	av. são João, 1086	santa efigênia
P2.F12	1948	lilli	giancarlo palanti	r. barão de tatui, 351	santa cecília
P2.F03	1946 > 1949	louveira	joão vilanova artigas	r. piauí, 1081	pacaembú
P4.F03	1959 > 1962	lugano, locarno	franz heep	av. higienópolis, 318	higienópolis
P3.F34	1957	manaus	israel galman	al. barão de limeira, 1283	santa cecília
P4.F18	1964 > 1965	manon	victor reif	r. sergipe, 312	higienópolis
P3.F21	1954 > 1957	maria albertina	fábio penteado	al. franca, 659	jardim paulista
P4.F08	1961 > 1967	maria anna	maurício kogan e samuel szpigel	al. rio branco, 251	bela vista
P1.F12	1940 > 1943	maria tereza	s. vitali	al. barros, 650	santa cecília

P4.F30	1970 > 1972	modular beta	abrahão sanovicz	av. divino salvador, 863	indianópolis
P3.F05	1952 > 1959	nações unidas	abelardo de souza	av. paulista, 620-648	belavista
P1.F03	1933 > 1934	nicolau shiesser	rino levi	r. augusta, 201	consolação
P3.F27	1956 > 1957	normandie	adolf franz heep	av. 9 de julho, 656	belavista
P3.F15	1954 > 1956	nove de julho	eduardo corona	av. 9 de julho, 2054	belavista
P3.F30	1957 > 1958	ouro preto	adolf franz heep	av. são luiz, 131	república
P2.F02	1946 > 1947	palecete suzanne	m. oliveira	av. brigadeiro luiz antônio, 4899	jardim paulista
P3.F04	1952 > 1959	paqueta	luz-ar	r. alagoas, 475	higienópolis
P4.F23	1966 > 1969	parque higienópolis		av. higienópolis, 318	higienópolis
P4.F28	1969 > 1972	parque trianon	paulo bruna	al. casa branca, 299	jardim paulista
P3.F29	1956 > 1959	paulicéia e são carlos do pinhal	jacques pilon e giancarlo gasperini	av. paulista, 960	belavista
P2.F09	1948 > 1950	pilotis	francisco beck	r. convenção de itú, 129	jardim paulista
P1.F11	1940 > 1942	porchat	rino levi	av. são joão, 2079-2091-2103	santa cecília
P4.F29	1970 > 1970	promenade	miguel juliano	al. lorena, 1853	jardim paulista
P2.F01	1944 > 1948	prudência	rino levi e roberto cerqueira César	av. higienópolis, 245- 265	higienópolis
P4.F31	1972 > 1974	quatiara	ruy ohtake	av. caxingui, 165	butantã
P4.F11	1962 > 1965	rossi-leste	marcello fragelli	r. rodovalho jr., 476	penha
P1.F16	1942 > 1943	santa amália	lucjan korngold	r. piauí, 760	higienópolis
P3.F32	1957 > 1958	santa margarida	gregori warchavchik	r. martins fontes, 159	república
P4.F25	1968 > 1971	santa rosa	brenno perelmutter	al. casa branca, 844	jardim paulista
P1.F06	1935	santo andré	jacques pilon, francisco matarazzo neto	r. piauí, 750	higienópolis
P4.F22	1966 > 1969	são félix	alberto botti e marc rubin	r. barão de capanema, 433	jardim paulista
P3.F14	1953	são miguel	david libeskind	av. são joão, 1857	santa cecília
P2.F10	1948 > 1954	são vicente	lucjan korngold	r. são vicente de paulo, 501	santa cecília
P3.F26	1955 > 1957	simão racy	waldomiro zarzur e aron kogan	av. são joão, 1588	santa cecília
P4.F21	1965	st. bernard, st. gothard	plinio croce, roberto allalo e g. gasperini	r. pe. joão manuel, 1575-1579	jardim paulista
P4.F20	1964	sta. cândida, sta. francisca	salvador candia	r. aureliano coutinho, 355	santa cecília
P4.F17	1964 > 1965	tamar	maurício schneider e pedro p. melo saraiva	r. piauí, 631	higienópolis
P3.F18	1954 > 1956	toscânia	telésforo cristofani	al. fernão cardim, 317	jardim paulista
P3.F16	1954 > 1956	três marias	abelardo de souza	av. paulista, 2239	jardim paulista
P1.F14	1941 > 1943	trussardi	rino levi	av. são joão, 1050	santa efigênia
P3.F22	1954	tucumán	franz heep	r. martins fontes	república

P3.F13	1953	veneza	construtécnica ltda.	av. angélica, 439	santa cecilia
P2.F14	1950 > 1955	viadutos	joão artacho jurado	pça. gal. craveiro lopes, 19-41	república
P3.F20	1954 > 1957	vinte de setembro	rino levi	r, álvaro de carvalho, 108	consolação

## HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO 1928>1972 [RELAÇÃO POR ORDEM CRONOLÓGICA]

ficha	ano	edifício	projeto	endereço	bairro
P1.F01	1927 > 1935	à av. angélica	júlio de abreu jr.	av. angélica, 192	santa cecília
P1.F02	1930 > 1934	columbus	rino levi	av. brigadeiro luís antonio, 167	república
P1.F03	1933 > 1934	nicolau shiesser	rino levi	r. augusta, 201	consolação
P1.F04	1934 > 1938	esther	álvaro vital brazil e adhemar marinho	av. ipiranga, 80	república
P1.F05	1935 > 1936	higienópolis	rino levi	r. conselheiro brotero, 1092	higienópolis
P1.F06	1935	santo andré	jacques pilon, francisco matarazzo neto	r. piauí, 750	higienópolis
P1.F07	1936 > 1942	guarany	rino levi	av. rangel pestana, 422	pq. d. pedro II
P1.F08	1936	augusto barreto	barreto e xande	av. angélica, 1408	higienópolis
P1.F09	1938 > 1940	barão de limeira	gregori warchavchik	al. barão de limeira, 1003	santa cecília
P1.F10	1938 > 1940	buenos aires	lindenberg e assumption	r. alagoas, 664	higienópolis
P1.F11	1940 > 1942	porchat	rino levi	av. são joão, 2079-2091-2103	santa cecília
P1.F12	1940 > 1943	maria tereza	s. vitali	al. barros, 650	santa cecília
P1.F13	1940	dona veridiana	francisco beck	r. martinico prado, 25	santa cecília
P1.F14	1941 > 1943	trussardi	rino levi	av. são joão, 1050	santa efigênia
P1.F15	1941 > 1943	iapc anchieta	marcelo roberto e milton roberto	av. paulista, 2564	consolação
P1.F16	1942 > 1943	santa amália	lucjan korngold	r. piauí, 760	higienópolis
P1.F17	1942 > 1950	iapi várzea do carmo	atílio corrêa lima e equipe	r. leopoldo leonel, 364 > 576	várzea do carmo
P2.F01	1944 > 1948	prudência	rino levi e roberto cerqueira César	av. higienópolis, 245- 265	higienópolis
P2.F02	1946 > 1947	palecete suzanne	m. oliveira	av. brigadeiro luiz antônio, 4899	jardim paulista
P2.F03	1946 > 1949	louveira	joão vilanova artigas	r. piauí, 1081	pacaembú
P2.F04	1946 > 1950	iapi - mooca	paulo antunes ribeiro	r. pe. benedito maria cardoso	móoca
P2.F05	1946 > 1951	iapi - vila guiomar	carlos frederico ferreira	r. catequese	santo andré
P2.F06	1947 > 1951	leon kasinsky	henrique mindlin	av. são joão, 1086	santa efigênia
P2.F07	1947 > 1953	cia. seguradora brasileira	rino levi e roberto cerqueira César	av. liberdade, 455	liberdade
P2.F08	1947 > 1957	japurá	eduardo knesse de mello	r. japurá, 55-109	bela vista
P2.F09	1948 > 1950	pilotis	francisco beck	r. convenção de itú, 129	jardim paulista
P2.F10	1948 > 1954	são vicente	lucjan korngold	r. são vicente de paulo, 501	santa cecília
P2.F11	1948	hecilda	abelardo de souza, hêlio duarte e zenon lotufo	r. major sertório, 475	vila buarque
P2.F12	1948	lilli	giancarlo palanti	r. barão de tatuí, 351	santa cecília
P2.F13	1948	hubert	oscar souza pinto e erico brann	av. 9 de julho, 1138	bela vista

P2.F14	1950 > 1955	viadutos	joão artacho jurado	pça. gal. craveiro lopes, 19-41	república
P3.F01	1952 > 1971	copan	oscar niemeyer	av. ipiranga, 200	república
P3.F02	1952 > 1953	guapira e icatú	eduardo knesse de mello	r. josé queirós aranha, 155-185	vila mariana
P3.F03	1952 > 1959	bretagne	joão artacho jurado	av. higienópolis, 938	higienópolis
P3.F04	1952 > 1959	paqueta	luz-ar	r. alagoas, 475	higienópolis
P3.F05	1952 > 1959	nações unidas	abelardo de souza	av. paulista, 620-648	bela vista
P3.F06	1953 > 1954	franco da rocha	abelardo de souza	r. franco da rocha, 717	perdizes
P3.F07	1953 > 1956	buenos aires	majer botkowski	av. angélica, 1867	higienópolis
P3.F08	1955 > 1956	eiffel	oscar niemeyer	pça. República, 180	república
P3.F09	1953 > 1958	joão ramalho	plínio croce, roberto aflalo e salvador candia	r. ministro godoy, 861	perdizes
P3.F10	1953 > 1958	lausanne	adolf franz heep	av. higienópolis, 101	higienópolis
P3.F11	1953	biaça	plínio croce e roberto aflalo	r. prof. aristides de macedo, 77	vila mariana
P3.F12	1953	helena maria	oswaldo bratke	r. avanhandava, 416	consolação
P3.F13	1953	veneza	construtécnica Ltda.	av. angélica, 439	santa cecilia
P3.F14	1953	são miguel	david libeskind	av. são joão, 1857	santa cecilia
P3.F15	1954 > 1956	9 de julho	eduardo corona	av. 9 de julho, 2054	bela vista
P3.F16	1954 > 1956	três marias	abelardo de souza	av. paulista, 2239	jardim paulista
P3.F17	1954 > 1956	imperator	vaidergorn e verona	av. angélica, 1905	higienópolis
P3.F18	1954 > 1956	toscânia	telésforo cristofani	al. fernão cardim, 317	jardim paulista
P3.F19	1954 > 1956	cacique	miguel badra jr.	av. bernardino de campos, 185	paraíso
P3.F20	1954 > 1957	20 de setembro	rino levi	r. álvaro de carvalho, 108	consolação
P3.F21	1954 > 1957	maria albertina	fábio penteado	al. franca, 659	jardim paulista
P3.F22	1954	tucumán	franz heep	r. martins fontes	república
P3.F23	1955 > 1956	icarai	franz heep	pr. roosevelt, 128	consolação
P3.F24	1955 > 1956	jurua	eduardo knesse de mello	r. bento freitas, 341	vila buarque
P3.F25	1955 > 1956	ibaté	franz heep	r. antônio carlos, 396	consolação
P3.F26	1955 > 1957	simão racy	waldomiro zarzur e aron kogan	av. são joão, 1588	santa cecilia
P3.F27	1956 > 1957	normandie	adolf franz heep	av. 9 de julho, 656	bela vista
P3.F28	1956 > 1958	araruanas	franz heep	av. são joão, 1833	santa cecilia
P3.F29	1956 > 1959	paulicéia e são carlos do pinhal	jacques pilon e giancarlo gasperini	av. paulista, 960	bela vista
P3.F30	1957 > 1958	ouro preto	adolf franz heep	av. são luiz, 131	república
P3.F31	1957 > 1958	ibirapuera	rafael jafet jr. e michel jafet	r. tutóia, 387	paraíso

P3.F32	1957 > 1958	santa margarida	gregori warchavchik	r. martins fontes, 159	república
P3.F33	1957 > 1960	diana	victor reif	r. maranhão, 270	higienópolis
P3.F34	1957	manaus	israel galman	al. barão de limeira, 1283	santa cecília
P4.F01	1959 > 1960	lagoinha	carlos millán	r. arthur de azevedo, 32	pinheiros
P4.F02	1959 > 1962	karina	israel galman	av. angélica, 1132	higienópolis
P4.F03	1959 > 1962	lugano, locarno	franz heep	av. higienópolis, 318	higienópolis
P4.F04	1959 > 1962	arper	david libeskind	r. permanbuco, 15	pacaembú
P4.F05	1960 > 1962	arabá	david libeskind	r. aracajú, 235	higienópolis
P4.F06	1960 > 1962	condemar	jorge wilheim	r. albuquerque lins, 1075	santa cecília
P4.F07	1961 > 1963	crusp	eduardo knesse de mello	cidade universitária	butantã
P4.F08	1961 > 1967	maria anna	maurício kogan e samuel szpigel	al. rio branco, 251	bela vista
P4.F09	1962 > 1963	conselheiro alves	israel sancovski	r. conselheiro alves, 937	vila mariana
P4.F10	1962 > 1964	cajau	josé fleury de oliveira	al. campinas, 601	jardim paulista
P4.F11	1962 > 1965	rossi-leste	marcello fragelli	r. rodovalho jr., 476	penha
P4.F12	1962 > 1966	guaimbê	paulo mendes da rocha	r. haddock lobo, 1447	jardim paulista
P4.F13	1963 > 1964	albar	maurício schneider e pedro p. melo saraiva	r. albuquerque lins, 1045	santa cecília
P4.F14	1963 > 1964	baia mar	francisco beck	r. bahia, 71	higienópolis
P4.F15	1963 > 1968	abaeté	abrahão sanovicz	r. pará, 222	higienópolis
P4.F16	1963	albina	alberto botti e marc rubin	r. conselheiro brotero, 801	santa cecília
P4.F17	1964 > 1965	tamar	maurício schneider e pedro p. melo saraiva	r. piauí, 631	higienópolis
P4.F18	1964 > 1965	manon	victor reif	r. sergipe, 312	higienópolis
P4.F19	1964	gravatá	rino levi, roberto c. César e luis r. franco	av. 9 de julho, 4985	itaím bibi
P4.F20	1964	sta. cândida, sta. francisca	salvador candia	r. aureliano coutinho, 355	santa cecília
P4.F21	1965	st. bernard, st. gothard	plínio croce, roberto aflalo e g. gasperini	r. pe. joão manuel, 1575-1579	jardim paulista
P4.F22	1966 > 1969	são félix	alberto botti e marc rubin	r. barão de capanema, 433	jardim paulista
P4.F23	1966 > 1969	parque higienópolis		av. higienópolis, 318	higienópolis
P4.F24	1967 > 1972	cecap zezinho magalhães	joão vilanova artigas e equipe	cumbica	guarulhos
P4.F25	1968 > 1971	santa rosa	brenno perelmutter	al. casa branca, 844	jardim paulista
P4.F26	1968 > 1971	geminii, ii	eduardo de almeida	r. graúna, 419	moema
P4.F27	1968 > 1972	giselle	telésforo cristofani	av. 9 de julho, 5713	itaím bibi
P4.F28	1969 > 1972	parque trianon	paulo bruna	al. casa branca, 299	jardim paulista
P4.F29	1970 > 1970	promenade	miguel juliano	al. lorena, 1853	jardim paulista

P4.F30 1970 > 1972 modular beta

P4.F31 1972 > 1974 quatiara

P4.F32 1972 > 1975 fiandeiras

abrahão sanovicz

ruy ohtake

abrahão sanovicz

av. divino salvador, 863

av. caxingui, 165

r. fiandeiras, 479

indianópolis

butantã

vila olímpia

## 11 BIBLIOGRAFIA

*"Uma ordem espacial para uma biblioteca que abarca várias relações possíveis entre livros, pessoas e serviços possuiria a qualidade universal de ajustar-se às cambiantes necessidades humanas, e poderia traduzir-se em arquitetura...Os livros e as pessoas não se relacionam de maneira estática."*

*"Um livro é enormemente importante. Ninguém jamais pagou o preço de um livro — se paga só sua impressão. Mas um livro na realidade, é uma oferenda e assim se deve considerá-lo. Se rendemos homenagem ao homem que o escreve, incentivaremos ainda mais os poderes expressivos da literatura."*<sup>2</sup>

A data indicada entre parênteses refere-se ao ano original da publicação do trabalho, enquanto o ano da edição consultada, se for o caso, aparece ao fim da citação.

ABALOS, Iñaki (2000) La Buena Vida. Visita guiada a las casas de la modernidad.

Editorial Gustavo Gili, Barcelona.

ABEL, Joseph e SAVERUD, Fred (1947) Apartment Houses.

Progressive Architecture Library / Reinhold Publishing Co., New York.

ACAYABA, Marlene (1986) Residências em São Paulo 1947-1975.

Editora Projeto, São Paulo.

ACAYABA, Marlene (1994) Branco & Preto : uma história de design brasileiro nos anos 50.

Instituto Lina Bo e PM. Bardi, S. Paulo.

ACKEL, Luiz G. M. (1996) Attilio Corrêa Lima: Um urbanista brasileiro (1930-1943)

Dissertação de Mestrado FAU Mackenzie, São Paulo.

ADAMS, Jonathan (1998) Columns

Coleção "Detail in Building". A.D. Academy Editions, Londres.

ALUCCI, M.; CARNEIRO, C. e BARING, J. (1986) Implantação de Conjuntos Habitacionais.

IPT Divisão de Edificações, São Paulo.

ANDRADE, Mario (1993) *Música e Jornalismo*, Diário de S. Paulo.

Edusp/Hucitec, São Paulo.

• ANELLI, Renato L. Sobral (1995) *Arquitetura e Cidade na obra de Rino Levi*.

Tese de Doutorado FAUUSP, São Paulo.

ANELLI, Renato; Guerra, Abílio e Kon, Nelson (2001) *Rino Levi: Arquiteura e Cidade*.

Romano Guerra, São Paulo. 1ª ed.

ANTUNES, Carlos (1997) *A Arquitetura Moderna Brasileira e o projeto da Habitação Popular 1940-50*.

Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.

ARANTES, O. e ARANTES, P. (1992) *Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas*.

Editora Brasiliense, São Paulo.

ARGAN, Giulio Carlo (1961) *El concepto del espacio arquitectónico*.

Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires, 1966.

ARGAN, Giulio Carlo (1984) *Arte e crítica de arte*.

Editorial Estampa. Lisboa, 2ª ed. 1993

ARGAN, Giulio Carlo (1988) *Arte Moderna*.

Companhia das Letras. São Paulo, 2ª ed. 1993.

AYRES NETTO, Gabriel e RAMOS, Frederico J. da Silva (1962) *Código de Obras*.

7ª ed. Editora Lep, São Paulo.

BAKER, Geoffrey H. (1984) *Le Corbusier*.

Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 5ª ed. 1994.

BAKER, Geoffrey H. (1989) *Análisis de la forma*.

Editorial Gustavo Gili. México DF, 1991.

BARDI, Pietro Maria (1984) *Lembranças de Le Corbusier : Atenas, Itália, Brasil*.

Nobel, São Paulo.

BENEVOLO, Leonardo; MELAGRONI Carlo e LONGO Tommaso Giura (1977) *La proyectación de la ciudad moderna*.

Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 1978.

BONDUKI, Nabil G. (1994) *Origens da Habitação Social no Brasil. O caso de São Paulo 1934-1954*.

Tese de Doutorado FAUUSP, São Paulo.

BONDUKI, Nabil (1998) *Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da*

*Casa Própria. Estação Liberdade/FAPESP, S. Paulo.*

BRITTO, Alfredo (1994) *MM Roberto*, documento.

in *AU n° 52* (pp. 67-78) Editora Pini, São Paulo.

- BROWNE, Enrique (1996) *Ler plantas e aprender arquitetura*, in Projeto nº 198 (pp. 86-91) Arco Editorial, São Paulo.
- BRUAND, Yves (1981) *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. Editora Perspectiva. São Paulo, 2ª ed. 1991.
- BRUNA, Paulo (1998) *Os Primeiros Arquitetos Modernos. Habitação Social no Brasil 1930-1950*. Tese de Livre Docência FAUUSP, São Paulo.
- CAMBI, Enrico; DI CRISTINA, Benedetto e STEINER, Giovanna (1980) *Tipologias residenciales en hileras*. Xarait Ediciones. Madrid, 1985.
- CAMBI, Enrico; GOBBI, Grazia e STEINER, Giovanna (1986) *Viviendas en Bloques Aislados*. Editorial Gustavo Gili. México DF, 1992.
- CAMBI, Enrico; Di SIVO, Michele e STEINER, Giovanna (1992) *Viviendas en Bloques Alineados*. Editorial Gustavo Gili, México DF.
- CARRANZA, Ricardo (2000) *Eduardo Corona: Arquitetura Moderna em São Paulo*. Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- CASTELLO BRANCO, Ilda Helena Diniz (1989) *Arquitetura no centro da cidade; São Paulo 1930-50*. Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- CHING, Francis (1995) *Dicionário Visual de Arquitetura*. Martins Fontes. São Paulo, 1ª ed. 2000, 2ª tiragem.
- CHING, Francis (1996) *Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem*. Martins Fontes. São Paulo, 1ª ed. 1999, 2ª tiragem.
- CLARK, Roger e PAUSE, Michael (1996) *Arquitectura: Temas de Composición*. Editorial Gustavo Gili. México DF, 2ª ed. 1997.
- COLQUHOUN, Alan (1999) *RIBA Book of 20th Century British Housing*. Architectural Press, Londres.
- CONDE, Luiz Paulo e outros (1985-6) *Proto-Modernismo em Copacabana*, in *Arquitetura Revista* nº 3 (pp. 40-9). FAU UFRI, Rio de Janeiro.
- CONDURU, Roberto (1995) *Álvaro Vital Brazil*, documento. in *AU* nº 62 (pp. 81-9) Editora Pini, São Paulo.
- CORNOLDI, Adriano (1988) *La Arquitectura de la Vivienda Unifamiliar. Manual del espacio doméstico*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 1999.
- CORONA, Eduardo (1958) *Que audácia!* in *Acrópole* nº 232 (Boletim do IAB nº 48), São Paulo.

- CORONA, Eduardo (1965) Chances perdidas na nova lei das incorporações.  
in Acrópole nº 314 (pp. 22 e 54). São Paulo.
- COSTA, Eunice Ribeiro e CASTILHO, Maria Stella de (1974) Índice da arquitetura brasileira 1950 / 70.  
FAUUSP, São Paulo.
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (1953) Catálogo Geral da II Bienal  
Museu de Arte Moderna de São Paulo (1957) Catálogo Geral da IV Bienal
- CZAJKOWSKI, Jorge (1990) Guia da arquitetura Art-Decó no Rio de Janeiro  
Secretaria Municipal de Urbanismo, Rio de Janeiro.
- D'AGOSTINHO, Mario Henrique (1993) A linha do horizonte. Reflexões sobre a crítica da simetria clássica.  
in Óculum nº 3 (pp.54-62) FAU PUCCAMP.
- DAHIER, Luiz Carlos (1981) O edifício Esther e a estética do modernismo,  
in Projeto nº 31 (pp. 55-63). Projetos Editores Associados, São Paulo.
- DEILMANN, Harald; KIRSCHENMANN, Jörg e PFEIFFER, Herbert (1963) El Håbitat  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona. [Roberto e Valéria Fialho]
- DIAZ, César e RAVETLLAT, Joan Ravetllat (1989) Habitatge i Tipus a L'Arquitectura Catalana.  
Collegi D'Arquitectes de Catalunya, Barcelona.
- DUNSTER, David (1985-90) Casas Unifamiliares de la Arquitectura del Siglo XX.  
Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 1994.
- ESPALLARGAS, Luis (1993) Arquitetura Pequena. Quando a simplicidade e correção substitui a genialidade.  
in Óculum nº 3 (pp. 72-80) FAU PUCCAMP.
- FARAH, Marta Ferreira Santos (1983) Estado e Habitação no Brasil: O caso dos Institutos de Previdência.  
Dissertação de Mestrado FFLCHUSP, São Paulo.
- FARAH, Marta Ferreira Santos (1984) Estado e Habitação no Brasil: O caso dos Institutos de Previdência.  
in A Construção nº 1911 (pp.23-6). Editora Pini, SP
- FARIAS, Agnaldo (1990) Arquitetura Eclipsada: notas sobre história e arquitetura a propósito de Gregori Warchavchik,  
Introdutor da arquitetura moderna no Brasil.
- FARIAS, Agnaldo (1992) Gregori Warchavchik: Introdutor da Arquitetura Moderna no Brasil.  
in Óculum nº 2 (pp. 08-22) FAU PUCCAMP.  
Dissertação de Mestrado IFCH UNICAMP, Campinas
- FEHR, Lucas (1999) Espaços Livres Conformados por Edificações  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- FERRAZ, Geraldo (1965) Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil : 1925 a 1940.  
Museu de Arte de São Paulo, São Paulo.

- FISHER, Sylvia (1989) Ensino e Profissão, o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo.  
Tese de Doutorado Depto. de História da FFLCH da USP, São Paulo.
- FISHER, Sylvia (1994) Edifícios altos no Brasil,  
in Espaço & Debates nº 37 (pp. 61-76). NERU, São Paulo.
- FRAMPTON, Kenneth (1981) História Crítica de la Arquitectura Moderna.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 4ª ed. 1989.
- GATI, Catharine (1994) Franz Heep, documento.  
in AU nº 53 (pp. 79-91) Editora Pini, São Paulo.
- GHIRALDINI, Milton Carlos (1956) Problemas sobre arquitetura urbana.  
in Habitat nº 31 (pp. 32-3), São Paulo.
- GIANQUINTO, Paulo R. (1995) Legislação, Modelos e Formas Urbanas : São Paulo 72/9  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- GOODWIN, Philip (1943) Brazil Builds, architecture new and old 1652 - 1942.  
The Museum of Modern Art, Nova York.
- GRACIA, Francisco de (1992) Construir en lo Construído.  
Editorial Nerea, Madrid.
- GREGOTTI, Vittorio (1972) El territorio de la arquitectura.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona.
- HASSENPFUG, Gustav e PETERS, Paulhans (1967) Nuevos bloques de viviendas  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona. [728.1 H277n USP]
- HARAGUCHI, H. (1988) A comparative Analysis of 20th-Century Houses.  
Academy Editions, Londres.
- HARRIS, Elizabeth D. (1987) Le Corbusier: Riscos Brasileiros.  
Nobel, São Paulo.
- HEREU, Pere; MONTANER, Josep Maria e OLIVERAS, Jordi (1994) Textos de arquitectura de la modernidad.  
Editorial Nerea, Madrid.
- HITCHCOCK, Henry-Russell (1955) Latin American Architecture since 1945.  
The Museum of Modern Art, New York. [Mack: 720.98 H63L]
- HOMEM, Maria Cecília Naclério (1980) Higienópolis, grandeza e decadência de um bairro paulistano.  
Depto. do Patrimônio Histórico, São Paulo.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério (1984) O prédio Martinelli, a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo.  
Projeto Editores Associados, São Paulo.

- HOMEM, Maria Cecília N. (1996) O Palacete Paulistano e outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira 1867-1918  
Martins Fontes Editora, São Paulo.
- HUXTABLE, Ada Luise (1982) El Rascacielos: La búsqueda de un estilo.  
Editorial Nerea, Madrid, 1988.
- ISASI, Justo F. (1987) La vivienda social. Un proyecto europeo.  
in A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda nº 7
- JENCKS, Charles (1973) Movimentos Modernos em Arquitetura.  
Martins Fontes, São Paulo, 1987.
- JORGE, Luis Antônio (1995) O Desenho da Janela.  
Annablume, São Paulo.
- KLEIN, Alexander (1975) Vivienda mínima : 1906-1957.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1980.
- KOOP, Anatole (1986) Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa.  
Nobel / Edusp, São Paulo, 1990.
- KRUCHIN, Samuel (1993) Prestes Maia, o sentido do urbano.  
in Óculum nº 4 (pp. 76-81) FAU PUCCAMP
- LANGENBUCH, Juergen R. (1971) A estruturação da Grande São Paulo.  
Fundação IBGE, Rio de Janeiro.
- LE CORBUSIER (1925-29) El espíritu nuevo en arquitectura / En defensa de la arquitectura.  
Colección de Arquitectura 07. Colegio Oficial de Arquitectos. Múrcia, 2ª ed. 1993.
- LE CORBUSIER (1950) El Modulor.  
Editorial Poseidon. Buenos Aires, 1953.
- LE CORBUSIER (1957) A Carta de Atenas.  
Edusp / Hucitec. São Paulo, 2ª ed. 1993.
- LEME, Maria Cristina da Silva (1982) Planejamento em São Paulo: 1930 - 1960.  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- LEME, Maria Cristina da Silva (1996) Francisco Prestes Maia, documento.  
in AU nº 64 (pp. 59-65) Editora Pini, São Paulo.
- LEMOS, Carlos A. C. (1976) Cozinha, Etc.  
Editora Perspectiva. São Paulo, 2ª ed. 1978.
- LEMOS, Carlos A. C. (1989) História da Casa Brasileira  
Editora Contexto. São Paulo, 2ª ed. 1996.
- LEMOS, Carlos A. C. (1990) Edifícios residenciais em São Paulo: da sobriedade à personalização.

- in Projeto nº 133 (pp. 57-8). Projetos Editores Associados, S. Paulo
- LEVI, Rino (1954) Síntese das artes plásticas.  
in Acrópole nº 192 (pp. 567-9), São Paulo
- LLEÓ, Blanca (1998) Sueño de Habitar  
Colección Arquithesis nº 3. Fundación Caja de Arquitectos, Barcelona.
- LOURENÇO, Maria Cecília F. (1995) Operários da Modernidade  
Hucitec / Edusp, São Paulo.
- MACEDO, Silvio Soares (1987) Higienópolis e Arredores - Processo de Mutação da Paisagem Urbana.  
Edusp / Pini, São Paulo.
- MACHADO, Lúcio Gomes (1992) Rino Levi e a renovação da arquitetura brasileira.  
Tese de Doutorado FAUUSP, São Paulo.
- MACHADO, Lúcio Gomes (1993) Rino Levi, documento.  
in AU nº 46 (pp. 59-70) Editora Pini, São Paulo.
- MACSAI, John (1981) Housing.  
Wiley Interscience Publication. New York, 2ª ed. 1982.
- MAHFUZ, Edson da Cunha (1995) Ensaio sobre a razão compositiva.  
Universidade Federal de Viçosa / AP Cultural, Belo Horizonte.
- MARIÓN, F. e ALBALADEJO, J. (1981) Mies van der Rohe: Escritos, Diálogos y Discursos.  
Colégio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos. Múrcia, 2ª ed. 1993.
- MARTÍ, Carlos (1995) La casa y la ciudad, realidades inseparables.  
in AV Monografías nº 56 (pp. 8-11). Arquitectura Viva, Madrid.
- MARTINEZ, Alfonso Corona (1997) Novos espaços em Buenos Aires.  
in AU (pp. 54-7). Editora Pini, São Paulo.
- MARTINS, Maria Lúcia Refinetti (1982) Metrópole e isso tudo 1920 a 1980  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- MASCARO, Juan Luis (1985) O Custo das Decisões Arquitetônicas.  
Livreria Nobel, São Paulo.
- MEYER, Regina Proserpi (1991) Metrópole e urbanismo, São Paulo anos 50.  
Tese de Doutorado FAUUSP, São Paulo.
- MINDLIN, Henrique (1956) Arquitetura Moderna no Brasil.  
Aeroplano Editora, Rio de Janeiro. Edição em Português 1999.
- MINDLIN, Henrique (1985-6) Álvaro Vital Brazil : depoimento

- in *Arquitetura Revista* nº 3 (pp. 2-12). FAU UFRJ, Rio de Janeiro.
- MINDLIN, Henrique (1985-6) Álvaro Vital Brazil : um tranqüilo purista  
in *Arquitetura Revista* nº 3 (pp. 13-4). FAU UFRJ, Rio de Janeiro.
- MIRA, Pere Joan Ravetllat (1992) *Bloques de Vivienda*.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona.
- MONTANER, Josep Maria (1993) *Después del Movimiento Moderno - Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona.
- MONTANER, Josep M. (1997) *La Modernidad superada, Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX*.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona.
- MONTANER, Josep Maria (1999) *Arquitectura y Crítica*  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona.
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1971) *Existencia, Espacio y Arquitectura*  
Editorial Blume, Barcelona, 1975.
- NUET, Antoni Ubach i (1994) *La Escalera: Una perspectiva del siglo XX*.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona.
- OCKMAN, Joan (1993). *Architecture Culture 1943-1968: A Documentary Anthology*.  
Columbia Books of Architecture / Rizzolli. New York, 2ª ed. 1996.
- OLIVER, Paul - org. (1969) *Cobijo y Sociedad*.  
H. Blume Ediciones. Madrid, 1978.
- PARICIO, Ignacio e SUST, Xavier (1998) *La vivienda contemporánea: Programa y Tecnología*.  
IteC - Institut de Tecnologia de la Construcció de Catalunya, Barcelona.
- PASSOS, Luiz Mauro (1998) *Edifícios de Apartamentos Belo Horizonte, 1939-1976*.  
AP Cultural, Belo Horizonte.
- PAWLEY, Martin (1971) *Arquitectura versus vivienda de masas*.  
Editorial Blume, Barcelona, 1977.
- PUNTONI, Álvaro (1998) *Estruturas Habitacionais na Área Central de São Paulo*.  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- RAMELLI, Antonio Cassi (1945) *Documenti de Architettura Composizione e Técnica Moderna*.  
Antonio Vallardi Editore, Milão. [728.1 R144d USP]
- REIS FILHO, Nestor Goulart (1970) *Quadro da Arquitetura no Brasil*  
Editorial Perspectiva. São Paulo, 4ª ed. 1978.
- ROCHA, Angela Maria (1991) *Uma produção do espaço em São Paulo : Giancarlo Palanti*.

- Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- ROCHA, Paulo Mendes da (1986) Morar na era moderna  
in Projeto nº 94 (p. 99) Projeto Editores Associados, São Paulo.
- ROLNIK, Raquel (1997) A Cidade e a Lei. Legislação, Política Urbana e Territórios na Cidade de São Paulo.  
Studio Nobel / Fapesp. São Paulo, 2ª ed. 1999. [711.4098161 R755c Mack]
- ROSSI, Aldo (1966) Arquitetura da Cidade  
Martins Fontes. São Paulo, 1995.
- ROSSI, Aldo (1975) Para uma arquitetura de tendencia. Escritos: 1956-1972  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1977.
- ROTH, Alfred (1927) Dos Casas de Le Corbusier y Pierre Jeanneret.  
Colección de Arquitectura 31. Colegio Oficial de Arquitectos. Murcia, 1997.
- RUBIÓ, Manuel de Solà-Morales i (1997) Las formas de crecimiento urbano.  
Edicions UPC, Barcelona.
- RUBANO, Lizete Maria (2001) Cultura de Projeto: Um Estudo das Idéias e Propostas para Habitação Coletivas.  
Tese de Doutorado FAUUSP, São Paulo.
- SALMONI, Anita e DEBENEDETTI, Emma (1953) Arquitetura italiana em São Paulo.  
Editora Perspectiva. São Paulo, 1981.
- SANTOS, José Luiz T. dos (1985) A estrutura na arquitetura.  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- SANTOS, Lena Coelho (1985) Arquitetura Paulista em torno de 1930-1940.  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- SANTOS, C.; PEREIRA, M.; PEREIRA, R. e CALDEIRA, V. (1987) Le Corbusier e o Brasil.  
Tessela / Projeto Editora, São Paulo.
- SANOVICZ, Abrahão (1997) Sistematização Crítica da Obra de Arquitetura.  
Tese de Livre Docência FAUUSP, São Paulo.
- SAIA, Luís (1972) Morada Paulista.  
Editora Perspectiva. São Paulo, 2ª ed. 1978.
- SCHNEIDER, Friederike - editor (1994) Atlas de Plantas : Viviendas  
Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 1997.
- SCHMITT, Karl (1966) Multi-Storey Housing.  
Verlag Gerd Hatje, Stuttgart.
- SEGAWA, Hugo (1987) O herói desconhecido da moderna arquitetura brasileira

- in Projeto nº 96 (pp. 59-64). Projetos Editores Associados, São Paulo.
- SEGAWA, Hugo (1987) A arte de bem projetar e bem construir. Entrevista de Oswaldo Bratke a Hugo Segawa.  
in Projeto nº 106 (pp. 156-66). Projetos Editores Associados, São Paulo.
- SEGAWA, Hugo e DOURADO, Guilherme M. (1997) Oswaldo Arthur Bratke  
PRO Editores, São Paulo.
- SEGAWA, Hugo (1997) Arquiteturas no Brasil 1900-1990.  
EDUSP, São Paulo.
- SEVCENKO, Nicolau (1992) Orféu Extático na Metrópole - São Paulo, Sociedade e Cultura nos frementes anos 20.  
Companhia das Letras, São Paulo.
- SHERWOOD, Roger (1978) Vivienda: Protótipos del Movimiento Moderno.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1983.
- SIQUEIRA, Vera Beatriz (2001) Burle Marx  
Cosac & Naify Edições, São Paulo.
- STRATEMANN, Siegfried (1956) Plantas de Viviendas en casas de pisos.  
Editorial Gustavo Gili, Barcelona. [Fau Mack]
- SOMEKH, Nádia (1987) A (des)verticalização em São Paulo.  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- SOMEKH, Nádia (1994) A cidade vertical e o urbanismo modernizador. São Paulo 1920-1939.  
Tese de Doutorado FAUUSP, São Paulo.
- SORIANO, Federico (1996) Hacia una definición de la planta profunda, de la planta anamórfica y de la planta fluctuante.  
in Croquis nº 81/82 (pp.4-13) El Croquis Editorial, Madrid.
- SOUZA, Maria Adélia de (1994) A Identidade da Metrópole.  
Hucitec / Edusp, São Paulo.
- SOUZA, Ricardo Forjaz Christiano de (1992) Gregori Warchavchik, documento.  
in AU nº 44 (pp. 77-90) Editora Pini, São Paulo.
- SUPELANO SANCHEZ, Pedro José (1986) Tratamento do vão na habitação vertical em São Paulo.  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- TELLES, Sophia Silva (1988) Arquitetura Moderna no Brasil: o Desenho da Superfície.  
Dissertação de Mestrado FFLCHUSP, São Paulo.
- TELLES, Sophia Silva (1992) Oscar Niemeyer: Técnica e Forma.  
In Óculum nº 2 (pp.04-07) FAU PUCAMP.
- TELLES, Sophia Silva (1995) Paulo Mendes da Rocha, documento.

- in AU nº 60 (pp. 69-81) Editora Pini, São Paulo.
- THOMAZ, Dalva (1992) Oswaldo Bratke, documento.  
in AU nº 43 (pp. 69-82) Editora Pini, São Paulo:
- THOMAZ, Dalva (1993) Eduardo Kneese de Mello, documento.  
in AU nº 45 (pp. 79-88) Editora Pini, São Paulo.
- THOMAZ, Dalva (1993) Vilanova Artigas, documento.  
in AU nº 50 (pp. 77-90) Editora Pini, São Paulo.
- TOCANTINS, Leandro (1964) Os azulejos na arquitetura brasileira.  
in Arquitetura nº 23 (pp. 11-5), São Paulo.
- TSCHUMI, Bernard (1996) Architecture and Disjunction  
The MIT Press. Cambridge, 1997.
- VERÍSSIMO, Francisco S. e BITTAR, William S. M. (1999) 500 Anos da Casa no Brasil  
Ediouro Publicações, Rio de Janeiro.
- VILARIÑO, Maria do Carmo (2000) Habitação Verticalizada na Cidade de São Paulo dos anos 30 aos anos 80.  
Investigação acerca da contribuição dos Arquitetos Modernos ao Tema. Estudo de Casos.  
Dissertação de Mestrado FAUUSP, São Paulo.
- WAISMAN, Marina (1977) La estructura histórica del entorno.  
Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires. [e720.1 W13e Mack]
- WILHEIM, Jorge (1965) São Paulo Metrôpole 1965.  
Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- WISNIK, Guilherme (2001) Lucio Costa  
Cosac & Naify Edições, São Paulo.
- WRIGHT, Frank Lloyd (1956) The story of the Tower – The tree of that escaped the crowded Forest.  
Horizon Press, New York. [Mack in 720.973 w93s]
- XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos e CORONA, Eduardo (1983) Arquitetura Moderna Paulistana.  
Editora Pini, São Paulo.
- XAVIER, Alberto - org. (1987) Depoimentos de uma geração.  
Abea / Fva / Pini, São Paulo.
- ZEIN, Ruth Verde (2000) Arquitetura Brasileira, Escola Paulista e as Casas de Paulo Mendes da Rocha.  
Dissertação de Mestrado FAU UFRGS, Porto Alegre.
- ZEVI, Bruno (1951) Saber ver arquitetura  
Martins Fontes. São Paulo, 4ª ed. 1994.

## Monografias

- IBA 1987: International Building Exhibition Berlim (1987)  
a+u Publishing Co. Tokyo.
- Mendes da Rocha. (1996) - introduções de Josep Ma. Montaner e Maria Isabel Villac.  
Editorial Blau / Gustavo Gili, Lisboa.
- Mies Van Der Rohe 1886-1969 (1999) – Editor Luiz Trigueiros.  
Editorial Blau, Lisboa.
- Rino Levi: Obras 1928-1940 (1940)  
Service des Pays S.A., Basiléia. Serviço dos Países, São Paulo.
- Rino Levi. (1974) - introdução de Roberto Burle Marx e Nestor Goulart Reis Filho –  
Edizioni di Comunità, Milão.
- Reconstituirão da memória estatística da Grande São Paulo. (1979)  
Emplasma, São Paulo.
- Reconstituirão da memória estatística da Grande São Paulo, vol. 2 (1983)  
Emplasma, São Paulo.
- Vilanova Artigas. (1997)  
Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo.
- Vivienda Europea (1995) A&V Monografias nº 56.

## Periódicos

- |                               |                         |
|-------------------------------|-------------------------|
| AC - Arquitetura e Construção | São Paulo, 1966-67      |
| ACRÓPOLE                      | São Paulo, 1938-70      |
| AD - Arquitetura e Decoração  | São Paulo, 1953-58      |
| AU - Arquitetura e Urbanismo  | São Paulo, 1986-98      |
| ARQUITETURA                   | Rio de Janeiro, 1961-69 |
| ARQUITETURA e ENGENHARIA      | Belo Horizonte, 1950-65 |
| CJ – Arquitetura              | São Paulo               |
| HABITAT                       | São Paulo, 1950-65      |
| INDUSTRIÁRIOS                 | São Paulo               |

1910

15

20

25

30

35



1913-19 [Potsdam] De Klerk



1925-



1927 [Haa] Danker, Wiebenga



1928-

1929-30 [Bedim] Bartningt



1929-32 [Paris] Le

1933



1933-



1933-

34 [Amsterdam] Vantijen,



1936 [Barcelona] Sert, Subirana, Clavé

GUERRA MUNDIAL [1914-1918]





HOLDING THE LINE



MUSEU DE ARTE MODERNA  
OUTUBRO DEZEMBRO 1951

ELVIS



1945-57 [Cambridge] Aalto



1947-52 [Marseille] Le Corbusier



1950 [Chicago] Mies Van der Rohe



1951-55 [Barcelona] Gaudí



1913 [Oklahoma] Wright



1954 [Berlim] Oscar Niemeyer



1955-57 [Berlim] Aalto



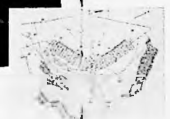
1958 [Milão] EPR



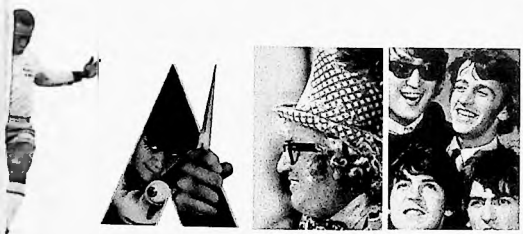
1958-62 [Berlín] Aalto



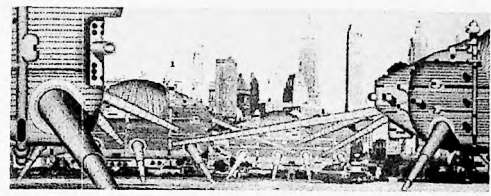
NOUVELLE BILLE



60



65



1970



BPR



1958-62[Bremen]Aalto



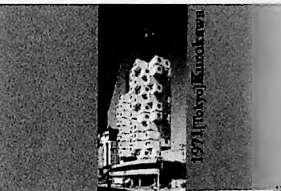
1962-66[Paris]Le Corbusier



1964[Cambridge]Scott



1969-82[New Castle]Erskine



1971[Tokyo]Kurokawa



1958-66[Louisville]Carr



DEBUT  
DUNE LUTTE  
PROLONGEE



MÓDULO  
MUNICIPAL de ENGENHARIA  
ÓCULUM  
POLYTECHNICA  
PROJETO  
PROJETO e CONSTRUÇÃO  
ARCHITECTURAL REVIEW  
ARCHITETTURA  
DOMUS  
L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI  
PROGRESSIVE ARCHITECTURE  
THE ARCHITECTURAL FORUM

Rio de Janeiro, 1955-65  
Rio de Janeiro  
Campinas, 1985-1999  
São Paulo  
São Paulo, 1979-98  
São Paulo

Notas do Capítulo 11 [BIBLIOGRAFIA]

<sup>1</sup> Kahn, Louis "Space form use: A Library" p.43

<sup>2</sup> Kahn, Louis (1972) "Amo los inicios" in Hereu, Montaner e Oliveras (1994) p.346